

ALMAS



*O que pode acontecer entre
seu coração parar de bater
e você realmente morrer...?*

Margareth Brusarosco

ALMAS
Ano: 2009

Autora: Margareth Brusarosco
Capa: Margareth Brusarosco

Direitos reservados ao autor pelo Escritório de Direitos Autorais
Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro – RJ

Obra liberada para livre divulgação sem fins lucrativos

Sumário

Explicação científica

Despertar

Luz da vida

Nova realidade

Mundo dos mortos

Mundo dos vivos

Volte a viver!

Renascendo

Encontrar você

EQM – Experiência Quase Morte

Acorde

Sentimentos verdadeiros

Milagre da vida

Votos de casamento

Déjà-vú

Lua de mel

Nova vida

Ruivinha

Para sempre...

Prefácio

Nessa história vocês conhecem a jovem fotógrafa Gisely e um bombeiro chamado Luidi, que numa noite entre amigos em um bar da cidade acabam alvejados por tiros, juntos vivem uma EQM experiência quase morte e descobrem que existe muito mais coisas entre a vida e a morte do que se imagina.

É uma linda história de amor entre duas almas predestinadas a ficarem juntas, tudo seria fácil se apenas as almas se encontrassem, mas quando essas almas recebem seus corpos, tornam aquela paixão num grande desastre, seus defeitos, ambições, medos e inseguranças ficam cada vez mais evidentes.

Uma batalha se inicia, as energias positivas traçam caminhos para que eles se encontrem e vivam esse amor, enquanto as trevas e as energias negativas lutam para que eles nunca fiquem juntos.

Coisas estranhas acontecem, demônios surgem e desaparecem quando menos se espera, suas almas são perseguidas e encurraladas enquanto lutam para sair do mundo dos mortos e quando saem... ai sim, as coisas realmente ficam estranhas.

É uma história deliciosamente envolvente que de maneira simples nos faz perceber que nada acontece por acaso, basta ficarmos atentos aos sinais... eles sempre estão ai...

Explicação Científica

Nosso cérebro é bem mais poderoso do que podemos imaginar, ele nos protege sempre, seguindo exatamente as crenças que alimentamos ao longo da vida, mesmo que essa maneira de proteção não seja adequada em todos os momentos, como o que estou vivendo agora.

Acredite! De uma hora para outra tudo pode mudar, tudo aquilo que você conhecia pode simplesmente acontecer de forma diferente, mas crer e confiar que tudo pode ser feito, é o primeiro passo para o recomeço... Sem isso nada acontece, sem isso todo caminho já construído fica completamente perdido...

Eu sei... eu sei, é complicado e até insano pensar assim, mas é exatamente dessa maneira que as coisas acontecem, ao menos foi assim que aconteceu para mim.

Passei por algo que os médicos chamam de EQM, *Experiência Quase Morte*...

Uma experiência quase morte é descrito pela ciência como a experiência vivida no cérebro, nos instantes que antecedem a morte. Acontece entre o momento exato que seu coração pára de bater até a perda definitiva e irreversível das funções cerebrais.

“Noooooossa” assustador!

Tudo bem, eu concordo com você... E fica pior quando acontece projeção da consciência e autoscopia, tudo ao mesmo tempo.

Tenho certeza que agora piorei ainda mais, fique calmo eu vou explicar! Para cada um desses nomes confusos, existe uma definição.

Provavelmente você já conheceu alguém ou escutou histórias sobre pessoas que despertaram do coma, algumas delas dizem ter escutado conversas de seus entes queridos e outras contam que estiveram fora do corpo vagando por aí... Para situações assim damos o nome de projeções de consciência e autoscopia.

Provavelmente você também já ouviu algo sobre pessoas que acreditavam que iam morrer e sentiram o corpo leve, ou ouviram ruídos esquisitos, viram sombras sinistras, vivenciaram as trevas e depois a luz brilhante no fim do túnel.

Então basta que a pessoa esteja morrendo e puft! Seu corpo fica leve, tudo embaça, você ouve sons que não consegue entender, aparecem sombras até tudo escurecer completamente e se você foi uma pessoa boa em vida, fique tranquilo a luz brilhante com certeza vai aparecer e você estará seguro.

Tentei explicar isso às pessoas, até aos médicos, mas descobri que para cada uma das minhas experiências a ciência tinha uma explicação, não acredita?

O único responsável por todas essas sensações e acontecimentos é seu cérebro que está tentando desesperadamente te proteger para poder fazer o trabalho dele, salvar sua vida! Existem fontes que comprovam isso, são dados técnicos com nomes complicados e conexões com velocidade espantosa que passa por nossa cabeça, vai por mim ouvi essas informações de maneira detalhada de cada médico que me examinou.

Viu!! Sempre tem uma explicação lógica e racional!

Simple assim!

Ufa! Ainda bem que existe explicação científica para tudo...

Mas preciso dizer, esqueça todas as explicações científicas, eu vou te contar uma história bem mais interessante...

- Aaaaah! - eu aspirei desesperada sentindo o ar voltar aos pulmões, abri os olhos assustada, como se estivesse voltando de um pesadelo terrível. Pisquei algumas vezes tentando me orientar, eu estava sentada em um banco, num corredor longo com muitas janelas, olhei por elas e vi que era noite, aquilo parecia um corredor de hospital, tinha cheiro de hospital, com aquele piso típico de hospital e era limpo como um hospital.

Aos poucos o barulho começou e era infernal como se todos estivessem falando ao mesmo tempo, o mais interessante é eu não conseguia ver ninguém por perto.

Voltei a fechar os olhos e coloquei as mãos nos ouvidos tentando não escutar as pessoas falando, tentei me concentrar, fiquei assim por alguns segundos, sem qualquer resultado, as pessoas ainda falavam demais, eu não conseguia parar de ouvi-las e minha cabeça estava começando a doer.

- Não vai adiantar fazer isso, eu já tentei.

Abri os olhos e olhei na direção da voz, ele parecia exausto sentado de maneira largada no banco ao meu lado.

- Quem é você? O que eu estou fazendo aqui? Isso aqui é um hospital? Como vim parar aqui?

- Assim que decidir qual resposta quer primeiro me avise moça.

- Eu conheço você?

- Moça, por acaso é essa resposta que quer primeiro?

- Você está bem?

- Ah! Então quer essa resposta primeiro? – ele parecia se divertir enquanto tirava sarro da minha cara.

- Ei, qual a graça?

- Por favor, quer se decidir moça?

- Decidir o quê?

- Decidir sobre qual resposta quer primeiro moça!

Confusa, olhei no longo corredor a minha frente, ainda ouvia pessoas falando e todas ao mesmo tempo, queria ao menos pedir que parassem por um instante, olhei novamente para meu amigo ao lado e num estalo lembrei-me dele.

- Eu sei quem você é... – falei, lembrando agora de algumas coisas que aconteceram naquele noite.

- Moça, isso é uma afirmação ou uma pergunta? – ele sorriu novamente.

- Você era um deles... – continuei falando tentando ignorar sua maneira irritante de se divertir as minhas custas.

- Ok, vou considerar como uma afirmação, já que você é realmente confusa.

- Obrigada! – falei.

- Está me agradecendo por ser confusa?

- Não! Estou agradecendo por ter salvo a minha vida! – enchi a voz de entusiasmo, afinal é um alívio estar viva.

Ele ergueu a cabeça e deu um sorriso charmoso me olhando.

- Eu me sentiria maravilhado se isso fosse totalmente verdade...

Franzi a testa confusa achando que ele estava fazendo uma brincadeira sem graça.

- Mas você estava lá, se não me salvou, ao menos ajudou e mesmo assim obrigada!

- Espero realmente que se salve... – seus olhos pareceram ternos quando cruzaram com os meus. – Olha moça, seria uma pena se isso não acontecesse você é uma bela ruiva...

Senti meu rosto arder com ele me olhando daquela maneira.

- ...realmente uma bela ruiva, pele clara e olhos verdes incríveis, aposto que tem algumas sardas charmosas pelo corpo... liiindo corpo!

Cheguei a erguer as sobrancelhas sem acreditar que descaradamente ele continuava a falar.

- Você está me cantando?

Nossos olhos se encontraram e ele pareceu ficar sem graça.

- Desculpe, falei alto? – ele ficou estampado como se realmente não tivesse se dado conta que falara alto, em seu rosto apareceu o arrependimento para me confundir mais ainda.

– Lamento moça... Eu sinceramente nem sei o que estou fazendo, só queria dizer que te achei bonita... Quer dizer, antes que mais alguma coisa estranha aconteça.

Quase não acreditei ter ouvido suas desculpas tão esfarrapadas. De qualquer maneira retribui o olhar deixando claro que não gostei.

- Olha, me desculpe, esqueça o que eu disse, já estou confuso o suficiente ok, não quis ofendê-la.

Mudei de assunto querendo ignorar seus comentários bobos.

- Então pode me dizer o que aconteceu, porque se estou aqui... Significa que tudo acabou bem... – fui falando cheia de convicção.

- É um jeito de ver as coisas. – foi sua resposta despreocupada, erguendo os ombros deixando claro que não ia me passar mais informações.

- Qual o seu problema?

- O mesmo que o seu, moça... – ele respondeu zangado.

Ficamos alguns segundos nos encarando e eu sem graça desviei o olhar, porque não dava para negar que o filho da mãe era bonito.

- Qual seu nome?

- Gisely. – respondi mal conseguindo dar um sorrisinho sem jeito. Sinto-me idiota perto de homens bonitos.

- Lindo nome... – ele sorriu tranquilamente.

Soltei o ar irritada, ele sabia que me deixava sem graça e estava se divertindo com isso.

Quando ele pareceu relaxar e se encostou na cadeira fechando os olhos, procurei observá-lo, quem sabe descobria algo.

Sua roupa parecia uma farda, havia algumas identificações... Observei melhor e meu queixo caiu... Era uma farda de bombeiro!

Olhei na cadeira ao lado e vi seu capacete jogado junto com uma jaqueta preta com listras amarelas também com emblema dos bombeiros, nela eu via alguns números que deveriam se referir ao batalhão e a letra que deveria ser seu tipo sanguíneo.

Ele usava camiseta vermelha com algum tipo de emblema do lado direito do peito e em seu pescoço estava pendurado uma corrente com uma plaquinha de identificação daquelas típicas usadas por militares quando estão em serviço, sua calça era cinza e ele usava botas pretas.

Não consegui evitar e continuei a observá-lo com olhos críticos de fotógrafo profissional, seus cabelos eram negros e curtos, seu porte físico fazia a camiseta definir alguns músculos, sua pele bronzeada era como de alguém que tinha acabado de voltar de férias e seus olhos eram pretos como a noite lá fora.

Quase assobiei, se um dia eu quisesse ter uma fantasia, esse cara era perfeito para estar nela, quando ele se mexeu entrei em pânico, não quis que ele me visse boba a admirá-lo e tentei dizer algo inteligente.

- P-Pensei que bombeiros só aparecessem para apagar incêndios, tirar gatos de árvores para velhinhas idosas, salvar pessoas em enchentes, vítimas de deslizamento, ou capivaras do rio Tietê na marginal.

Mal terminei de falar e percebi o quão idiota foi meu comentário, quando o vi rir eu desisti e fui obrigada a rir junto com ele.

- Quase isso moça... Eu estava tentando controlar um incêndio num bar onde alguns assaltantes tiveram a brilhante idéia de atear fogo para dificultar a ação da polícia, lamentavelmente em assaltos acontecem tiroteios e algumas pessoas são alvejadas a bala... - alguns segundos de silêncio encheram o ambiente de suspense, enquanto ele me olhava, talvez esperando que eu deduzisse o resto, mas como continuei calada ele prosseguiu sem muitos rodeios. – Bem, alvejadas a bala como... aconteceu com você!

Em questão de segundos, um turbilhão de imagens apareceu em minha cabeça todas relacionadas ao que havia acontecido no bar.

Aspirei o ar rápido e coloquei a mão nas costas onde eu havia sentido uma queimação forte, escorreguei a mão pelo ombro onde também há pouco tempo havia uma dor cortante e olhei na minha perna direita, que antes tinha um buraco feito por uma bala, mas não encontrei qualquer sinal de que aquilo havia mesmo acontecido.

- Porque eu não sinto nada? O que aconteceu? Não tem sangue?
- Qual resposta quer primeiro, moça? – sua risada divertida ecoou pelo corredor.
- Porque eu sou tão engraçada?
- Então é essa resposta que quer primeiro?
- Porque responde minhas perguntas com outras perguntas?

Ele continuou a rir e acabou por me ignorar, olhou em volta e depois se concentrou no corredor, como se procurasse por algo. Instintivamente, eu também olhei, porque ainda era fácil ouvir as pessoas falando, mesmo sem poder vê-las, quando voltei a olhá-lo ele havia se encostado e estava com os olhos fechados.

- Ei, estou falando com você, pode me dar algumas respostas? – fui falando enquanto ficava em pé na frente dele. – Ei, está me ouvindo? - cutuquei sua perna com meu sapato, fazendo ele abrir os olhos parecendo zangado.

- Estou ouvindo moça, só não consigo responder tudo de uma vez, por isso decida antes de perguntar? - ele disse também ficando em pé, ele era quase um palmo mais alto que eu, por isso fui obrigada a dar um passo para trás para ver seu rosto e quando o encarei as coisas ficaram piores. Entenda, homens bonitos tentando fazer cara de mal, são os melhores para fotografar!

Uau! Posso fazer um calendário com esse cara, como é lindo! Meu coração bateu rápido prestando atenção em cada detalhe dele.

- O que foi? Perdeu a língua agora? – sua voz zangada me trouxe de volta a realidade.

- Desculpe é que eu... eu... eu... me distrai... – respondi envergonhada, provavelmente corei, tentei disfarçar e virei um pouco com mão na testa para que ele não percebesse que eu estava babando por ele.

- Você está bem? – senti quando ele tocou em meu braço.

Um gesto simples, mas que tornou tudo pior, porque no mesmo instante uma sensação estranha percorreu meu corpo, imagens confusas de situações diversas vieram a minha cabeça em todas eu o vi, em lugares e épocas diferentes, era uma energia extremamente forte como se por toda minha vida eu o conhecesse; ficou evidente em seu rosto que ele também vira as mesmas imagens que porque rapidamente retirou a mão e ficou me olhando assustado.

- Moça, você é esquisita!

- Esquisito eu?

- Melhor sentar moça, não sei se é possível, mas está com cara de que vai desmaiar...

Sentei sem que ele me ajudasse, talvez estivesse com medo de tocar em mim novamente, fiquei agradecida por isso, já que tudo estava confuso demais.

- Do que se lembra?

- Eu me lembro de ter recebido uma ligação do Leonel, meu namorado, pedindo que nos encontrássemos em um bar, perto do trabalho dele, odeio aquele lugar! – esse comentário saiu antes que eu pudesse impedir, por isso fiquei sem jeito. - ...desculpe... – falei sem graça. – mas é que eu não queria ir, estou cansada e

pretendia ir direto para casa, preciso revelar algumas fotos para amanhã... - levantei a cabeça me dando conta que aquilo parecia impossível. - você estava lá, agora você está aqui... estou morta? – falei apavorada com a possibilidade.

- Olha moça, levando em consideração que estou falando com você, sinceramente espero que não!

- Mas... não entendo?

- Eu também não!

Ficamos em silêncio por alguns minutos perdidos em nossos pensamentos, passei a mão na perna da calça onde eu havia visto os bombeiros cortar o jeans, depois abri um botão da camisa e deslizei o dedo no ombro onde eu me lembro de estar doendo provavelmente também havia sido atingida e por último perto da coluna onde eu senti uma queimação insuportável que agora desaparecerá.

- Se estava cansada, porque foi lá, então?

- Desculpe, o que disse? - olhei confusa sem compreender direito a pergunta e ele se inclinou na minha direção me olhando bem perto.

- Você disse que estava cansada, porque foi até lá?

Tenho certeza de ter ouvido a pergunta e dessa vez compreendido, só que não conseguia responder, tão vidrada fiquei com seus olhos escuros sobre mim, era como se eu já os tivesse visto tantas e tantas vezes.

- Está me ouvindo moça?

Completamente boba me afastei, ele tentou esconder um sorriso convencido enquanto esperava minha resposta, fechei os olhos por alguns segundos buscando algo inteligente para dizer, mas suspirei desistindo.

- Não gosto de discutir por bobagens... - respondi erguendo os ombros cansada de parecer idiota perto daquele cara, mas só então percebi que ele continuava me olhando como se essa resposta não fosse suficiente. - Qual o problema? Às vezes eu faço coisas que não estou a fim, porque nem tudo vale à pena discutir, ir até lá era apenas uma bobagem... não quis contrariar meu namorado. - concluí esperando que ele entendesse agora meu ponto de vista.

- Bobagem? – ele parecia incrédulo. – ruivinha, foi por essa bobagem que levou três tiros!! – sua indignação era evidente ao falar.

- Gisely, meu nome é Gisely! – respondi firme, quem ele pensa que é para me dar um apelido assim?

- Ou desculpe, Gisely! Pensei que não discutisse por bobagens...

- Olha, escuta aqui, a culpa não foi do Leonel... aconteceu porque tinha que acontecer...

- Nada acontece por acaso, Gisely, nada nessa vida, ou seja, lá onde estamos... - ele foi tentando se explicar enquanto olhava dos lados. – enfim, nada acontece por acaso, pense nisso da próxima vez!

- O que aconteceu afinal? – suspirei com esperança dele poder me explicar.

- Do que se lembra depois que entrou no bar?

- Encontrei alguns amigos do Leonel, conversávamos enquanto ele não chegava... Pra variar ele estava atrasado... – fiquei irritada me lembrando disso. - depois alguns homens anunciaram o assalto... - parei alguns segundos pensando. – bem, um deles atravessou o balcão e foi para o caixa, encostou a arma na cabeça do senhor, exigiu todo o dinheiro... – senti-me perdida sem lembrar do resto completamente. - sinceramente, não sei, é tudo muito confuso...

- Mais nada?

- ...acho que não... pode me esclarecer?

- Nós fomos chamados porque o lugar estava pegando fogo, parece que em algum momento os ladrões atearam fogo no bar para tentar escapar da polícia, nos entramos, controlamos o incêndio e encontramos 3 pessoas com ferimento por arma de fogo, uma delas era você, estava caída praticamente desacordada, você inalou muita fumaça até que a encontrássemos... – havia um pesar em sua voz e eu fiquei agradecida. - nós a atendemos e a estabilizamos, você levou um tiro na perna. - ele

disse apontando um palmo abaixo do joelho. - um tiro de raspão no ombro e um tiro nas costas.

Só de ouvi-lo pronunciar meu ferimento nas costas me estiquei como se sentisse a queimação novamente.

- Enquanto alguns policiais ainda circulavam pelo estabelecimento a procura do último bandido foragido, nos estávamos terminando de colocá-la na prancha para removê-la, não sei como o tiroteio recomeçou, acho que o bandido se deparou com um dos policiais e trocou tiros, na confusão me acertaram e eu caí, desequilibrando a prancha e você caiu em cima de mim...

Quis duvidar, mas só a maneira confusa dele gesticular deixava claro que tudo era verdade.

- Não sei explicar, provavelmente foi rápido demais para isso realmente ter acontecido, mas a última coisa que lembro foi você dizendo pra eu não deixá-la sozinha... - ele sorriu convencido erguendo os ombros. - ...e aqui estamos!

Lembrei de algumas coisas, principalmente da fumaça que dificultava minha respiração e fazia meu peito doer, como todos, eu corri e tentei sair, mas a dor na perna me fez parar, depois a dor foi substituída pela queimação nas costas e quando percebi minha camisa branca ficou vermelha rapidamente na região do ombro e eu caí.

O caos e a fumaça fizeram meu peito doer ainda mais, fui perdendo a consciência completamente, nesse momento eu pedi a Deus que me enviasse um anjo que me tirasse de lá.

Olhei para meu amigo ao lado e sorri, com certeza minhas súplicas foram atendidas e algo aconteceu porque agora estou aqui ao lado de um anjo vestido de bombeiro. Como isso é possível? Não tem sangue ou roupas rasgadas, não existe dor, respiro normalmente, apenas ouço as pessoas falando e ainda não sei onde elas estão.

- Como pode ser? - perguntei.

- Não sei. - sua resposta era séria e ele parecia tão perdido quanto eu.

- Não quero morrer...

Ele sorriu.

- Também não planejei isso para hoje, ruivinha...

Sorri como se essa não fosse uma conversa absurda, ficamos assim, apenas nos olhando por alguns minutos de alguma maneira absurda eu sabia que estava segura ao lado dele, como se o conhecesse por toda a vida e enfim o tivesse encontrado.

Um barulho de portas sendo abertas as pressas me fez pular de susto, levantei num pulo sem nem saber por que. Era como se algo me chamasse para aquela direção, comecei a andar pelo corredor e em seguida a correr como se minha vida dependesse disso, fiz a curva para esquerda no final do corredor e o cenário a minha volta era outro, agora eu via as pessoas que falavam tanto, aquela era uma ala de emergência em um hospital qualquer.

Várias enfermeiras e médicos andavam apressados correndo contra o tempo tentando salvar pessoas que ali chegavam, alguns diziam que eram ao menos 4 os feridos pelo incêndio e tiroteio no bar, escutei a sirene de ambulância e vi quando duas encostaram simultaneamente e os procedimentos apressados se iniciaram ainda na porta do hospital.

Uma maca estava sendo empurrada por um dos paramédicos que ia descrevendo ao médico o estado da paciente, quando comecei a ouvir fiquei assustada e percebi que tão assustado como eu estava meu amigo bombeiro ali ao lado.

- Assalto em bar seguido de tiroteio e incêndio, garota de 23 anos, baleada nas costas, perna e ombro, com hemorragia interna, PA instável... parada cardio-respiratória, foi reanimada no local... - fui ouvindo o paramédico falando e explicando a situação e a gravidade do problema... Olhei um pouco mais atrás onde um homem loiro com farda de bombeiro havia entrado em seguida empurrando a outra maca e ele

também dizia a situação do paciente a outros médicos que chegavam, todos pareciam correr contra o tempo.

- Membro da corporação, ferido em serviço, homem, 29 anos, baleado no tórax, sinais vitais baixo, PA instável, pupilas bilaterais...

A cada palavra que era explicada eu ficava ainda mais assustada, a maca era seguida e no rosto do bombeiro loiro que a empurrava havia angústia e medo.

Quando as macas passaram por mim, me afastei com a mão na boca de pavor, a única coisa que vinha a minha cabeça era projeção de consciência, experiência quase morte e autoscopia.

Deus! Experiência fora do corpo... impossível, não posso crer... isso não existe, não é possível de acontecer.

Corri até as macas, na esperança de ter visto errado, mas com horror eu vi que as pessoas que estavam lá deitadas eram eu e meu amigo bombeiro ali ao lado. Fui me afastando até encostar na parede.

- Isso não é compreensível, não acredito nisso, essas coisas não existem! – fui repetindo para mim mesma tentando me convencer. - meu Deus! O que está acontecendo?

Fui me sentindo atordoada com tudo, comecei a respirar com dificuldade, era como se o ar não chegasse mais a meus pulmões, só me dei conta que não estava sozinha quando senti meu amigo bombeiro me chacoalhando.

- Ruivinha olha para mim... – procurei seus olhos sem entender o que exatamente ele queria. – isso olhe para mim, tá... respire devagar, bem devagar, calma, você está hiperventilando... apenas olhe para mim e respire devagar... consegue fazer isso?

- Fazer o quê? – mal conseguia ouvir o que ele dizia tamanha era a falta de ar.

Ele segurou meu rosto e me fez olhá-lo diretamente, repetiu mais algumas vezes suas orientações, até que eu aparentasse estar entendendo, definitivamente ele queria que eu respirasse ou algo assim...

- Calma, apenas respire devagar... fique respirando, ok... eu já volto! - ele saiu correndo e voltou depois de poucos minutos, segurando uma sacola plástica e entregou na minha mão.

Se antes eu não respirava, agora eu não raciocinava, porque não tinha idéia do que fazer com aquela sacola nas mãos, olhei para o bombeiro em dúvida, ele sorriu percebendo o quanto idiota tinha sido ao me entregar aquilo sem dizer nada.

- Desculpe... respire aqui dentro, vai ajudar, respire lentamente umas 10 vezes seguidas, calma respire...

Ele me ajudou e eu fui seguindo as orientações, ainda ouvia sua voz ali ao meu lado tentando me acalmar e sem nem saber porque agradeci a Deus por ele estar ali.

Aos poucos aquela sensação de pânico foi diminuindo enquanto ele ainda tentava me acalmar.

- O que aconteceu? – perguntei com esperança sincera dele saber.

- Quando você hiperventila, seu coração bate mais rápido e você tem a sensação que falta ar, seus braços, pernas e rosto, principalmente a boca formigam, isso porque você está eliminando gás carbônico em excesso durante a respiração por isso tem uma sensação de que vai morrer...

Olhei incrédula com a resposta.

- Não é isso que eu perguntei seu idiota! Estou naquela maca e estou aqui! – apontei para uma sala onde eles haviam levado meu corpo. - ele sorriu erguendo os ombros.

- Bem, essa parte eu não sei explicar... – sua maneira despreocupada ao responder deixava evidente que se divertia cada vez que me irritava.

- Estou sonhando, definitivamente estou sonhando!

Antes que ele fizesse mais alguma gracinha me afastei andando de um lado para o outro, falando sozinha.

- Calma Gisely, autoscopia não existe, isso é coisa da cabeça da Magali, aquela doidinha acredita nessas coisas, ninguém pode sair do corpo... a alma não se separar

do corpo físico... a não ser que você morra! – olhei novamente para a sala onde estava meu corpo e me desesperei. - eu quero acordar, preciso acordar, eu não posso estar morta!

Depois de alguns gritos e total falta de controle da minha parte, meu amigo bombeiro foi até um de seus colegas da corporação, aquele bombeiro loiro, o mesmo que havia empurrado seu corpo na maca a pouco, mal teve tempo de se aproximar e um terceiro bombeiro entrou correndo se aproximando deles.

- Nestor, onde ele está? – perguntou o terceiro bombeiro aflito.

- Estão fazendo avaliação... precisamos esperar Nunez. – o tal Nestor respondeu angustiado.

- Droga! Que idiotice a dele... – era o bombeiro Nunez e parecia zangado resmungando pelo corredor.

- Cala a boca Nunez... vai questionar uma decisão dele?

- Não estou questionando, ele levou um tiro no peito, isso é idiotice!! - o Nunez parecia inconformado.

Eles ainda trocaram algumas palavras e aos poucos a discussão foi se dissipando até acabar e todos ficaram quietos cada qual com suas apreensões.

Meu amigo bombeiro que como eu era uma alma perdida no momento, tentou chamar atenção de seus amigos, fiquei atenta observando.

- Nestor! Nestor! Estou aqui Nestor, pode me ouvir? – meu amigo bombeiro começou a chamá-lo sem que o tal Nestor se desce conta, esticou a mão encostando em seu braço, mas nada mudou, então ele me olhou e eu assustada por ver isso, me afastei um pouco mais e bati a cabeça no extintor logo atrás.

- Ele não te ouviu! Ele não te vê! Você colocou a mão nele e ele não percebeu! – eu ia falando e minha voz cada vez saía mais alta e descontrolada, meu amigo bombeiro deu alguns passos e foi até o outro bombeiro zangado.

- Nunez! - ele chamou, mas o tal Nunez nem se deu conta, continuava a andar pelo corredor aflito esperando notícias. - Nunez! - ele gritou e nada acontecia, nenhum deles ouvia, meu desespero aumentou.

- Alma fora do corpo, projeção de consciência, experiência quase morte e autoscopia, isso não existe, eu não acredito! – fui repetindo sem parar até me dar conta que só havia uma explicação. - eu vou morrer! Deus, vou morrer!

Um médico saiu da sala para dar informações ao Nestor e ao Nunez, tanto eu como meu amigo bombeiro nos aproximamos, para escutar as notícias, estava certa que nesse momento ele anunciaria minha morte.

- ...eles serão levados imediatamente para sala de cirurgia, o caso dos dois é grave, perderam sangue e ela está com hemorragia interna, não sabemos exatamente o que vai acontecer, faremos todo o possível para salvá-los.

Estávamos todos ali, ao lado do médico que concluía sua explicação, o tal Nestor, o outro bombeiro chamado Nunes também, receber essa notícia não havia sido fácil e sem mesmo nos darmos conta, todos sentamos no banco em frente um ao lado do outro.

Engraçado compartilharmos o mesmo sentimento devastador sem que ao menos o Nestor e o Nunez pudessem nos ver. Ainda aturdida com tudo senti quando alguém tocou meu braço por isso olhei.

- Vai ficar tudo bem... – meu amigo bombeiro estava ali, tentando mais uma vez me tranquilizar.

- Quero muito acreditar em você... – balbuciei.

As macas saíram das salas de emergência entrando cada uma em um elevador, tentei pensar em algo, mas não sabia o que fazer, antes que eu pudesse impedir, meu amigo bombeiro segurou minha mão e correu me arrastando pelo corredor, não sei explicar como, mas segundos depois estávamos dentro do elevador.

No centro cirúrgico as macas foram colocadas em salas separadas, ainda sem acreditar voltei olhar e me vi ali deitada com muitos machucados e sangue por todo o

corpo, sem agüentar, sai correndo da sala indo para o corredor, procurando ar que me faltava novamente.

- Eu vou morrer! Eu vou morrer! Eu vou morrer!

- Pára! - meu amigo bombeiro gritou me chacoalhando, me fazendo voltar para aquela realidade louca que estamos vivendo.

- Vou morrer! - gritei, sentindo que ele segurava meus ombros com força.

- Pára de falar isso! - ele falou sério me olhando. - você está sendo operada, não pode pensar assim, pense que vai ficar tudo bem, precisa ser forte, precisa querer viver...

- Você não está entendendo? - soltei-me de seus braços e dei alguns passos para longe. - autoscopia não existe, mas ainda assim minha alma está aqui e meu corpo está ali sendo operado, eu só posso estar morrendo, ou então é pior, eu já estou morta!

- Você não está morta, ninguém vai morrer hoje, entendeu? - ele disse sério me olhando nos olhos.

- Não quero morrer! – minha voz saiu baixa como numa súplica.

- Não vai! Ninguém vai morrer hoje! Nós vamos viver, VIVER! - ele gritou continuando a me olhar diretamente.

Palavras começaram a sair da minha boca sem que eu conseguisse contê-las enquanto ele ali parecia disposto a ouvir.

- Não fiz tudo que eu queria na vida, só tenho 23 anos... não me deixe morrer! – fui falando a ele como se ele pudesse evitar que isso realmente acontecesse.

- Calma!

- Não consigo ficar calma! Estou assustada! Não quero morrer! - gritei me soltando de seus braços. - Você não entende? Como posso morrer agora se nunca nem experimentei o prato mais caro em meu restaurante preferido!

- Nunca tomei um porre na vida!

- Nem contei a minha irmã que estraguei a blusa preferida dela!

- Ainda não fiz uma tatuagem!

- Costumo dizer a meus pais que os amo, mas preciso dizer mais vezes! Infinitas vezes...

Pensei por alguns segundos me lembrando de tantos detalhes que eu deixaria para trás se morresse agora.

- Meu gato! Quem vai cuidar do Garfield? A Magali tem alergia a pêlos, será que ele vai ficar bem?

Estava estarecida olhando perdida para ele.

- Eu... eu... eu... – era como se estivesse enroscada na possibilidade de morrer, pensando em tantas coisas que eu ainda não tinha feito na vida, comecei a andar novamente continuando a listar.

- Eu nunca disse ao Leonel que odeio quando ele toma decisões no meu lugar e que piora quando ele me força a fazer coisas que não estou a fim! Preciso dizer a ele... eu preciso dizer que nem sei por que namoramos se não sinto nada por ele!

Olhei para meu amigo que me ouvia atento, acho que ele tinha esperança que depois desse ataque eu me acalmasse.

- Magali... ela é minha melhor amiga e eu nunca disse como ela é legal e especial na minha vida! – arregalei os olhos com a possibilidade que me ocorreu em seguida.

- Deus, eu nunca tive um filho, nem escrevi um livro ou plantei uma árvore! Não é isso que precisamos fazer antes de morrer? – segurei seu braço e continuei dizendo a ele que ouvia meus devaneios com uma paciência incrível.

- Nunca tirei férias, nem por alguns dias!

- Nunca pulei 7 ondas no mar quando é réveillon!

- Nunca participei de um baile de carnaval!

- Viu só... não posso morrer, não me deixa morrer! - pedi olhando para ele como se ele pudesse interceder por mim.

- Vai ficar tudo bem, você não vai morrer! – foi sua resposta ao me abraçar.

Por alguns segundos, me permiti sentir sua proteção, até que meu coração ficou angustiado novamente e eu me afastei apavorada.

- Quem é você? Como pode impedir a minha morte? - gritei andando pelo corredor como louca. - vou morrer com essa blusa! Odeio essa blusa! – estiquei a blusa olhando com desconforto já nem sabendo o que dizia direito. - ...e meu cabelo... odeio meu cabelo liso assim, vou morrer assim? – puxei o cabelo para constatar que ele realmente estava liso.

- Droga! Por que deixei a Magali fazer escova, agora vou morrer sem meus cachos, será que eles vão lavar meu cabelo antes que eu seja enterrada? Preciso dos meus cachos...

- Calma! Precisa se acalmar, precisa ter tranquilidade para que eles consigam trazê-la de volta. – meu amigo bombeiro disse me segurando firme de novo.

- E você! Olha pra você... - eu disse olhando de cima a baixo. – Deus, com certeza vou morrer mesmo! - conclui virando de costa para ele não ver que fiquei vermelha de vergonha pelos pensamentos impuros que tive.

- O que têm eu? – ele perguntou curioso. – diga que eu tenho...?

Tentei ignorar, mas ele entrou na minha frente me cobrando uma resposta.

- V-você... vo...cê é o cara mais bonito que já falou comigo e eu vou morrer sem te conhecer. – fui dizendo enquanto apontava minha mão de cima a baixo nele, achando mesmo que esse último dado era a prova final que eu realmente iria morrer hoje.

- Ruivinha, assim me deixa encabulado e convencido! – ele respondeu com um sorriso idiota no rosto.

- Pode me chamar de Gisely, por favor!

Que cara irritante!

- Ok, Gisely, é estranho eu sei, pode ter certeza que também estou assustado, mas precisa ficar calma, os médicos precisam de paz e tranquilidade, estamos num centro cirúrgico... não queremos atrair coisas ruins para cá, não é?

- Coisas ruins... – olhei em volta procurando algo. – Como assim coisas ruins...?

- Olha, sinceramente acho que se você continuar a gritar que vai morrer, pode ser que a morte venha mesmo te pegar, nunca assistiu a filmes onde as sombras tomam formas e arrastam as almas das pessoas para o purgatório.

Era incrível sua ironia e tudo piorava com ele fazendo gestos sinistros com as mãos, como se quisesse assustar uma criança. Suspirei irritada, será que esse imbecil ainda não tinha percebido o quando eu já estava assustada!

- Qual o seu problema? Pensei que pretendesse me acalmar! - respondi sem pensar batendo algumas vezes no braço dele.

Um ai de dor foi sua resposta enquanto ele esfregava mão no braço rindo.

- Desculpe, só estou tentando fazer você relaxar, foi só uma brincadeira!

- Brincadeira? Acha que isso aqui é brincadeira?

- Ah! Tudo bem... o que eu quero dizer é que seu cérebro vai assimilar seu pedido de morte e você não vai responder a cirurgia como deveria e fatalmente vai morrer... fatalmente... de verdade, para sempre, entende?

- Quem você é afinal? – perguntei tentando entender o que ele dizia. - um padre? Pastor? Curandeiro? Alguma coisa do tipo...

- Não. Sou um bombeiro!

Revirei os olhos.

- E isso te qualifica para dizer que eu não devo pensar na morte quando ela está aqui chamando meu nome no meu ouvido.

- Ruivinha...

- Gisely! - bati o pé com força no chão falando. – meu nome é Gisely!

- Tudo bem, calma... Gisely... o que quero dizer é que sou bombeiro e quando saímos para atender um chamado sempre temos em mente a vida e não a morte, esse é o meu trabalho, a vida!

Continuei olhando para ele tentando entender aquela explicação confusa, o vi suspirar, olhando para os lados procurando novos argumentos.

- Nunca leu nada a respeito? Sei lá, livros de auto ajuda, desenvolvimento pessoal, auto conhecimento, religião ou qualquer coisa que diga isso? Precisa manter a mente sã, para que seu corpo reaja, no desespero que se encontra seu organismo vai entrar em choque e seu cérebro vai padecer.

- Você está tentando achar uma explicação racional para o que está acontecendo aqui? - perguntei incrédula.

- Não ruivinha!

- Gisely! - gritei! - é tão difícil assim, guardar meu nome?

- Ok, Gisely! Calma, fique calma, o que sei é que quando chego para socorrer alguém, preciso que ela se mantenha calma e fique tranqüila para que eu possa fazer meu trabalho, quando isso não acontecesse o socorro é mais demorado e o risco de fatalidade aumenta, não sei explicar o que está acontecendo, mas pense comigo, assustada como está só vai dificultar as coisas, é insano eu sei, mas precisa pensar em viver!

- Viver? - repeti sem entender direito o que deveria fazer.

- Isso... pense pelo que gostaria de viver... Feche os olhos e mantenha seu pensamento em coisas boas que a faria desejar viver.

Continuei com os olhos arregalados olhando para ele que sorria tranqüilo.

- Feche os olhos... ou pelo menos me olhe de maneira menos assustadora. – ele riu sozinho da própria piada.

Suspirei derrotada e fechei os olhos como ele disse, senti quando ele segurou meus braços e eu segurei os dele, tentei me concentrar em algo que me fizesse querer viver, mas não consegui.

- Não consigo me concentrar... – o desespero reapareceu, tentei me soltar de seus braços, mas ele me segurou ainda mais firme.

- Não! Concentre-se, você consegue! O que te faz querer viver? – pude ouvi-lo dizer e repetir isso algumas vezes. - feche os olhos, respire devagar e me diga o que te faz querer viver ruivinha...

- Gisely! – retruquei sem abrir os olhos, mas tenho certeza que ele sorriu ao me ouvir.

- Não consigo, eu só tenho a sensação que vou mor...

- Não diga! - ele falou mais alto. - não diga essa palavra, tente ficar calma, mas não diga isso, ok. Ele continuava tentando me acalmar.

Comecei a choramingar porque sabia que ia morrer, mas eu não quis aceitar, no desespero o empurrei com toda força que consegui.

- Onde está? – fui me afastando, olhando em volta no corredor.

- Onde está o quê?

- A luz, deve haver alguma luz, alguma coisa para que a gente possa ir, não pode simplesmente acabar assim! – continuei andando pelo corredor procurando uma luz que me desse sinal que eu deveria seguir.

- Não tem luz aqui! – ouvi sua voz bem atrás de mim.

- Têm que haver, alguma luz em algum lugar, é assim que acontece, você não é religioso? - perguntei virando para olhá-lo, mas ele não respondeu, apenas sorriu achando engraçado o que eu fazia.

- Qual o seu problema? - perguntei brava com aquele sorriso lindo idiota estampado no rosto dele. - não entendeu a gravidade da situação? Só eu estou ficando louca aqui? Você é um anjo e sabe o que vai acontecer, por isso, está tão tranqüilo...

- Qual resposta quer primeiro? – foi sua pergunta quando se encostou na parede, cruzando os braços confortavelmente depois sorriu para mim, me deixando possessa de raiva.

- Sinceramente não posso acreditar! Tanta gente para estar ao meu lado no momento da morte, Deus me manda esse idiota! É lindo, não posso reclamar, mas completamente idiota! – fui falando alto completamente irritada com ele, abaixei a cabeça e afundei os dedos no cabelo pensando no que fazer.

- Ei, pense em vida! Vai ficar tudo bem... confie...
- Como pode ter tanta certeza disso? - voltei a encará-lo.
- Não sei, apenas acredito que tudo ficará bem, o que mais podemos fazer? Pense em vida! V-i-d-a!!! - ele dizia gesticulando despreocupado.

Franzi a testa olhando cada detalhe dele ali encostado na parede de braços cruzados me olhando com aquele sorriso de matar e para piorar a camisa vermelha com emblema dos bombeiros, aquela plaquinha de identificação pairando em seu peito e todo o resto faziam minha cabeça ter uma única certeza, eu ia morrer!

- ...você é bonito... despreocupado... seguro... engraçado... protetor... tem um corpo escultural... seu trabalho é heróico... – olhei séria para ele. – você é solteiro?

- Sim. – ele respondeu me olhando desconfiado, provavelmente achando que fiquei louca.

- É gay?

- Não! – ele respondeu de imediato e franziu a testa parecendo realmente curioso com meu surto repentino.

- Viu só! Isso prova que eu vou morrer, essas qualidades não são encontradas num mesmo homem, não se ele estiver vivo!! – respondi boba olhando para ele que gargalhou de verdade do meu comentário sincero.

Luz da vida

A luz da vida está presente nas pequenas coisas, como o bocejar de um bebê, o choro de um recém nascido, ou o amor de mãe ao amamentar seu filho, foi nesse lugar que minha maneira de ver o mundo começou a mudar.

- Cansou de rir de mim? – perguntei ofendida com os braços cruzados, mas ele me ignorou.

- Venha, vou te levar a um lugar... – olhei sua mão esticada, esperando que eu a pegasse.

- Não posso sair daqui, estou ali dentro mor...

- Lutando para viver! - ele disse antes que eu pudesse finalizar.

Soltei o ar e olhei na direção da sala onde eu estava sendo operada.

- Você está lutando para viver, diga isso, consegue? – perguntou meu amigo bombeiro com os olhos vidrados nos meus. - Diga! Vamos, você consegue...

Suspirei.

- Estou ali dentro lutando para viver!

- Ótimo, acho que agora podemos dar uma volta.

Ele deu alguns passos, mas quando percebeu que eu não me mexi ele parou e olhou para trás.

- Vamos?

- Melhor ficar, vai que acontece algo inesperado... – dei um risinho sem graça, deixando claro que ainda acreditava que ia morrer.

- Deixa disso... vem, vamos dar um volta, garanto que se acontecer algo ficaremos sabendo...

Incrível como ele podia rir daquela situação, eu apenas balancei a cabeça não acreditando no que ouvia.

- Vem... – ele insistiu voltando a andar e eu sem saber por que o segui, de alguma maneira eu sabia a partir de agora queria estar em qualquer lugar que ele estivesse, porque só então tudo ficaria bem.

- Onde vamos? - perguntei assim que saímos daquele corredor.

- Vamos dar uma olhada em um lugar cheio de vida! – ele parecia animado, como se tudo aquilo não existisse de verdade.

Nós continuamos a andar pelos corredores do hospital, conforme passávamos eu via as pessoas, mas ficou claro que elas não me enxergavam, por isso me desviei de todas, fiquei com medo de ser atropelada ou pior atravessada, não queria ter uma recordação como está.

- Vamos de escada...

Ele foi na direção de uma placa indicava saída de emergência e quando chegamos perto, ele abriu a porta, o que me fez sorrir, acho que almas perdidas não precisam atravessar paredes afinal, podem apenas abrir a porta, isso me fez relaxar um pouco.

Nós descemos dois lances de escada e entramos em num outro corredor o ambiente ali era de paz, como se muita alegria pairasse no ar.

Por todo o corredor havia desenhos de bichinhos graciosos pintados nas paredes e no final do um grande vidro, sorri, entendendo onde estávamos, ala infantil provavelmente aquele era o berçário.

- Como sabia que era nesse andar ficava o berçário?

- Sou bombeiro, lembra? - Já trouxe alguns bebês para cá...

Talvez esse fosse o mesmo berçário que ele havia estado antes, mas eu tinha certeza que ele nunca o tinha visto dessa maneira. Dentro do berçário havia 15 bebês, cada um deitado em um pequeno berço de acrílico, a maioria deles usava macacões maiores que seu corpo fazendo com que suas pequeninas mãozinhas ficassem escondidas enquanto eles se mexiam sem parar.

O ambiente era bem iluminado, mas a luz que irradiava dos pequeninos berços, não era uma luz artificial, era uma luz divina, era a luz da vida! Era linda...

Só de ficar ali em pé vendo aqueles bebês pude sentir a paz e tranqüilidade, tudo parecia mais leve e melhor, as coisas em volta tinham mais cores e as pessoas sorriam naturalmente com o coração puro, enquanto admiravam os bebês.

- É lindo! – virei para encará-lo.

- Isso é vida, minha cara!

Ficamos ali olhando aquelas criaturinhas divinas a nossa frente por um bom tempo, até que uma das mães entrou no berçário, suas roupas e seu jeito dolorido ao andar deixa claro que ela fora buscar seu bebê.

A enfermeira lhe mostrou uma poltrona e se dirigiu ao lado do pequenino bebê que estava na incubadora, seu tamanho deixava claro sua fragilidade quando ela o entregou a feliz mãezinha pude entender o que ela faria. Iria amamentá-lo, isso me sensibilizou e eu encostei a cabeça no vidro sorrindo maravilhada com a cena.

A mãe carinhosa se sentou em uma poltrona e ali eu a vi amamentar seu pequenino enquanto cantava uma canção de ninar, parece que todos os outros sons nesse momento se calaram e eu podia apenas ouvi-la cantar para seu pequenino, fiquei ali sorrindo, achando aquela cena a melhor coisa que tinha visto na vida.

- Pretende ter filhos? - ouvi meu amigo bombeiro perguntar, chamando minha atenção.

- Sim, sempre quis... - respondi secando o rosto por ter me emocionado, nem precisei virar para saber que meu amigo ali sorriu do meu jeito atrapalhado.

- Gisely...

- Sim...

- Você fica linda, assim encantada. - eu sorri olhando sem graça para ele.

- Você estava certo, isso aqui é a mais pura essência, isso aqui é vida!

A cada minuto eu sentia mais paz e tranqüilidade esquecendo completamente que aquela situação era impossível de estar acontecendo.

- Você está vendo as luzes? - perguntei sem me mexer, sabendo que ele estava bem atrás de mim, quase podíamos nos esbarrar.

- Sim, é bem mais bonito assim...

- Qual seu nome bombeiro?

- Tenente Nokis.

- Seu nome é tenente Nokis? – dei risada e ele percebendo o que falara também riu.

- Desculpe, meu nome é Luidi... tenente Nokis saiu por hábito.

- Há quanto tempo é bombeiro Luidi?

- Sete anos.

- Porque escolheu essa profissão?

- Eu não escolhi, a profissão me escolheu... - ele respondeu e eu virei um pouco olhando para ele tentando entender. - é uma paixão, nunca se sabe o que vai acontecer. - ele disse erguendo as sobrancelhas, lembrando da situação em que estávamos. - ou quem vai se conhecer... - ele sorriu olhando para mim e eu também sorri constrangida. - ser bombeiro é amar e proteger a vida acima de tudo é doar-se sem querer nada em troca, e muito bom, é a melhor escolha que eu podia ter feito na vida... – seu sorriso sincero era contagiante.

- Trabalha todos os dias? - perguntei desconhecendo completamente qual a rotina de um bombeiro.

- Oficialmente trabalho 24h seguidas e deveria descansar 48h, mas dificilmente isso acontece...

- Não tem medo?

- Muitas vezes eu tive. - ele respondeu segurando meu queixo. - Mas às vezes tem suas compensações. - ele terminou de responder e sorriu antes de piscar lindamente.

- Como pode se arriscar por pessoas que nem conhece?

Ele pareceu pensar alguns instantes.

- Geralmente os bombeiros são chamados quando a situação extrapola ao comum, somos como um serviço especializado. – eu dei risada dessa colocação. - entramos em lugares sem nem saber direito onde estão as portas e janelas, precisamos estar preparados física e psicologicamente porque enfrentamos situações mais adversas, definitivamente salvamos muitas vidas diariamente, mas nem sempre chegamos a tempo e às vezes eu tenho alguém morrendo em meus braços. – ele disse me olhando como se eu mesma tivesse morrido nos braços dele.

- Lamento...

- Isso não é nada agradável pode ter certeza... – ele parecia tão triste e respirou fundo para poder continuar. - mas a vocação para o trabalho é fundamental, alegria e comprometimento faz todo diferencial, não existe natal ou feriado, na verdade nessas épocas trabalhamos mais, e a glória por me arriscar por pessoas que não conheço está no reconhecimento da população... é bom ser herói! – seu sorriso denunciava que ele disse isso para deixar a conversa mais leve e eu sorri por ele ter sido sensível.

- Luidi, eu não sei o que vai acontecer, mas gostaria que soubesse que estou mesmo agradecida por ter salvo minha vida! – ele fez carinho no meu rosto de maneira tão gostosa que eu desejei que continuasse.

- Deixa para agradecer depois, quando sairmos daqui ok, vamos jantar em seu restaurante preferido, pode pedir o prato mais caro, eu pago! - ele respondeu rindo do que eu havia falado e eu também sorri pensando que as coisas não podiam acabar assim.

- Mas se não sairmos... - eu comecei a falar, mas ele brecou imediatamente.

- Vamos sair! – havia tanta certeza nisso que eu me convenci.

- Ok, vamos sair!

Respondi ainda achando engraçado estar presa entre a vida e a morte ao lado de um bombeiro lindo digno de um calendário, bem que eu queria ter a oportunidade de contar isso pra Magali, ela ia achar o máximo!

- Foi até legal acordar num banco de hospital e te ver dormindo ao meu lado...

- Eu estava dormindo?

- Quando a vi, realmente quis que estivesse dormindo, fiquei preocupado quando escorregou da prancha e caiu em cima de mim, vítimas de bala devem ser movidas com o maior cuidado possível... – ele me olhou e parecia sincero. – pedi a Deus que estivesse apenas dormindo...

- Acho que ele te ouviu... – respondi sem graça e voltei a olhar os bebês, sabendo que estava segura com ele ali ao meu lado, bem pertinho quase esbarrando em mim.

A enfermeira foi preparando algumas toalhas e pegando um dos bebês no bercinho, pelo que eu estava entendendo ela iria lhe dar banho me senti privilegiada por poder assistir, assim de camarote.

No momento que ela começou a tirar a roupa do pequenino ele chorou com toda força dos pulmões e mesmo de longe eu a ouvia dizer palavras doces tentando fazer com que ele se acalmasse, rapidamente ela lhe deu um banho e o trocou o devolvendo em seguida em seu pequeno bercinho.

Fez isso com cada bebê e com carinho a cada novo choro ela dizia que eles se acalmassem que logo eles estariam limpos e felizes esperando a visita dos parentes, isso me deixou maravilhada e eu suspirava e ria feliz vendo tanta luz da vida reunida em um mesmo lugar.

Luidi esbarrou em mim, como se ele tivesse virado ou algo assim, por isso me virei também para saber o que acontecia, ele olhava para o final do corredor por onde havíamos chegado.

- O que foi?

- Tem alguma coisa errada... – mal terminou de falar e saiu andando pelo caminho que havíamos chegado, sem saber o que fazer o segui assustada.

Abriu a porta e subiu correndo a escadaria e eu tentei segui-lo, mas fiquei para trás, definitivamente estou fora de forma.

Quando cheguei ao centro cirúrgico ele já estava dentro da sala onde seu corpo era operado, entrei devagar como se tivesse me esquecido que ninguém ali conseguiria me ver, quietinha fui até onde ele estava, procurando entender o que se passava ali.

Era uma cena impossível de acreditar, o corpo do Luidi deitado na mesa de operação em cirurgia e ao meu lado sua alma estava perfeita, intacta sem qualquer ferimento ou arranhão.

- Ele estabilizou! – disse um médico que acompanhava um dos monitores.

- Ótimo... nos vamos conseguir... - outro médico foi falando, fazendo todos sorrirem de seu otimismo.

- Ótima noite para salvar vidas! Precisam de ajuda?

Um senhor de idade entrou porta a dentro com voz animada, provavelmente era mais um cirurgião, parecia seguro e confiante em suas palavras como se ele fosse o chefe daquela equipe.

- Parece que o garotão quer viver, acabamos de estabilizá-lo, estamos quase concluindo... – foi o comentário de um membro da equipe.

- Quem é o rapaz? Também estava no bar? – questionou o médico enquanto se aproximava da mesa de operação, era incrível, estávamos ali no canto sem que ninguém percebesse.

- O garotão aqui, é do resgate, bombeiro... - alguém respondeu.

- Ah! O cara que salvou a garota...

- Esse mesmo, levou um tiro no peito fazendo isso... - um médico disse conversando despreocupado com os demais.

- E a garota? - alguém quis saber e eu me interessei na resposta.

- Tivemos uma surpresa, havia um objeto cravado na testa dela, precisamos remover, mas a cirurgia foi um sucesso, ficará em coma induzido por alguns dias... coitada tão jovem e três tiros... é lamentável a violência dessa cidade...

- E a medula, está ilesa? – perguntou um outro médico, enquanto a cirurgia do Luidi continuava.

- Foi bem perto, aparentemente não atingiu, não localizei estilhaços, acho que vai ficar tudo bem, vamos aguardar... Vamos ver a reação dela ao acordar!

Franzi a teste tentando processar aquela informação, quis me aproximar, mas senti quando o Luidi segurou meu braço impedindo que eu sáísse de perto dele.

- Vem ruivinha, vamos sair agora!

- Não espera, eu quero saber! – tentei ficar e com raiva até dei alguns tapas no braço dele, mas foi inútil, fui arrastada para fora da sala.

- Solta droga!

- Não vai entrar lá! – foi sua resposta sem me deixar passar.

- Eles estão falando de mim, eu quero saber!

- Não deve ouvir, tudo vai ficar gravado em sua memória.

Por mais que eu tentasse passar ele me bloqueava dizendo que eu não deveria escutar.

- Ei, não acha que eles vão me dizer mais tarde no quarto, que diferença faz agora ou depois Luidi?

- Escuta! – ele disse preocupado. - quando falarem com você no quarto o médico vai usar as palavras certas para te explicar o que está acontecendo, porque no momento ele está conversando despreocupado com colegas sobre uma paciente qualquer, pode dizer o que quiser sem qualquer tato, eles estão trocando opiniões, entende?

- Não entendo nada! - gritei.

- Deixa de ser teimosa, não vai entrar... santo Deus, o médico acabou de te operar, está falando com um colega de profissão... então é melhor não ouvir, assim não corre o risco de tirar conclusões precipitadas e ter maiores complicações quando acordar de verdade.

- Essa é mais uma de suas teorias? - perguntei colocando a mão na cintura. Como esse cara pode ter tantos argumentos?

- Sim, é mais uma de minhas teorias, por isso fique aqui!

Suspirei, definitivamente ele não me deixaria passar.

- Não vou poder mais andar, é isso? Foi isso que ele quis dizer?

Luidi me olhou por alguns segundos que pareceram eternos, depois tentou sorrir, mas pigarreou, tentando encontrar uma resposta convincente.

- Não ouvi o que ele disse, não estava prestando atenção... – ele respondeu olhando para os lados e o sorriso sumiu de seus lábios, então eu soube que ele mentia, provavelmente era isso mesmo, eu não ia mais andar.

- ...o médico disse que a bala chegou muito perto da medula, aparentemente não atingiu... algo sobre estilhaços, eu não vou mais andar? É isso Luidi?

- Não sei... eu... n-não sei...

- Meu Deus, não posso acreditar, não, não, não! – comecei a entrar em pânico e sai andando pelo corredor.

- Viu o que eu disse! – parei confusa ouvindo a voz zangada do Luidi ao meu lado. – ruivinha, não pode pensar assim, vai comprometer sua reabilitação!

- Pára de me chamar de ruivinha! – gritei.

- Olha... calma... pense em sua reabilitação...

- Reabilitação? Você está brincando? O médico disse que aparentemente não atingiu a medula, ele não sabe? Como ele não sabe!! Que droga de médico é esse que não sabe a gravidade do meu problema? – continuei falando agitada, andando para lá e para cá nervosa. - eu não vou mais andar! Não vou mais andar, nunca mais! – gritei várias vezes seguidas.

- Pára! – senti meu corpo chacoalhando, só então me dei conta que o Luidi me segurava firme novamente. - está entrando em pânico mais uma vez?

Fechei os olhos com medo do que aconteceria, escutando ele falar que eu deveria ficar calma sem que eu conseguisse me acalmar, ele me abraçou e ficamos ali parados por alguns minutos, enquanto eu o ouvi incansavelmente dizendo que tudo ia ficar bem.

Afastei-me um pouco quando ouvi uma das portas abrirem, assim que ergui a cabeça percebi que a luminosidade do corredor havia diminuído. Foi assustador. Enquanto todo o ambiente ia ficando mais escuro um vento gelado passou por mim, olhei em volta procurando por algo sem nada enxergar, virei atenta para a porta aberta esperando o que sairia dali, nada se mexia e o silêncio era mortal.

Antes que eu pudesse perguntar o que acontecia afinal, vi algo parecido com sombras que saíam correndo de dentro da sala, me encolhi assustada as vendo passar por todos os lados, nas paredes e no chão, como se tivessem sido expulsas ou algo assim.

- Está sentindo...consegue ver? – perguntei com olhos arregalados.

- Infelizmente sim...

Apertei-me mais em seus braços com medo que alguma daquelas coisas horríveis tentassem me pegar.

- Calma ruivinha... talvez eles não percebam que estamos aqui... – quis rir, na verdade gargalhar, quando a morte passaria assim, por duas almas perdidas sem ao menos notá-las?

- E-está p-perto de m-mim... – falei gaguejando sem ter certeza que o som foi alto suficiente para que ele ouvisse.

Um arrepio que começou lentamente e um ar gelado que se instalava de mansinho era tudo que eu sentia a princípio, mas depois um bafo gelado se aproximava de mansinho até estar bem perto da minha nuca.

MORTE! – pensei sem conseguir abrir a boca.

A morte estava ali, sussurrando em meu ouvido que há tempos me rondava, mas que dessa vez ela iria me levar.

Engoli seco como nunca fiz na vida, completamente temerosa por sentir com tanta exatidão que algo ruim nos circulava ora ao meu lado ora ao lado do Luidi, pude ouvir perfeitamente três palavras que fizeram meu coração bater descompassado e minha respiração acelerar, se é que isso é possível, sendo agora eu, apenas uma alma perdida.

“Faça o acordo” eram as palavras vinda por aquela coisa ruim que baforava no meu pescoço com ar gelado, como as madrugadas de inverno.

Espremi os olhos e encostei cabeça no peito do Luidi, não quis escutar o que mais aqueles sussurros sopravam sem parar em meu ouvido, somente pensava que não queria morrer que ainda não fiz tudo que desejo fazer.

Aos poucos o frio do ambiente foi desaparecendo e tudo foi voltando ao normal, inclusive a luminosidade do corredor, agora o som do gerador era fácil de ouvir, um pouco mais atenta e percebi barulhos ao longe de carros e buzinas provavelmente de uma avenida próxima, respirei aliviada por tudo estar normal novamente.

Não sei se passou segundos, minutos ou horas, apenas sei que passou, aquilo ruim que estive ali havia nos deixado em paz.

Luidi sorriu para mim, mas agora não era um sorriso descontraído que apesar de tão pouco tempo eu já havia me acostumado, era um sorriso nervoso cheio de preocupação, talvez até medo daquilo que ficou a nos cercar.

Pulei num sobressalto, quando um dos enfermeiros saiu daquela mesma sala por onde as sombras estranhas correram. Ele empurrava uma maca, quando a maca passou por nos pude ver meu corpo ali, completamente inerte, cheia de tubos e fios ligados em mim.

Angustiada soltei-me dos braços do Luidi, cravei as mãos na cabeça completamente perdida e apavorada, indo para outra extremidade do corredor e sentei banco tentando pensar, tentando entender... alguém sentou ao meu lado, olhei somente para me certificar que havia mesmo sido o Luidi, afinal com tantas coisas estranhas poderia ser a morte, um anjo ou até mesmo um demônio querendo puxar conversa.

- Estou aqui e estou na maca... – balbuciei tentando entender.
- Sua alma está aqui e seu corpo está na maca...
- Estou em coma! – quis ser realista e aceitar que vou morrer.
- Está em coma, mas está viva!
- Viva? – quis ser irônica. - como posso estar viva, sendo eu agora uma alma perdida sentada num corredor de hospital...
- Não se viu na maca? Está respirando e parece tranqüila mesmo estando em coma...

Quis gritar! Como alguém pode ser tão passivo a tantas loucuras, talvez a única explicação seja essa, Luidi é um anjo que está aqui para me proteger, tão rápido como esse pensamento se formou ele se desfez. Como seria um anjo se está vestido de bombeiro? Definitivamente isso só aconteceria em minhas fantasias, isso se eu me permitisse ter alguma.

- Talvez eu não volte a andar!
- Talvez a medula esteja intacta e você ande normalmente ruivinha...
- Talvez eu não saia do coma!
- Talvez você saia do coma e iremos jantar em seu restaurante preferido, pediremos o prato mais caro, conversaremos e falaremos sobre bobagens... apenas você e eu...
- Talvez quando acordarmos não lembraremos de nada.
- Talvez a gente acorde e descubra que vivemos a maior aventura de nossas vidas... e fizemos isso juntos!
- Talvez essa aventura nunca acabe. – um medo percorreu minha alma, eu não queria ficar presa ali.
- Talvez ela dure o tempo suficiente para nos conhecermos...
- Talvez você me conheça e não goste de mim.

- Talvez eu tenha gostado de você antes mesmo de te conhecer, enquanto ainda lutava para salvar sua vida...

Ouvir essas palavras doces me fez olhar diretamente para ele.

- Talvez Luidi...

- É talvez... ruivinha...

Continuamos assim apenas nos olhando.

- Afinal o que está acontecendo, o que foi aquilo? – perguntei num sussurro.

- Acho que estamos presos entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos e aquilo que vimos e sentimos a pouco eram almas desgarradas que a morte, se não um demônio arrasta por onde passa...

Arregalei os olhos apavorada.

- Isso deveria me tranquilizar?

- Desculpe... não quis assustá-la, nem quero agora, mas aquela coisa disse no meu ouvido que um de nos precisa ir...– seus olhos assustados não desviavam dos meus. - ...não quero que você vá ruivinha, não dessa vez...

- Como pode ser?

- Eu não sei, é a primeira vez que isso me acontece... - ele respondeu e deu risada, como se tivesse recuperado o bom humor, parecia que nada daquilo era de verdade e nós ficamos em silêncio, talvez rir seja a maneira dele não sentir medo, porque eu estava apavorada.

Algun tempo passou até que ele levantou bruscamente, passou a mão no rosto e balançou um pouco a cabeça como se quisesse se orientar.

- O que foi agora? - quis saber, achando que meu coração não agüentaria tantos golpes, quer dizer, isso se meu coração estivesse aqui junto a minha alma.

- Deve ter alguma coisa está errada! Estou ficando cansado. – quase não entendi suas palavras quando o vi ir apressado para sala de cirurgia onde seu corpo estava sendo operado e quando entramos toda a equipe parecia agitada.

- Luidi, porque eles parecem preocupados?

- Porque eles estão me perdendo...

Seus olhos estavam fixos nos médicos, agora eu pude entender qual era a agitação, todos ali estavam correndo contra o tempo. Só nesse momento reparei que em volta havia diferentes monitores e aparelhos que provavelmente diziam qual era seu real estado, ouvi um médico dizendo que ele precisava resistir mais um pouco que logo tudo estaria sobre controle novamente.

O ambiente ficou pesado e novamente a luminosidade oscilou, mas diferente da primeira vez nenhuma sombra se mexeu, apenas uma sensação ruim tomou conta de mim como se alguma parte de mim estivesse a ponto de sumir.

- Doutor... - alguém começou a dizer a um dos médicos.

- Só mais alguns minutos, estou bem perto agora. – foi a resposta do médico parecendo irritado com todo aquele descontrole da equipe.

Completamente arrepiada senti o ar ficar mais gelado, imediatamente estiquei o braço de lado para alcançar o Luidi que imaginei estar ali, quando não encontrei nada olhei assustada e o vi se escorando na parede muito atrás de mim.

- Nós o estamos perdendo! - alguém gritou quando um dos monitores apitou, uma das enfermeiras pegou o desfibrilador.

Tudo era confuso e todos agiam ao mesmo tempo, o anestesista consultou a tela dizendo que o ritmo cardíaco estava crítico, enquanto outro médico pegava os ressuscitadores das mãos da enfermeira e os esfregou um contra o outro antes de colocá-los sobre o torax do Luidi.

Sob o impulso da descarga, o corpo de Luidi curvou-se antes de tornar a cair pesadamente sobre a mesa de operação. A linha da tela onde os médicos olhavam permanecia inalterável.

- Vamos, volte! Você consegue! - alguém gritou como se soubesse que o Luidi poderia escutar.

Ficou claro nesse instante que ele estava morrendo.

Corri até ele, ou melhor corri até sua alma, que curvado respirava com dificuldade apoiado na parede. Deus, como é possível? Sua alma tão forte e saudável aqui ao meu lado, mas seu corpo está ali deitado completamente sem vida... não o deixe morrer! Por favor, Deus, não o separe de mim...

Pedi como numa prece, esperando ser atendida.

- Luidi, o que pensa que está fazendo? – fiquei esperando uma resposta, mas ele apenas devolveu o olhar, como se não entendesse minha pergunta. - Droga! Pode me responder Luidi, afinal o que está fazendo?

- Nada, não estou fazendo nada, só me sinto cansado.

- Trezentos! - gritou o médico, olhei a tempo de vê-lo transferir à corrente, mas o corpo do Luidi ergueu sem qualquer sinal de vida.

- Luidi, precisa ser forte, precisa reagir! – gritei vendo seu semblante derrotado, como se apenas esperasse a morte levá-lo.

- Não sei como fazer isso, me sinto cansado, eu quero descansar.

- Depois você pode descansar, agora precisa permanecer vivo, não pode morrer, pense em viver, o que te faz viver? – fui falando assustada, lembrando das coisas que ele havia me dito, querendo que ele me escutasse e reagisse.

Ouvi novos comandos do médico e novamente a carga foi transferida, o tórax de Luidi se ergueu mais uma vez fazendo o traço verde do monitor se fundir antes de debulhar numa linha reta continua.

- O que te faz viver? Pense Luidi, pense!

- Não sei, não consigo pensar em nada, tudo está ficando confuso.

- Você me fez acreditar que ninguém morreria hoje! Vamos pense! – minha raiva era tão grande que me vi serrando os dentes ao dizer, me senti uma idiota por ter acreditado nele.

- Não sei no que pensar é confuso. - ele foi falando enquanto olhava seu corpo sobre a mesa de operação, onde todos os médicos e enfermeiros corriam contra o tempo para trazê-lo de volta.

- Olha para mim! – postei-me na frente dele segurando seu rosto. - ...isso mesmo, olhe para mim, agora pense... pense em sua família!

Quis ajudar, quis fazê-lo lembrar de algo que o fizesse viver, envolvi seus braços ao meu redor, deixando o espaço suficiente para que seus olhos e sua atenção ficassem apenas em mim.

- Família? Minha mãe morreu e não falo com meu pai há quase um ano... eles eram a minha família...

- Pense em sua namorada, você tem namorada? – fui falando apressada com as palavras cortadas e talvez até trocadas.

- Tenho. – sua resposta fez um pequeno sorriso aparecer no canto da sua boca.

- Ótimo, isso mesmo, pense nela, pense em como ficará feliz quando a ver, pense, vamos você consegue, reaja, por favor, você não pode morrer!

- Não consigo ficar feliz em ver nenhuma das duas... - ele respondeu sem graça e ergueu os braços como se quisesse se defender do comentário bobo.

- Duas! - repeti indignada. - têm duas namoradas? - perguntei sem pensar, mas quando ele abriu a boca para responder eu balancei a mão como se não quisesse ouvir. - não importa quantas namoradas tem... pense em outras coisas, seu trabalho! Isso pense em seu trabalho!

- Sete anos enfrentando a morte, uma hora ela ia vir me buscar. – seus olhos pareciam tristes e ele buscou seu corpo como se quisesse se despedir.

- Não olhe para lá! Apenas olhe para mim... - puxei seu rosto para que ele se concentrasse apenas em mim.

- Estou olhando para você. - ele respondeu sorrindo. - morrerei feliz por estar olhando para coisa mais linda desse mundo.

- Viver, viver, viver, pense em viver! - gritei.

- Outra ampola de cinco miligramas de adrenalina e uma unidade de lidocaína, agora mesmo! - um médico gritou.

- Não sei o que me faz viver... estou cansado e preciso descansar.

Quando o vi seu olhar se perder vendo seu corpo sem vida na mesa de operação, senti como se ele realmente estivesse indo embora e tudo que vinha na minha cabeça era que ele não podia morrer.

- Continue olhando para mim, só para mim... mantenha seus olhos em mim... - eu pedi querendo de coração que ele vivesse, supliquei a Deus que os médicos conseguissem fazer sua parte, enquanto eu o convencia a voltar pra mim.

- Estou confuso e cansado muito cansado... – sua respiração ficava mais difícil a cada minuto e mesmo não querendo eu o vi fechar os olhos tentando continuar em pé.

- Olha para mim! - gritei, erguendo seu rosto fazendo com que ele abrisse os olhos.

- Pense em seus amigos, aqueles que estavam lá fora angustiados, qual o nome deles? – tentei me lembrar dos nomes, mas não consegui por isso insisti certamente ele recordaria. - Pense neles, vamos pense!

- Nestor e o cabeça dura do Nunez. – ele parecia feliz por ter se lembrado deles.

- Isso, pense no Nestor e no Nunez. Eles estavam angustiados com o que aconteceu devem ser grandes amigos, pense na amizade de vocês e reaja!

Afastei-me um pouco sem soltar suas mãos e virei uns instantes para olhar seu corpo deitado a mesa de operação esperando que ele voltasse a vida.

- Você não está reagindo... – falei devagar voltando a olhar para ele. - vamos reaja! – gritei percebendo que nada acontecia, ele me olhou como se não tivesse resposta para aquilo e eu me apavorei. - Pense na sua amizade com seus amigos, pense, reaja Luidi e volte para mim! – gritei batendo com força em seu peito. – Volta pra mim... – supliquei usando toda força que tinha, queria que ele reagisse a minha fúria.

- Ruivinha, estou pensando, juro! – senti quando ele segurou com mais força as minhas mãos para que eu não batesse mais.

- Por favor, volte... - pedi num sussurro, respirando com dificuldade olhando para ele com medo e o vi tentar sorrir.

- ...acho que chegou a minha hora...

- Não! Não aceite, lute!

O som do desfibrilador sendo carregado preencheu toda a sala, olhei para seu corpo e vi seu peito se levantar num último esforço para reter a vida que se ia, infelizmente o traço do monitor permaneceu igual, era como se todas as esperanças se encerrassem. Luidi me segurou pela cintura me fazendo olhar para ele.

- Eles já fizeram mais do que o necessário... – ele começou acariciar meu rosto talvez tentando me acalmar ou me fazer aceitar.

- Ninguém vai morrer hoje... – falei com tristeza na voz, tentando me manter firme.

- você disse! Ninguém vai morrer hoje!! – gritei, tentando não piscar, mas ainda assim as lágrimas caíram.

- Basta! Deixe que ele se vá... - um dos médicos falou e todos pareciam ter dado por encerrando as tentativas de reanimá-lo.

- NÃO! – gritei procurando pela sala o médico que não me ouvia.

- Acho que agora é o fim, me deixa ir ruivinha...

- Meu nome é Gisely, seu idiota! Como pode querer ir? Ir para onde? Isso aqui é morrer! Morrer, morrer, morrer! – gritei enfurecida com o coração angustiado. Ele me olhou triste como se eu fosse uma criança.

- Então acho que é minha hora de morrer...

Ele me puxou para um abraço apertado, daqueles que se prolongam e enche o ambiente de carinho, quando me soltou eu não quis que ele me visse chorar, coloquei minha mão trêmula na testa desesperada e com muito medo.

Respirei algumas vezes antes de decidir se aceitaria que ele fosse ou se o queria aqui ao meu lado, pela última vez quis olhar para ele, guardar na memória seu bom humor que tanto me irritou nas últimas horas, mas assim que ergui os olhos estava lá, eu nem sei como, talvez por pretensão ou até por desespero, mas era evidente... eu simplesmente soube como fazê-lo viver...

Fiquei na ponta do pé e como última súplica eu pedi.

- Fica comigo!

Um beijo atrapalhado aconteceu, envolvi meus braços nele de maneira confusa enquanto o beijava, fiquei tensa quando ele não devolveu o beijo e ainda na ponta do pé, encostei minha boca em seu ouvido e como num sussurro voltei a pedir.

- Por favor... não me deixe novamente!

Foi como o despertar, ele me enlaçou em seus braços me beijando também, segundos se passaram, mas sinceramente naquele momento eles pareceram eternos para mim.

O som contínuo do monitor interrompeu-se bruscamente e foi substituído por uma série de ruídos breves, fazendo com que os médicos que saiam da sala parassem para prestar atenção, eu ainda o beijava suplicando em meus pensamentos para que ele ficasse, o som do monitor começou a oscilar e por fim adotou um aspecto quase normal, como um eco para as batidas de seu coração, aos poucos ele me soltou e sorriu me fazendo sorrir também.

- Doutores, como disse... essa é uma ótima noite para salvar vidas! Vamos continuar o garotão quer viver...

Nós ouvimos um dos médicos dizer enquanto via aquele sorriso lindo ali na minha frente.

- Obrigado ruivinha... – o escutei dizer em meu ouvido e pude então fechar os olhos aliviada e relaxar em seus braços, sentindo uma sensação maravilhosa de segurança e paz.

- Gisely... meu nome é Gisely...

O som de nossas risadas preencheu o ambiente.

Pisquei algumas vezes, tentando me orientar, pude ouvir o som de um bip que seguia uma seqüência quase rítmica, virei um pouco e percebi um monitor; ao lado o soro pingava lentamente e pela janela entrava claridade anunciando que era dia, a confusão era grande e o medo da morte que antes eu senti ainda estava em meu peito como se ela rondasse minha cama.

Aos poucos tudo que eu havia passado foi voltando em minha cabeça, junto com as lembranças vieram as de estar fora do corpo e isso me aterrorizou quis que elas sumissem ou simplesmente se apagassem, junto com elas outras lembranças surgiram, lembranças do Luidi, mas essas mesmo que fossem irreais eu queria preservar.

Tentei me erguer, tentei sentar, mas não consegui, tentei chamar alguém, mas o som não saiu, então esperei ansiosa e receosa para que alguém aparecesse e me contasse exatamente o que aconteceu.

Não sei quanto tempo demorou, mas em algum momento a porta foi aberta e por ela entrou aquele mesmo médico que me operou de madrugada e ao lado dele uma enfermeira de meia idade.

Sem perceber que eu estava acordada entraram conversando sobre a gravidade da lesão causada em minha medula, ao ouvir a palavra medula meu corpo gelou e o medo de não voltar a andar se instalou completamente.

- Olá, que bom que acordou... bom dia! Sou o Dr. Dionísio, vou examiná-la.

Dr. Dionísio, era um médico simpático, cabelos brancos e rosto gentil, como o papai Noel que vemos nos filmes. Enquanto ele me examinava a enfermeira de meia idade apenas observava, talvez mais interessada nele do que em mim, porque não tirava os olhos do médico.

- Lembra-se de alguma coisa?

- Sim... – tentei dizer, mas sem que qualquer som saísse da minha boca.

- Não está conseguindo falar? - ele se aproximou mais para tentar me ouvir e novamente nada aconteceu, mesmo eu tendo certeza que pronunciei algumas palavras. - tente dizer alguma coisa, qualquer coisa, apenas tente...

Apesar do semblante imparcial, estava evidente sua preocupação, ele ampliou o sorriso, talvez tentando amenizar meu medo que a essa altura estava estampado em meu rosto.

Fechei os olhos e tentei me concentrar eu precisava sair daquele pesadelo, isso não podia estar realmente acontecendo, então comecei a ouvir uma voz de mulher, era a voz da enfermeira.

- Nossa, bem que a Fran comentou... esse cirurgião é um coroa charmoso, olha só o jeito dele, parece um galã de novela. - abri os olhos tentando entender, como ela falaria isso assim na presença do médico, imediatamente constatei que ela não abria a boca, apenas olhava para o médico como se o estivesse examinando. Assustada eu olhei para o médico que ainda sorria para mim e pude ouvir seus pensamentos nitidamente.

- Tente garota, você consegue, vamos tente... – era a voz do médico, mas sua boca não se mexia.

Com medo do que estava acontecendo, fechei os olhos, mas os pensamentos deles continuavam entrando na minha cabeça e com esses outros também começaram a aparecer, primeiro quando alguém passou no corredor e outros mais que eu nem sabia de onde vinham.

Todos os pensamentos começaram a se misturar até que tudo virou uma grande cacofonia, apertei os olhos e tampei os ouvidos com as mãos querendo fazer aquelas vozes sumirem.

Ficou difícil conseguir respirar, por mais que eu tentasse o oxigênio não era suficiente para encher meus pulmões, senti frio... muito frio como se eu entrasse numa câmara frigorífica, fui sentindo meu sangue gelar lembrando daquilo que me visitara antes lá em cima no corredor do centro cirúrgico.

Talvez fosse a morte de novo ou um demônio como disse o Luidi, tentei me orientar, mas a claridade não era total, como se o dia estivesse aos poucos se tornando noite, me encolhi quando as sombras correram pelas paredes do quarto como animais em disparada, ruídos e gritos chegaram a minha cabeça e toda minha visão foi ficando turva.

Chorei quando senti o bafo gelado bem perto do meu ouvido, como se sentisse prazer em me amedrontar, sussurros confusos tentavam formar palavras... aquilo era diferente dos filmes, era real seja lá o que fosse, realmente estava lá ao meu lado se divertindo ao me aterrorizar.

Espremi os olhos percebendo que meu corpo era jogado de um lado para o outro, talvez o médico e a enfermeira tentando me socorrer, talvez eu estivesse tendo uma convulsão ou pior aquela coisa estivesse usando meu corpo como marionete.

A única coisa que eu queria era estar segura novamente, pensei no Luidi de alguma maneira eu sabia que ao lado dele eu ficaria bem... os sussurros intensificaram como se me obrigando a ouvir, palavras confusas e desconexas eram ouvidas cada vez que eu sentia o bafo gelado perto do meu ouvido, mas antes que toda tormenta acabasse um único som ficou audível, como se pronunciado por um animal, talvez um animal bestial... três palavras que me fizeram petrificar.

- Faça o acordo... – pude ouvir como se o vento frio entrasse por meu ouvido indo direto a minha cabeça.

Então tudo escureceu como num pesadelo sombrio.

Mundo dos mortos

- Apareceu ruivinha? - uma voz conhecida perguntou me fazendo abrir os olhos, olhei em volta e eu estava sentada em uma maca em algum corredor ainda dentro do hospital, ao meu lado estava o Luidi, e ele sorria me olhando.

- Gisely! - eu disse agitada olhando para ele confusa que sorriu ainda mais.

- Apareceu Gisely!

- Como voltei para cá? - perguntei olhando em volta vendo que novamente estava com as roupas que estive no bar, elas estavam intactas e eu sem qualquer arranhão, como se nada daquilo estivesse realmente acontecendo.

Contive minha respiração, sem lembrar direito porque eu me sentia tão perturbada, num gesto quase automático passei a mão no cabelo, sorri, eu podia me mexer completamente, balancei minhas pernas sentada na maca e minha fala saía perfeitamente, era se a cada minuto tudo indicasse que eu estava bem novamente.

- Porque está sorrindo?

- Posso falar! – respondi entusiasmada deixando que toda aquela perturbação simplesmente desaparecesse.

- E isso te deixa feliz?

- Porque você me irrita tanto? Como eu vim parar aqui de novo? Onde posso achar alguém que me ajude ao invés de ficar me irritando...

- Qual resposta quer primeiro? – quase pude ouvir sua gargalhada alegre, mas ele se conteve a tempo.

- Porque sempre diz isso?

- É essa resposta que quer primeiro?

- Porque você é tão irritante e se comporta como um idiota?

- Ah! Então quer essa resposta? - ele ia respondendo totalmente despreocupado enquanto balançava as pernas tranquilamente, sentado ao meu lado.

Olhei em volta procurando por algo, mas não sabia ao certo o que, talvez aquela sensação perturbadora fosse por todos esses acontecimentos serem tão irreais, voltei a olhar para o Luidi que ainda sorria com ar convencido, sem agüentar desabafei.

- Deus, eu sei que posso estar sendo mal agradecida, mas eu pedi um anjo e no lugar você me manda esse cara, ele é completamente imbecil! – olhei para o teto como se estivesse mesmo falando com Deus.

- Não ficou feliz em me ver? – ele perguntou erguendo a sobrancelha de maneira charmosa.

- Não! – disfarcei e olhei de lado evitando que minha alegria por estar ao lado dele me denunciasse.

- Está mentindo!

- Porque mentira? – quis usar um tom de despeito para não dar o braço a torcer.

- Vamos... me de esse prazer, diga!

Quando virei para encará-lo tentei permanecer séria, mas ele sorria lindamente e seus olhos escuros como a noite me enfeitiçaram, fiquei sem jeito e qualquer mentira que eu pretendia dizer simplesmente sumiu de meus lábios e outras palavras saíram sem que eu ao menos notasse.

- Dessa vez eu posso te fazer feliz... – ele franziu a testa rindo de minhas palavras esquisitas. – Quer dizer... se vai te fazer feliz... posso afirmar que em outras circunstâncias teria ficado contente em te ver...

Antes que dissesse mais alguma besteira, pulei da maca e fui para perto da janela onde o dia estava lindo lá fora.

- Podemos tentar isso quando sairmos daqui... – ouvi sua voz bem atrás de mim e sorri sozinha, virei com ar de superioridade para dizer.

- Luidi, fique certo... eu sei daqui... inclusive estava no quarto agora mesmo tentando conversar com aquele médico que me operou de madrugada...

Voltei a fitar o dia lá fora confusa por me lembrar mais uma vez que lá eu não conseguia falar ou tão pouco mexer minhas pernas.

- Ou! E decidiu voltar para cá porque ficou com saudades de mim? Estou encantado ruivinha...

- Gisely... seu idiota! – falei irritada. – qual o seu problema, hein? Nunca saiu com uma ruiva?

- Não, com uma legítima... você sabe, hoje em dia com tantas tinturas e tudo mais... qualquer uma pode ser ruiva... mas você... – ele me olhou, mas quando achei que ele fosse me devorar com os olhos ele desviou o olhar sem jeito e pareceu gaguejar. – v-vo...cê tem algo diferente... q-quer d-dizer d-diferente porque está presa aqui comigo no mundo dos mortos!

O encarei por alguns segundos, pensando se tinha mesmo ouvido ele gaguejar.

- Às vezes você tem respostas idiotas e confusas, sabia Luidi?

Ele ficou me olhando por algum tempo, era como se pensasse sozinho para dizer algo, mas aparentemente desistiu porque no segundo seguinte estava sendo irritante novamente.

- O que quer que eu diga, estamos presos mesmo, olha em volta, vê alguma luz? - ele disse zombando por eu ter dito isso antes.

Passou por mim e encostou-se na janela ao meu lado, colocou as mãos no bolso do uniforme de bombeiro como um Dom Juan. Posso afirmar que isso foi intencional, aquele tipo de gesto que os homens fazem quando estão certos que nos farão babar.

Admito, ele estava conseguindo!

- Alguma luz? – descaradamente ele me zombava.

- Não, nenhuma luz...

- Então, acho que somos apenas você e eu. – ele respondeu erguendo as sobrancelhas sugestivamente.

- O que quer dizer?

- Você e eu, eu e você, ninguém mais aqui... sabe-se lá até quando!

- Nada aqui é de verdade, vamos acordar e não vamos nos lembrar de nada disso... você nem saberá quem eu sou...

Quis sair de perto dele e fui dando alguns passos para longe em meio a um corredor que eu nem sabia qual era.

- Mas o beijo foi de verdade! – ele bloqueou minha passagem.

- Num momento de desespero! - respondi desviando para continuar a andar.

- Mentira sua, em algumas horas essa foi há segunda vez que pediu para que eu ficasse com você, ninguém faz isso só por desespero.

- Pode ter certeza que no desespero fazemos qualquer coisa!

- Tudo bem, sou um cara paciente, uma hora você vai admitir que sentiu minha falta como eu senti a sua quando sumiu...

- Não vai ouvir isso de mim, fique certo!

- Ok, eu espero nem sei quando vou sair daqui mesmo, além disso, gosto de você! – parei de andar para encará-lo.

- Gosta?

- Sim... você salvou minha vida!

Ele respondeu da maneira mais simples possível, como se essa conversa boba não estivesse acontecendo nesse mundo estranho.

- Mas você salvou a minha, então estamos kits Luidi!

Continuei andando pelo corredor, mas o Luidi ficou parado com as mãos no bolso e eu olhei para trás para saber o que havia acontecido.

- O que foi agora? - perguntei olhando o jeito pensativo dele.

- Você está certa, estamos kits, vou precisar arrumar outra desculpa... para sair com você!

Dei risada de verdade vendo seu jeito despreocupado ao falar e tudo ficou escuro novamente.

Abri os olhos mais tarde e ouvi novamente o som de um bip que seguia uma seqüência quase rítmica, estava de volta ao quarto no mundo dos vivos, pensei sorrindo de leve, lembrando do Luidi que sempre dizia isso.

Tudo parecia igual, a única coisa diferente ali era que pela janela não entrava mais claridade e havia uma luz acesa dentro do quarto, provavelmente já era noite.

Ouvi um ronco e olhei para o lado, vi meu pai largado no sofá, quis me sentar, mas minhas pernas não mexeram, abri a boca para chamá-lo, mas o som não saiu, fechei os olhos, talvez fosse melhor se eu pudesse voltar e ficar no mesmo lugar onde o Luidi estava, ao menos lá eu podia falar e andar, suspirei desanimada esperando o dia clarear.

Percebi quando alguém se aproximou então rapidamente abri os olhos vendo o Dr. Dionísio que pareceu feliz ao ver-me acordada, só então meu pai acordou, agradeceu aos céus por me ver acordada e saiu do quarto indo chamar minha mãe.

O médico fez uma série de exames clínicos ali mesmo no quarto, ia explicando que boa parte das minhas limitações eram decorrência do trauma, mas que logo tudo voltaria ao normal.

- Aperte minha mão com força! - o médico pediu colocando suas mãos entre as minhas e eu as apertei. - Aperte o máximo que conseguir... - esforcei-me o quanto pude para apertá-la mais. - Ok, ótimo querida... - ele disse me olhando, mas em seguida pude ouvi o que ele pensava e me assustei.

- Talvez um novo exame, mostre o que há de errado com ela, isso não é comum... Olhei em seus olhos e ele voltou a sorrir sem nem imaginar que eu podia ouvir seus pensamentos.

- Fique tranqüila querida, vou pedir um novo exame e mais tarde volto para vê-la, não se preocupe esperávamos por isso... Seus pais estão lá fora e devem entrar agora... - ele disse saindo me deixando sozinha no quarto.

Você alguma vez quis ser uma mosquinha para escutar o que os outros estão falando, bem acho que a maioria das pessoas já quiseram, não posso negar que uma vez ou outra eu também quis, mas agora percebi que consigo ouvir o que as pessoas pensam e sinceramente estou com medo do que posso ouvir.

A porta voltou a abrir e meus pais entraram, tentei sorrir aos vê-los, tive pena por eles estarem sofrendo por minha causa, apesar de minha irmã não estar com eles, era como se eu pudesse vê-las no jeito e nos gestos de cada um deles.

Nós herdamos os cabelos ruivos e olhos verdes do meu pai e a graciosidade do corpo pequeno da minha mãe, mas Irene, minha irmã, foi mais esperta e aproveitou enquanto Deus estava distraído e roubou a simpatia e desembaraço da minha mãe. Sempre quis ser como elas, mas desde a escola quando começaram a me chamar de enferrujada por causa das sardas, meu desembaraço sumiu, fiquei cada vez mais tímida e envergonhada.

Mesmo hoje, apesar de me achar bonita e muitas vezes gostar do que vejo no espelho, tenho dificuldade de me relacionar, poucos me conheçam de verdade, tenho medo de ser eu mesma e as pessoas não gostarem de mim, talvez por isso eu relevo tanto as coisas e não consigo me impor.

Meus pais entraram e se aproximaram, minha mãe estava chorando desesperada e meu pai com cara de preocupado, talvez o médico tenha dito algo sobre eu nunca mais andar, por isso também chorei.

Quis tanto dizer-lhes que estava bem que tudo ficaria bem, independente do que acontecesse, mas nenhuma palavra saía da minha boca, minha mãe se aproximou e pegou a minha mão.

- Gisely, filha... você está bem? – balancei a cabeça indicando que sim, mas continuei ouvindo sua voz e foi com tristeza que percebi que agora eram seus pensamentos.

Infelizmente quando as pessoas pensam elas não se importam em ter cuidado com as palavras.

- Pobrezinha da minha criança, tão machucada, tão nova, meu Deus, não a deixe nesse estado. - apertei a mão dela e tentei sorrir, para que ela percebesse que tudo ficaria bem, ela apertou minha mão em resposta e a repousou em seu peito voltando a chorar descontroladamente.

- Gisely meu anjo, vai ficar tudo bem, vamos ter fé! - virei e vi meu pai falando do outro lado da cama, ele repousou sua mão sobre a minha porque nesse braço estava o soro e tinha o curativo onde eu havia levado o tiro no ombro, ele tirou um lenço do bolso e passou em seus olhos, tentando disfarçar as lágrimas que ali estavam.

- Estou resfriado! - Ele disse me olhando...

Sorri emocionada, meu pai é um homem durão, um ruivo alto e corpulento que mete medo em muita gente e agora estava ali, pobrezinho tão aflito e apreensivo por me ver naquele estado.

- Filha, você vai ficar boa, você é uma lutadora, vai conseguir! - ele pensava e eu podia ouvir nitidamente, sua energia tão positiva que me deu força e encheu meu coração de alegria.

Os dois ficaram ali ao meu lado, minha mãe apertava tanto a minha mão que ela chegou a formigar, dei pequenos puxões tentando fazê-la entender que precisava soltá-la, mas ela permanecia firme ali, tadinha, talvez estivesse com medo que eu entrasse em coma novamente.

- Seu namorado esteve aqui. - meu pai disse.

Quando olhei para ele eu soube que era mentira, em sua mente ele procurava alguma desculpa para não ter que dizer que o Leonel não havia aparecido, provavelmente estava fazendo isso na tentativa de me poupar, eu apenas sorri tristemente, percebi que o mundo que eu conhecia antes, agora tinha mudado, as pessoas iam ter pena de mim.

- Irene e Magali também... - ele completou sorrindo e seus pensamentos diziam que elas realmente haviam estado lá, muitas vezes e que estavam preocupadas com o meu estado.

Havia tantas coisas que eu gostaria de perguntar, mas não sabia como, então bati o dedo na mão do meu pai e fiz um movimento com a mão para que ele percebesse que eu queria escrever, ele me olhou e sorriu.

- Quer escrever?

Enquanto meu pai saiu para pedir papel e caneta a uma das enfermeiras, minha mãe ficou ao meu lado, com gestos ela nervosa sem saber o que fazer, tentava arrumar meu cabelo e limpar meu rosto, enquanto ajeitava sem parar o lençol em volta da cama, quando passou pelo meu pé colocou as mãos neles, mas eu não senti, ela me olhou e sorriu, enquanto pensou.

- Os pés dela estão frios, meu Deus, será que ela vai voltar a andar? - Apenas virei a cabeça para o outro lado, fechei os olhos para que ela não percebesse que eu havia visto o que ela fez.

Meu pai voltou com alguns papéis na mão e me entregou numa prancheta, deveria ter conseguido com uma das enfermeiras, fiz movimentos com as mãos para que meu pai entendesse que deveria erguer mais a cama.

- Erguer a cama? Não pode sentar ainda Gisely, o médico disse não deve se mexer até os próximos exames...

- O que aconteceu? - escrevi, mostrando ao meu pai.

- Você ligou para o Leonel e pediu para ele te encontrar em um bar... – imediatamente balancei a cabeça negando isso, provavelmente aquela era a versão do Leonel. - foi isso que ele nos disse, Gisely.

Revirei os olhos. Idiota o Leonel.

- O bar foi assaltado... teve um tiroteio e... você foi ferida...

De repente os pensamentos da minha mãe foram tão fortes que lotaram minha mente, era como se eu não entendesse o que meu pai dizia tamanha era a aflição dela ao pensar.

- Não conte! Não conte! Tadinha não vai mais andar, não conte! – seus pensamentos eram nítidos, essas palavras ecoavam em minha cabeça, cada vez mais forte e cada vez mais alto.

- ...filha, eles a operaram e o médico disse que os exames não mostram nada que aparentemente a medula não está lesionada que está tudo ok e você vai ficar boa.

Olhei para o meu pai esperando que ele pensasse em algo que desmentisse o que ele havia acabado de dizer, mas a única coisa que ele pensou foi em sua fé em Deus e que eu ia conseguir, que eu sou uma lutadora e que tudo ficaria bem em breve, então sorri para ele.

- Eu fiquei em coma? - escrevi e mostrei a ele a pergunta.

- Sim, ficou em coma por cinco semanas... Filha, não importa o tempo que esteve em coma, o importante é que está de volta aqui conosco.

Era reconfortante saber que seus pensamentos diziam o mesmo.

- Cinco semanas? - escrevi, soltando a caneta. Lembro apenas de alguns momentos ao lado do Luidi, onde eu estava o resto do tempo?

O som dos pensamentos da minha mãe me assustava, ela pensava tão alto como se estivesse gritando dentro do quarto, então eu virei e olhei para ela desejando que ela parasse de pensar.

- O que ela está fazendo? - minha mãe pensava. - será que vai ficar sem falar também? – ela continuava a pensar. - santo Deus, o que eu fiz para merecer isso? - Como vamos dar conta de tudo ela precisa de cuidados especiais? – seus pensamentos aflitos me atingiam diretamente. - Gisely sempre foi bobinha, acredita nas pessoas, Irene nunca teria feito isso, minha filha num bar! – ela continuava a pensar.

Fiquei assustada com todos aqueles pensamentos negativos fiz sinal para que ela parasse, mas ela não entendeu continuava pensando e pensando sem parar.

- Será que o tiro afetou mais algum outro lugar e ela vai ficar louca! - minha mãe pensava me olhando assustada.

- Peça para ela parar, por favor! - escrevi e mostrei ao meu pai. Ele leu e me olhou sem entender, eu bati a caneta no papel onde havia escrito e ele olhou para o papel e me olhou novamente.

- Melhor sair do quarto Fran, deixa ela descansar um pouco. - ele disse a ela e eu não precisei olhar para saber que ela não gostou, porque seus pensamentos deixaram claro isso.

- Ela sempre foi mais agarrada a ele! - minha mãe pensava magoada. - sempre soube que um dia ela faria isso, filha mal agradecida. - minha mãe pensava com tristeza. - a gente faz de tudo a vida inteira e num momento como este, ela pede para eu sair...

Ouvi seus pensamentos cheios de tristeza também e me entristeci, suspirei e escrevi.

- Diga para ela ficar. - mostrei a meu pai que me olhou e depois disse a minha mãe que deveria ficar, mas que ficasse quieta.

- Mas eu estou de boca fechada, quem está falando é você!

Eles começaram uma discussão que parecia não ter fim, o quarto foi sendo invadido por seus pensamentos tristes e rancorosos, desejei do fundo do coração que eles parassem de pensar... coloquei as mãos no ouvido tentando não escutar os pensamentos quando ouvi alguém me chamar.

- Ruivinha! - abri os olhos procurando o dono daquela voz que soprava como música em meio a tanta confusão, o vi no final da cama sorrindo pra mim.

- São seus pais? – Luidi apontou para eles que discutiam sem parar, eu afirmei com a cabeça.

- O que esta acontecendo? Onde está aquela porrada de perguntas que você faz quando me vê? – quis de alguma maneira poder dizer que não conseguia falar.

- Quer que eu vá embora? – assustada com a possibilidade balancei a cabeça rápido informando que não. - Não me diga que não pode falar? – havia um sorriso maroto em seu rosto que me fez rir também, ergui os ombros e fiz um leve movimento na cabeça para que ele soubesse que acertou em cheio. - Teria ficado mais feliz se tivesse acontecido onde nos encontramos antes...

Voltamos a rir, mas ele foi olhando meu estado ali na cama deitada e aos poucos foi parando de rir.

O que foi? – quis perguntar, mas não sabia como fazer, então fiz um leve movimento com a cabeça para que ele se aproximasse.

Ele pareceu pensar vendo minha mãe de um lado e meu pai do outro, mas resolveu arriscar, quando ele passou por trás da minha mãe, ela se encolheu esfregando os braços.

- Está esfriando, melhor pegar um cobertor para você... - ela falou simplesmente dando por encerrada a discussão com meu pai, depois saiu do quarto a procura de uma enfermeira que pudesse lhe dar um cobertor.

- Nunca imaginei que as pessoas pudessem realmente sentir a presença de espíritos. Olhei para ele e me senti como um imã, tudo nele me atraía, seu corpo, seu cheiro, seus gestos, suas gracinhas, tudo naquela alma perdida me deixa fascinada.

Quando ele olhou diretamente para mim meu coração disparou assustado, talvez ele tivesse vindo dizer adeus, algumas lágrimas embaçaram meus olhos e caíram sem permissão.

- Calma, vai ficar tudo bem... – ele respondeu apressado vendo que eu chorava, tentou passar a mão no meu rosto para secar as lágrimas, mas apenas senti algo frio, acariciando minha face.

- Eu não posso tocar em você... – era como se ele não pudesse acreditar nisso, tentei colocar a minha mão sobre a dele, mas também não consegui segurá-la, era como encostar no mármore gelado e minha pele completamente arrepiada.

- Porque está chorando filha? - olhei sem saber como me expressar, ele pegou o papel e a caneta e me entregou.

- Você veio dizer adeus? - escrevi sem me importar que meu pai visse ou pensasse que era com ele, virei o papel na direção do Luidi.

Meu pai ficou observando o que eu fazia e começou a pensar que eu estava agindo de maneira estranha e que talvez fosse melhor chamar o médico.

- Acho que ainda não chegou a hora de dizer adeus. – foi a resposta do Luidi encostando sua mão fria na minha lamentando por não poder segurá-la.

- Gisely, eu estou desse lado, você não está me enxergando? - meu pai perguntou tocando minha mão, onde a mão do Luidi estava também, imediatamente meu pai a soltou como se tivesse segurado uma pedra de gelo de maneira inesperada.

- Sua mão está fria Gisely, ainda bem que sua mãe foi buscar um cobertor...

Peguei a caneta novamente e escrevi.

- Porque está triste? - escrevi virando o papel para que o Luidi lesse.

- Gisely... - meu pai chamou e eu risquei o que estava escrito e sorri para ele, esperando que ele esquecesse a maneira insana que eu estava me comportando.

- Estou triste porque você está machucada... - o Luidi respondeu, tocando meus lábios e minha testa, passei o dedo e senti minha boca cortada e alguns pontos na testa.

Olhei em volta quando ouvi os pensamentos intrigados do meu pai.

- Tem alguém aqui com ela, tem mais alguém aqui no quarto...

Eu peguei a caneta e escrevi no papel.

- Espelho. - mostrei a meu pai, ele olhou em volta a procura de algo, depois entrou no banheiro, mas saiu rapidamente.

- Gisely, o espelho daqui é fixo, vou ver se sua mãe tem algum...

Enquanto deixava o quarto seus pensamentos diziam que ele estava aliviado por ter um motivo para sair, já que eu estava agindo estranho, talvez vendo um fantasma ou uma alma penada.

Sorri, pensando que ele acertara, eu estava vendo uma alma, mas não uma alma penada!

- Porque quer um espelho ruivinha?
- Devo estar horrível! – escrevi e sorri sem graça.
- Não se preocupe, sei o quanto você é linda, eu a vi antes sem qualquer machucado, lembra?

- O que aconteceu? Cinco semanas? Onde esteve? - escrevi no papel e mostrei a ele.

- Qual resposta quer primeiro? – ele deu risada e em seguida foi falando. - Você esteve em coma por cinco semanas e acordou algumas vezes, mas parece que agora está melhor e só questão de tempo para sair daqui.

- Como você está?
- Continuo em coma...
- Nesse hospital?
- Sim, estou na UTI... lá em cima...
- Porque eu posso vê-lo e os outros não?
- Porque você é especial... – ele disse simplesmente e eu revirei os olhos.
- Você está muito sério, gosto mais quando é brincalhão e irritante! - escrevi mostrando a ele sorrindo, mas ele não devolveu o sorriso, apenas buscou o ar tirando a mão que tentava acariciar meu rosto, olhou por todo o quarto provavelmente buscando as palavras certas.

- É difícil ser brincalhão e irritante vendo você assim tão machucada... acho que não fiz meu trabalho direito...

- Salvou a minha vida! – escrevi.
- Gostaria de ter feito mais... ter chegado antes... a ter conhecido antes... não ter deixado você estar naquele lugar... você estava quase morta quase eu a encontrei... - ele dizia assustado.

- Estou viva e tudo graças a você! - escrevi mostrando a ele.
- Mas preferia que as coisas tivessem acontecido de maneira diferente...
- Então, eu estou tão horrível assim? - escrevi fazendo ao lado um rosto de um boneco triste ☹.

- Não, você está apenas machucada... ficará linda novamente...

Meu pai voltou ao lado da minha mãe que se aproximou colocando o cobertor em mim, ajeitando sem parar.

- Pronto assim vai ficar quentinha filha...
- O espelho! - meu pai disse irritado, e minha mãe se afastou tendo pensamentos de como às vezes, meu pai consegue ser tão mal educado com ela e que isso a magoa muito.

Ergui o pequeno espelho e aos poucos fui vendo o quanto estava machucada, havia um corte nos meus lábios e ele parecia quase cicatrizado, mas o hematoma labial dava um aspecto horrível em contraste com a pele clara, em minha testa havia uma cicatriz, contei 8 pontos, havia uma mancha de sangue em um de meus olhos como se algum vasinho tivesse estourado, um curativo no ombro onde o tiro de raspão havia pego, usava roupas do hospital que ficavam enormes em mim, meus braços estavam arranhados e com pequenos cortes algumas com casquinhas de cicatrização, além de hematomas alaranjados espalhados pelo corpo, imaginei que esses hematomas foram feitos por minha pele ser muito clara e qualquer apertão mais forte sempre deixava marcas assim, eu havia emagrecido por estar a cinco semanas me alimentando só por líquidos, havia uma sonda porque eu não tinha condições de levantar para ir ao banheiro e uma de minhas pernas estava enfaixada do joelho para baixo provavelmente da operação para retirada da bala, minha aparência era desoladora, eu estava horrível!

Ele colocou a mão no espelho como se quisesse tampá-lo para que eu não visse mais minha imagem refletida, então eu virei e olhei, sem saber o que dizer.

- Não se preocupe com sua aparência agora, concentre-se em sua recuperação... logo tudo será como antes, mantenha sua mente sã para que seu corpo se reestabeleça, além disso ruivinha, nunca na vida esquecerei o quanto você é linda! – Luidi disse sorrindo para mim e eu fiz uma careta para que ele entendesse que não devia me chamar de ruivinha.

- Porque escreveu essas coisas? - meu pai perguntou mostrando o que eu havia escrito para o Luidi, peguei a caneta e risquei tudo escrevendo embaixo, “bobagens esqueça!”

- Tudo bem... - meu pai sorriu e foi sentar no sofá, enquanto minha mãe ficava ali ao meu lado passando a mão no meu cabelo sem parar.

- Eu preciso ir... - Luidi disse começando a se afastar, estiquei os braços apressada, para alcançá-lo, esbarrei os dedos em sua camiseta, mas ela simplesmente escapou deixando claro que eu não conseguiria agarrá-lo.

Apenas quis que ele ficasse, então bati as mãos na cama tentando fazer algum barulho que chamasse sua atenção, ele parou sem olhar, meu pai e minha mãe estavam atentos aos meus movimentos, seus pensamentos indicavam isso.

Nesse momento eu não me importava com o que eles estivessem pensando apenas queria o Luidi um pouco mais ali, por isso, voltei a bater na cama fazendo barulho enquanto ele permanecia parado, decidindo se ia ou se voltava.

Bati mais uma vez e dessa vez nem foi com força, ele virou e voltou na minha direção, se inclinou ficando bem perto, fazendo todo meu corpo arrepiar sentindo um frio intenso, deslizou os dedos em algumas mechas do meu cabelo que estava bagunçado, acariciou meu rosto com sua mão gelada e encostou seus lábios nos meus me fazendo amolecer.

A sensação não era de um beijo comum, era como ser envolvida por uma corrente fria que sopra no outono enquanto caminhamos agasalhados na rua, pude sentir seus dedos frios entre os meus cabelos, devagar fui fechando os olhos querendo que aquela sensação diferente que me envolvia nunca acabasse.

- Meu Deus como aqui está frio, olha a janela, deve estar aberta! - minha mãe disse ao meu pai enquanto esfregava os braços, provavelmente a sensação de frio que ela tinha era pelo Luidi estar tão perto, ao ouvi-la falar ele foi se afastando, ficou acariciando meu rosto enquanto falava.

- Não deixe que o espelho te engane, você é mais forte do que qualquer um desses machucados, acredite em você... Reaja!

Coloquei minha mão sobre a dele tentando fazer com que ele entendesse que eu queria que ele ficasse.

- Não posso ficar, você vai acabar sendo transferida para ala psiquiátrica porque fica fazendo coisas estranhas enquanto estou aqui... só quero que saiba que sinto sua falta... - ele foi se afastando e eu o segui com os olhos até que ele saísse do quarto.

Fiquei encantada transbordando felicidade, apesar de insano eu sabia que era verdadeiro a alma do Luidi esteve aqui, ele veio me ver.

Lentamente fui relaxando e sorri fechando os olhos como uma adolescente apaixonada, foi apenas um segundo o suficiente para buscar energias e enfrentar agora os pensamentos dos meus pais que já começavam a me incomodar, minhas pálpebras mal se fecharam e eu vi nitidamente um par de olhos me encarando e nesse momento palavras ecoaram na minha cabeça, “faça o acordo” foi extremamente rápido como um relampear, mas eu tenho certeza que aconteceu.

Abri os olhos assustada olhando em volta a procura de alguma coisa sinistra, mas tudo parecia normal, meu pai atento a tv e minha mãe se agasalhando.

Voltei a me encostar, descartei qualquer possibilidade de fechar os olhos novamente, vaguei em pensamentos até que me parei pensando no Luidi e em sua condição, ainda em coma e sozinho na UTI, meu coração apertou como se minha

alma clamasse pela dele, fiquei envergonhada, imaginando que com esses pensamentos agora a loucura seria minha melhor amiga.

Afinal, estar atraída por uma cara que nem conheço e pior está preso no mundo dos mortos... só pode ser loucura mesmo!

Algum tempo depois, meu pai dormiu no sofá e seus pensamentos foram substituídos por seu ronco e eu sorri aliviada, assim que comecei a ouvi-los.

- Gisely... filha... – virei olhando para minha mãe.

- Vou até a lanchonete comer alguma coisa, se importa em ficar sozinha com seu pai?

Mexi a cabeça para que ela entendesse que poderia sair sossegada, mesmo porque seus pensamentos deixavam claro que ela estava brava em ouvir meu pai roncar.

Enquanto ela se arrumava para sair, uma enfermeira entrou e se aproximou sorrindo, não era a mesma que eu havia visto no outro dia, essa irradiava simpatia e assim que me olhou imediatamente começou a pensar.

- Pobrezinha! Tão novinha nesse estado... é o fim dos tempos, uma garota tão bonita, meu Deus... – seus pensamentos iam longe enquanto ela aplicava a medicação no soro. - todos têm seu fardo para carregar, o que vai ser desses pais, já velhos com uma filha inválida! – virei o rosto para que ela não me visse chorar, ela estava certa, o que seria dos meus pais para cuidar de mim nesse estado.

- Prontinho! – sequei as lágrimas rápido e olhei tentando sorrir como forma de agradecimento. - está chorando? - neguei com a cabeça, tentando acabar logo com aquela conversa. - sente dor menina? - ela quis saber sendo gentil e eu fiz que sim com a cabeça, mesmo sem entender se era possível sentir dor pelo corpo se não conseguia mexê-lo. – os medicamentos vão ajudar... eu sei que tudo parece complicado agora, mas com o tempo tudo se ajeita, tenha fé, nada acontece por acaso... – havia carinho em sua voz e seus pensamentos diziam que ela realmente acreditava naquilo e desejava que eu melhorasse, por isso sorri tentando também acreditar que com o tempo as coisas se ajeitariam.

Nesse momento meu pai roncou mais forte como se o ar estivesse lhe faltando e a enfermeira olhou para o sofá com cara de riso, eu não agüentei e comecei a rir da cena.

- Quer que eu o acorde? - neguei com a cabeça, provavelmente ele estava cansado, além disso, quando acordasse iria começar a pensar e me deixaria quase louca novamente. - tudo bem, mais tarde venho buscá-la, tá... - ergui as sobrancelhas tentando entender e ela percebeu. - vamos fazer mais alguns exames, o médico liberou sua alimentação, seu café da tarde já deve estar chegando, procure se alimentar... quer mais alguma coisa? - neguei e ela sorriu e saiu do quarto.

Minha vida são meus pais, minha irmã Irene, minha melhor amiga Magali, alguns amigos queridos e meu gato Garfield, sobre o Leonel, nem sei por que estamos juntos. Tirando o tempo que estou no hospital foram 4 meses saindo com ele e sinceramente acho que ele está me fazendo um favor em não aparecer aqui.

Trabalho com fotografia, sou free lance, minha maior fonte de renda vem dos trabalhos para algumas revistas de paisagismo, o Leonel é editor em uma delas, foi assim que nos conhecemos e começamos a sair.

Interessei-me pela profissão desde muito cedo, meu pai tinha um studio fotográfico antes de se aposentar, ele tirava fotos de crianças para fazer books e muitas vezes era chamado por escolas que queriam fazer calendários, anuários, formaturas e coisas do tipo, nunca ganhou muito dinheiro, mas sempre tivemos uma vida bem confortável, ele nos ensinou a lutar e correr atrás do que queríamos, insistia incansavelmente em nos ensinar que devemos demonstrar nossos sentimentos verdadeiros.

Tenho certeza que todos aprendemos porque sempre ouve muito amor e união em nossa família de uma maneira sincera, nossos abraços são mais demorados e nosso sorriso é acolhedor, se gostamos de alguém deixamos isso claro desde o começo sem medo ou receio, apenas usamos nossos sentimentos mais verdadeiros.

Depois que se aposentou ele e minha mãe se mudaram para uma casa no interior, diziam que iam aproveitar a vida com tranqüilidade e segurança. Minha irmã Irene foi casada por 8 anos, mas meu cunhado João morreu a dois anos em um acidente de avião, os seguros e a pensão proporcionaram a Irene manter o mesmo padrão de vida, a ela e a minha sobrinha Isabely de 5 anos.

Eu divido um apartamento com a Magali, nos somos amigas desde o... Bem, desde sempre... ela é como minha irmã, meia doidinha e um pouco atrapalhada, mas é super legal, uma amiga de verdade, está ao meu lado quando preciso, escuta meus problemas sem me julgar e é verdadeira quando precisa me chamar atenção, ao lado dos meus pais ela também aprendeu a ser sincera e deixar seus sentimentos verdadeiros a disposição de todos que precisam.

Magali é fascinada por coisas sobrenaturais, filmes de terror e tudo mais, vive dizendo que como sua mãe ela também é uma bruxa cigana, algumas pessoas tem medo dela, porque ela usa roupas esquisitas, pulseiras e correntes que fazem barulho enquanto ela caminha, principalmente porque ser cigana nos dias de hoje está completamente fora de moda.

Ela ganha dinheiro em feiras e eventos usando sua arte cigana em ver a energia das pessoas e às vezes lê cartas ou a mão das pessoas, interpreta sonhos e coisas assim, algumas pessoas acreditam que ela tenha mesmo um dom, geralmente não acerta uma, quando suas premonições diz respeito a mim.

Em minha opinião tudo isso não passa de fachada para ela esconder a realidade dura que foi sua vida. A mãe foi embora de casa quando ela ainda era pequena, seu irmão é um drogado que vive nas ruas e só aparece para pedir dinheiro emprestado que nunca vai devolver e seu pai coitado, vivia pelas ruas procurando pela mulher que o abandonou, mal conseguia cuidar dela, muitas vezes ele a deixava na minha casa por dias, pode-se dizer que foram meus pais quem a criaram e a educaram, principalmente depois que o pai dela se entregou a bebida, infelizmente há poucos anos ele morreu de infarto... Não canso de dizer que ela faz parte da minha família, sei que é verdade porque todos nós a amamos de coração.

A porta do quarto se abriu e minha mãe entrou, trazendo com ela todos seus pensamentos confusos.

- Ele ainda está dormindo. - minha mãe pensou, olhando para o meu pai ainda jogado no sofá. - Porque ficou aqui se estava com sono, deveria ter ido para casa da Irene. Ela continuava a pensar, indo na direção dele dando alguns cutucões o fazendo acordar assustado começando a falar alto.

- Aqui não é lugar para dormir, deveria ter ido para a casa da Irene se está tão cansado... - ela ia descarregando enquanto o fazia se sentar na marra, de onde eu estava fiquei apenas observando a briguinha deles era até engraçado ele com aquele tamanhão que geralmente põe medo nas pessoas, agora sendo coagido pela minha mãe que parecia tão pequenininha ao lado dele.

- Já acordei, já acordei! - meu pai resmungava sem parar tentando tirar as mãos dela de seu ombro, imediatamente ele começou a pensar, sobre como a idade havia feito minha mãe ficar rabugenta, se levantou e veio até perto da cama, passando a mão no rosto.

- Acho que vou dar uma volta. - ele disse começando a se afastar, mas eu segurei seu braço, fazendo ele me olhar, assim que ele o fez eu fiz sinal que gostaria de escrever algo e ele pegou o papel e a caneta e me entregou.

- Pode saber como está o bombeiro que me salvou? - escrevi e mostrei a ele.

- Vou procurar saber... - ele respondeu já virando para sair.

Fiquei sozinha com a minha mãe tadinha ela é uma boa mãe, mas como todas é cheia de medos e receios e quando se depara com algo faz o que a maioria dos pais esclarecidos faz, ou seja, "bobagem", por isso ela tem tantos pensamentos perturbadores, está assustada por não saber como lidar com essa situação.

Meu pai demorou a retornar e quando voltou sorriu ao entrar, ele terminou de descascar uma bala apressado e a colocou na boca em seguida. Eu o via fazendo isso

desde minha adolescência, quando ele fumava escondido da minha mãe, mas de uns anos para cá seu médico o havia proibido de fumar, por isso olhei com censura quando ele se aproximou da cama, seus pensamentos quando viram meu rosto foram automáticos.

- Não conte para sua mãe. - ele pensava sorrindo sem graça enquanto encostava ao meu lado, bem, pelo cheiro forte de cigarro ele deveria ter fumado o maço todo, ela só não perceberia se não quisesse, por isso tive certeza que logo mais assistiria outra briguinha engraçada entre eles.

Ele ficou ali ao meu lado sem falar nada só vendo as imagens da TV, por isso achei que ele tivesse esquecido de ir buscar informações sobre o Luidi, puxei de leve sua camisa fazendo com que ele baixasse os olhos em minha direção, depois levantei um pouco as mãos abertas e ergui a sobrancelha como se perguntasse se ele tinha conseguido a informações que eu pedi.

- Ou, sim, desculpe, havia esquecido. - ele foi dizendo sorrindo, mas ficou sério em seguida.

Eu não sabia se prestava atenção em suas palavras ou em seus pensamentos.

- Falei com o médico filha e ele disse que foi mesmo um bombeiro que te salvou e que no meio do tiroteio uma bala perdida o atingiu no peito.

Meus olhos ansiosos denunciavam que eu estava aflita para saber o resto.

- Ele foi operado no mesmo dia que você, mas ainda está em coma, não teve qualquer momento de lucidez, eles não sabem o que esperar, o médico disse que ele já deveria ter respondido de alguma maneira, ele está na UTI, só recebe visita dos parentes, acho que só tem o pai e alguns amigos.

Eu continuei olhando, querendo saber o mais importante, mas meu pai não disse mais nada, eu peguei a caneta e o papel que estavam ao lado e comecei a escrever.

- Ele vai sobreviver? - mostrei o papel ao meu pai.

- Ninguém sabe, o médico disse que já fizeram tudo, agora é com ele... - suspirei ficando preocupada, escutando meu pai pensar sem parar.

- Pobre rapaz! Não deveria ser dessa maneira, uma vida pela outra, provavelmente vai morrer por ter salvo minha filha...

A porta do quarto abriu e o Dr. Dionísio entrou ao lado da enfermeira simpática, ele sorriu ao me ver escrevendo.

- Como se sente? - balancei a mão para dizer que me sentia mais ou menos e escutei seus pensamentos.

- Ainda não está falando... porque não está falando garota? Não existe motivo para não falar... - o médico pensava ali na minha frente enquanto me examinava.

- Vejo que anda escrevendo, tem tentado falar alguma coisa? - balancei a cabeça afirmativamente. - Algum ruído? Algum som?

Fiquei atenta quando ele foi testar meus reflexos, cutucando minhas pernas os meus pés.

- Sente alguma coisa? - fiz sinal com o dedo que não, tentando mais uma vez falar sem que qualquer som saísse, vendo minhas tentativas seus pensamentos foram imediatos.

- Nada de reflexos, nenhum som, sem qualquer motivo aparente... todos exames estão ok... seu organismo está perfeito, então porque não reage garota?

Suspirei cansada de tentar e nada acontecer.

- Tudo bem menina... - ele disse colocando sua mão sobre a minha para que eu não me esforçasse mais. - Vamos descobrir a causa disso, fique tranqüila, ok.

- A enfermeira vai te dar um medicamento e daqui uns 15 minutos você vai ter um sono incontrolável, não relute em dormir, porque faremos um exame mais detalhado e para isso você precisa estar dormindo profundamente.

Peguei o papel e mostrei a pergunta ao médico, "ele vai sobreviver?" ele leu me olhou sem entender.

- Ela quer saber sobre o bombeiro que a salvou. - meu pai explicou.

- Ah! Ele foi operado e correu tudo bem...

Ouvir isso me fez olhar para o céu com ironia, lembrando que eles quase o perderam na mesa de operação.

- A bala foi removida, mas ele permanece em coma, sendo monitorado por aparelhos. Peguei a caneta e comecei a escrever.

- Quando ele sai do coma? – mostrei ao médico.

- Bem, não sabemos ao certo, tenho certeza que em breve...

Apesar do médico querer acreditar nisso, seus pensamentos diziam que ele não entendia o porquê do Luidi ainda estava em coma sem responder aos medicamentos e em seguida ele pensou em uma outra hipótese, algo chamado, estado vegetativo permanente, eu não sabia o que era, mas não me parecia nada bom, imediatamente comecei a escrever.

- Estado vegetativo permanente, o que é? - mostrei ao médico que leu e me olhou de maneira estranha como se ele tivesse percebido que eu pude ouvi seus pensamentos.

- Não é o caso dele, fique tranqüila. – foi sua resposta evasiva.

Enquanto aguardava a enfermeira aplicar a medicação e trocava algumas palavras com meu pai ele começou a pensar.

- Hoje é dia 22 ou 23, espero que seja dia 22, não posso ter esquecido o aniversário da Joana de novo... dessa vez ela me mata!

Eu olhei para o braço do meu pai que usava um relógio antigo, daqueles que marcam as horas e o dia ao lado e vi a data 22/09, sem pensar escrevi no papel.

- 22/09. - mostrei ao médico que leu e me olhou intrigado.

- O que é isso?

- Data de hoje!!! - escrevi me dando conta agora do que havia feito, ele me olhou desconfiado e seus pensamentos surgiram em seguida.

- Preciso ir para casa, estou trabalhando demais, agora encontro uma paciente que ouve o que penso, realmente preciso descansar.

Sorri sem jeito pra mim.

- Obrigado pela informação menina, te vejo na sala de exame, ok... – ele deu alguns tapinhas no lençol fez um gesto começando a sair de perto da cama, mas parou alguns passos depois pensando.

- Qual cirurgião não é fascinado com os mistérios que envolvem as pessoas que passam por uma *experiência quase morte* e se algo diferente aconteceu com ela antes de podermos trazê-la de volta ao mundo dos vivos, seria interessante... - ele voltou sem imaginar que eu acabara de ouvir seus pensamentos e como se estivesse fazendo um novo exame continuou a pensar.

- Garota, estou ficando louco, tenho impressão que você ouve meus pensamentos! Ele riu tentando disfarçar tal absurdo.

- Tudo bem estou ficando velho e louco por trabalhar demais, mas de qualquer maneira poderia por gentileza colocar seu dedo sobre a minha mão se me ouviu pensar nisso.

Estreitei os olhos pensando na possibilidade, olhei para ele e sorri achando engraçado a maneira assustada que ele aguardava minha reação, ergui a mão e ele a seguiu com os olhos, passei a mão no rosto e vi que ele respirou aliviado, coloquei minha mão novamente sobre o lençol, mas antes que ele tirasse a dele que estava ao lado eu coloquei meu dedo sobre ela.

Ele sentiu o toque e puxou a mão assustado me olhando com olhos arregalados, foi engraçado e até malvado eu sei, mas não resisti. Ergui os ombros e sorri, ele se afastou pensando sem parar que precisava mesmo ir para casa descansar.

Os 15 minutos passaram e o sono profundo não apareceu, a enfermeira trouxe uma maca e com a ajuda de um outro enfermeiro me colocaram nela, saímos em direção a sala de exame onde meu médico me aguardava, os pensamentos do enfermeiro eram alegres, ele era jovial, via o mundo com esperança e brincava com todos enquanto manobrava com perícia a maca pelos corredores do hospital.

- Então, você é a garota que estava no bar?

- Sim! - respondi em pensamento erguendo a mão para que ele entendesse também.

- Aquela que não consegue falar? – apesar de ter dito isso ficou claro que não teve intenção de me ofender.

- Sim! - respondi em pensamento erguendo a mão novamente achando engraçado aquele tipo de comunicação.

- Caraca, levou 3 tiros, isso é que é ter azar!! – seu comentário me fez rir, ele era tão espontâneo que chegava a ser engraçado.

- Parece bem divertida, acho que gostei de você garota, podemos ser amigos?

- Sim! Também gostei de você. – balancei a cabeça afirmativamente para ele.

- Eu sou o Zeca, enfermeiro Zeca se preferir... sou o maior piloto de maca de todos os hospitais da região, consigo transportar um paciente em tempo record da porta do hospital até a sala de cirurgia.

Zeca além de bom piloto era ótimo na conversa, não parou de falar um segundo, ele via o mundo como uma grande festa sem tempestades ou tempo ruim.

Entramos no elevador e assim que a porta fechou, Zeca passou da conversa cotidiana para as informações gerais do hospital.

- ...espero que não se importe, preciso deixar isso aqui na UTI, fica no mesmo andar onde você vai fazer o exame...

Sinceramente adoraria passar o dia ao lado dele, porque seus pensamentos não me incomodavam, ele era uma pessoa feliz naturalmente e só tinha pensamentos positivos e alegres.

A porta do elevador abriu e ele empurrou a maca a encostando num canto perto da porta onde estava escrito UTI, apertou uma campainha que ficava ao lado e ficou esperando que uma enfermeira viesse abrir, alguns segundos depois uma enfermeira apareceu e abriu a porta.

- Oi, Zeca, mais um paciente para mim?

- Não, só trouxe os papéis, ela só veio de companhia, vou levá-la para fazer um exame, até mais, tchau.

Antes que nos afastássemos completamente voltei a olhar na placa da porta onde estava escrito UTI, provavelmente era aqui que o Luidi estava.

- Prontinho, chegamos... - ele foi abrindo uma porta empurrando a maca para dentro de uma sala que parecia com a sala do centro cirúrgico, eu olhei em volta e vi que meu médico já estava lá aguardando.

- Está acordada?

- Acordadinha doutor, batemos até um papinho.

- Está falando? – neguei com a cabeça e o médico olhou com censura para o Zeca.

- Zeca, não tem pena da menina, a fez ficar te ouvindo na marra!

- Nada disso doutor, ela e eu conversamos... eu falei e ela fez caretas! – o médico deu risada e eu acompanhei.

- Tá bom, tá bom Zeca, fez um bom trabalho, agora deixe que eu faça o meu, quando precisar buscá-la eu peço para que te avisem ok...

- Ei garota bonita, ele é rabugento assim, mas é um grande cirurgião. - o Zeca disse para mim sorrindo antes de sair da sala fechando a porta.

- Talvez o medicamento não tenha sido suficiente, vou aplicar nova medicação e vamos aguardar até que durma, como eu te expliquei preciso que esteja em sono profundo para fazer o exame, está bem?

Alguns minutos depois uma enfermeira entrou e aplicou algum medicamento, dizendo que logo eu ficaria com sono e deveria dormir tranqüila, os minutos passaram e o médico voltou, assim que me viu com os olhos abertos, consultou o relógio e em seguida chamou a enfermeira.

- Você deu a medicação que eu pedi?

- Sim doutor, assim que o senhor prescreveu.

- Está com sono? - neguei com a cabeça. – nadinha? - continuei negando.

Ele ficou me olhando por algum tempo e depois pegou o prontuário se afastando, começando pensar na possibilidade de me dar uma nova dose de medicamento ou talvez um anestésico.

Era nítido em seus pensamentos o quanto ele ponderava até que achou melhor consultar o anestesista.

Quando o anestesista chegou, os dois saíram para conversar na sala ao lado de onde eu podia vê-los, mas não ouvia a conversa, somente chegava a mim seus pensamentos.

Meu médico estava apreensivo com a possibilidade da dose do anestésico me fazer voltar ao coma, enquanto o outro buscava em seus conhecimentos que tipo de medicamento poderia eliminar essa possibilidade, algum tempo depois eles chegaram a um acordo e retornaram para sala, onde meu médico começou a explicar o que eles fariam.

- Gisely, nos vamos te dar um anestésico, ele certamente fará com que você entre em sono profundo rapidamente, o exame é demorado, mas fique sossegada quando acordar novamente estará em seu quarto junto aos seus pais. Ele terminou as explicações e uma enfermeira começou a ligar alguns fios em meu dedo, outros em meu peito.

Olhei para o médico novamente tentando fazer com que ele entendesse que eu queria saber por que todos aqueles aparelhos estavam sendo ligados em mim, sinceramente não estava achando que eles faziam parte do exame.

- Não se preocupe com todos esses fios, são apenas para monitorá-la, vai tudo correr bem, apenas fique tranqüila e durma sossegada. - ele sorriu, dando sinal ao anestesista que aplicasse o anestésico.

- Gisely, conte até dez. - alguém disse, e eu mentalmente comecei a contar, um, dois, três... qua...tro... cin...

Seis, sete, oito, nove, dez! Acho que vão precisar me dar um pouco mais desse anestésico porque só esse não foi suficiente pensei e antes que eu tivesse qualquer reação eu senti aquele bafo gelado se aproximando, era como um sopro que ia ficando cada vez mais e mais gelado me fazendo saber que ele estava ali pertinho de mim bem ao meu lado.

Meu coração acelerou e o ar pareceu faltar como num grito de animal eu ouvi mais uma vez aquela coisa gritar.

- Faça o acordo Gisely!

Abri os olhos num estalo como se nem os tivesse fechado, confusa procurei pelo médico, mas o cenário na minha frente era outro, eu estava em pé no corredor onde havia passado a pouco, usando as mesmas roupas que eu estava no bar, sem qualquer arranhão ou machucado.

Olhei para um lado e para o outro tentando confirmar se era mesmo aquilo que eu via a minha frente, dei alguns passos indo na direção da sala onde eu havia sido empurrada a pouco de maca para fazer o exame. Na ponta do pé vi pelo vidro o Dr. Dionísio, a enfermeira e o anestesista dentro da sala todos sobre meu corpo como se de alguma maneira eles estivesse tentando me trazer de volta, era tudo terrível nos olhos deles havia apreensão e tudo acontecia muito rápido, virei o rosto angustiada e sai daquele lugar.

Assim que entrei no corredor encostei-me na parede com a mão no peito, fechei os olhos por alguns instantes, talvez fazendo isso minha alma voltasse para meu corpo de onde nunca deveria ter saído, abri os olhos e olhei em volta ainda estava no corredor, como isso pode ser?

Olhei para os lados procurando decidir o que fazer, mas algo no fundo daquele corredor me chamou atenção, lá estava à porta de acesso a UTI, onde o Luidi estava, sem pensar eu fui até lá e apressada corri, para consegui entrar enquanto alguém abria a porta para sair.

UTI, é o lugar onde se atende pacientes graves que necessitam de vigilância permanente e tratamento intensivo, nunca havia entrado em uma UTI, ao menos não quando eu estivesse acordada.

Dava para contar ao menos 8 camas todas com rodinhas para facilitar a locomoção, cada cama era separada por cortinas que poderiam ficar abertas ou fechadas de acordo com a necessidade do paciente, atrás de cada cama havia uma série de aparelhos que monitoravam a situação de cada paciente.

O ambiente muito bem iluminado, limpo e organizado e para minha felicidade nem todas as camas estavam ocupadas, continuei a andar pela grande sala a procura do Luidi.

Havia 5 pacientes deitados nas camas, todos estavam ligados em algum tipo de aparelho, assim que comecei a passar por elas, percebi que ao lado de alguns desses pacientes encontravam-se acompanhantes, achei estranho porque até onde sei não costumam ficar acompanhantes na UTI.

Um pouco a frente uma senhora idosa que eu imaginava ser uma acompanhante acenou para mim, me fazendo parar, olhei novamente na direção dela e ela sorriu deixando claro que realmente estava me enxergando, olhei para os outros dois acompanhantes e todos pareciam me olhar, nesse momento eu soube, cada um deles era a alma de cada pessoa que estava ao lado na cama, deduzi que aqueles pacientes que não tinham suas almas ao lado estavam em melhor estado de saúde, provavelmente saíam dali em breve.

Depois disso nunca mais veria o mundo da mesma maneira e isso me apavorava! Assim que me recuperei do susto, voltei a andar procurando pelo Luidi, fui encontrá-lo na última cama as cortinas que faziam a divisão estavam abertas e quando olhei para

trás por um instante todos as almas me olhavam com curiosidade, se um dia eu contar ninguém vai acreditar!

Vi a alma do Luidi sentada de maneira largada na poltrona sem qualquer arranhão ou machucado ele me parecia forte, saudável e respirava tranquilamente de cabeça baixa, enquanto ao lado na cama seu corpo frágil e debilitado repousava repleto de aparelhos ligados, provavelmente eram os aparelhos que o estavam mantendo vivo.

Não posso negar que fiquei feliz e meu coração pareceu saltar, isso se fosse possível, sendo eu nesse momento uma alma perdida, precisei me segurar para não correr e me atirar em seus braços. Não sei explicar, até parece frase de romance, daqueles romances açucarados, mas de uma maneira louca eu sentia como se minha alma fosse puxada pela dele, como se por algum motivo precisássemos desesperadamente ficar juntos dessa vez!

- Pode me dizer, quantas vezes terei que vir aqui te fazer viver? - perguntei sorrindo feliz colocando a mão na cintura, esperando que ele me visse.

Luidi levantou a cabeça assustado e sorriu lindamente assim que colocou seus olhos em mim.

- Ruivinha! – ele disse num salto com todo entusiasmo do mundo.

Não pude evitar admirá-lo ainda usava a mesma camiseta vermelha com emblema do corpo de bombeiro, a mesma calça cinza e o coturno preto, sua corrente com a plaquinha de identificação continuava pendurada no pescoço, seu porte atlético, combinava perfeitamente com seus cabelos escuros, pele bronzeada e para fechar com chave de ouro, lindos olhos negros como a noite.

Suspirei, quando na verdade quis assobiar, disfarcei meu interesse, porque parado ali na minha frente estava algo pela qual com certeza valia a pena viver!

- Meu nome é Gise...ly! – quis dizer, mesmo estando boba a observá-lo, sorri sem graça quando vi que ele percebeu que eu o admirava.

- Eu sei seu nome... acho que nunca mais vou conseguir esquecer de você!

- Não vai se esquecer de mim?

- Não, nunca mais... - ele respondeu chegando mais perto.

- Mesmo?

- Mesmo! – ele sorriu e eu franzi a testa tentando entender qual a graça. - ...como posso esquecer? Levei um tiro no peito por sua causa...

- Ah, claro! – falei dando um passo para trás envergonhada por ter achado que o motivo era outro.

- Ei, estou brincando ruivinha... - ele disse e me puxou para um beijo, fechei os olhos adorando aquilo, esperava que a sensação desse beijo fosse algo gelado como um sorvete em contato com os lábios e maravilhada constatei que realmente era, se não bastasse pude sentir seu corpo junto ao meu me abraçando e deslizando suas mãos nas minhas costas, me puxando cada vez para mais perto.

- Seu cabelo tem o cheiro de pêssego. – senti quando ele aspirou o ar no meu pescoço me fazendo ficar arrepiada, sorri feliz por estar ali. - você é tão cheirosa ruivinha...

Senti um beijo leve no pescoço e esperei pelo próximo beijo, mas ao invés disso ele se afastou como se tivesse se lembrado de algo importante.

- Espera aí!

- Que foi? – perguntei.

- O que veio fazer aqui? Como chegou aqui? Está em coma novamente? O que fez dessa vez? Quis fugir de seus pais? – suas perguntas seguidas me fizeram rir.

- Qual resposta quer primeiro, moço?

- Ou, desculpe... – ele ficou sem graça. - como voltou? Melhor, porque voltou? – cada palavra era pronunciada devagar, talvez ele estivesse com medo da resposta.

- Eu não sei... – falei com sinceridade. - só me lembro de um exame, alguma coisa sobre anestésico... provavelmente as coisas não saíram como o Dr. Dionísio esperava, porque aqui estou eu! – quis parecer engraçada erguendo os braços num gesto feliz.

- Está em coma novamente? – ele perguntou sério.

- Melhor que estar morta! – falei tentando continuar a piada, mas seu rosto preocupado deixou claro que não tinha conseguido. – Desculpe, Luidi, talvez você tenha uma explicação melhor!

- Lamento ruivinha, ultimamente não consigo explicar muito bem as coisas que tenho visto, ouvido ou sentido... – essa última parte foi certa e ele nem tentou disfarçar, sem graça, olhei dos lados.

- Porque ainda está em coma? O que tem feito afinal? Pretende ficar de férias aqui no mundo dos mortos? Não vai mais me levar para jantar?

Quando me dei conta do que estava fazendo, parei de falar e sorri para ele que devolveu o sorriso.

- Qual resposta quer primeiro?

- Posso escolher a que eu quiser?

- É essa resposta que quer primeiro?

- Tudo bem, então me responde essa Dom Juan... será que um dia isso vai acabar? Perguntei suspirando, pensando em como a vida e a morte pode ser bem mais complicada do que as pessoas pensam.

- Claro! Temos um jantar, lembra? Só preciso descobrir como saio daqui... – sua maneira de olhar o céu pareceu mais uma prece do que um fato.

- O médico disse que você não teve qualquer momento de lucidez, então se pretende sair daqui melhor fazer alguma coisa logo! – apontei na direção da cama onde seu corpo estava.

- Não sei o que fazer, apenas me sinto inerte, fora de meu corpo, não sei explicar...

- Bem, fora do seu corpo é verdade... - disse com graça pelo que ele havia falado sem perceber, mas ele não deu risada da minha gracinha, apenas chegou perto de seu corpo na cama.

- Não quis dizer literalmente fora do meu corpo, isso também é uma loucura... mas parece que minha alma não tem mais ligação com meu corpo.

- Acho que se fosse assim, você já teria morrido Luidi... – solidária deixei meus dedos encostarem nos dele e ele segurou minha mão com carinho, sem nem olhar para mim. Como pode ser? Pensei, olhando para sua alma aqui ao meu lado em pé, falando e em plena forma, enquanto seu corpo deitado na cama, parecia completamente sem vida.

- Já tentou se deitar na cama?

- Como eu vou deitar, se ela já está ocupada!

- Mas aquele ali é você, deveria tentar, eu vi isso num filme...

- E deu certo no filme?

- Bem... na verdade não! – dei risada, mas quis tentar me justificar. - Luidi, o que temos a perder?

- Acha mesmo que se eu deitar sobre meu corpo, vou acordar?

- Não, eu não acho. – falei sorrindo. - mas não custa tentar! – o que mais eu podia dizer...

- Você acha isso engraçado?

- Não claro que não! – falei rápido tentando me explicar. - Isso é bem sério! Estou achando engraçado seu jeito, só isso...

- Ok, vou deitar, como eu faço isso?

- Não sei, apenas deite.

- Como não sabe? Você é a especialista aqui, sua alma tem saído e voltado para o seu corpo muitas vezes ultimamente.

- Mas eu não sei como isso acontece!

- Tudo bem, então eu deito e vamos ver se acordo.

Ele sentou na cama e foi deitando sobre seu corpo, nesse momento eles se fundiram como se sua alma desaparecesse e eu pudesse apenas ver seu corpo ali deitado. Fiquei ali perto esperando que algo acontecesse.

Tentei segurar sua mão, mas eu não consegui tocá-la, então me lembrei que agora a alma perdida era eu, acariciei seu rosto, vendo alguns machucados leves que pareciam estar quase curados, deslizei meus dedos por seu braço, vendo que ao toque a pele ficava arrepiada, abaixei um pouco o lençol e vi um grande curativo do lado direito no peito onde ele havia levado o tiro, deslizei o dedo devagar, traçando uma linha do curativo até o coração, percebendo que se tivesse acertado do lado esquerdo teria sido direto no coração, suspirei agradecendo a Deus por ele ainda estar vivo, o recobri com o lençol e esperei mais alguns segundos para ver se algo acontecia, olhei em volta e vi que as outras 3 almas, ainda me olhando, talvez também esperassem que algo acontecesse. Baixei os olhos e cheguei mais perto falando baixo.

- Luidi! - chamei querendo saber se havia dado certo, mas não tive resposta. - Ei, Luidi, você está aí? Está bem? - insisti sem qualquer resposta.

Lentamente fui me aproximando mais e mais coloquei a mão no colchão ao lado para me debruçar, com o coração batendo rápido, pensando no que havia acontecido, talvez não deveria ter mandado ele deitar. Afinal, o que foi que eu fiz?

- Luidi! - voltei a chamar chegando mais perto do rosto dele. - Luidi, diz alguma coisa... Falei baixinho completamente inclinada sobre ele, bem perto de rosto.

- BOOOH! - ele disse e sua alma sentou na cama me abraçando, gritei apavorada me encolhendo, ele começou a rir em seguida, sem se conter.

Não precisei olhar para saber que eu provavelmente havia proporcionado o momento mais alegre dos últimos tempos para aquelas almas ali dentro da UTI, todos riam da minha cara!

Os monitores cardíacos nós quais eles estavam ligados apitaram, provavelmente provocada pela descarga de adrenalina pelo riso espontâneo, vários enfermeiros correram para as camas, tentando verificar o que havia acontecido, um enfermeiro olhava para o outro tentando explicar, porque quatro aparelhos haviam apitado ao mesmo tempo na UTI, enquanto tudo por ali era sempre tão silencioso.

- Seu idiota! – falei e o empurrei com força saindo de perto da cama, com meu coração acelerado pelo susto, enquanto ainda ouvia algumas risadas.

Dei alguns passos em direção a janela, cruzei os braços tentando fazer minha raiva diminuir.

- Ei... espera... - ouvi o Luidi falando enquanto descaradamente ele ainda ria do acontecido.

- Qual a graça?

- Desculpe ruivinha! – continuei como estava completamente envergonhada por todas as almas perdidas daquele lugar terem se divertido às minhas custas.

- Vamos lá ruivinha, me desculpe, eu não resisti, foi só uma brincadeira, desculpa vai... - ele ficou sério agora e me fez virar para encará-lo.

- Idiota! Você é um idiota! Quer me matar de susto?

- Não quero que morra, você sabe disso, foi apenas uma brincadeira... – foi sua resposta tentando ficar sério, sem conseguir por muito tempo.

- Brincadeira sem graça! Minha alma quase evapora de susto seu palhaço!

- Brincadeira engraçada... vamos admita, todos riram! - ele disse apontando para trás onde as outras almas estavam e eu fui obrigada a concordar, se não tivesse sido comigo eu provavelmente teria achado muito engraçado também, por isso sorri imaginando se tudo isso estava mesmo acontecendo ou era minha imaginação.

- Fica mais linda assim sorrindo! Fico encantado com seu sorriso... – mais uma vez fiquei sem graça e por algum tempo ninguém disse nada, deixando claro que havia algo acontecendo entre a gente.

- Então o que fazemos agora? - perguntei tentando acabar com aquela situação embaraçosa.

- Que tal se nos conhecermos?

- Que tal se fizermos isso depois que você acordar?

- É uma boa idéia, mas não sei como fazer para acordar, então, podemos por enquanto só conversar...

- E seus amigos? Ninguém aqui sabe? - perguntei apontando na direção as outras almas perdidas que eu via ali.

- Acham que almas não podem conversar entre si, ou então eles são do tipo, cada um cuida da sua vida, ou da sua morte, sei lá... - ele deu os ombros sem se importar.

- Porque você e eu conversamos então?

- Ué, você pediu duas vezes para que eu ficasse com você, o que esperava? Está arrependida?

- Não, não... quer dizer... sim, sim! Claro! Eu não pretendia colocá-lo numa situação tão esquisita como está...

- Não entendi!

- Olha, eu odeio ficar sozinha, odeio mesmo, deve ter sido por isso que pedi para que você ficasse comigo, não tinha intenção de te deixar nesse estado.

- A culpa não foi sua, nada acontece por acaso, você estava morrendo, depois eu estava morrendo, tudo isso é bem estranho... na verdade não importa, quem deu o tiro e me deixou nesse estado foi outra pessoa, não foi culpa sua, minha vida é minha profissão e eu sempre soube dos riscos.

- E nunca se importou?

- Acho que não de verdade... por isso não me apego muito as coisas ou as pessoas, na minha profissão tudo pode mudar de uma hora para outra.

- Por isso tem duas namoradas que não gosta? - nem fiz com intenção, mas quando percebi já tinha perguntado.

- Como sabe?

- Você me disse, no outro dia, quando seu coração parou na mesa de cirurgia...

- Eu disse isso? Não me lembro... - ele sorriu sem graça.

- Bem... eu estava tentando achar algo que te fizesse viver... você disse que tem duas namoradas, mas não gosta delas, que sua mãe é falecida e que não conversa com seu pai a quase um ano...

Cruzei os braços me arrependendo das últimas palavras não quis ser intrometida.

- Ah! Agora me lembro de alguma coisa... - ele gesticulou como se realmente lembrasse, colocando as mãos no bolso da calça, olhando à tarde lá fora pela janela.

- Fiquei sabendo que seu pai vem aqui te visitar...

- É ele tem vindo...

Ele me olhou e antes que eu pudesse impedir ele desatou a falar.

- Minha mãe faleceu há quase um ano e desde então não falo com meu pai, tivemos uma discussão no dia do enterro dela... - ele deu um longo suspiro antes de me olhar diretamente. - ...e agora ele vem aqui e conversa com meu corpo.

- Mas não conversa com sua alma?

- É... ele conversa comigo, mas eu não sei como me reconciliar com ele... não sou bom com os sentimentos.

- Sente saudade dele? Digo de abraçá-lo e de conversarem de verdade...

- Muita... - ele sorriu. - ele é um grande homem, sou quem sou, tudo graças a ele...

- Ele também é bombeiro?

- Não, ele era cirurgião, hoje é biomédico, um tipo de cientista que procura a cura de algumas doenças, ele procurava a cura para a doença da minha mãe, passava tanto tempo enfiado no laboratório que se esqueceu de estar ao lado dela enquanto ela ainda tinha vida, por isso brigamos... - ele confessou triste.

- Ele deveria amá-la muito, por isso procurava pela cura... - falei pensando o quanto deveria ter sido duro para o pai dele, ser médico e cientista, ter tantos conhecimentos e não poder livrar a pessoa que ama da morte.

- É acho que no fundo ele a amava mesmo, disse aqui mesmo no outro dia que ainda procura pela cura da doença que a matou... disse que não vai descansar enquanto viver, porque ele acha que se não pode salvá-la vai poder salvar outras pessoas...

- Ele me parece uma boa pessoa...
- É ele é incrível...
- Então quando sair daqui, apenas deixe as coisas acontecerem, permita que sua alma fale por você como está fazendo agora, até onde entendi, você ficou terrivelmente triste porque ele se afastou de sua mãe enquanto ela ainda tinha vida, mas e você? O que está fazendo com ele? Se afastando...

Coloquei minha mão em seu braço enquanto ele pensava no que eu havia dito, depois ele segurou minha mão e deu um beijo demorado.

- Tem razão, já fiquei tempo demais longe dele... – ele me olhou sem graça antes de começar a falar novamente. - Bem... gostaria que soubesse que às garotas não significam nada... apenas nos divertimos, eu com elas e elas comigo. - ele disse rindo de um jeito machista, mas pareceu se arrepender em seguida. – Desculpe Gisely, q-quer dizer nem todas garotas são para diversão, algumas são diferentes... não trato todas garotas que conheço dessa maneira, entende?

- Não entendo... – respondi sem realmente entender porque as pessoas agem assim.

- O que quero dizer é que eu acho que um dia vou esbarrar em uma garota que eu realmente goste e quem sabe ela peça para que eu fique com ela... - ele ia dizendo isso de maneira delicada e eu dei um pequeno sorriso encantado, acho que isso lhe deu coragem para continuar.

- Eu a levaria para jantar em seu restaurante preferido e pediríamos o prato mais caro! Descobriria que ela fica mais linda ainda com os cabelos naturais, acho que ouvi algo sobre cachos, lindos cachos eu imagino e amaria cada vez que ela ficasse irritada e fizesse perguntas sem me dar tempo de respondê-las. - ele ia falando e às vezes olhava para mim, depois voltava a olhar pela janela e continuava a falar. - Pediria para que no próximo ano ela tirasse férias, mesmo que seja, apenas alguns dias e fossemos viajar juntos.

- A levaria para tomar um porre, mas antes a avisaria que não é a melhor coisa para se fazer... eu a lembraria de dizer aos pais e a sua melhor amiga que eles são especiais e a incentivaria a enfrentar a irmã contando que estragou a blusa preferida dela. - ele deu uma olhadinha para mim e continuou a falar.

- Em uma noite especial a levaria para pular 7 ondas na praia, porque no ano novo geralmente estou trabalhando e em um carnaval qualquer iríamos nos divertir em um baile e eu a imagino fantasiada de pirata! - ele disse sorrindo para mim, olhando em seguida para a tarde lá fora continuando a falar.

- Eu já plantei muitas árvores e escrevi alguns artigos para a revista dos bombeiros, mas nunca tive vontade de ter um filho até que vi essa garota encantada observando uma mãe que amamentava seu bebê pelo vidro de um berçário qualquer, sua alegria era tão grande por assistir aquele momento mágico entre mãe e filho, que eu fiquei enfeitiçado e quis ter um filho... mas que fosse com ela... ele olhou para o chão e devagar para mim, depois voltou a olhar pela janela sorrindo.

- Sobre a tatuagem, eu sinceramente não gosto, mas se ela quisesse, eu realmente não me importaria... Talvez eu não saiba cuidar de gatos, mas aprenderia se ela precisasse... - ele terminou de dizer e continuou olhando pela janela, enquanto eu o admirava encantada.

- Essa garota parece ser legal, mas talvez tenha defeitos também. – falei continuando a conversa.

- Provavelmente... mas ainda assim eu gostaria de tê-la ao meu lado. - ele respondeu me olhando sem desviar. - É completamente novo e totalmente estranho para mim gostar de alguém dessa maneira, não sei onde ela mora, nem do que ela gosta, qual sua cor preferida, como passa seu tempo de folga ou se ela pretende deixar o namorado, mas eu gosto dela, parece que estou preso a ela como nunca estive preso a qualquer garota e isso me assusta, porque sempre fui dono da situação, mas quando a vejo perco a cabeça fico completamente a sua mercê...

- Talvez essa garota não seja como você imagina... – falei olhando pela janela, para desviar o olhar daqueles olhos negros que me enfeitiçavam.

- Como você acha que ela é?

Suspirei.

- Bem, acho que ela é uma garota comum, sem graça eu diria, provavelmente tímida, daquelas garotas envergonhadas mesmo, sabe... – ri sem jeito. – ela enfrenta muitas dificuldades por isso... – suspirei por ter que admitir. - ela divide um apartamento com a amiga que a maioria das pessoas acha ser louca e como ela é fotógrafa procura se esconder atrás das lentes da máquina com medo que as pessoas a machuquem, ela não tem um trabalho fixo, porque adora ser livre para poder fotografar coisas diferentes para pessoas diferentes todos os dias, ela chora quando vê crianças se drogando embaixo dos viadutos ou quando assiste filmes românticos no cinema e gosta de todos os tons de azul.

Voltei a suspirar.

- Ela não costuma discutir, porque acredita que a maioria das coisas são bobagens e qualquer tipo de desentendimento seria completamente perda de tempo. Tenho que admitir às vezes não acredita em seu potencial e mesmo quando se acha linda no espelho tem dificuldade de admitir isso, está com um namorado que é um perfeito idiota e nem sabe explicar por quê. – falei fazendo uma careta.

- Adotou um gato que estava na porta do prédio num dia de chuva sem nem saber de onde ele vinha e deu o nome de Garfield porque ele é tão folgado como o original. – falei rindo me lembrando do meu gato. - Ela não tem muitos amigos, mas os que têm são verdadeiros, adora os dias frios, como no outono, principalmente quando o vento bate gelado no rosto e você pode ver as folhas das árvores no chão voando como uma linda dança, às vezes chega em casa ensopada, porque adora sentir a chuva tocando sua pele, lava os cabelos todas as noites para que no dia seguintes seus cachos estejam perfeitos. - dei um sorriso me lembrando do resto.

- Muitas vezes ela teve que se explicar com alguns policiais por fotografar lugares proibidos porque sempre se esquece de pedir as autorizações necessárias. Sua pele é clara e qualquer esbarrão ou batida deixa marcas horríveis, tem algumas sardas escondidas pelo corpo, mas não gosta muito delas e de verdade ela fica admirada com a coragem dos homens que enfrentam a morte para salvar a vida de pessoas que não conhecem, mas nunca imaginou que conheceria um deles, ou que ele salvaria sua vida. Ela consegue se sentir tão à vontade ao lado dele e sua timidez desaparece é como se já o conhecesse por toda sua vida. - dei risada me lembrando de mais algumas coisas e fui falando.

- Eles até discutem às vezes e ela expõe com facilidade seu ponto de vista, coisa que não faz com ninguém, às vezes o chama de idiota, mas no fundo até acha engraçado o jeito despreocupado dele, é tudo tão natural entre eles que ela sente-se tranqüila e sem medo que ele a interprete mal, ou seja cruel com ela. – falei olhando para ele. - consigo ser eu mesma e isso nunca me aconteceu antes. - terminei e sem graça e apertei meus braços num abraço sozinho, tentando não encará-lo.

- Ela me parece mais fascinante agora. - ele disse sorrindo. - gostaria mesmo de conhecê-la.

- Então precisa sair daqui!

- É eu preciso, eu tenho um jantar marcado com ela...

- Precisa, voltar para o mundo dos vivos e me encontrar lá...

- Eu não sei como fazer isso...

- Não se deixe abater, você não teve momentos de lucidez e o médico pensou algo sobre estado vegetativo permanente e eu não sei o que é... mas não parece bom...

- Uau! Estado vegetativo permanente, quem diria...

- O que é isso?

- Estado vegetativo permanente, acontece com algumas pessoas que ficam em coma, ela perde a capacidade de pensar e de ter consciência das coisas ao seu redor.

- Ela está vegetando?

- É... vegetando é um termo legal... – fiquei arrependida de ter sido tão insensível.
- Desculpe, desculpe...
- Tudo bem, é esquisito, mas é verdade, pessoas nesse estado ficam ausentes de reações ou percepção do mundo a sua volta, elas apenas vegetam e às vezes por anos. - ele disse voltando a olhar pela janela. - Em alguns casos a família briga na justiça pela eutanásia.
- Eutanásia! - meu coração acelerou ouvindo isso. - Desligar os aparelhos, deixar a pessoa morrer!!
- Em alguns casos sim... – parecia lamentar essa possibilidade.
- Não pode morrer!
- Eu não quero morrer...
- Então, faça alguma coisa!
- Como o quê? Deitar ali novamente?
- Tudo bem, essa foi uma péssima idéia, mas pelo menos eu estou tentando.
- Tentando? Você está tentando? Não é o que parece!
- Como assim? Estou aqui, não estou!
- O que me diz de você lá na cama, deitada machucada sem falar e sem andar!
- Mas eu não consigo! – gesticulei zangada com essas acusações e percebi que as três almas nos observavam, provavelmente até podiam ouvir nossa discussão.
- Deveria conseguir, não existe lesão, o médico disse! Também não acharam a causa para você ficar sem falar, então reaja! Fale e ande!
- Não consigo! Já tentei, mas não consigo.
- Porque está se punindo dessa maneira? Não existem causas neurológicas, então retome sua vida!
- Não seria justo Luidi!

Num tranco a porta da UTI foi aberta e eu me assustei olhando o que acontecia, estavam trazendo outro paciente, os enfermeiros se movimentavam como se fossem mudar o paciente da maca para uma daquelas camas.

- Porque não é justo? - não respondi, não sabia o que dizer ou como explicar. - Porque não é justo Gisely? – ele cobrou uma resposta me segurando firme sem querer meus olhos correrem em direção a cama onde seu corpo estava e ele entendeu.

Ao fundo os enfermeiros haviam removido o corpo do novo paciente para uma das camas eu queria saber o que acontecia ali, mas o Luidi voltou a falar chamando minha atenção.

- Está se punindo porque eu estou morrendo, é isso?
- Como posso ter uma vida normal quando alguém está entre a vida e a morte por minha causa?
- As coisas não acontecem por acaso ruivinha...
- E qual o motivo disso? Eu saio ilesa e você fica preso numa cama até que alguém decida que deve morrer.

Ele segurou meu rosto em suas mãos, provavelmente querendo me convencer.

- Não sei qual o motivo, mas sempre existe algum, precisa acreditar em você, não pode se punir por ninguém, mesmo que goste muito dessa pessoa, mesmo que se sinta ligada a ela, não deve se punir, saia daqui e viva feliz o resto de seus dias, é o que eu te peço!

- Não posso fazer isso!

Ao fundo os enfermeiros terminavam de arrumar os lençóis sobre o corpo do novo paciente enquanto um médico que estava de costas fazia anotações no prontuário.

- Acredite, você pode ruivinha, você é linda e especial... saia daqui e seja forte, faça com que minha morte valha alguma coisa... você parece um anjo de olhos verdes você é incrivelmente bela e sei que é forte, apenas acredite em sua capacidade e viva feliz...

- Não posso! – mordi os lábios com força para não chorar.

- Você pode falar, então fale Gisely!

- Luidi, você pode viver, então viva! – tentei continuar firme, mas algumas lágrimas caíram.

Ele fechou os olhos e foi falando como se suplicasse.

- Por mim, volte a viver ruivinha!

- Não dá...

- Tem que dar! – ele gritou zangado.

- Não! – gritei, fechando os olhos apertados.

- Continue vivendo! – ele gritou novamente.

- Não! Sem você! - gritei sentando na cama de uma única vez.

Agora eu entendia porque a chegada do novo paciente me chamou tanto atenção, o novo paciente era eu, olhei em volta e aquela era a mesma sala da UTI, exatamente igual, a única diferença era que agora minha alma estava em meu corpo de onde nunca deveria ter saído. Dr. Dionísio estava ali perto, parecia espantado e alguns enfermeiros com olhos arregalados me olhavam assustados.

Eu respirava rápido, também estava assustada, olhei em volta procurando as outras almas, mas não consegui vê-las como estava fazendo antes, olhei para o fundo da sala onde estava o Luidi, mas não o vi, meu coração disparou com medo de não poder mais enxergá-lo.

Não demorou para que eu sentisse um vento frio ao meu lado e uma sensação gelada em meu rosto como se o Luidi estivesse me fazendo carinho, minha pele foi ficando arrepiada, olhei para o lado sem conseguir enxergá-lo, o ar gelado foi ficando mais intenso como se alguém soprasse em meu ouvido, tive medo me lembrando daquele bicho de bafo gelado que ultimamente tem me perseguido, mas as palavras foram se formando até que eu saber que era a voz do Luidi, a princípio pareciam confusas mas aos poucos pude ouvi-las perfeitamente.

- Você é mais forte do que pensa, nunca deixe de acreditar em você...

Continuei olhando o procurando ali ao meu lado sem conseguir enxergá-lo, me esforcei e me concentrei em um gesto desesperado, sem qualquer sucesso, estiquei os braços ao lado como se quisesse alcançá-lo sem conseguir tocar em nada.

- Porque está fazendo isso comigo, qual o motivo?

- Gisely! - olhei para frente e vi o médico me olhando, como se quisesse entender minha reação desesperada.

- Não vai embora, preciso ver você! – falei assustada por não conseguir mais ver o Luidi.

- Gisely, você está me vendo? - o Dr. Dionísio perguntou chegando mais perto da cama, mas eu não dei atenção, era como se a cada segundo eu me afastasse mais do Luidi.

- Se nada acontece por acaso, qual é o motivo de tudo isso?

- Gisely, acalme-se tudo vai ficar bem.

- Não vai! - gritei com raiva pelo Dr. Dionísio estar se intrometendo.

- Calma, apenas deite, vamos conversar.

- Solta! Não quero deitar... - gritei tentando tirar o braço dele que me forçava a deitar, o Dr. Dionísio disse alguma coisa e eu vi um enfermeiro trazendo uma injeção, provavelmente para me acalmar.

- Não quero tomar nada! – gritei e esperneeii sem perceber, tentando me safar dali.

- Gisely, fica calma, fique tranqüila, assim vai se machucar menina...

- Não! - chorei quando senti a picada da injeção e mesmo lutando eu não conseguia mais reagir, o calmante estava começando a fazer efeito e lentamente eu fui caindo na cama fechando os olhos mesmo sem querer.

Antes que tudo apagasse algo gelado envolveu meu corpo e eu senti muito frio, como o vento do outono que sopra no rosto da gente e faz com as folhas das árvores voarem pelo ar, então ouvi o Luidi dizer em meu ouvido.

- Eu vou viver, porque eu quero ficar com você ruivinha... e o motivo de tudo isso nós vamos descobrir juntos...

Em seguida eu apaguei.

- Fabalamana, fabalamana, acorde! - ouvi ao longe começando a me lembrar daquela voz, fui aos poucos tomando mais consciência e soube que era a Magali.

- Pode parar, está me dando dor de cabeça! – fui abrindo os olhos e a vi gritar feliz.

Magali é magra e alta, seus cabelos são pretos lisinho, ela sempre usa maquiagem de maneira bem definida para evidenciar seus traços ciganos, às vezes eu a encontro com uma flor atrás da orelha, como agora e se não bastasse ela estava segurando um cristal.

- Você acordou, eu consegui! – tanto entusiasmo só podia ser mesmo a Magali, que sem demorar me abraçou apertando.

- Ai! – gemi de dor, quando senti ela se apoiar no meu ombro.

- O que foi? O que eu fiz? – apesar de ter se afastado ela continuava pressionando a mão em meu ombro sem perceber.

- Meu ombro, Magali, está machucando meu ombro!

- Desculpe, desculpe, eu me empolguei, desculpe Gi!

- Tudo bem Magali, já entendi, pode parar de se desculpar... – fechei os olhos tentando conter a dor.

- Não entre em coma novamente, não durma, abra os olhos, fique comigo, não siga o caminho da luz Gi, está me ouvindo, volte do mundo dos mortos... fabalamana, fabalamana, fabalamana, acorde!

- Magali, eu continuo aqui, pode parar, por favor. - falei rindo sem agüentar.

- Ufa! Ainda bem, como eu ia explicar para sua mãe que a trouxe de volta e depois a perdi em questão de minutos.

Minha mãe sempre teve a Magali filha, mas quando ela começou a usar roupas ciganas e a ganhar dinheiro lendo a energia das pessoas, obviamente como uma boa mãe, ela deu sua opinião equivocada e mandou a Magali parar com essas bobagens, ainda bem que a Magali era como eu, respeitava minha mãe, mas nunca seguia seus conselhos.

- Você está com uma aparência horrível, olha seu cabelo é sebo puro, não te dão banho nesse hospital?

Magali é verdadeira, não costuma ficar rodeando quando quer falar, ela simplesmente vai falando, não tem intenção de ofender, mas é o jeito dela ela, pura e verdadeira.

Com a ajuda dela, ajeitei-me na cama para me sentar.

- Há quanto tempo estou em coma?

- No total ou nos últimos tempos?

- Pode ser no total.

- Cinco semanas e dois dias.

Ela segurou minha mão olhando com reprovação para minhas unhas em estado lastimável.

- Dois dias...

A porta do quarto abriu e entraram meu pai, minha mãe e a Irene minha irmã, quando me viram sentada ficaram felizes.

- Gisele, filha está acordada graças a Deus! - minha mãe dizia chegando perto pegando minha mão parecendo aliviada de verdade, dando vários beijos na minha cabeça, ela estava radiante.

- Filha! Obrigada meu Deus, por devolver minha ursinha. - meu pai foi dizendo vindo ao meu lado para dar muitos beijos na testa.

- Eu sabia que você ia voltar... - minha irmã disse passando por eles para me dar um abraço apertado e um beijo carinhoso.

- Fui eu que a trouxe de volta! - a Magali começou a falar mostrando o cristal que segurava na mão.

- Ai, Magali, só você mesmo para nos fazer rir numa situação como esta. - meu pai disse fazendo todos rirem também.

Fechei um pouco os olhos quando a minha cabeça começou a doer, encostei devagar no travesseiro que estava nas minhas costas me ajudando a ficar sentada.

- O que foi? Está se sentindo mal? - meu pai perguntou preocupado, minha mãe foi mais rápida e apertou a campainha chamando a enfermeira que entrou em seguida.

- Precisam de alg... – a enfermeira começou a falar, mas parou assim que me viu sentada. - Ela acordou?

Assim que abri os olhos, comecei a escutar os pensamentos de todos que estavam no quarto.

- Droga! – falei fechando rapidamente, mas foi inevitável, os pensamentos foram ficando mais e mais claros, até que eu comecei a entendê-los perfeitamente.

- Ai meu Deus, será que agora sempre vai ser assim, será que ela nunca mais vai ficar boa? - minha mãe pensava sem parar.

- Filha, filha filha, Deus ajude minha ursinha, não permita que ela fique em coma novamente. - meu pai pensava como se estivesse fazendo uma oração em seus pensamentos.

- Gi! Gi! Será que eu fiz algo errado quando te chamava do mundo dos mortos? - a Magali pensava, segurando o cristal em sua mão. - Eu devia ter usado o cristal maior...

- Gisely, vai ficar tudo bem, tenha calma, estamos aqui, fique conosco. - eu ouvia os pensamentos da minha irmã com carinho.

- O que você está sentindo? - a enfermeira perguntou me fazendo abrir os olhos novamente, como eu ia explicar para ela que estava com uma dor de cabeça terrível porque conseguia ouvir os pensamentos das pessoas a minha volta, provavelmente dizer isso seria carimbar meu passaporte para ala psiquiátrica do hospital.

- Minha cabeça está doendo...

- Vou chamar o Dr. Dionísio, está com tontura? Ou qualquer sensação que vai desmaiar?

- Não, é só a cabeça que está doendo.

Voltei a fechar os olhos não querendo ouvir os pensamentos que insistiam invadir minha mente, não demorou para o dr. Dionísio aparecer apressado, entrou quase que correndo pedindo para que todos saíssem, em seguida o quarto ficou vazio e eu me senti aliviada por não ter tantos pensamentos em minha mente.

- Gisely! Nos deu um susto menina!

- O que aconteceu? – perguntei cheia de lembranças confusas e completamente impossíveis de terem acontecido.

- Do que se lembra?

- Três tiros no bar, cinco semanas em coma, acordei sem conseguir falar ou sem conseguir mexer as pernas, duas doses de um medicamento que deveria ter me feito dormir, um dose cavalgar de anestésico, uma discussão no mundo dos mortos com o cara mais lindo e convencido, alguns fleches da morte ou de um demônio que está me aterrorizando e a minha amiga resmungando algumas palavras bobas tentando me fazer acordar.

- Tem humor essa garota! - o médico pensou alegre, e deu uma risadinha para mim enquanto ainda me examinava.

- Com exceção da discussão no mundo dos mortos, esses fleches assustadores e da sua amiga resmungando, o resto eu posso afirmar que realmente aconteceu.

- Porque fiquei em coma novamente?

- Você não tinha qualquer sinal de lesão na medula, fizemos todo tipo de exame para constatar isso, e ainda assim não andava ou falava, então precisei fazer um outro exame é quase que cirúrgico, só que os medicamentos não a fizeram dormir, por isso apliquei um anestésico leve em você, durante o exame você teve uma parada respiratória e nós a trouxemos de volta, mas você entrou em coma...

- Então essa é a minha segunda experiência quase morte?

- É pode-se dizer que sim...

- Depois o que houve?

- Bem, nós a levamos para a UTI para que fosse monitorada de perto, mas quando estávamos te acomodando, você acordou gritando, falando coisas sem sentido, completamente alterada, nós a acalmamos e você dormiu quase dois dias, provavelmente pelo acúmulo de medicação para dormir que estava em seu organismo.

- Então não estive em coma nos últimos dois dias?

- Não, você estava dormindo. - ele explicou parecendo aliviado.

Fiquei pensando me lembrando de algumas coisas sobre onde estive enquanto estava em coma, sem conseguir afirmar se aquilo havia mesmo acontecido ou se era tudo imaginação minha.

- Você vai tomar um medicamento para dor de cabeça e vamos aguardar... Quer saber mais algum detalhe? - o médico perguntou enquanto terminava de fazer suas anotações no prontuário.

- Como está o Luidi?

- Quem?

- O bombeiro que me salvou, como ele está?

- Aquela tarde foi esquisita na UTI. - o médico disse parando de escrever olhando e seus pensamentos mostravam o quanto às coisas realmente foram esquisitas e que todos ainda comentavam pelo hospital.

- O que aconteceu?

- Alguns monitores cardíacos soaram seus alarmes sem qualquer motivo aparente, você que antes não falava, acordou gritando assustada e o bombeiro inesperadamente teve uma alteração no quadro que deixou todos pasmos.

- O que aconteceu com ele?

- Quando conseguimos te controlar, ele acordou!

- Obrigada! – agradei aos céus por isso e num gesto automático mexi minhas pernas querendo me ajeitar melhor na cama. - Minhas pernas! Elas estão boas! Posso andar! – empurrei o lençol para descer da cama.

- Ei, ei, ei... - o médico disse colocando a mão na minha frente. – Onde pensa que vai menina? Está há cinco semanas sem andar, agora quer sair correndo? Calma garota!

- Verdade, melhor ir devagar! Mas doutor, como o Luidi está? Fala, anda, está normal?

- Ele está surpreendentemente normal para quem esteve em coma por 5 semanas sem qualquer momento de lucidez, isso faz parte dos mistérios da vida, a medicina não explica...

- Quando vou poder andar? - perguntei, pensando que gostaria de ir vê-lo.

- Mesmo em coma um fisioterapeuta a visita todos os dias, ele é responsável para que seus nervos não atrofiem, sinceramente não sei quando ele irá te liberar para sair andando por aí, mas acredito que agora que está acordada a recuperação seja mais rápida, em breve eu garanto!

Minha decepção ficou estampada em meu rosto.

- Mas sempre tem a opção de passear de cadeira de rodas. – fiz uma careta e o médico deu risada da minha cara.

- Porque tenho uma cicatriz na testa?

- Não sei dos detalhes, mas o que me disseram foi que quando estavam te levando para ambulância esse bombeiro que você perguntou agora, levou um tiro e caiu, na queda puxou você, antes que você atingisse o chão, bateu a cabeça numa mesa o corte foi grande levou 8 pontos. - Fique tranquila, você é muito bonita e seu cabelo cobre completamente a cicatriz ninguém vai perceber que ela existe.

- O que é uma pancadinha para quem levou 3 tiros? – falei despreocupada, mas o Dr. Dionísio discordou.

- Não foi bem uma pancadinha, sua cabeça foi de encontro a uma mesa de mármore e a pancada foi certa, foi feita uma cirurgia para conseguirmos remover um objeto que havia entrado em sua testa, foi sorte não ter afetado nada. Ele

explicava enquanto eu pensava que talvez ouvir os pensamentos das pessoas era reflexo dessa pancada já que o Luidi nunca mencionou ter essa habilidade.

- Obrigada doutor...

- É o meu trabalho.

- O bombeiro também bateu a cabeça?

- Sim bateu, primeiro na mesa de mármore e depois no chão, foi uma boa pancada também.

Isso explica algumas coisas, eu pensei suspirando.

- Como está acordada faremos um novo exame.

Imediatamente olhei assustada, acho que não estava a fim de fazer mais nenhum exame e acabar em coma novamente, o médico percebeu minha preocupação.

- Calma, calma! - ele disse sorrindo. - É um exame simples ficará tudo bem, não haverá necessidade de anestésicos ou medicamentos para dormir, vamos apenas avaliar se teve alguma alteração, você está com dor de cabeça não quero correr nenhum risco!

Eu suspirei imaginando quantas vezes no dia ele dizia isso a seus pacientes e nas últimas vezes mesmo estando tranqüila as coisas não aconteceram exatamente do jeito certo.

- Vou deixar sua família entrar, eles devem estar ansiosos para ficar com você.

Fechei os olhos imaginando a quantidade de pensamentos que viriam acompanhados pela presença deles.

- Obrigada Dr. Dionísio...

- Mais tarde passo para dar uma olhada em você, se algo diferente acontecer peça para enfermeira me chamar. - ele disse saindo do quarto, alguns minutos depois todos entraram, trazendo com eles seus pensamentos confusos eu fiquei com os olhos fechados tentando arrumar uma maneira de bloquear isso, porque minha cabeça voltou a doer.

- Filha!

- Oi mãe. - abri os olhos e sorri para que ela não se preocupasse.

- Não fique com medo o médico disse que vai ficar tudo bem mãe.

- Gisely. - ouvi meu pai chamando do outro lado da cama e olhei sorrindo para ele, seus pensamentos eram fortes e confiantes que tudo acabaria bem que Deus nos ajudaria e que eu voltaria a ser a ursinha dele com uma saúde de ferro. - Posso fazer algo para você filha?

- Vá descansar pai. - falei vendo em seu semblante exausto, olhei de lado percebi o mesmo de minha mãe, todos estavam exaustos pelo stress e ansiedade vivida nos últimos dias.

- Mas filha...

- Olha eu estou bem, me sinto bem agora, não pretendo voltar ao coma, então porque vocês não vão para casa da Irene e descasam sossegados...

Um olhou para o rosto do outro pensando na possibilidade, mas minha mãe foi logo dizendo.

- Imagina, deixar você sozinha aqui, acaba de acordar! Não, não, não... eu não saio daqui, posso descansar aqui mesmo, não tem problema.

Vendo a reação dela meu pai também começou a falar.

- Gisely, estamos bem, podemos ficar ao seu lado, olha só aquele sofá é melhor do que o de lá de casa. - ele disse apontando para o sofá desconfortável que estava no canto.

- Por favor, podem ir, eu vou ficar bem. - disse querendo mesmo que eles saíssem quando menos pessoas ao meu lado menos pensamentos para eu ouvir.

Olhei na direção da Magali, quem sabe ela poderia ficar comigo, assim eles iriam embora sem peso na consciência pode me deixar sozinha, assim que cruzou com meus olhos ela entendeu meu pedido.

- Podem ir, eu fico, estou com o dia livre hoje.

Magali falou querendo tranquilizá-los, eu fechei os olhos cansada, talvez fosse melhor consultar um psiquiatra de uma vez, como eu vou viver ouvindo os pensamentos das pessoas?

- A Magali é louca, será que não vai piorar o estado da Gisely se ficar sozinha com ela? - era a voz da minha mãe, imediatamente eu respondi.

- Mãe, pára de chamar a Magali de louca, ela só acredita em coisas diferentes, deveria tentar ao menos respeitar. – falei querendo defendê-la, eu mesma não poderia ser descrita no momento como a pessoa mais normal do mundo.

- Mas Gisely, eu não disse nada! - minha mãe respondeu me fazendo abrir os olhos, ela me olhava assustada, perguntando em seus pensamentos como eu havia ouvido o que ela tinha pensado sobre a Magali. - Eu falei algo? - em seguida ela perguntou olhando para o meu pai, porque estava em dúvida se por acaso havia falado ou pensado.

- Não, você não disse nada... Mas com certeza pensou que a Magali é louca, porque agora está estampado na sua cara. - meu pai dando risada.

- Tia Francis, eu não sou louca eu sou psíquica! - Magali foi explicando com a maior calma do mundo sentada no sofá tranquilamente.

- Gisely, está bem filha?

- Mãe! Vá descansar, leve o papai para casa da Irene e fiquem lá e descasem, estou bem, ficarei bem com a Magali, se acontecer alguma coisa ela liga.

Falei começando a ficar irritada com aqueles pensamentos que não me deixavam em paz.

- Mãe, ela está bem, muita gente no hospital só atrapalha, estão aqui à quase dois dias, se for o caso mais tarde nós voltamos. – pude ouvir Irene dizer, enquanto ela pensava que já estava atrasada para buscar sua princesinha na escola.

- Isso, ótimo... podem ir... Irene está atrasada para pegar a Isabely na escola...

- Tudo bem nos vamos filha, mais tarde eu ligo para saber como se sente, mas qualquer novidade você me liga imediatamente, que eu volto correndo... – ganhei alguns beijos da minha mãe e do meu pai antes que eles se afastassem um pouco.

- Tchau Gi, amanhã eu volto para te visitar, esses desenhos colados são da Isabely ela disse que é para você não esquecer dela. – só agora percebi os vários desenhos colados nas paredes, um mais gracioso que o outro, Irene me deu um beijo em meu rosto e um abraço demorado com muito carinho, cheia de pensamentos felizes por ver bem, quando ela se afastou para sair eu me lembrei.

- Irene, lembra a sua blusa rosa? Aquela que você me emprestou para eu ir na exposição de fotos... – fui falando com tato, porque seus pensamentos mostravam o que eu já sabia, aquela era mesmo sua blusa preferida.

- Sei, o que tem ela?

- Eu a manchei! – falei me encolhendo esperando que ela tivesse um ataque.

- Manchou? Como fez isso?

- Desculpe, eu fui lavá-la de derrubei algum produto não sei, eu juro tomei o maior cuidado, mas quando secou ela estava toda manchada.

- Eu não falei para você não lavar! – foi sua resposta brava, pensando em como havia conseguido acabar com a blusa que ela tanto adorava.

- Falou, mas eu quis te devolver limpa e não sei o que fiz, tomei tanto cuidado, mas a verdade é que ela está completamente destruída.

Irene respirou fundo pensando se era melhor me matar agora ou esperar que eu saísse do hospital, depois começou a pensar em como estava sendo egoísta me vendo naquele estado e feliz por eu estar viva e se aborrecer por causa de uma blusa, ela acabou suspirando fundo.

- Não importa, era apenas uma blusa, você está viva, poderá trabalhar em breve e me comprar outra... - ela disse sorrindo. - pode ser uma caríssima que eu vi no shopping outro dia. - ela continuou a sorrir e eu também sorri aliviada.

- Combinado!

Quando minha mãe foi se despedir da Magali ela não resistiu e começou a falar.

- Magali, você sabe que é uma filha para mim e como mãe substituta eu tenho o direito de te achar doida às vezes, porque me preocupo se te eduquei direito...

Minha mãe ia dizendo e eu jurava que essa era uma tentativa de pedir desculpas por se intrometer tanto na vida da Magali.

- Bem, eu já falei que essas coisas de bruxaria cigana não existem ou essas bobagens de energia positiva também, esqueça isso sim! Apenas seja você mesma, deveria se olhar no espelho, você é uma boa moça, muito bonita até, se mudasse suas roupas e conversasse com as pessoas sem assustá-las, tenho certeza que arrumaria um bom namorado ou até um marido. – enquanto minha mãe falava Magali tinha pensamentos que trouxessem paciência porque sabia que no fundo minha mãe só queria seu bem. – Cuida bem da Gisely e qualquer coisa me liga!

- Pode deixar tia...

Todos saíram e respirei aliviada, nenhum pensamento, apenas a Magali tentando se concentrar em boas energias.

- Magali quando você lê a energia das pessoas, pode ser suas áureas também?

- Não! - ela respondeu sorrindo da minha inocência. - mas eu faço a leitura em sua fisionomia e gestos, o corpo fala! Nunca ouviu isso? É assim que leio a energia, as mãos e as cartas para as pessoas.

- Você mente para elas? - fazia muito tempo que eu queria perguntar isso, mas não fiz porque nunca quis ofendê-la.

- Não! Apenas transformo em palavras o que está estampado em seus rostos a interpretação é totalmente feita pela pessoa, nunca digo o que ela deve fazer, apenas mostro todas as opções e deixo o resto por sua conta.

- Interessante! - nem todo mundo precisa ser charlatã, é uma maneira de ver as coisas. Fiquei encostada perdida em meus pensamentos e nem percebi quando ela se aproximou.

- Como foi? - Magali perguntou olhando ansiosa para mim.

- Como foi o quê?

- Sua experiência quase morte... a grande viagem! O que mais seria?

- Completamente irreal. - respondi fechando os olhos tentando imaginar se aquilo estava mesmo acontecendo.

- Vamos me conte tudo!! - ela insistiu me chacoalhando de leve me fazendo sorrir.

- Você acredita em autoscopia e projeção da consciência?

- Autoscopia, projeção da consciência? Sair do corpo? – seu semblante era de pura ansiedade. - Não me diga que você saiu de seu corpo Gisely?

Não agüentei de comecei a rir, como é bom estar de volta a esse mundo, mesmo sentindo falta do Luidi estar aqui valia a pena.

- Gi, anda logo me conte, como foi? - ela se ajeitou na beirada da cama rindo feliz, como uma criança entusiasmada porque está prestes a ouvir sua história preferida. - fala alguma coisa, vou ter um treco de curiosidade!!

- Tudo bem eu conto, só estava pensando por onde eu começo, quis organizar meus pensamentos, vai que eu falo algo e você surta!

- Conta logo!

- Eu acordei sentada em uma cadeira num corredor qualquer perto da sala de emergência, estava noite, mas havia muita iluminação no corredor, eu sabia que era um hospital por suas particularidades, piso emborrachado, cheiro de éter e assim por diante, eu não me lembrava do que tinha acontecido no bar... Ah, propósito! Têm visto o Leonel?

- Aquele idiota! Não deu as caras, liga às vezes para saber se você está viva, mas disse que não consegue entrar em hospitais, continua sendo o mesmo imbecil de sempre! Sorte dele não aparecer porque se eu o encontrar sou capaz de dar um belo chute no traseiro, como ele pode te levar para um lugar daquele?

Magali nunca gostou do Leonel apenas o atura por minha causa apesar de não esconder que o acha arrogante, deplorável e insensível.

O trabalho para a revista onde ele é editor nos aproximou, um dia ele me chamou para sair e depois de algumas vezes as saídas se transformaram em namoro, sei lá o que ele via em mim, mas eu sabia que não era nada especial, tão pouco uma paixão arrebatadora, só sei que ele era insistente e sem ter muito o que fazer, numa noite acabei aceitando o primeiro convite, o problema é que depois que me enrolo tenho dificuldade de me impor e ele foi ficando e ficando sem que eu arrumasse uma maneira de terminar o que nem devia ter começado.

Muitas vezes percebi ele me apresentar a seus amigos como quem apresenta um troféu, e geralmente esses mesmos amigos depois de me conhecerem, perguntavam por que uma ruiva legal e bonita como eu, ficava ao lado de um cara podre como o Leonel. Nunca entendi isso direito, mas histórias sobre ele ser mulherego e constantemente abusar da autoridade que sua posição na revista fornecia, era constante.

Suspirei fundo e de certa forma agradecida por ter tempo agora para resolver tudo.

Acreditar em mim! Ouvi isso muitas vezes e agora eu entendia que acabei alimentando minha relação com o Leonel porque não acreditava em mim!

Como as pessoas são diferentes, nem conhecia o Luidi, mas desde a primeira vez que conversamos ele me fez entender que sou mais forte do que imagino! Posso ouvi-lo soprar isso em meu ouvido e me sinto feliz, porque sei que é verdade.

Conhecendo bem o Leonel, nesse momento deve estar despreocupado acreditando que vou sair do hospital e correr para seus braços, coitado! Ele não faz idéia pelo que passei e tudo que aprendi em minhas experiências quase morte, agora que voltei a viver, vejo o mundo com outros olhos, sou outra pessoa, mais forte mais segura.

- Tudo bem, esqueça dele, continue contando o que aconteceu no mundo dos mortos. - a Magali disse recuperando o bom humor.

- Com certeza minha história é bem mais fascinante! Você vai adorar!

- Ótimo, ótimo então conta! - ela começou a bater palmas entusiasmada.

- Em que parte eu estava mesmo?

- Acordou no corredor do hospital...

- Verdade, então eu estava perfeitamente bem, sem machucados ou arranhões, a única coisa que incomodava era as vozes, muitas vozes...

- Muitas vozes? O que elas diziam?

Coitada provavelmente estava achando que eram vozes de pessoas mortas e eu dei risada por isso.

- Rindo do quê? Qual a graça? As vozes eram engraçadas?

- Ei, me deixa contar! - falei voltando a falar. - ...então, as vozes eram de pessoas que estavam no corredor ao lado, acho que seus pensamentos, eu me dei conta disso quando ouvi o barulho de ambulâncias chegando por algum motivo corri para ver quem era, foi quando me dei conta que na maca sendo socorrida era eu.

- VOCÊ!! - ela perguntou parecendo chocada.

- Porque essa cara, não é você a psíquica aqui?

- É mais eu nunca passei por uma autoscopia. - Magali ia dizendo pausadamente me olhando. - Vamos continue, ignore meu espanto, está sendo uma história fascinante, arrepiante e irreal, mas terrivelmente fascinante!

- Ah! Propósito como está o Garfield?

- Droga Gi! Seu gato está ótimo, me faz espirrar sem parar, dorme preguiçosamente no cesto acredito que o dia todo, age exatamente como o Garfield original, pode continuar agora?

- Ok, ok, depois que eu me vi ali na maca entrei em desespero, tive ajuda de uma pessoa... - tentei explicar a ela, não queria mencionar o nome do Luidi sem antes vê-lo, para ser sincera eu ainda não tinha certeza se tudo aquilo não tinha sido coisa da minha imaginação.

- Um anjo te ajudou?

Comecei a rir.

- Realmente eu pedi um anjo a Deus quando estava morrendo no bar, mas acho que ele caprichou mais na entrega.

- Como assim? Teve um encontro com um anjo e ele era bonito?

- Incrivelmente lindo!

- Você pode ver o anjo aqui no quarto? - ela perguntou levantando olhando para os lados assustada sem agüentar comecei a rir, essa reação assustada era à última coisa que imaginei da parte dela.

- Está com medo?

- Não, mas estamos falando de sair do corpo, anjos e o mundo dos mortos, o que você queria?

- Magali, onde está aquela minha amiga psíquica que às vezes mora em seu corpo?

- Gi, não brinca com essas coisas, tem um anjo aqui ou não?

- Pode abrir os armários? - perguntei tirando barato da cara dela, quando a vi indo em direção ao armário não agüentei e comecei a rir sem parar.

- Pára, pára... estou brincando! Era brincadeira!

- Gisely! – ela me censurou brava por eu a estar fazendo de boba.

- Desculpe, foi só uma brincadeira, me desculpe! – falei me lembrando que também tinha ficado brava quando o Luidi me assustou no episódio da cama, aos poucos fui parando de rir e tentei ficar séria. - Desculpe, eu não resisti, você é sempre tão... tão... – fui tentando encontrar a palavra adequada para defini-la. - Tão psíquica que achei que não se importaria, desculpe...

- Desculpada, agora continue...

- Primeiro, não tem nenhum anjo aqui, pelo menos não que eu esteja vendo, segundo nem sei se isso realmente aconteceu, pode ser algo da minha imaginação o Dr. Dionísio disse que bati a cabeça numa mesa de mármore e fiz uma cirurgia para retirar algo que perfurou minha testa e se não bastasse o anjo de quem estamos falando foi o bombeiro que salvou minha vida...

- Um bombeiro, um anjo, Gi, você deve ter créditos com o homem lá de cima, ele te mandou um anjo no corpo de um bombeiro.

- De farda! - eu disse sorrindo e ela assobiou, olhando para o teto.

- Farda de bombeiro... Meu Deus! Eu quero um anjo desses para mim!

Nós passamos o resto da manhã ali conversando, eu contando tudo que havia acontecido e ela escutando fascinada, algumas vezes ela me interrompia fazendo comentários ou me explicando o por que das minhas idas e vindas para o corpo, mesmo que eu não acreditasse no que tinha acontecido, ela com certeza acreditou e nada a faria mudar de idéia.

- Gi, essa é a mais linda história de amor que eu já ouvi.

- Como assim história de amor?

- Gi, nada acontece por acaso! Não vê...

- Do que você está falando? - perguntei me lembrando que foi sábio da minha parte omitir que nos beijamos, que ele esteve aqui me visitando, que pude senti-lo ao meu lado mesmo quando não conseguia vê-lo e que ele disse que voltaria a viver para ficar comigo antes que eu desmaiasse na última vez.

- Gi! É lindo! Ele salvou a sua vida e vocês se encontraram no mundo dos mortos e voltaram para o mundo dos vivos juntos, não foi isso que o médico disse? Vocês voltaram para a vida no mesmo dia, dentro da mesma sala de UTI, quase no mesmo instante, não vê é tão romântico!!

- Romântico? Ficou louca Magali?

- Gi, existe uma ligação entre vocês, estavam no mesmo lugar, levaram tiros juntos, chegaram juntos ao hospital e ficaram juntos no mundo dos mortos por 5 semanas.

- E você acha isso romântico? Está ouvindo o que está dizendo Magali?

- Tudo bem, colocando dessa maneira parece mais um filme de terror, mas o que eu quero dizer é que o universo conspira para que as coisas aconteçam na vida da gente e pode ser que estavam predestinados a se encontrarem.

- Levando um tiro cada um?

- Essa parte eu não sei, mas de alguma maneira deveriam se encontrar, o destino só estava tentando aproximar vocês, talvez tenha sido dessa maneira que ele conseguiu fazer isso.

- Ah! Magali, por favor...

- Gi, deixa de ser boba, gostou dele, eu sei que gostou, está em seu modo de olhar, gostou dele e o cara estava no mundo dos mortos, mesmo assim gostou dele.

Não posso negar, realmente gostei do Luidi, seu jeito carinhoso e protetor quando tentava me acalmar, seu bom humor quando fazia piadas de coisas bobas, sua maneira verdadeira quando dizia que me lembraria de dizer a minha família o quanto eles eram especiais, brincalhão quando me assustou fazendo aquelas almas rirem sem parar e amigo quando me fez acreditar que sou mais forte do que imagino, me fazendo ver que não preciso me punir ou me sacrificar para que as pessoas ao meu lado fiquem bem e sejam felizes.

- Gi... - a Magali me chamou, enquanto eu estava perdida em meus pensamentos.

- Gi!

- QUE...?

- Estou te chamando, mas você não responde, onde estava? Já ia ligar para sua mãe avisar que agora está catatônica agora!

Rimos juntas por imaginar a histeria da minha mãe ao ouvir isso.

- Magali, não conte a ninguém sobre o que eu te falei.

- Tudo bem. - ela disse pegando a minha mão sorrindo, começando a pensar que se alguém soubesse dessa história acharia que eu era tão louca quanto ela, mas se uma dessas pessoas fosse minha mãe jogaria a culpa nela por eu ter ficado louca.

- Com certeza ela jogaria a culpa em você... - falei sem perceber que ela apenas pensara naquilo.

Magali me olhou estreitando os olhos e seus pensamentos foram se formando um atrás do outro numa velocidade espantosa era como se eu visse todos os caminhos e conexões dentro de seu cérebro.

Eles foram ficando mais e mais intenso porque ela não conseguia decidir se acreditava ou se ler mentes era completamente impossível, até que minha cabeça começou a doer e eu fechei os olhos e ela continuava e continuava sem se decidir fazendo tudo ficar uma grande confusão, coloquei a mão em seu braço.

- Pára de pensar! - pedi com os olhos fechados e seus pensamentos foram se acalmando e ela parecia estar ficando mais e mais tranqüila pensando em coisas boas, como um sorvete num dia de calor, o sorriso de uma criança correndo no parque e a chuva num dia de verão, até que minha cabeça parou de doer e eu respirei aliviada, controlando minha respiração devagar abrindo os olhos.

- Obrigada. - agradei a vendo sorrir.

- Você ouve o pensamento das pessoas? - pude sentir que ela estava se esforçando para conter seus pensamentos em coisas calmas para que eu não fosse atingida.

- Acho que sim...

- Mas que LEGAL! - Ela disse dando um pulo da cama, totalmente entusiasmada, eufórica e alegre, foi como encher o quarto com partículas brilhantes como se existisse ali várias Sininhos do Peter Pan.

- Magali, por favor, fique menos entusiasmada, por favor, está tudo ficando confuso, contenha-se, por favor.

- Ou! Desculpe, eu li a respeito disso, tudo bem vou me concentrar. - ela voltou a se sentar na cama tentando se concentrar de olhos fechados como se estivesse meditando e tudo foi voltando ao normal as luzinhas foram gradativamente desaparecendo.

- O que você fez?
- Tentei conter minha euforia e pensei o em coisas boas.
- Que maravilha! - disse aliviada. - É simples assim?
- Mais ou menos, depende de quanto você acredita que essas coisas podem te ajudar.
- No momento me ajudaram, está tudo normal novamente, as luzinhas sumiram!
- Está vendo a intensidade da minha energia? - ela perguntou ficando excitada novamente, fazendo as coisas expandirem.
- Calma, calma, calma!
- Ai, desculpe, me controlarei prometo. - ela respondeu começando a ter pensamentos felizes, porém agitados, como andar numa montanha russa, pular de bungee jump, e um trapezista andando na corda bamba de um circo, aos poucos foi fazendo com que tudo ficasse normal.
- Obrigada! Assim é melhor... - sorri olhando para ela, ouvindo em seus pensamentos quantas perguntas se formavam pela curiosidade.
- Pode fazer suas perguntas enquanto me ajuda a tomar um banho de verdade? Pedi, querendo me enfiar embaixo do chuveiro sem tempo determinado para sair.
- Tudo bem... hora do banho!

Encontrar você!

O médico tinha razão ficar sem andar por cinco semanas deixaram meus músculos enrijecidos, precisei de todo o apoio da Magali para conseguir chegar até o banheiro e de uma cadeira para me sentar algumas vezes, tudo era muito lento e a Magali teve muita paciência em me ajudar, tanta paciência que se esqueceu completamente das perguntas.

Lavei-me e deixei a água cair em meu corpo por muito tempo. As marcas e os hematomas estavam quase desaparecendo, na minha perna só havia um curativo, lavei o cabelo duas vezes, para que não houvesse possibilidade dele ficar liso novamente, quero meus cachos de volta eu pensava enquanto os massageava lentamente.

Quando o banho acabou me troquei dispensando as roupas do hospital, colocando uma roupa que era minha, sentada na cama desembarcei o cabelo precisando parar algumas vezes porque meu ombro doía pelo movimento.

- Você passou algum tempo com um anjo vestido de bombeiro, consegue ver a intensidade da energia das pessoas e ouve seus pensamentos? - Magali perguntou com calma sentada no sofá.

- Quase isso porque a energia eu só vi a sua! - respondi olhando para meus cachos que se formavam até abaixo dos ombros, como estava feliz por tê-los de volta.

- Só vê a minha?

- Sim, só a sua...

- Porque só a minha?

- Não sei, mas só vi a sua e fico feliz por isso! Já estou ficando estranha demais!

Olhei meu reflexo pelo espelho, a mancha de sangue no meu olho havia desaparecido e o Dr. Dionísio estava certo a cicatriz ficava coberta pelo cabelo, abri a blusa e olhei onde havia a cicatriz no ombro pelo tiro de raspão, felizmente parecia cicatrizado, joguei o lençol para o final da cama e dobrei a perna olhando o curativo, ele parecia com aspecto molhado então apertei a campainha para chamar a enfermeira talvez fosse melhor trocá-lo, não demorou para que a enfermeira aparecesse, era a enfermeira simpática aquela que teve bons pensamentos quando me viu pela primeira vez toda machucada.

- Olá, vejo que acordou! – seus pensamentos eram tão bons por me ver disposta.

- Oi!

- Precisa de algo? - ela se aproximou mexendo no soro, olhando em seguida para meu cabelo molhado. - Você se levantou? Tomou banho? Lavou os cabelos? - ela perguntou apontando para o meu cabelo que estava quase seco, repleto de cachinhos que iam para baixo dos ombros.

- Sim. A Magali me ajudou.

- Você andou?

- Sim.

- Meu Deus, mas que ótimo! - ela parecia feliz de verdade.

- E suas costas, teve dor? Sentiu alguma coisa? - ela ia perguntando cada vez mais admirada.

- Não senti nada, inclusive o curativo saiu então lavei com sabão.

- Não tem problema é bom para desinfetar, deixa eu dar uma olhada... – virei um pouco para que ela visse. – menina, está ótima, acho que não precisa mais ficar tampando, vou confirmar com o Dr. Dionísio, seu ombro também está ótimo foi apenas de raspão. - ela dizia alegre por me ver recuperada.

Ela saiu para buscar algumas coisas e tirar o curativo da perna, quando voltou trouxe o Dr. Dionísio com ela.

- Nossa! Está como nova menina! Pelo que estou vendo você saiu da cama. – Dr. Dionísio me olhou com censura.

- Ela me ajudou. – denunciei a Magali que logo foi se explicando.
 - Doutor, eu fiz o que ela mandou!

Todos demos risada no quarto, o ambiente ficou ainda mais cheio de energia como se banhado em luz novamente deve ser mesmo como a Magali costuma falar, coisas boas atraem coisas boas!

- Teve tontura? Mal estar? Vomitou?
 - Não, eu nem comi ainda, estou com fome! – falei e todos riram.
 - Vou providenciar uma lagosta para seu almoço.
 - Ótimo doutor, peça uma porção de camarão também, eu adoro!
 - Como vai à dor de cabeça?
 - Desapareceu! - respondi, o que me fazia crer que a dor de cabeça só acontecia quando muitas pessoas pensavam ao mesmo tempo e quando os pensamentos não eram bons.
 - Maravilha! Ainda assim faremos o exame para descartar qualquer possibilidade de recaída.
 - Posso examinar suas costas?
 - Sim doutor... – ele examinou e deu alguns apertões, pensei que sentiria mais dor, mas no final foi tranqüilo.
 - Esta ótima! Pode tirar o soro dela, apenas deixe o cateter ela vai começar a comer não vamos precisar mais dele. - ele foi passando as orientações para a enfermeira que estava retirando o curativo da minha perna, como a calça era curta o trabalho foi fácil, ela refez o curativo o deixando num tamanho bem menor.
 - Está perfeito, vamos manter o curativo por mais alguns dias apenas... Ah! Antes que eu me esqueça, seu amigo também está bem...
 - O Luidi?
 - Ele mesmo, está bem, acabo de vir de lá, está tão bem quando você, ferimento cicatrizado, andando pelo quarto, conversando com os amigos, parece feliz e não vê a hora de ir embora.
 - Ótimo! – falei feliz pensando que gostaria que ele tivesse vindo até aqui me ver, isso se ele se lembrasse de mim, claro!
 - Logo depois do exame, você almoça, combinado?
 - Não posso comer antes? Estou com fome! Muita fome, 5 semanas sabe...
 - Lamento, vai ter que esperar, logo viram buscá-la, assim você não demora para almoçar, ok.
 - Ok, eu espero. - respondi desanimada, está mesmo com fome, eles saíram do quarto e a Magali ficou me olhando com aquela carinha arteira.
 - O que foi? Porque essa cara?
 - Pelo que ouvi do médico seu anjo bombeiro está muito bem, logo sai daqui, quem sabem não se encontram agora no mundo dos vivos...
 - Sua tonta... – joguei um travesseiro nela e voltamos a rir.
 Não demorou muito a enfermeira voltou com uma cadeira de rodas, dizendo que eu iria fazer o exame.
 - Não quero a cadeira, posso andar!
 - Cinco semanas deitada, se alimentando apenas por líquido e quer sair andando pelo hospital, nada disso mocinha, não no meu plantão!

Apesar de tentar ser durona a enfermeira simpática, acabou me convencendo a usar a cadeira. Magali foi conosco, elas conversavam sobre energias positivas e a necessidade de manter os pensamentos em coisas boas para que sua vida fluísse bem.

Assim que saímos para o corredor fui atingida por vozes, como se todas as pessoas falassem ao mesmo tempo o choque foi tão inesperado que eu abaixei a cabeça e fechei os olhos tentando evitar os pensamentos. Infelizmente eles eram fortes e terrivelmente confusos, cheios de problemas e angustias.

Agradei quando entramos no elevador, porque assim que a porta fechou os ruídos das pessoas pensando foi diminuindo, paramos em alguns andares e sempre que a porta se abria os pensamentos preenchiam o ambiente.

Em um dos andares entraram dois homens eles pareciam familiar, fiquei tentando lembrar de onde os conhecia, eram altos, fortes do tipo atlético, aparentavam ter no máximo 27 anos, conversavam baixo e seus pensamentos eram despreocupados e alegres, por alguém que eles estimavam estar bem novamente, no andar seguinte entrou o Zeca, o enfermeiro piloto, assim que me viu sorriu alegre chegando perto de mim.

- E ai garota! Fiquei sabendo do alvoroço que você fez na UTI, como se sente?

Fiquei radiante por poder responder.

- Ótima! – valeu pela cara de espanto dele, em seguida ele sorriu com sinceridade.

- Então é verdade! Você está falando garota! Levou 3 tiros! Entrou e saiu do coma como quem troca de roupa e está falando! - ele parecia empolgadíssimo e seus pensamentos eram felizes e verdadeiros.

- Estou andando também...

- Verdade? Que tal se voltarmos naquele bar quando você sair? Só para comemorar sua recuperação!

- Acho que não piso mais lá, mas podemos ir em outro lugar!

- Desculpe, mas você é a garota que estava no bar que foi assaltado e incendiado? - um dos homens que conversavam dentro do elevador perguntou.

- Sou!

- Você é mesmo ruiva e tem olhos verdes... - ele disse me olhando pasmo e eu fiquei sem responder e sem entender, porque seus pensamentos não diziam que ele estava interessado em mim acho que ele tinha gostado da Magali, não parava de pensar como poderia puxar assunto com ela.

- Está cantando minha amiga? - Magali perguntou se intrometendo.

- Não, não! - ele disse sem graça olhando agora para Magali. - Desculpe, eu estava lá... quer dizer, nós estávamos lá. - ele mostrou o outro rapaz também. - Ajudamos a te socorrer.

Nesse momento eu me lembrei quem ele era, o Nestor o amigo do Luidi e o outro era o Nunez o amigo zangado, eles estavam sem farda, por isso eu não me lembrava deles.

- Claro! Eu me lembro de vocês. – falei esticando a mão para agradecer. - Obrigada por salvar minha vida!

- Fico feliz que esteja bem, nossa! Você está ótima!

- Ótimo, está você! - a Magali disse e eu olhei para ela porque ela não costumava agir assim sendo tão direta com os homens. - Quero dizer... sua aparência, sua energia... está ótima! Irradiando alegria. - ela foi dizendo tentando se justificar sem graça.

- Fico feliz que eu esteja irradiando alegria. – ele sorria feliz por ter encontrado um bom motivo para puxar conversa.

- É difícil ver tanta energia boa em uma única pessoa, com exceção da Gisely que agora anda meio esquisita.

- O que você é? Uma vidente?

- Sou psíquica, vejo essas coisas. - dei risada abaixando a cabeça, porque os pensamentos do Nestor estavam dizendo que ele estava mesmo gostando de conversar com ela.

- O que faz aqui no hospital? Melhor o que fazem aqui no hospital? – Magali se corrigiu chamando o outro amigo para conversar também.

- Nos viemos visitar um amigo, eu sou o Nunez, o senhor alegria aqui é o Nestor. - o outro homem fez as apresentações começando a conversar também.

- E eu sou o Zeca! - o Zeca disse erguendo a mão, fazendo todos rirem dentro do elevador.

- Nós estávamos lá no dia do assalto, somos do corpo de bombeiro. - Nestor foi explicando para Magali que olhou para mim.

- Bombeiros, vocês são bombeiros! - ela disse animada. - Olha só que coisa... eles são bombeiros! - ela disse arregalando os olhos, rindo para mim.

- Sim somos... - o Nestor respondeu rindo da empolgação dela.

- Só podia ser, tem algo especial nas energias de vocês, como anjos, sabe! - ela ia dizendo e gesticulando olhando alegre para o Nestor. - Salvam vidas! É maravilhoso, vocês são especiais... - ela disse empolgada abraçando o Nestor e seu amigo agradecendo sem parar. - Obrigada por salvar minha amiga.

- A sua amiga é esquisita, né! - o enfermeiro Zeca falou baixinho ao meu lado.

- Você nem imagina...

- Eu sempre tive curiosidade sobre essas coisas de energia positiva, quem sabe qualquer dia, podemos conversar mais sobre isso... quer dizer, se seu namorado não se importar, claro! - o Nestor falou para Magali que sorriu de maneira esplendida ao ouvir isso.

- Imagine, eu nem tenho namorado...

- Mas que sorte a minha...

- Tem suas compensações não andar sempre com o temente. - o Nunez disse provavelmente sem perceber que havia falado alto e todos olharam para ele que tentou se explicar. - É porque as mulheres gostam mais dele, geralmente ficamos para escanteio... quer dizer ele fica para escanteio porque eu sou noivo. - ele disse mostrando a aliança no dedo sem graça.

- Poxa vida, esqueci o pedido do exame lá embaixo, droga! – os pensamentos da enfermeira chegaram a mim como se ela tivesse pronunciado cada palavra em tom alto.

A porta do elevador abriu e a enfermeira falou que iria buscar o pedido do exame e pediu para que o enfermeiro Zeca ficasse comigo.

No corredor os pensamentos das pessoas invadiram a minha cabeça, tentei relaxar, mas a cada minuto os pensamentos iam ficando cada vez mais claros e eu cada vez mais inquieta.

Droga! Ouvir as intimidades das pessoas não é algo agradável, eu precisava sair daquele corredor o quanto antes, procurei pela Magali, mas ela conversava com o Nestor um pouco mais afastado eles pareciam estar se dando bem.

Porque as pessoas acreditam ter tantos problemas? Porque não podem apenas pensar que existe um lado positivo para todas as coisas?

- O tenente... aquele que viemos visitar, também estava no bar, se você é a ruiva, foi ele que te salvou, gostaria de ir vê-lo?

Sorri, pensando na possibilidade de tudo ter realmente acontecido e ele se lembrar de mim? Seria o máximo!

- Adoraria, assim poderia agradecer, mas preciso fazer um exame agora, a enfermeira já deve estar voltando... Quem sabe depois eu passo lá...

- Acho que podemos dar uma fugidinha. - o enfermeiro Zeca disse começando a empurrar minha cadeira, nos fomos em direção a um dos quartos deixando a Magali e o Nestor para trás conversando no corredor.

Conforme ele empurrava a cadeira pude sentir a ansiedade crescendo e meu coração como se fosse saltar do peito, passei a mão no cabelo só para confirmar que ele estava com os cachos perfeitos, arrumei minha blusa e me censurei por estar usando aquela calça sem graça.

Calma Gisely, o cara levou um tiro no peito, deve estar deitado numa cama, provavelmente tão acabado quanto você!

O Nunez bateu na porta do quarto e a abriu entrando em seguida, o Zeca empurrou minha cadeira para dentro, sem avançar muito no quarto, o Luidi estava sentado no sofá e em seu colo estava uma linda mulata de corpo escultural, aparentava ter no máximo 24 anos, ela levantou assim que nos viu entrar.

- Tinha que ser você Nunez! Como sempre, chegando na hora errada. – A mulata se sentou ao lado do Luidi no sofá e seus pensamentos pareciam felizes pelo Nunez tê-la visto no colo do Luidi.

- Isso é um hospital Lucia, caso ninguém tenha te avisado.

Engraçado a cena, eles tentavam dar impressão que se odiavam, mas seus pensamentos deixavam claro que se gostavam... ele tinha ciúmes da moça.

- Eu não estava fazendo nada que ele não quisesse. – a mulata retrucou sem se importar que todos ouvissem e seus pensamentos diziam que ela estava adorando ver o Nunez com ciúmes dela.

- Acho que chegamos na hora errada. – o Zeca disse baixinho perto de mim e eu concordei plenamente. Luidi se levantou para cumprimentar o amigo sem qualquer dificuldade, eles pareciam felizes por tudo estar voltando ao normal.

A mulata tinha pensamentos curiosos assim que notou minha presença, chegou a pensar se eu não era a tal noiva do Nunez.

- Como se sente tenente?

- Sedento de vida Nunez!

- Nos deu um grande susto tenente!

- O susto maior foi meu, por ver a morte de perto. - Luidi disse sorrindo. – Mas agora estou de volta, tenho muito pelo que viver! – ele afirmou sorrindo enquanto eu o admirava ali de longe.

Luidi usava uma camisa branca e uma calça folgada estava apenas com um cateter no braço provavelmente para medicamentos, seus cabelos estavam molhados, como se tivesse acabado de sair do banho e seu perfume suave pairava por todo o ambiente, pele bronzeada, corpo atlético, sorriso lindo ao falar, tão saudável, tão disposto, era como se aquele corpo que esteve em estado vegetativo houvesse sido substituído pelo corpo perfeito do Luidi que esteve comigo no mundo dos mortos...

Sorri feliz por ele estar bem!

- Onde está o Nestor? Não veio...? Mas que belo amigo eu tenho! – Luidi ia questionando enquanto voltava a se acomodar no sofá ao lado da mulata que não deixou passar a oportunidade de encostar-se nele para novamente provocar ciúmes no tal Nunez.

- Nestor está lá fora conversando com uma garota que conheceu no elevador.

- No elevador?

- É que as coisas são mais fáceis quando você não está junto tenente, elas começam a reparar na gente... - Nunez disse sorrindo, como provocação para a mulata.

- Muito engraçado Nunez, Há! Há! Há! - a mulata disse emburrada, pensando em como o Nunez deveria se gabar com as mulheres por ser bombeiro e descartou a possibilidade de eu ser a noiva dele, já que ele tinha feito esse comentário.

Impressionante! A mulata e o Nunez se gostavam e era um sentimento verdadeiro e muito forte até, mas ambos queriam ignorar o que sentiam e sufocavam dentro de si com toda força possível, e acabavam se machucando para chamar atenção um do outro. Que pena!

- E ai bombeiro, pronto para outro salvamento? - o Zeca foi falando para o Luidi enquanto estacionava a cadeira perto do sofá me deixando bem ao lado dele.

- Sempre pronto!

- Eu trouxe alguém que queria te agradecer tenente.

Só então Luidi se deu conta da minha presença, ele sorriu fazendo meu coração saltar fiquei presa em seus olhos negros que me observavam atentamente.

- Você é mesmo ruiva, e seus olhos são mesmo verdes!

Foi tão repentino que fiquei feliz imaginando que ele se lembrara de nossa aventura, mas um instante depois seus pensamentos perdidos me atingiram, ficou claro que ele não entendia porque falara aquilo, talvez estivesse brincando comigo.

- Qual o problema de vocês bombeiros? Não conseguem identificar uma ruiva quando vêem uma?

Apesar do Zeca ter falado algo engraçado o Luidi não deu risada, apenas continuou a me olhar até que o silêncio se prolongou por demais, talvez constrangida ou porque realmente não estivesse gostando do que via a mulata se ajeitou no sofá esbarrando de propósito nele nos fazendo despertar.

- Desculpe moça, é que acho que te conheço, mas não sei direito de onde... Seu cabelo... - ele disse colocando a mão em alguns cachos. - Estava certa, fica melhor com eles assim... - Luidi falou enquanto pensava como os cachos ficavam lindos em mim e eu fiquei completamente sem graça e provavelmente vermelha de vergonha.

- De onde a conhece? - a mulata perguntou deixando claro seu espanto.

- Não sei... - ele respondeu em dúvida sem desviar o olhar, continuando a mexer no meu cabelo, fazendo carinho em mim.

A mulata puxou sua camisa e ele pareceu acordar, começando a se desculpar.

- Desculpe, acho que esses dias em coma me deixaram um pouco confuso, desculpe moça...

Logo alguém puxou outro assunto e tudo pareceu voltar ao normal, Luidi dizia o quanto queria sair do hospital e voltar para o batalhão, resmungava sobre não agüentar mais ficar confinado ali dentro e todas as reclamações comuns que um paciente em recuperação.

Mesmo querendo eu não conseguia desviar o olhar dele, cada gesto, movimentos enquanto falava e a maneira de sorrir tranquilamente. Foi estranho admito, mas estava de verdade feliz por ele estar bem.

- Vai precisar ter paciência levou um tiro no peito agora quer sair daqui assim, correndo! - toda a preocupação da mulata era verdadeira, como uma maneira bonita ela queria o bem do Luidi.

- Ruivinha! - Luidi falou alto dando um salto no sofá olhando para mim, quase cortando o que a mulata estava dizendo, todos me olharam e eu fiquei envergonhada.

- É isso... ruivinha! Eu lembrei... era assim que eu te chamava.

- Gisely, meu nome é Gisely! - falei tentando controlar minha vergonha por todos estarem me olhando, talvez ele tenha se lembrado e esteja me fazendo passar vergonha de propósito, pensei com raiva.

- E você ficava lindamente brava, exatamente como está agora, Gisely! Lembra do meu nome?

Olhei em volta e vi que todos estavam curiosos com o que acontecia ali, eu não conseguia dizer nada, estava muda com todos me olhando, mas o Luidi pareceu estar se divertindo e foi continuando.

- Pele clara, olhos verdes... sua boca fica mais vermelha aqui... e seu cabelo tem o mesmo cheiro de pêssego... - ele ia dizendo devagar como se estivesse se lembrando aos poucos, seus pensamentos eram confusos ele continuava tentando se lembrar de onde me conhecia.

- Ei, quem é ela afinal? - a mulata perguntou agora com raiva e eu não precisa ouvir seus pensamentos para saber disso, ela se endireitou no sofá ficando mais na ponta olhado para ele brava, esperando uma explicação.

- Ela é a Gisely, Lucia, não a ouviu dizer?

- Acha que eu sou idiota Luidi? - a mulata ficou em pé num salto completamente irritada. - Agora mesmo estava falando como se a conhecesse, de onde a conhece?

- Não sei! - ele respondeu erguendo os braços tentando se defender. - De onde eu conheço você?

Assim que ouviram a pergunta todos me olharam e eu entrei em desespero não sabia o que dizer, nem o que fazer, ou essa era uma brincadeira sem graça ou ele não conseguia mesmo se lembrar e agora quem precisava se explicar era eu.

- Pode me dizer de onde eu conheço você ruivinha?

- Você salvou a vida dela, deve ser do bar que a conhece! - a voz do Nestor preencheu o quarto, me fazendo respirar aliviada, ele e a Magali haviam acabado de entrar, e o Nestor se aproximou sorrindo indo dar um abraço no Luidi.

Eles se cumprimentaram e com exceção da mulata, todos os pensamentos no quarto eram alegres, todos estavam felizes por ele estar bem.

- Agora que todos estão felizes de novo, pode me dizer como conhece meu namorado?

- Você perdeu a fala de novo ou está muda porque ele foi idiota o suficiente para te dar uma cantada na frente da namorada? - o Zeca perguntou ao meu lado enquanto eu tentava pensar em algo para falar, será que eles não entendem que pessoas tímidas simplesmente travam quando são pressionadas...

- O-Obrigada! P-Por salvar minha v-vida... – falei olhando para o Luidi deixando as palavras saírem atrapalhadas.

- Levei um tiro no peito por sua causa... - Luidi disse sentando na ponta do sofá, olhando para mim segurando minha mão, fazendo meu coração acelerar.

- Desculpe, eu não quis que ninguém se machucasse...

- Tudo bem, vou ganhar uma medalha por isso. - ele disse rindo, voltando a encostar no sofá chamando a mulata para sentar ao seu lado e ela fez isso com a maior satisfação e eu percebi quando o Nunez torceu o nariz com a cena do Luidi a abraçando.

- Shiii! Acho que vou ter que trocar seu transporte, parece que a roda da cadeira travou. - o enfermeiro Zeca disse movimentando a cadeira para constatar que estava mesmo quebrada. - Pode sentar no sofá enquanto eu troco essa cadeira?

Quando fui levantar o Luidi me ajudou e com cuidado me acomodou no sofá, ficamos a mulata e eu sentadas enquanto o Luidi ficava em pé ao lado da Magali, Nestor e o Nunez, o Zeca saiu do quarto indo trocar a cadeira.

- Então, de onde o conhece? - a mulata insistiu no assunto e pior agora ela estava sentada bem ao meu lado.

- Acho que nos conhecemos agora...

- Porque está mentindo? Ele já deixou evidente que se conhecem? Fique tranqüila, não sou ciumenta. - ela insistia com raiva.

- Eu salvei a vida dela... Precisa de mais alguma coisa Lucia?

- E por isso sabe tantas coisas sobre ela?

- Não deveria deixar sua insegurança assim tão evidente. - a Magali falou para a mulata e eu abaixei a cabeça imaginando que a moça faria agora, ela estava mesmo insegura, mas não era pelo Luidi, era pelo que sentia pelo Nunez.

- Insegurança? - a mulata perguntou se fazendo de desentendida. - Eu não sou insegura! – apesar de querer afirmar isso, sua voz não saiu tão firme e ela deu uma olhadinha para o Nunez que prestava atenção.

- Quando está insegura, sua energia fica fraca, você precisa de mais energia positiva para manter o controle, caso contrário vai perdê-lo.

Talvez Magali achasse que estava falando sobre o Luidi quando na verdade ela dizia coisas que se referiam a mulata e ao Nunez e a mulata parecia assustada pela Magali acertar tantas coisas sobre sua vida sem ao menos conhecê-la.

- Como pode dizer essas coisas? Nem me conhece.

- Não preciso conhecê-la. - a Magali foi tentando explicar. - Eu vejo isso em você! Fique tranqüila ele gosta muito de você, só está confuso... Cerque-se de energia positiva que ele vai acabar voltando!

Suspirei, a Magali sempre fazia essas coisas, era natural nela, chega nas pessoas e diz o quanto elas precisavam melhorar sua positividade, trazendo mais energia para sua vida.

- Afinal, o que vocês estão fazendo aqui no quarto dele? - ela perguntou olhando para mim e para Magali, deixando claro que ela gostaria que nos saíssemos.

- Eu estou esperando meu transporte... – falei um tanto sem jeito.

- E eu só vim agradecer por salvar minha amiga. - a Magali disse indo até onde o Luidi estava para lhe agradecer com abraço afetuoso e um beijo no rosto, deixando a mulata perplexa, depois ela fez o mesmo com o Nunes e por último o Nestor e nele ela

demorou mais no abraço, então eu soube que a Magali já estava se aproveitando e dei risada por isso.

- Talvez a tenha conhecido em outro plano astral. - a Magali disse ao Luidi sem querer ofender ninguém, a mulata continuava sem acreditar na ousadia da Magali em abraçar e beijar a todos com tanta naturalidade e claro, eles gostaram, como o Luidi disse é bom ser herói!

Todos ficaram em silêncio procurando algo neutro para falar, como ninguém falava nada inesperadamente Luidi e eu falamos juntos.

- Como vai o Garfield? - eu o ouvi perguntar.

- Se reconciliou com seu pai? - perguntei no mesmo instante e nos rimos alto por falarmos juntos, enquanto todos olhavam, ergui os ombros despreocupada e respondemos naturalmente.

- Magali disse que o Garfield está muito bem, come e dorme preguiçosamente.

- Meu pai veio me visitar, nos conversamos e nos entendemos, você estava certa era uma bobagem da minha parte.

Quando terminamos de falar todos nos olhavam, só então nos demos conta que acabamos de piorar a situação.

- Quem é Garfield? - a mulata perguntou no mesmo instante.

- O gato dela... - Magali respondeu assombrada.

- Foi você que o convenceu a se entender com o pai dele? - Nestor perguntou me olhando assombrado.

- Porque está fazendo isso? - perguntei ao Luidi, ouvindo os pensamentos irritados da mulata, ela pensava que Luidi e eu já nos conhecíamos antes do incidente no bar e ela não queria fazer papel de boba e pior na frente do Nunez.

- Eu não estou fazendo nada! Foi você quem perguntou do meu pai!

- Mas você perguntou do Garfield? Porque está falando essas coisas, se não quer dizer que me conhece!

- Não sei por que perguntei do seu gato, nem me lembro direito de onde conheço você! E também não me lembro de ter lhe contado sobre minha briga com meu pai, quem é você afinal? – parecendo confuso ele se afastou indo para perto da janela e ficou olhando para fora, ele pensava em como era possível ter a sensação de que me conhecia tão bem, sem se lembrar exatamente de onde.

Todos ficaram em silêncio novamente e eu estava torcendo para que o Zeca voltasse logo para que eu saísse dali de uma vez.

Dei uma olhada no Nunez quando seus pensamentos chegaram até mim, ele se sentia um idiota por ter preferido continuar o noivo ao invés de ter assumido seu relacionamento com a mulata, sentia-se cada dia mais apaixonado por ela.

O Nestor continuava intrigado por eu saber sobre a briga do Luidi com o pai e ainda ter conseguido fazê-los se reconciliar, já que ele mesmo tentou essa façanha tantas vezes sem sucesso.

A Magali tentava manter seus pensamentos em coisas boas e a mulata estava carregada de desconfiança com tudo que assistia.

Fechei os olhos tentando relaxar, quem sabe assim os pensamentos não me atingiriam tanto, aos poucos fui conseguindo e o ar dentro do quarto foi ficando mais fresco. Comecei a sentir um ventinho gelado soprando como uma brisa... Sabe aquela sensação de friozinho que às vezes faz você acordar de madrugada para se dar conta que o edredom caiu da cama, era esse friozinho que pairava no ar...

Essa sensação foi se instalando devagar e o quarto todo foi ficando friozinho... friozinho... até ficar gelado... isso foi me deixando cada vez mais relaxada com os olhos fechados.

- Nossa que frio! - a mulata disse me fazendo despertar, olhei para ela e a vi se mexendo num arrepio, daqueles que quando a gente sente diz "...passa morte que eu estou forte..."

- É aqui está frio mesmo, acho que vou ficar gripada... - a Magali disse sentada na beira da cama ao lado do Nestor, eu olhei e a vi esfregar os braços tentando se aquecer.

- Luidi tem ar condicionado nesse quarto? - o Nestor perguntou olhando em volta para ver se tinha algum aparelho no quarto. - Está gelado mesmo...

- Como pode estar frio? Se o sol brilha lá fora! - o Luidi disse apontando pela janela e eu comecei a sentir o friozinho soprando bem perto do meu corpo, vi os pelinhos dos meus braços ficarem arrepiados, acho que o Luidi teve a mesma sensação, eu o vi olhar seu braço e tudo indicava que ele havia ficado arrepiado também.

Meu coração disparou e até a minha nuca começou a arrepiar, fiquei assustada e me levantei com aquela sensação de pânico, invadindo meu corpo.

- Ai meu Deus! - falei percebendo que aquela sensação era a mesma de quando estive no mundo dos mortos. A morte estava ali!

- O que foi Gi?

- Ela está aqui! - falei assustada tentando explicar para a Magali. O Luidi me olhou como se entendesse o que eu estava falando.

- Quem está aqui Gi?

- É ela... Meu Deus, ela está aqui! - repeti como se aquilo fosse óbvio para eles também, vi quando o Luidi deu alguns passos na minha direção.

- Quem está aqui? - o Nestor quis saber, talvez quisesse tranquilizar a Magali.

- A morte! - o Luidi disse sério sem sair do lugar, todos se olharam assustados.

- A morte está aqui dentro desse quarto? - o Nestor repetiu como se quisesse ter certeza que ouvira direito.

- É meu amigo, a morte está aqui entre nós!

- Vocês não estão sentindo? - perguntei assustada olhando para todos, mas eles me olharam como se não entendessem do que eu estava falando.

Olhei para o Luidi apavorada com a respiração ofegante e o coração querendo pular para fora.

- Luidi, fala para mim que ninguém vai morrer hoje!

Pensei naquele bafo gelado que andou nós perseguindo e depois lembrei do Luidi dizendo que esse bafo lhe disse que um de nós tinha que ir, o pânico foi aumentando como se esse pensamento fosse o único em minha mente.

Bem dizem que na hora do aperto até aleijado sai correndo, a adrenalina no meu corpo foi tão grande que eu esqueci completamente que estava com dificuldade para andar, eu só enxergava o Luidi, parecia que ele era meu porto seguro, precisava chegar onde ele estava, porque assim nada poderia me fazer mal.

Dei alguns passos e a impressão que eu tinha era que o ar do quarto havia acabado por completo, provavelmente o pânico havia dominado meu corpo.

- Diz Luidi... Ninguém vai morrer hoje! - gritei.

- Ninguém vai morrer hoje... - a princípio ele pareceu em dúvida, mas depois vendo todos ali assustados ele quis reafirmar. - Gisely, ninguém vai morrer hoje, eu prometo! - ele deu alguns passos me alcançando antes que eu caísse, minha respiração era rápida e eu estava apavorada e com medo por não saber qual de nos voltaria para o mundo dos mortos.

- Do quê vocês estão falando? - a mulata perguntou segurando no braço do Nunes e todos no quarto estavam em pé assustados sem entender o que acontecia conosco.

- Ruivinha, olha para mim! Só para mim... está entrando em pânico novamente... respire devagar, respire devagar, vamos você consegue, respire, olhe para mim... isso mesmo, calma eu estou aqui, olha só para mim, ninguém vai morrer hoje, eu prometo! Ele dizia com mais convicção tentando me fazer ficar calma e aos poucos olhando pra ele eu fui acreditando.

- Você está bem? Sente alguma coisa? - ele disse segurando meu rosto me olhando preocupado.

- Acho que estou...

- Tem certeza que está bem? Estou sentindo aquela coisa estr...

- Deve ser você... – senti minha garganta apertar com medo de acontecer algo com ele. – vai acontecer alguma coisa com você! – falei tentando não chorar.

- Não, eu me sinto bem... – quis acreditar, mas não pude vendo sua camisa aberta e o curativo do tiro em seu peito.

- Luidi o que está acontecendo? - a mulata insistiu.

- Ela só está assustada porque acha que um de nós vai morrer... - ele disse olhando para a mulata, como se dizer isso fosse um comentário cotidiano, depois voltou a olhar para mim. - Estou bem Gisely, eu juro! - ele disse colocando minha mão sobre o curativo. - Eu estou bem, fica calma! Eu não vou morrer, eu juro que estou bem e não vou deixar você morrer...- ele disse dando um beijo na palma da minha mão me abraçando com carinho.

- Eu não quero voltar para lá... – encolhi de medo pensando nessa possibilidade.

- Acho que não vamos voltar, parece que alguém veio nos visitar...

Luidi foi se afastando até encostar no armário me levando com ele, levantei a cabeça sem entender e quando olhei meu coração pareceu parar de tanto medo.

Em pé ao lado da cama estava aquela senhora que havia acenado para mim quando estive na UTI. Sua imagem era translúcida e ela sorria de maneira gentil, um frio intenso pairava no ar me fazendo tremer, ela deu alguns passos ficando bem a nossa frente sorrindo feliz, dizendo que era uma boa alma e não pretendia fazer mal a ninguém.

- Vim me despedir e dar um recado...

Fiquei petrificada, talvez o recado fosse que um de nós ia morrer!

- O que aconteceu com vocês na UTI, foi há coisa mais linda que eu assisti nesses meus quase 84 anos, as almas de vocês lutaram uma pela vida da outra, nenhum de vocês quis voltar se o outro não pudesse vir também, esse é o mais puro amor e foi um privilégio assistir isso, dessa vez precisam ficar juntos, precisam lutar um pelo outro, muitas pessoas serão beneficiadas depois disso é a última chance que vocês tem... Um dia nos veremos de novo, fiquem com Deus...

Mal terminou de falar e começou a desaparecer na frente de nossos olhos, a última coisa que ouvi ela dizer foi algo sobre almas gêmeas e ela sumiu completamente.

O frio ficou ainda mais intenso e o Luidi me abraçou, eu sentia suas mãos tentando me aquecer, ele esfregava meus braços e minhas costas, dizendo que eu deveria ficar calma e ele estava ali.

- O que está acontecendo afinal, está agarrando ela, é isso? - a mulata exigia explicações sem nem se dar conta que ela mesma estava agarrada ao Nunez.

- Pensei que fossem eles... as sombras... pensei que aquela coisa estava aqui... pensei que fosse era a mor...

Fechei os olhos sem poder terminar, tive vontade de chorar e sem conseguir me segurar chorei encostada em seu peito, ele continuou me abraçando com carinho dizendo baixinho.

- Ei, calma foi só o espírito da senhora por isso essa sensação, nenhuma sombra... nada aquela coisas de bafo gelado... era apenas uma alma boa...

- Luidi solta ela! A mulata dizia e eu achei que provavelmente agora ela teria uma crise, porque eu sentia a raiva crescendo em seus pensamentos.

- Droga Lucia, ela está assustada! Pode esperar? – Luidi disse bravo com ela que ficou mais irritada ainda. – aquela alma já se foi... acabou Gisely! - ele foi me dizendo e todos ouviam atentos, a mulata voltou a segurar no braço do Nunez e sua raiva pareceu desaparecer, agora ela só sentia medo novamente.

- Luidi, ainda não acabou! – falei atenta percebendo que a morte ainda nos rondava o frio continuava e a sensação de insegurança também.

- Acabou sim ruivinha ela já foi! Não tem mais gente morta aqui...

- Mas a morte ainda está aqui, eu posso sentir! – olhei para os lados porque tinha certeza que ela pairava ali, como se estivesse à espreita esperando para nos levar.

- Meu Deus, essa garota precisa de um médico?

- Então vai chamar procurar um Lucia! – o Nunez disse como se quisesse que ela saísse daquele lugar onde a morte pairava e ela assustada virou e saiu à procura de um médico sem questionar.

- Ruivinha... olha não tem mais nada aqui.

Ergui a cabeça e por uma fração de segundos ouvi uma gargalhada, as sombras correram, mas dessa vez não pelas paredes... elas correram pelo chão fazendo um círculo entre Luidi e eu, tão rápido como apareceu simplesmente sumiu, com certeza ele também viu e deixou isso claro quando falou.

- Tudo bem ruivinha... tem algo estranho aqui...

Luidi me ajudou a deitar e encostou seu rosto bem perto do meu enquanto deslizava seus dedos com carinho em mim, parecendo assustado e preocupado também. Não consegui fazer meu corpo parar de tremer, talvez pelo medo que me assolava por completo.

- Isso é uma daquelas coisas esquisitas que acontecem quando as pessoas ficam em coma por muito tempo? - o Nestor perguntou nos olhando.

- Sim... - foi tudo que o Luidi respondeu sem nem olhar pra ele.

Quando a mulata voltou trouxe com ela uma enfermeira que entrou correndo vindo medir minha pressão, eu estava com os olhos fechados e completamente apavorada porque ainda sentia a morte no ar, a enfermeira saiu dizendo que ia chamar meu médico e resmungou algo sobre ser impossível uma pressão tão alterada como aquela.

- Vai ficar tudo bem, estamos bem, seja lá o que for não vai nos levar... não tem mais nenhuma sombra aqui...

- Não quero ficar encontrando com pessoas mortas... não quero ser perseguida pelas sombras ou aqueles olhos assustadores que surgem em minha cabeça sem explicação, não quero fazer qualquer acordo... quero apenas ter minha vida de volta!

- Acordo ruivinha? Que acordo?

- Não sei, mas é o que ouço quando a morte se aproxima...

- Vocês estão vendo pessoas mortas? - a mulata perguntou se esgueirando nos braços do Nunez novamente.

- Uma pessoa morta! - o Luidi quis explicar como se isso fizesse diferença.

- Isso é coisa da imaginação de vocês! Muita medicação faz isso... - o Nunez disse querendo amenizar o clima.

- Não é... – falei áspera olhando para ele, sabendo que como ele outras pessoas não acreditariam em mim.

- Olha, vamos todos ficar calmos... Vamos lá pessoal... Estamos entre amigos... Porque estão tão assustados? O quarto ficou gelado, mas e daí? Olha agora o ar já está até voltando ao normal, não existe esse negócio de ver pessoas mortas... Apenas vamos relaxar... Vocês estão assustando as garotas! – Nunez insistiu tentando ser engraçado.

Um barulho se fez e todos olhamos para a janela, havia sangue como se um pássaro tivesse vindo a toda velocidade e colidido diretamente fazendo o sangue escorrer pelo vidro, em seguida outra ave bateu com a mesma força e o sangue espirrou, depois mais uma e depois outra, a cada nova pancada o vidro tingia um pouco mais e lentamente o sangue parecia formar desenhos sinistros.

A mulata começou a gritar e eu me encolhi apavorada, o Luidi correu até a janela e fechou a cortina, no mesmo instante o som das pancadas parou.

Um minuto se passou e ninguém dizia nada, nem o Luidi havia se mexido o silêncio se prolongou e aos poucos ficou mortal, lentamente o Luidi colocou a mão na cortina e de supetão a abriu. Todas gritamos apavoradas.

A mulata escondeu o rosto no peito do Nunez, enquanto a Magali se agarrava no braço do Nestor, meus olhos arregalaram eu precisei me inclinar para ter certeza se estava vendo direito... A vidraça estava limpa sem qualquer sinal do sangue, sem nenhum vestígio, simplesmente não havia mais nada.

Um tanto nervoso, Luidi deu alguns passos voltando na minha direção, mas quando passou ao lado do banheiro a porta bateu com tremenda força, como se alguém estivesse ali pronto para arrebatá-la contra o batente.

- Ai meu Deus! – a mulata choramingava se apertando ainda mais no Nunez.

Meus olhos continuavam fixos no Luidi que com a respiração acelerada deu outro passo na minha direção, antes que o seguinte acontecesse um quadro de vidro que estava pendurado em uma das paredes simplesmente caiu como se tivesse sido arrancado a força se espatifando em mil pedaços no chão.

Por um instante Luidi fechou os olhos, pareceu que precisava respirar algumas vezes seguidas como se buscasse concentração; abriu os olhos e o silêncio continuava, parecia que todo o hospital estava vazio, só nos estávamos ali, em passos largos Luidi continuou com intenção nítida de chegar onde eu estava, mas a um passo de me alcançar, o som da tv se fez presente como se alguém tivesse pego o controle e a ligado simplesmente, todos com olhos assustados viramos para ver.

Primeiro um chiado apareceu como quando o canal fica fora do ar, depois sussurros incompreensíveis saíram daquele aparelho enquanto a imagem continuava distorcida.

Meus olhos assustados cruzaram com os do Luidi, ele também parecia assustado, acho que todos ali estavam, um segundo se passou e ele tentou sorriu como se soubesse o que precisava ser feito, deu o último passo na minha direção e protegeu minhas mãos nas suas enquanto encostava sua testa na minha fechando os olhos como se fosse uma prece.

- Estamos juntos e só isso importa! Estamos juntos e só isso importa... – ele disse e continuou a sussurrar essa frase como se realmente fizesse uma prece.

A tv desligou e todo quarto ficou no mais profundo silêncio, olhamos uns para os outros e a sensação que pairava no ar era que tudo fora apenas seguidas coincidências sinistras.

As respirações foram voltando ao normal, o Nestor até soltou uma risada nervosa e a Magali tentou rir também, a mulata parecia apavorada sem nem se dar conta que não se soltara do Nunez.

- Caramba! Se eu acreditasse nessa coisa da morte vindo nos buscar, ficaria assustado agora! - o Nunez disse tentando rir como quem queria fazer uma piada, talvez ele apenas quisesse deixar o ambiente tranquilo porque seus olhos ainda pareciam assustados.

- A morte não quer nenhum de vocês! – fui falando, tendo certeza disso.

- Não! O que a morte quer então? - a mulata perguntou nos olhando preocupada.

- Ela quer levar a Gisely ou a mim...

Era assustador ouvir isso do Luidi, mas ele estava certo, ela queria um de nós, ninguém mais interessava, talvez nem fosse a morte, mas alguma coisa sinistra nos queria, isso eu podia sentir, e aquela coisa continuava ali, mesmo quieta, nesse momento ela rondava a cama de maneira sorrateira ali dentro do quarto.

- Um de vocês Gi?

- Luidi, ela vai levar um de nós! – minha voz saiu quase num grito.

- Gisely! Eu disse que ninguém vai morrer hoje! Acredite, vamos ninguém vai morrer hoje ruivinha! - Luidi disse sério olhando para mim.

- Acreditar? – falei incrédula, como para ele era sempre fácil acreditar. - E se ela me levar?

- Eu vou te buscar! Prometo! Fica calma, vai ficar tudo bem, você está bem, eu estou bem, pense em coisas boas... Vamos ruivinha acredite em mim!

- Acho que vamos deixar vocês conversarem sozinhos... Estaremos lá fora se precisarem... - o Nunez disse e todos saíram nos deixando sozinhos.

- Ei... - ouvi sua voz e abri os olhos me sentindo cansada. - Vai ficar tudo bem. – fui ouvindo ele falar assim tão pertinho e calmo que eu quis ficar calma também.

- Vou tentar acreditar em você Luidi...

Ficamos nos olhando por algum tempo, parecia mesmo que nada daquilo era real, talvez eu estivesse muito assustada, dizem mesmo que ver a morte de perto deixa as pessoas traumatizadas, talvez fosse apenas isso. Respirei algumas vezes e desejei ter minha vida de volta, desejei ser apenas a Gisely a garota tímida que no momento se sentia atraída por um cara que mal conhecia.

Fechei os olhos balançando a cabeça, nunca em minha antiga vida eu teria conseguido trocar meia dúzias de palavras inteligentes com o Luidi, quem dera brigar, gritar, esbravejar, beijar e até desejar.

- Fiquei feliz por você estar falando e andando ruivinha...

- Acho que o susto fez o resto da cura. - falei e nos demos risada da minha corrida na hora do pavor.

- As ciência chama isso de descarga de adrenalina... – voltamos a rir.

Estávamos tão perto e tudo nele era lindo, seus cabelos, seus olhos, sua boca, seu tom da pele, seu cheiro, completamente perfeito, um desejo louco me consumiu então fechei os olhos antes que perdesse o controle.

- Ei, olha para mim, eu gosto de ver seus olhos.

- É melhor eu ficar assim.

- Está com medo de mim?

- Não... estou com medo de mim...

- Pensei que fosse envergonhada!

- Eu sou, acredite! Mas isso desaparece quando estou com você!

- Levei um tiro no peito por sua causa, deveria ao menos olhar para mim...

Abri os olhos angustiada. - Lamento que tenha se machucado.

- Você é mais linda assim, viva!

- Então estava mentindo, se lembra de mim? - perguntei ficando brava com ele, mas percebi que seus pensamentos ainda eram confusos como se ele não quisesse acreditar que me conhecia de um lugar tão improvável.

- Não, eu não menti, estou lembrando aos poucos, eu acho... ainda é confuso e completamente irreal.

- Irreal é a melhor definição...

- Ruivinha, fiquei tão feliz em te ver como nunca me aconteceu... é confuso e diferente, como o que estou sentindo agora... - ele disse sem terminar as palavras e eu voltei a olhar.

- O que sente agora?

- Eu sinto o gosto da sua boca, como se eu já tivesse te beijado muitas vezes, eu sei dizer como são seus lábios quando se encontram com os meus, e a maneira dengosa com que você se entrega em meus braços, mas eu não me lembro de quando a beijei.

- Essa é sua melhor cantada?

- Não, essa é a mais pura verdade, eu quero te beijar e saber se é exatamente do jeito que eu sinto que seja.

Fiquei olhando esperando que ele me beijasse e quando isso aconteceu, fui derretendo na cama, sentindo seus braços me envolvendo me puxando para perto me fazendo sentar novamente.

Sempre que nos beijamos um, ou os dois estavam no mundo dos mortos, por isso os lábios eram frios, mas agora o sangue corria por nossos corpos e o beijo era quente e intenso, tão intenso e tão quente que a temperatura do quarto pareceu voltar ao normal. Luidi aos poucos foi se afastando sem me soltar, sorriu me olhando me deixando sem graça, completamente envergonhada.

Voltamos a nos beijar e não sei quanto tempo fiquei em seus braços, os beijos eram longos e sem pressa de acabar, às vezes ele beijava meu pescoço e sentia o cheiro no meu cabelo.

- Seu cabelo tem mesmo cheiro de pêssego! Achei que estava ficando louco... Ah! Como senti sua falta ruivinha! - ele dizia me fazendo sorrir em seguida voltava a me beijar.

Estávamos tão distantes que nenhum dos dois ouviu quando a porta abriu e todos entraram, o que chamou atenção foi à voz da mulata.

- Sabe, quase acreditei em vocês! - ela dizia alterada. - Desde quando a conhece, Luidi? - a mulata dizia cada vez mais alto pedindo explicações.

Olhei em volta e todos estavam dentro do quarto a Magali estava encostada na parede e parecia feliz talvez como todos acreditasse que nada do que havia acontecido fora mesmo real, ao seu lado estava o Nestor com cara de quem sabia que em seguida viria confusão; um pouco mais afastado estava o Nunez olhava de maneira irritada assistindo o show da mulata que a pouco estava em seus braços, mas agora parecia enfurecida e com ciúmes do Luidi, o Dr. Dionísio passou por todos e nos olhou com censura, provavelmente também nos vira juntos.

- Luidi! – a mulata gritou.

- Eu... eu... não sei de onde a conheço, eu só a salvei, ela estava no bar! – o Luidi foi dizendo me soltando parecia estar tentando se justificar todo atrapalhado.

O Nestor deu risada e até o Nunez não agüentou, ouvindo a desculpa tão mal formulada.

- Alguém precisa de atendimento ou é apenas uma discussão familiar? - Dr. Dionísio disse começando a me examinar.

Luidi se afastou e foi se encostar perto do Nestor e do Nunez, próximo a porta, depois da desculpa esfarrapada tudo que passava nos pensamentos deles eram gracinhas. Eles tinham certeza que o Luidi estava encrencado, mas os pensamentos do Luidi eram assustados, como se estivesse com medo dos sentimentos que apareciam nele cada vez que ele olhava para mim.

- Se teve alguma coisa, no momento está bem Gisely, vou pedir a enfermeira para te levar para fazer o exame de uma vez. - o médico foi saindo do quarto, mas quando passou pelo Luidi, deu um tapinha no ombro dele dizendo.

- Agora eu entendo porque desde que acordaram estão perguntando um pelo outro! O que deu em vocês? Isso aqui é um hospital!! - o médico saiu do quarto rindo balançando a cabeça pensando que seu trabalho era duro, mas às vezes muito divertido.

- Agora podem me explicar? O que estava acontecendo aqui? - a mulata perguntou com a mão na cintura irritada.

- Bem... Pelo que eu vi o tenente a estava beijando, mas que beijo, hein! - o Nunez disse olhando para a mulata se divertindo, achando que agora ela não ficaria mais com o Luidi.

- Cala a boca Nunez! - ela gritou, chegando perto da cama e eu me assustei, seus pensamentos diziam que ela era mesmo capaz de usar de agressão física.

- Luidi, como pode me trair?

- Traição? Vocês nem são namorados! - o Nunez disse ignorando qualquer regra de educação, seus pensamentos diziam que ele gostaria que ela não visse o Luidi como namorado, com medo de perdê-la.

- Mas eu saio com ele, seu idiota!

- Lucia, nunca pensou em se dar respeito e sair com um cara que ao menos quisesse ser seu namorado?

- Ah! Nunez, por favor, logo você dizendo isso? - ela respondeu sarcástica, seus pensamentos eram claros, ele não se importou em sair com ela, mesmo sendo noivo e quando ela pediu para que ele deixasse a noiva ele teve dúvidas. – Pára de se meter e deixa eu falar com meu namorado! Agora se explica Luidi?

- Lucia, sinceramente não sei... quer dizer... não sei o que me deu.

Luidi foi tentando se justificar me deixando pasma com aquela atitude, seus pensamentos diziam que ele estava completamente confuso e o que sentia por mim o deixava mesmo aterrorizado.

- Você não sabe o que te deu?

- Shiiii! - o Nestor disse rindo mais. - Tenente, agora a casa cai, irritou as duas?

O Nestor e o Nunez riam enquanto pensavam em uma maneira engraçada de provocar o Luidi então o Nunez teve uma idéia e começou a falar.

- SENHOR! Peço autorização para sair do quarto, SENHOR! - o Nunez disse alto batendo continência, fazendo a Magali e o Nestor darem risada.

- Cala a boca e fica quieto! - o Luidi respondeu olhando para Nunez sério.

- Sim SENHOR! - o Nunez respondeu alto voltando a bater continência.

- Estou esperando uma explicação! - a mulata voltou a gritar.

- SENHOR! Quer que eu vá buscar reforços, SENHOR! - o Nunez ia dizendo parecendo estar se divertindo vendo a mulata perder a linha.

- Cala a boca Nunez! - o Luidi e a mulata gritaram para ele.

- Sim SENHOR! Ele respondeu com toda força dos pulmões, fazendo a Magali se escorar no Nestor de tanto rir.

- Acho que foi ela que me agarrou! - Luidi disse confuso e eu perdi o ar de raiva por ter ouvido aquilo.

- Ela te agarrou?

- Eu te agarrei!! Seu mentiroso, porque está enganando ela?

- SENHOR! Peço permissão para responder, SENHOR! - o Nunez disse usando o mesmo tom e antes que alguém conseguisse freá-lo ele continuou falando olhando para mim.

- A Lucia é sobrinha do capitão e o tenente está com a cotação baixa com ele. - ele disse e piscou para mim, talvez tentando fazer-me entender porque Luidi mentira descaradamente.

- Cala a boca Nunez! - o Luidi gritou olhando para ele enquanto o Nestor e a Magali estavam se acabando de rir ali encostados na parede.

- Mesmo? - falei brava. - Isso explica porque ele está com ela sem nem gostar dela!

- Quando eu te dei permissão para contar a ela ruivinha?

- O quê? - a mulata disse olhando brava para o Luidi. - De onde se conhecem afinal?

- Eu não a conheço... juro que não a conheço Lucia!

Fiquei tão irritada que comecei a sair da cama, quis sumir dali.

- Onde pensa que vai ruivinha?

- Sair daqui seu idiota! - respondi me soltando do braço dele que tentava impedir.

- Está andando perfeitamente Gil!

- Claro que ela está! Tudo era mentira, ela só estava fingindo para agarrar ele. - os pensamentos da mulata chegavam a mim com se ela gritasse, definitivamente ela estava furiosa comigo, porque tentou provocar ciúmes no Nunez e graças a mim estava passando a maior vergonha de todos os tempos.

Enquanto o Luidi pensava que precisava contornar aquela situação antes que a mulata irritada tentasse prejudicá-lo com o capitão.

- Vocês dois se merecem! - falei depois de ouvir cada pensamento.

- Engraçado ruivinha, pensei que costumava relevar as coisas porque não gosta de discutir por bobagens! - ele disse com tanta certeza que todos ficaram olhando de boca aberta.

- Gisely, seu idiota! Meu nome é Gisely!!! Além disso, estou seguindo seu conselho, não foi você mesmo que disse que eu deveria acreditar mais em mim e não me punir por ninguém mesmo que eu goste dessa pessoa!

- Mas eu não achei que fosse usar isso logo comigo?

- Porque tem tanto medo de um sentimento tão maravilhoso Luidi, porque isso te assusta tanto?

- O que você é afinal? Consegue ver minha alma?

- Não aqui! Mas eu ouço seus pensamentos! - respondi sabendo que todos levariam isso na brincadeira.

- Qual parte eu perdi para eles já estarem na discussão! - o Zeca perguntou ao Nunez quando entrou empurrando uma nova cadeira de rodas.

- Discussão? Com quem está discutindo filho? - olhei para a porta e bem atrás do Zeca estava um senhor muito parecido com o Luidi apenas com cabelos grisalhos, provavelmente era o pai dele.

- Pode deixar... eu conto tudo! - o Nunez disse dando uma olhadinha e apressado começou a falar.

- Vocês não vão acreditar, ele sabe coisas sobre ela que só saberia se a conhecesse intimamente, mas juram que não se conhecem... Ele até deu uma cantada nela... Muito boa por sinal... - o Nunez ia dizendo sem que ninguém conseguisse fazê-lo parar.

- Depois tudo aqui ficou gelado... Bem teve uma parte sinistra sobre morte, o sangue na janela, o quatro que espatifou e a tv tipo poltergeist, mas essa eu vou pular... - ele disse se arrepiando novamente.

- Nossa! - o Zeca disse continuando atento.

- Eu acho que ela passou mal e o tenente a socorreu de maneira estranha, sabe! - ele dizia a eles que escutavam fascinados a história.

- Estranha? - o Zeca perguntou interessado.

- É estranha... Porque ele a abraçou, apertou, carregou, chamengou, acariciou, até que ela ficasse calma...

- Mesmo? - o Zeca perguntou olhando de maneira pasma para o Nunez, como se aquela fosse à melhor história de todos os tempos e o Nunez continuava falando apressado imaginando que logo alguém o mandaria calar a boca enquanto o pai do Luidi só ouvia atento.

- Depois nós saímos, porque ela precisava de atendimento médico e quando voltamos com o médico, o tenente ali estava fazendo respiração boca a boca nela, usando uma técnica que incluía um movimento rítmico com as mãos, fungadas no pescoço, provavelmente dizendo palavras que pudessem acalmá-la porque ela estava completamente relaxada nos braços dele. - ele disse fazendo uma careta como se estivesse pensando em algo antes de continuar a contar... - Eu não me lembro ter aprendido na academia essa manobra de salvamento, mas era uma boa manobra...

O Nunez disse olhando para o Luidi percebendo que era melhor parar ali, antes que alguém pulasse em seu pescoço.

- Enfim, acho que o resto vocês podem imaginar pela cara da Lucia e a braveza da ruiva. - ele finalizou rindo apontando para a mulata e para mim.

- Acabou Nunez? - o Luidi perguntou entre os dentes olhando para ele.

- Sim SENHOR! - ele disse batendo continência.

- Então... Cala a boca! - o Luidi disse ainda entre os dentes.

- Sim SENHOR! - o Nunez voltou a falar batendo continência novamente.

- Tenho que admitir, você tem coragem Nunez, ele com certeza vai te rebaixar quando sair daqui. - era o pai do Luidi falando.

- Eu nunca fui tão humilhada! - a mulata disse se fazendo de ofendida chegando perto do Luidi que sem opção a amparou e ver isso deixou o Nunez com pensamentos irritados.

- Não se preocupe com o Nunez, ele só está brincando Lucia. - ver isso me deixou furiosa, ela o estava usando para fazer ciúmes novamente e ele a usava para melhorar sua reputação na corporação.

- Você é mesmo um idiota Luidi! - falei

- Eu sou o pai do idiota, posso saber quem é você? - o pai dele disse esticando a mão para me cumprimentar.

- Eu sou a Gisely...

- Muito prazer Gisely, gostei muito de você, parece que meu filho encontrou uma garota de pulso firme...

- Pai! - o Luidi disse olhando disfarçadamente para a mulata que estava em seus braços.

- Luidi quer enganar a quem? A ruiva o tem nas mãos, basta olhar para sua cara! Toma vergonha e deixe a Lucia para um rapaz que goste dela de verdade.

- Viu só? Imaginar que foi você que me convenceu a me entender com ele!
- Olha só, foi você que conseguiu esse milagre... Obrigado Gisely!
- Eu preciso ir... – respondi sem graça, soltando a mão do pai dele para sair.
- Vai me deixar aqui no meio dessa confusão? É assim que me agradece por salvar sua vida? - ele falou mais alto tentando chamar minha atenção e isso me fez ficar mais brava e sem resisti eu virei para responder.
- Eu já agradeço! E você? É assim que me agradece por salvar a sua? – falei irritada olhando brava para ele que ficou mudo como se tivesse levado um choque com minhas palavras, terminei de falar e voltei a ir em direção a porta.
- Gisely, espera! - Luidi me chamou, mas eu continuei andando para sair logo dali, quando passei pelo Zeca ele me segurou dizendo.
- Melhor você ouvir... Essa parte deve ser interessante!
Os pensamentos do Zeca diziam que ele gostaria que eu escutasse, porque acreditava que seria uma coisa importante entre Luidi e eu, então eu me virei.
- Estou ouvindo!
- Obrigado por me trazer de volta! - ele disse me olhando sério, ainda com a mulata em seus braços. - Mas eu não me lembro quando isso aconteceu, apenas sei que foi por sua causa que eu voltei a viver... Nas duas vezes... foi por você...
Ele disse e eu soube que era verdade, ele realmente não se lembrava de tudo.
- Tudo bem, não é uma coisa boa para se lembrar...
- Ei, aqui estão vocês! Eu estava feito doida procurando por todo o andar, precisa fazer o exame Gisely, o médico está esperando, vamos? - a enfermeira simpática estava na porta falando.
- Vai fazer outro exame? - o Luidi perguntou agora parecendo preocupado, soltando a mulata vindo na minha direção.
- Vou...
- Vai tomar anestésico?
- Não, o médico garantiu que não vou tomar anestésico.
- Não está com medo? - ele perguntou colocando a mão no meu rosto como se não tivesse mais ninguém dentro do quarto.
- Bem... Se eu for morrer, venho te avisar... E espero que tenha dito a verdade, porque se algo me acontecer, você vai ter que arrumar uma maneira de me trazer de volta... Ainda acho você um tremendo idiota, mas foi o único que se ofereceu!
Todos riram me ouvindo falar.
- Gisely, não está com fome? Vamos? Precisa fazer o exame para ir comer. - insistiu a enfermeira e o Zeca fez sinal para que ela esperasse, virei-me para sair, mas o Luidi segurou minha mão sem deixar que eu me afastasse.
- Está com fome?
- Morrendo de fome... - respondi, sentindo ele segurar minha mão e deslizar seus dedos nos meus de maneira carinhosa.
- Onde fica seu restaurante preferido? - ele perguntou sorrindo de leve fazendo meu coração bater mais rápido.
- Porque quer saber?
- Não sei. - ele respondeu erguendo as sobrancelhas como se isso fosse outra curiosidade sem sentido. - apenas quero saber, onde fica...?
- Fica no litoral, dentro do porto perto da marina. - respondi dando um pequeno sorriso quase me esquecendo que estava brava com ele.
- Meu pai tem um apartamento lá perto... - ele disse sorrindo, como se me convidasse, mas eu abaixei os olhos envergonhada, não estava acostumada com isso, ele passou a mão em alguns cachos, acariciou meu rosto e olhou dizendo.
- Alguma coisa me diz que a parte que eu não me lembro de você é a melhor parte de quando eu te conheci.
- Gisely vamos...
- Eu tenho que ir... – soltei a mão dele um pouco atrapalhada e fui me afastando.

Ao meu lado no corredor o Zeca empurrava a cadeira em silêncio, não demorou até que os pensamentos invadissem minha cabeça que começou a doer terrivelmente, passei a andar mais devagar, tentando me concentrar, mas nada funcionava, as pessoas continuavam pensando e a maioria dos pensamentos eram sobre coisas negativas.

- Vocês se conheceram enquanto estavam em coma?

- Como pode dizer isso Zeca?

- Eu trabalho em hospitais há muitos anos, já vi muitas coisas esquisitas acontecerem... Basta ver as coisas confusas que vocês tem feito para chegar a essa conclusão!

- É pensar isso não te assusta?

- É esquisito, talvez eu nem acredite de verdade, mas minha esposa também é enfermeira e ela trabalha na UTI, estava lá no dia que vocês acordaram...

- Fiquei sabendo pelo médico que foi realmente estranho aquele dia...

- Ela disse que você acordou gritando muito agitada, procurava por alguém de maneira desesperada e antes de apagar por completo, chamou pelo Luidi algumas vezes.

- Posso ter falado o nome dele porque foi ele quem me salvou no bar?

- E quando ele te salvou no bar você teve tempo de perguntar qual era o nome dele? – ele ria se divertindo. - Tudo bem, não precisa responder... Minha esposa disse que foi impressionante, assim que você apagou, nosso amigo ali acordou chamando seu nome... Coitada aquela noite ela nem dormiu, ficou impressionada!

- Olha Zeca... - comecei a falar sem saber o que dizer.

- Tudo bem garota, se fosse comigo, eu também não iria querer falar disso com ninguém.

Ele não fez mais nenhum comentário, apenas continuou a andar ao meu lado, tendo pensamentos alegres e vendo a vida de maneira positiva onde sempre existem novas possibilidades para sermos surpreendidos.

Quando entrei na sala do exame e me aproximei andando o médico ficou apenas observando, para cada pensamento de espanto ele concluía chegando a conclusão que esse era mais um mistério da vida.

- Olá Gisely, vejo que saiu ilesa do ataque de fúria da namorada do bombeiro.

- É, eu tive sorte doutor!

- Então vamos fazer a ressonância...

- É realmente necessário?

- Você esteve em coma, depois dormiu por 2 dias seguidos e teve dor de cabeça quando acordou, preciso ter certeza que está tudo bem.

- Pode ter acontecido mais alguma coisa enquanto eu estive em coma... quero dizer de alguma maneira meu cérebro foi afetado ou algo assim?

- É isso que vamos ver, apenas relaxe, em questão de 1h o exame vai ter acabado, se tiver qualquer problema você aperta esse aparelhinho e eu venho correndo, prometo!

Eu olhei para a máquina de ressonância onde ele indicava que eu deveria deitar, cada vez que eu fazia um exame às coisas ficavam estranhas, aquela máquina mais parecia uma espaçonave eu ia me sentir apertada lá dentro...

- Vamos Gisely, estarei ali, naquela sala ao lado, se tiver algum problema é só fazer um sinal que eu venho ok.

- E-Eu não quero fazer esse exame d-doutor!

- Gisely é importante que faça, precisamos ter certeza que não ficou qualquer seqüela, lembra que retiramos da sua testa? Se não fizermos pode ser perigoso...

- Eu vou ficar acordada?

- Sim, precisa apenas relaxar, vai ficar deitada aqui por 30 minutos sem se mexer, depois aplicamos o contraste e voltamos a fazer o exame é simples.

- Vou ficar ai dentro por 1h? Parece muito apertado, não pode ser mais rápido?

- Infelizmente eu preciso que fique 30 minutos e depois do contraste mais 30 minutos... passa rapidinho!

- Se eu sentir alguma coisa é só apertar isso aqui?

- Exato, e eu venho correndo saber qual o problema.

- Promete que ficará tudo bem?

- Gisely, se eu fosse passar mal, escolheria passar mal aqui, exatamente nessa sala, olhe a sua volta. - olhei e vi a quantidade de equipamentos. - Agora venha... olha aquela sala. - olhei depois do vidro e vi vários médicos conversando. - Percebe, estamos com todos os equipamentos e profissionais qualificados para socorrê-la se algo acontecer.

Respirei fundo e voltei para a maca deitando, esperando que a enfermeira viesse preparar tudo para que eu fizesse a ressonância magnética.

- Vou fazer o mais rápido que conseguir...

- Doutor... - eu chamei quando ele deu alguns passos.

- Sim...

- Eu posso ouvir os pensamentos das pessoas, gostaria que descobrisse como fazer isso parar, eu quero ser normal outra vez. - falei olhando séria para ele que apenas sorriu de volta.

- Mistérios da vida, minha cara! Mistérios da vida...

A enfermeira entrou e fez toda a preparação me avisou que eu poderia ter uma sensação de aperto como claustrofobia por estar dentro da máquina de ressonância e voltou a frisar que eu deveria ficar sem me mexer, depois de 30 minutos ela voltaria para aplicar o contraste e o exame prosseguiria por mais 30 minutos, ela era gentil e tinha bons pensamentos.

Fiquei deitada por quase 15 minutos, apenas o barulho da máquina isso estava começando a me irritar e eu estava ficando agitada parecia que nunca ia acabar, quando ouvi o médico dizendo por um alto falante.

- Gisely, fique relaxada, não se mexa. - suspirei e fechei os olhos tentando relaxar.

- Pense em coisas alegres Gisely... Fique sem se mexer e pense em coisas alegres...

Comecei a lembrar de situações alegres, como brincar na piscina de areia da pré escola, da primeira vez que fui para praia e vi o mar e a sensação da água gelada nos pés quando entrei correndo ao lado da minha irmã Irene, da emoção do primeiro beijo que foi numa festa com um garoto que eu gostava muito, do primeiro natal que passei ao lado de um namorado, da primeira fotografia que tirei que ficou totalmente fora dos padrões, mas incrivelmente bela, lembrei de todas as vezes que meu pai teve paciência em me ensinar como se usar o obturador da máquina fotográfica, lembrei da minha mãe me ensinando a fazer bolo e como ela ficava feliz com isso, lembrei que depois de um longo dia vendo o mundo por trás das lentes da máquina eu tinha o prazer de me fechar quarto escuro e ver a magia daquele momento único que ficou registrado em minhas fotografias...

Pensei, pensei, pensei desejando que tudo acabasse de uma vez, aos poucos o ar foi ficando gelado de uma maneira tão lenta que quase não me dei conta, talvez tenha sido o arrepio na nuca ou talvez um sexto sentido, mas assim que me dei conta do que acontecia me apavorei. Agitada quis sair dali, a droga daquela máquina de ressonância agora parecia um freezer e no sentido literal, tudo ficou gelado e aquele espaço foi ficando terrivelmente apertado, o ar começou a faltar até se extinguiu completamente uma dor aguda surgiu percorrendo meu corpo até que certa atingiu cabeça.

O pesadelo recomeçara, em seguida tudo escureceu completamente...

EQM – Experiência Quase Morte

- Aaaaah! - puxei o ar que faltava em meus pulmões, abrindo os olhos apressada sabendo o que havia acontecido e a primeira coisa que passou pela minha cabeça, foi que dessa vez eu estava sozinha, pela terceira vez eu vivenciava uma experiência quase morte.

Olhei em volta para me certificar, estava encostada na parede dentro da sala de exame e meu médico e a enfermeira estavam fazendo algum tipo de atendimento de emergência meu corpo sobre a maca parecia ter contrações involuntárias e movimentos desordenados, como uma convulsão.

O médico pediu alguma coisa para enfermeira que saiu correndo abrindo a porta, antes que a porta se fechasse sai da sala, não conseguia ficar vendo meu corpo tendo aqueles espasmos, olhei pelo corredor era o mesmo que eu havia passado há pouco conversando com o Zeca.

- Como pode ser? Porque estou saindo de meu corpo dessa maneira? Porque tudo é tão confuso?

Dei risada sozinha me lembrando que se estivesse com o Luidi ele me perguntaria em seguida qual resposta eu queria primeiro.

Fiquei um tempo encostada na parede tentando decidir o que fazer, cheguei a conclusão que procurar o Luidi era o melhor no momento, já que ele prometeu me tirar daqui.

Quis voltar a rir imaginando que mesmo tendo dito isso, em momento algum ele deve ter pensado que se algo acontecesse, eu realmente o procuraria.

Minha mente era uma confusão, qual era mesmo o número do quarto dele? Dei alguns passos procurando pelo corredor, mais a frente vi a Magali encostada conversando alegremente com o Nestor, sorri indo até ela quem sabe ela sentisse minha presença e me ajudasse.

Quando parei ao lado deles, percebi o quando fascinados um pelo outro eles estavam, por mais que eu a chamasse ou fizesse gestos, eu era completamente imperceptível.

Dei alguns passos saindo de perto deles e vi o Nunez perto da porta, ele parecia perdido em seus pensamentos, não consegui decifrar qual dos pensamentos que eu ouvia era o dele, parece que ali no mundo dos mortos os pensamentos ficavam muitos confusos e todos misturados.

Passei por ele entrando no quarto, procurei pelo Luidi, e o vi perto da janela ele conversava com a mulata, ela parecia estar chorando. Com medo de interromper algo importante fiquei onde estava não conseguia me decidir se era melhor sair ou ficar parada, já que ele parecia não ter me visto ainda sem querer eu comecei a escutar a conversa deles.

- Não faça isso, você sempre soube que nunca foi de verdade Lucia...

- Mas eu achei que pudesse ser algum dia.

- Lucia, foram algumas saídas, mas acabou eu não posso continuar, é confuso nem consigo explicar porque, apenas sei que não dá mais...

- Não pode estar acontecendo, o que eu fiz? Porque isso sempre acontece comigo?

- Nada, você não fez nada, você nem gosta de mim, porque esta tão chateada?

- Mas eu podia gostar no futuro.

- Meu pai tem razão, tem alguém que gosta realmente de você e eu estou sendo um cachorro atrapalhando isso!

- É por causa dela! Só pode ser, disse que nem a conhece agora que me deixar!

- Lucia, para com isso, você e o Nunes se gostam, eu nem sei porque começamos a sair! Sou uma droga de amigos mesmo, ele já tinha comentado alguma coisa, mas

eu achava que era safadeza dele, só que hoje ficou na cara, vocês se amam! Olha minha situação, ele é meu amigo e eu conheço você á tanto tempo!

- Luidi, se eu não sentisse nada, acha que eu estaria me esfregando com você naquele sofá a pouco?

- Acha que eu sou mesmo idiota Lucia, não estava fazendo porque gosta de mim! - ele dizia enquanto ela se fazia de inocente. - Lucia, quantas vezes nas semanas em que saímos tivemos oportunidades para deixar que algo realmente acontecesse, mas nunca rolava... você não queria que acontecesse, me disse isso várias vezes! Estava só me usando para atingir o Nunez, quis provocar ciúmes nele – Luidi deu risada, mostrando que era um grande amigo. – Conheço ele Lucia, com certeza você conseguiu, se eu não estivesse internado, ele tinha me dado uma surra!

- Luidi por favor, está falando bobagens! Uma ruivinha apareceu e tudo mudou?

- O nome dela é Gisely, Lucia! Está com orgulho ferido, por isso está agindo assim, vamos lá, facilite as coisas, você nem gosta de mim!!!

- O que essa ruiva fez em você? - ela perguntou quase gritando.

- Pára de meter ela nisso, Lucia!

- O que ela fez! – a mulata gritou.

- Eu não sei droga! – ele gritou de volta, depois tentou se conter. - a Gisely é especial, quando a vejo meu coração se enche de alegria e pela primeira vez na vida eu quis alguém de verdade, fiquei feliz por vê-la bem de saúde andando e falando e se quer saber até vê-la brava comigo me fez ficar contente.

Ele disse rindo sozinho e continuou olhando pela janela.

- De alguma maneira ela me enfeitiçou, pode ser que eu não a conheça realmente, mas uma parte dentro de mim a conhece de verdade, sabe seus segredos e suas apreensões, sabe como ela é pura e verdadeira, alegre e o que a deixa envergonhada.

Ele disse olhando em direção a mulata que parecia espantada.

- Não dá para explicar em palavras o que sinto quando a vejo e como sentir isso me faz bem, mas me deixa assustado, é loucura eu sei, é como se minha alma a quisesse e isso é mais que eu.

- Eu não acredito... a garota quase morreu em seus braços!

- Ai que você se engana Lucia! Eu quase morri e foi nos braços dela que eu voltei a viver, deve ter algum motivo para isso, agora eu preciso descobrir qual é...

- Luidi, isso é loucura eu sou bonita e com certeza a garota mais fogosa que você conhece, não importa se não aconteceu o importante é que ainda pode acontecer, o Nunez é um idiota, não quis ficar comigo, você e eu somos amigos, podemos ter bons momentos juntos!

- Bons momentos Lucia? Sexo? Acaba de dizer que somos amigos, acha que isso seria bom? Você não entendeu estou falando de algo mais...

- Algo mais? Está me dizendo que gosta da ruiva, gosta de verdade? Amor?

- Só estou dizendo que sinto algo e quero descobrir o que é... Se for amor então é a coisa mais maravilhosa que alguém pode sentir e mais apavorante tenho que admitir, mas é assim que me sinto ao lado dela.

A mulata olhava para ele incrédula.

- Espero sinceramente que ela te dê uma lição Luidi!! - ela disse pegando a bolsa e saindo feito um furacão do quarto.

O Luidi olhou em minha direção, mas não teve qualquer reação eu fiquei aguardando talvez ele quisesse que ela se afastasse antes de falar comigo.

- Nunez! - ele gritou de dentro do quarto e eu percebi que na verdade ele não estava olhando para mim ele olhava para porta para confirmar se o Nunez ainda estava ali, o Nunez apareceu na porta esperando que o Luidi falasse alguma coisa.

- Vê se toma vergonha na cara e se entende de uma vez com a Lucia. - Luidi disse sério para o Nunez que ficou com cara de assustado.

- Como disse tenente?

- Eu disse que deve ir atrás dela para se entenderem de uma vez! - Luidi voltou a repetir agora parecendo impaciente, o Nunez abriu um sorriso e virou como se fosse sair novamente, mas voltou olhando para o Luidi.

- Mas vocês não estavam... – ele começou a dizer, mas deixou as palavras morrerem.

- Nunez... Olha, vou dizer como amigo, ela nunca permitiu que eu fosse além dos beijos... Cuide dela é uma boa garota!

Ao ouvir isso Nunez ampliou ainda mais o sorriso.

- Mas tenente eu sou noivo? O que eu faço...?

- Se gosta da Lucia, termine o noivado, se gosta de sua noiva não vá atrás da Lucia e a deixe ser feliz nos braços de outro, consegue vê-la nos braços de outro?

Olhei na direção do Nunez e o vi olhando para a aliança, ele a tirou do dedo e a colocou no bolso saindo do quarto em seguida indo atrás da Lucia.

Luidi não estava me vendo, isso eu tinha certeza, então caminhei pelo quarto e fui aos poucos me aproximando, pensando em como eu falaria com ele, como ele poderia me ajudar se não sabia que eu precisava de ajuda.

- Resolveu seu problema com a Lucia? - olhei para a porta e vi o pai dele entrando, suspirei imaginando que agora prestando atenção no pai, definitivamente eu não seria vista.

- Resolvi pai...

- Quando disse que foi um anjo ruivo com olhos verdes, que te fez viver, tive minhas dúvidas sobre sua sanidade, mas vendo que ela existe e percebendo como você age ao lado da garota fiquei espantado, gosta mesmo dela Luidi?

O pai dele sentou no sofá enquanto o Luidi continuava olhando pela janela sem dar qualquer resposta.

- Filho, todo mundo um dia passa por isso... todos os homens para ser mais exato! Temos medo, ficamos assustados, é aterrorizante, mas no final é maravilhoso, amar alguém é a melhor parte da vida...

- Como posso saber se é amor? Nem sei direito de onde a conheço... isso é totalmente irreal pai, estou agindo como um bobo, dispensando uma garota linda como a Lucia por causa de uma ruivinha que saiu daqui zangada comigo.

- Ela saiu zangada com razão, mas nada impede de você arrumar as coisas...

- Luidi, preciso de sua ajuda! – falei querendo que ele me ouvisse, mas ele nem se mexeu, parecia alheio a minha presença a seu lado. - Luidi, por favor, odeio ficar sozinha, me ajude... – falei de mancinho ficando pertinho dele, sem que ele tivesse qualquer reação.

Ele ainda trocaram algumas palavras e parecia mesmo que o Luidi não podia me sentir. Abaixei a cabeça sentindo o desespero querendo tomar conta de mim, coloquei as mãos no rosto tentando não chorar, talvez nada disso fosse real, talvez eu acordasse pela manhã com o despertador tocando e descobriria que tudo não passou de um pesadelo.

Senti o frio se instalando e lentamente fui tirando a mão do rosto percebi de imediato que a luminosidade do quarto havia mudado como se aos poucos o dia fosse virando noite... Fiquei completamente arrepiada e senti meu sangue gelar, mesmo estando ao lado do Luidi eu sabia que dessa vez ele não me abraçaria tentando me proteger, simplesmente porque ele não sabia que eu estava ali.

Abracei-me tentando me proteger, talvez me proteger do frio ou talvez daquela coisa de bafo gelado que sempre aparecia quando isso acontecia, reprimi a idéia como se pensar naquilo apenas facilitasse para que aquela coisa tenebrosa aparecesse.

No minuto seguinte as sombras correram, dessa vez não foi em disparada e nem tão pouco a minha volta formando círculos, elas se moviam pelos cantos de maneira tão rápida que eu mal conseguia vê-las.

Por algum tempo virei de um lado e do outro, tentando fugir delas, mas elas eram persistentes como se estivessem ali só para me pegar, olhei para o Luidi implorando

para que ele me ajudasse, mas ele continuava lá, absorto em seus pensamentos e não me percebia ali.

Encostei na parede sem sair de perto dele, fiquei encolhida olhando pelo quarto procurando pelas sombras que surgiam e sumiam apenas pelo prazer de me assustar.

Um bafo gelado chegou em meu ouvido, como se um animal estivesse fungando ali, quis, mas não consegui me mexer, talvez estivesse petrificada de medo, fechei os olhos encolhida pedindo a Deus que me ajudasse.

Os grunhidos começaram, como se quisessem formar palavras, meu coração batia descompassado e eu mal conseguia respirar.

- Faça o acordo! – aquela coisa falou lentamente enquanto seu bafo gelado penetrava em minha cabeça.

As sombras saíram das paredes todas de uma única vez, eram como animais, seus dentes afiados e seu grunhido ao se aproximar me deixaram apavorada, então senti algo frio como garras que seguravam meu braço, desesperada e com muito medo eu tentei reagir... Joguei-me nos braços do Luidi sem me importar que ele não me sentisse, implorei com o mais puro de meus sentimentos.

- Por favor Luidi, me ajuda... – gritei, enterrando minha cabeça em seu peito completamente agarrada a ele, no mesmo instante Luidi deu um passo para trás como se alguém o tivesse empurrado, talvez isso tenha mesmo acontecido quando me joguei em seus braços.

- Ouviu a voz dela pai? – ele olhava assustado para o pai, parecendo atento para ouvir mais alguma coisa.

Aquela coisa com bafo gelado novamente encostou em meu braço, talvez ela não quisesse me levar, fazia aquilo pelo simples prazer de me aterrorizar.

Ergui a cabeça e olhei novamente para o Luidi com a respiração acelerada totalmente amedrontada, vi que atrás dele também tinha uma daquelas sombras com fisionomia de animal; ela grunhia pronta para dar o bote certo e seria sobre o Luidi, ela mostrava seus dentes afiados enquanto uma baba gosmenta escorria de sua boca, era como se ela salivasse, num frenesi insano pronta para se alimentar.

- NÃO O MACHUQUE! – gritei, segurando nos braços do Luidi.

- Gisley!!

Abri os olhos quando ouvi a voz do Luidi, percebi então que não havia mais qualquer sinal daqueles animais bestiais, a luminosidade voltou e o quarto parecia estar normal, a única coisa estranha era eu, uma alma perdida, agarrada aos braços do Luidi.

- Pai você ouviu era a... Gisely!

- A ruiva? Ela não foi fazer um exame? Há essa hora ela deve estar sedada Luidi!

- Sedada...

Luidi não esperou mais nada deu alguns passos passando apressado por mim, eu o segui sem saber o que ele estava pretendendo fazer, e vi que o pai dele também o seguiu preocupado. Quando saiu para o corredor passou correndo pelo Nestor e pela Magali que estavam conversando animados, ele os viu e voltou em seguida e eu parei ao seu lado e o pai nos alcançou.

- Você é a amiga da Gisely?

- Sim, sou a Magali...

- Onde ela está Magali?

- Ela foi fazer o exame à enfermeira disse que vem me avisar quando acabar...

- O que está acontecendo filho?

- Em que lugar é o exame, nesse andar?

- Acho que no final do corredor, ela não disse a sala... porque?

Luidi pareceu ponderar, talvez não quisesse dizer ou talvez tenha ficado com pena da Magali, quando ele fez um gesto para sair, ela o segurou.

- O que está acontecendo com a Gi? – ele continuou mudo. - Fala! – ela gritou.

- Ela está morrendo...

Suas palavras mal saíram e ele os deixou para trás, foi entrando em todas as salas a minha procura.

- Morrendo! Como sabe tenente? - o Nestor perguntou, andando apressado ao lado do Luidi que entrava e saía das salas sem parar.

Ele não respondeu, provavelmente achando que se dissesse como descobriu eles o internariam como louco.

- Como sabe? - o Nestor perguntou, parando na frente dele bloqueando o caminho.

- Ela veio avisá-lo! - a Magali respondeu angustiada, fazendo todos se olharem.

- A ruiva que eu conheci a pouco veio te avisar que está morrendo? - o pai dele perguntou segurando o braço do Luidi totalmente incrédulo.

- Pai é confuso, sinceramente não espero que algum de vocês acredite.

- Tudo bem, decidiremos se isso é loucura depois... o que vai fazer? - o pai disse parecendo mais preocupado com a sanidade do filho do que comigo.

- Eu vou encontrá-la!!

Em seguida eles se dividiram e começaram a procurar em todas as salas daquele andar, quis ajudar, mas nenhum sentia minha presença, por isso fiquei perto do Luidi.

De repente a enfermeira apareceu correndo no corredor chamando apressada a Magali todos foram em sua direção, eu estava assustada, talvez estivesse morta, já que ninguém conseguia me ver.

- O que aconteceu? - Magali perguntou apressada, enquanto todos aguardavam ansiosos pela resposta.

- A Gisely teve uma convulsão, um vaso sanguíneo se rompeu em seu cérebro e ela precisa ser operada imediatamente, avise os pais dela o quanto antes, peça para que venham para cá, enquanto eles não chegam preciso que assine a autorização para que eles comecem a operação agora, cada minuto é precioso, o caso dela é grave.

Magali pegou o celular no mesmo instante falando com a Irene, explicando o que havia acontecido, em seguida saiu para assinar a documentação, o Nestor e o pai do Luidi foram com ela, Luidi viu o Zeca que passava apressado empurrando uma maca e foi atrás dele.

- Zeca! - Luidi o chamou correndo atrás dele pelo corredor.

- O que está fazendo fora do quarto bombeiro? - Zeca falou, mas nem esperou resposta para continuar. - Já sei, está atrás da ruiva... Olha, aconteceu alguma coisa no exame, ela está subindo para o centro cirúrgico, parece que é grave... eu lamento!

A porta do elevador abriu e o Luidi ajudou o Zeca a empurrar a maca onde meu corpo estava para dentro do elevador, entrei logo em seguida quis ficar perto do Luidi.

Era estranho às vezes ele acariciava meu rosto ali na maca e depois segurava minha mão, enquanto olhava pelo elevador como se quisesse me enxergar. Quando o elevador abriu novamente, eles tiraram a maca que sumiu pelo corredor passando por uma porta vai e vem.

- Não pode entrar! - o Zeca disse olhando para o Luidi que havia entrado também, mas ele não pareceu ouvir. - Volta! - o Zeca disse parando a maca, olhando para o Luidi.

- Eu preciso ir junto!

- Não, ela vai ser operada, a última coisa que precisa é você com esses pensamentos angustiados aqui dentro da sala de cirurgia. - o Zeca disse voltando a empurrar a maca entrando em uma das salas, onde a equipe estava quase pronta para começar.

Eu dei alguns passos querendo seguir meu corpo, talvez se eu ficasse por perto conseguiria fazer algo para ajudar.

- Gisely, não vá... - pude ouvir a voz do Luidi atrás de mim e olhei sem entender.

- Não consigo vê-la, mas posso senti-la, sei que está se afastando de mim, por favor, não vá.

Olhei para sala onde a cirurgia começava e olhei para o Luidi que parecia preocupado, tão diferente daquele que esteve comigo me dando coragem nas outras vezes, então resolvi voltar e ficar ao seu lado, certamente se algo me acontecesse eu saberia.

Eu me aproximei dele que percebeu minha presença, porque fechou os olhos e sorriu de leve como se seu corpo inteiro estivesse se arrepiando.

- Vamos esperar lá fora. - ele disse como se estivesse me vendo ele saiu e eu o segui. Só agora eu reparara que mais a frente havia recuo como uma sala para repouso, provavelmente ali que ficavam os parentes que aguardavam por pacientes que estavam sendo operados. Luidi se sentou em uma das poltronas e eu me sentei ao seu lado, ele não dizia nada, então eu pensei se ele realmente acreditava que eu estava ali.

Um pouco depois a Magali chegou correndo e ao seu lado estava o Nestor e o pai do Luidi, assim que viu o Luidi sentado de cabeça baixa ela foi até ele apressada.

- Como ela está?

- Está sendo operada.

- O que o médico disse? O que aconteceu?

- Não falei com o médico eu apenas conversei com o Zeca, mas acho que ele não sabe o que aconteceu, na verdade ele só disse que parece grave...

- Você viu a Gi?

- Apenas quando estava na maca...

- Ela está aqui agora? - a Magali perguntou e ele não respondeu, apenas desviou o olhar deles.

- Cada um acredita no que quiser tenente, sou seu amigo, lembra?

- Você vai continuar sendo meu filho, mesmo falando sobre coisas esquisitas... - o pai dele disse vindo se sentar do outro lado onde eu estava.

- Não! - o Luidi bloqueou a passagem, não deixando o pai dele sentar, provavelmente sentaria em cima de mim. - Ela está aí... - ele respondeu olhando para eles. - ela foi me chamar no quarto e agora está aqui ao meu lado, porque eu pedi que ela não ficasse na sala de cirurgia, ela tem facilidade para entrar em pânico. - ele disse rindo um pouco me fazendo rir também.

- Incrível filho!

- Conseguir falar com ela? - a Magali perguntou curiosa.

- Não posso vê-la, nem ouvi-la, mas certamente ela ouve o que falamos, então se quiser conversar fique a vontade.

- Gi, não morra...

- Eu não quero morrer Magali... - respondi sem que ela me ouvisse.

Alguém passou pela porta que dava acesso a sala de cirurgia indo direto até onde ficavam algumas enfermeiras, que apontou na direção em que estávamos, todos se levantaram e eu fiquei assustada quando vi que era o Dr. Dionísio se aproximando.

- Alguém ligou para os pais dela?

- Eu liguei, devem estar a caminho. - a Magali disse ao Dr. Dionísio que só agora reparou na presença do pai do Luidi.

- Dr. Nikos, como está? É bom encontrá-lo aqui, seria interessante se pudesse me dar sua opinião sobre o que temos lá dentro...

- Seria um prazer, vou me preparar... - o pai do Luidi saiu pelo corredor entrando na porta vai e vem.

- O que aconteceu doutor?

- Ela tem se queixado de dor de cabeça desde que acordou, por isso resolvi fazer esse exame e infelizmente minhas suspeitas estavam certas, um vaso sanguíneo se rompeu no cérebro dela... Estamos começando a cirurgia agora, assim que os pais dela chegarem peçam para que me avisem... infelizmente o caso é grave!

- Doutor, por favor, faça ela ficar boa... - o Luidi pediu parecendo assustado.

- Estou trabalhando nisso. - ele respondeu sumindo em seguida, a Magali sentou em uma dos sofás e ao seu lado sentou o Nestor, ele a abraçou quando a viu aflita tentando não chorar.

Luidi andava de um lado para o outro preocupado.

- Gisely, precisa lutar, precisa voltar, porque está acontecendo isso meu Deus?

- Nada acontece por acaso, tente ficar calmo para trazer boas energias para a Gi.

- Estou tentando! - ele respondeu irritado. - Meu Deus, qual o motivo, para uma garota linda e cheia de vida passe por isso? Ela só tem 23 anos... Por quê?

- Pare! - a Magali disse ficando em pé na frente do Luidi. - Não transforme em palavras o que as energias negativas estão soprando em seu ouvido.

- O quê?

- Está questionando a Deus? Acha realmente que deveria fazer isso numa hora como está? Acredita mesmo que se não houvesse um propósito isso estaria acontecendo?

- Do que você está falando Magali?

- Estou falando que acredito que quando nos desesperamos é porque na verdade as energias negativas estão soprando em seu ouvido querendo plantar a dúvida e a revolta em seu coração, tentando abalar sua fé, seja ela qual for. Deus criou o livre-arbítrio para que cada um faça suas escolhas, ninguém mais além de você pode decidir! Mas ninguém disse que as energias negativas não arrumariam um jeito de nos atormentar e pode ter certeza eles fazem isso soprando pensamentos ruins em seu ouvido na intenção confundi-lo e deixá-lo com o coração cheio de revolta.

Apesar de confuso achei que fazia sentido o que ela dizia.

- Luidi, qualquer pensamento pode ser desfeito, mas quando as palavras são ditas não podemos voltar atrás, *palavras ficam eternizadas*, é confuso eu sei, mas nada acontece por acaso, sempre existe um motivo e quanto maior for o motivo, mais as energias negativas lutam para que você questione a Deus, duvide e não aceite.

- Então explica, qual o motivo disso! A Gisely mal começou a viver e está morrendo mais uma vez!

- Não posso explicar... Quem sabe você possa, afinal porque levou um tiro por ela?

- Porque é meu trabalho!

- Seu trabalho era salvar a vida dela, não levar um tiro no lugar dela!

- Você abaixou a prancha tenente e foi por isso que levou um tiro no peito! Quantas vezes nos orienta, quantas vezes repassamos cada manobra, quantas simulações fazemos, mas você agiu por impulso e o tiro acertou seu peito!

- Se não fosse meu peito, seria na cabeça dela Nestor!

- Nem deveria estar lá naquele dia, tinha encerrado seu turno, mal passou algumas horas e você estava lá de novo!

Luidi voltou a sentar e abaixou a cabeça pensando como se o que estivesse para dizer fosse a coisa mais maluca que já havia dito na vida.

- É loucura, encerrei meu plantão e fui embora... nem sei como cheguei em casa, estava morto de cansaço, me joguei na cama e quis dormir por um dia todo, mas eu sonhei com uma garotinha ruiva de olhos verdes, ela queria que eu acordasse, dizia que eu deveria salvá-la, ficava falando isso sem parar... Acordei várias e varias vezes de sobressalto a garotinha não saia dos meus sonhos, fiquei com medo que alguma criança se machucasse, desisti de dormir e voltei a corporação... Tudo aconteceu normalmente, ocorrências idas e voltas como de costume e quando a noite chegou, eu nem me lembrava mais do sonho, era apenas mais um dia de trabalho, cheguei até me arrepender por ter voltado, quando entramos no bar, ele estava cheio de fumaça.

- Cheio? Não dava para ver nada!

- É não dava, mas quando entrei um pouco mais a garotinha do meu sonho surgiu do nada e se agarrou a minha mão, ela apontava numa direção e insistia que eu fosse até lá, eu quis tirá-la dali e expliquei que voltaria, mas ela saiu correndo e eu a segui, quando a encontrei ela estava agachada ao lado de uma moça, instintivamente

comecei a socorrer a moça que não me parecia nada bem, tudo que vinha na minha cabeça era que eu precisava salvar aquela moça.

- Quando você e o Nunez chegaram tudo ficou mais fácil, nós a reanimamos e a colocamos na prancha e quando estávamos saindo alguém puxou minha jaqueta, olhei para trás e vi a garotinha, ela chorava assustada.

- Em seguida a garotinha gritou mostrando alguém que apontava uma arma em nossa direção sem pensar eu abaixei a prancha e o tiro me acertou.

Ele olhou na direção deles que escutavam atentos.

- Incrível... – a Magali balbuciou.

- Incrível, foi o que aconteceu depois... acordei sentado no corredor do hospital e a garotinha estava brincando com meu capacete, fazendo ele rodar como um pião no chão, quando me viu acordado ela trouxe o capacete para mim e quando eu o peguei ela sorriu, olhei de lado e a moça que eu havia salvo estava lá, a garotinha também olhou e disse que agora ficaria tudo bem, que estávamos juntos enfim e que isso era especial... disse que essa era nossa última chance e dessa vez devíamos ficar juntos, que a partir de agora eu sempre cuidaria da moça e a moça de mim, me agradeceu e em seguida saiu andando pelo corredor e simplesmente desapareceu.

Ele olhou em volta como se me procurasse e foi dizendo.

- Gisely, eu não falei sobre essa garotinha quando nos conhecemos, porque sei ficaria assustada, pode ter certeza que eu mesmo fiquei, principalmente quando eu vi que você era ruiva e tinha os olhos verdes como ela... - ele disse olhando para o vazio, parecendo ter certeza que eu estava ali ao lado escutando.

- Viu o que eu disse? Têm algo especial entre vocês, o destino conspira para que as coisas aconteçam, sabe-se lá quantas vezes se viram e por algum motivo acabaram não se conhecendo, talvez estejam predestinados a ficarem juntos, talvez precisem fazer alguma coisa juntos, não sei.

- Tudo que disse parece bonito Magali, mas antes é preciso que ela se salve!

- Precisa trazê-la de volta!

- Eu? Como farei isso?

- Não sei, tem algo entre vocês, precisa usar isso a seu favor, eu sou psíquica, vejo as energias das pessoas, mas quem sente a alma dela aqui é você, além disso, prometeu a ela que ninguém morreria hoje!

Ele se sentou como se estivesse agora se lembrando disso. Acho que dizer que minha vida era responsabilidade dele não havia sido uma boa idéia, ninguém é responsável pela vida de ninguém, talvez as coisas apenas aconteçam.

Algumas pessoas falando no corredor chamaram minha atenção, olhei para ver quem era e vi minha mãe, meu pai e a Irene, chegando apressados, assim que viram a Magali vieram na direção dela.

Todos falavam ao mesmo tempo e todos pediam explicações, minha mãe sem pudor questionava a Magali como se a culpa pudesse ter sido dela e ela tentava responder a todos sem nem conseguir terminar as respostas direito, o Nestor se aproximou e tentando ajudar disse que o médico pediu para que o avisassem quando eles chegassem.

Minha mãe saiu rápido indo falar com uma das enfermeiras informando que eles eram os meus pais, ela imediatamente disse que avisaria o médico que todos ficassem aguardando ali mesmo sumindo em seguida pelas portas vai e vem.

Alguns minutos depois alguém da equipe médica saiu junto com a enfermeira e foi diretos nos encontrar, todos se levantaram e eu fiquei em um canto pronta para escutar.

- Eu faço parte da equipe que está operando a Gisely, ela teve uma convulsão devido ao rompimento de um vaso cerebral foi necessário iniciarmos a cirurgia imediatamente para conter a hemorragia.

- O cérebro da minha filha está sangrando? – era a voz aflita da minha mãe.

- Como minha filha está? – perguntou meu pai.

- Minha irmã vai ficar boa?

- Minha filha vai viver?

Todos faziam inúmeras perguntas sem que a moça conseguisse responder nenhuma.

- Estamos no meio da cirurgia, todos da equipe estão trabalhando para que tudo corra bem, mas ainda é cedo para qualquer afirmação.

- Ai meu Deus. - minha mãe disse assustada começando a chorar.

Todos pareciam chocados inclusive eu que estava apavorada com a possibilidade de morrer, como é possível? Minha alma está aqui ao lado deles e eles não conseguem se dar conta disso... Eu vou virar um fantasma?

Afastei-me andando pelo corredor abri a porta e desci pela saída de emergência sem saber ao certo para onde ir, quando percebi estava vagando pelo corredor do berçário aquele mesmo que eu estive junto com o Luidi, talvez esse fosse o melhor lugar para eu ficar num momento como este.

Encostada no vidro eu fiquei vendo tantas crianças que ali estavam e mais belo ainda a luz da vida que irradiava daqueles bebezinhos, ali eu conseguia ter paz para reunir forças e quem sabe aceitar, se fosse esse meu destino, morrer jovem sem ter realmente aproveitado a vida.

Fiquei muito tempo ali vendo aquela magia divina acontecer, sorri quando a enfermeira deu banho nos pequeninos, talvez eu nunca fosse ter um filho para banhar, mas quando vi aquela mãezinha que vinha amamentar o bebezinho da incubadora chegar, eu chorei por saber que nunca teria o privilégio de poder ter em meus braços um filho para amamentar.

Perdida em meus pensamentos e não percebi quando alguém se aproximou encostando ao meu lado.

- Como eu vou ter um filho, se você morrer e me deixar? - ouvi alguém dizer e olhei para o lado vendo o Luidi encostado no vidro, eu abri a boca para falar, mas em seguida ele prosseguiu.

- Não posso te ver, mas sei que sua alma está aqui, porque eu sinto você. - ele ia dizendo continuando a olhar para os pequeninos ali dentro do berçário.

- Preciso que volte, mas se tiver dúvida em voltar porque conheceu a Lucia, eu gostaria que soubesse que nunca foi sério e de qualquer maneira entre a gente e antes que me questione eu prometo que assim que conseguir um celular eu termino com a Verinha e que além delas não existe ninguém. - ele disse rindo, olhando para o chão como se estivesse envergonhado, me fazendo rir também.

- Espero que não fique brava por eu brincar num momento tão sério, mas realmente não quero que as coisas acabem assim... - ele dizia parecendo triste. - Eu conheci sua família e seu pai pareceu gostar de mim então eu preciso de uma chance porque eu nunca pedi uma garota em namoro e gostaria de fazer isso com você, eu sou um grande idiota porque às 2h. atrás estive com você em meus braços, mas eu a deixei escapar...

- A senhora morta que esteve conosco no quarto disse que saímos do mundo dos mortos porque lutamos um pela vida do outro... - ele disse e riu de leve. - Eu sei que prometi, mas preciso ser honesto, sinceramente gostaria que voltasse sozinha... Mas se precisar eu morrerei para ir te buscar. - ele disse passando a mão no rosto parecendo cansado, talvez ele devesse estar repousando em seu quarto e toda essa tensão comprometesse sua recuperação. - coloquei minha mão em seu braço e ele olhou sorrindo.

- Eu sinto você e preciso que encontre o caminho de volta e voltar pra mim... Sei que deve estar com medo e que odeia ficar sozinha, mas tenha certeza que mesmo não vendo você, posso sentir sua alma e eu estou aqui na sua frente gostaria que me abraçasse...

Agradecida, encostei-me em seu peito me sentindo cansada, vi quando ele fechou os olhos como se quisesse conter uma rajada de vento frio que envolveu seu corpo de uma maneira inesperada, ficamos assim por algum tempo e cada vez mais eu me sentia cansada.

- Tenente...
- O que foi Nestor?
- As coisas não estão boas, acho que deveria subir.

Comecei a entender então, porque me sentia tão cansada, deveria estar morrendo e não me dei conta. Quando chegamos onde meus pais estavam o desespero era total, não precisou que alguém falasse para que eu soubesse que algo muito grave estava acontecendo.

- O que aconteceu? - o Luidi perguntou, olhando para todos assustados, mas ninguém conseguia falar, todos choravam e pareciam desesperados, a porta vai e vem se abriu e a Irene completamente inconsolável. - O que aconteceu? - o Luidi voltou a perguntar olhando agora para o Nestor.

- O médico disse que eles fizeram tudo que podiam, mas ela não reage... não vai resistir... talvez não passe da próxima hora, eu lamento tenente...

Ouvindo isso meu coração acelerou e o cansaço ficou mais intenso, eu só precisava sentar e descansar um pouco, para pensar no que fazer, a Magali veio até onde o Nestor estava e se jogou em seus braços chorando ele a acolheu com carinho, enquanto o Luidi continuava ali, parado apenas pensando, talvez como eu ele estivesse tentando aceitar.

- Magali, é difícil eu sei, mas se não for agora, pode ser que não fiquem juntas novamente, Gisely gostaria disso...

Comecei a chorar vendo o desespero de todos, como dói ver aqueles que amo sofrendo por mim, talvez fosse melhor se eu não pudesse vê-los, apenas seguisse para a luz, aceitasse minha morte e ficasse em paz.

- Entre no meu lugar... - ela disse ao Luidi, e sinceramente gostaria que ela não tivesse feito isso, eu sei o desespero que senti quando o vi morrer na mesa cirurgica, por isso levantei e coloquei a mão em seu braço, ele imediatamente olhou vendo seu braço ficar arrepiado. Deslizei o dedo em seu braço para escrever a palavra NÃO e fiz isso várias vezes até que ele entendesse e olhasse para a Magali.

- Ela não quer que eu entre. - ele disse e todos olharam sem entender.

- Precisa trazê-la de volta! - a Magali disse dura olhando para ele. - Você prometeu! Disse que a buscaria! - ela gritou ainda chorando.

Deslizei meu dedo em seu braço escrevendo LIBERADO diversas vezes até que ele entendeu e olhou para a Magali.

- Ela disse que eu estou liberado. - ele falou para a Magali e todos prestavam atenção.

- Liberado! Ela disse isso? - a Magali falou brava e pelo tom de voz dela eu soube que estava brava comigo também. - Gi, você o está liberando? - ela disse chorando olhando brava para o vazio como se falasse comigo.

Meus pais observavam a reação dela e provavelmente achavam que ela havia enlouquecido de vez.

- Não pode liberá-lo Gi, só ele pode te trazer de volta, não vê? - ela falava tão desesperada que minha mãe saiu de onde estava e foi até o Luidi.

- Rapaz, a Magali às vezes tem idéias malucas, mas ela gosta mesmo da minha Gisely, se ela diz que você pode fazer alguma coisa para trazer minha filha de volta, eu acredito nela... por favor, faça! - minha mãe disse chorando e ficou pedindo várias vezes que ele fizesse algo.

Vê-la daquele jeito acabou comigo, eles precisavam entender que talvez eu tivesse mesmo que partir, então comecei a deslizar meu dedo no braço do Luidi escrevendo TUDO BEM diversas vezes até que ele entendesse e ele olhou para todos.

- Ela disse que está tudo bem. - ele respondeu olhando para todos e abaixou a cabeça triste.

- Ela está aqui? - meu pai perguntou incrédulo, olhando para o Luidi que não respondeu, então escrevi em seu braço AMO TODOS, muitas vezes até que ele entendesse e pudesse falar.

- Ela disse que ama a todos. - ele disse olhando para o meu pai, esperando que aquilo respondesse.

- Porque está fazendo isso conosco? Não vê o desespero que está deixando minha mulher! - meu pai disse bravo achando tudo aquilo maluquice, se aproximou do Luidi e eu soube que qualquer simpatia por ele havia acabado naquele instante.

- Saia daqui! - meu pai mandou o Luidi embora e ele abaixou a cabeça para sair.

- Por favor, seu Jonas, não o mande embora, só ele pode trazê-la de volta, ele sente a alma dela aqui!

- Magali, agora não é hora para isso!!

O Luidi ficou quieto, talvez concordando com ele, as pessoas ficam desesperadas quando estão perdendo um ente querido e as coisas pioram quando alguém diz que a alma está pairando entre eles enquanto seu corpo morre.

Quis muito que todos acreditassem na Magali e que eu meu pai não destratasse o Luidi, então fiquei pensando em como explicaria uma coisa tão doida como está, me lembrei de um apelido carinhoso pelo qual meu pai me chamava, comecei a escrever no braço do Luidi para que ele dissesse a meu pai, MINHA URSINHA.

O Luidi franziu a testa tentando entender o que eu havia escrito e eu continuei a escrever até que ele entendesse, ainda com a testa franzida ele olhou para todos sabendo que não conseguiria explicar balançou a cabeça como se desistisse tentando sair dali.

- O que ela está dizendo? - a Magali perguntou sem deixá-lo ir, mas o Luidi parecia decidido a não falar.

- Pára com isso Magali! - meu pai continuava a brigar com ela e o Luidi deu mais um passo para sair dali.

- Apenas diga e pode ir se quiser...

- Minha ursinha... - ele falou olhando para trás vendo que meu pai se assustou começando a chorar desesperadamente indo abraçar minha mãe que também ficou inconsolável, Irene olhou para o Luidi que também parecia assustado por deixá-los naquele estado e explicou.

- Esse é o apelido que meu pai deu a Gisely, porque ela é tão branquinha como uma ursinha polar. A Irene tentou explicar ao Luidi, meu pai soltou minha mãe e foi até onde o Luidi estava.

- Desculpe rapaz, não quis ofende-lo ou destratá-lo, mas minha filha está morrendo e estou desesperado.

- Me desculpe o senhor por eu estar aqui me intrometendo. - o Luidi disse virando para sair dali.

- Não tem qualquer responsabilidade... mas se puder pedir para que ela não morra, ficarei eternamente grato.

- Ela pode ouvi-lo...

Era muita tristeza em um só lugar e eu olhei para o Luidi que parecia estar carregando o mundo nas costas, ninguém pode ser responsável pelo que estava acontecendo eu pensava olhando para cada um deles ali na minha frente.

Então suspirei e voltei a deslizar meu dedo no braço do Luidi escrevendo TUDO BEM e LIBERADO diversas vezes, mas eu percebi que ele sabia o que eu havia escrito, mas não queria dizer, então o abracei e sussurrei em seu ouvido.

- Diga! - eu pedi, ele olhou para todos que pareciam esperar ansiosos.

- Ela disse que está tudo bem....

- Diga! - eu voltei a pedi para que ele continuasse.

- ...Disse que eu estou liberado... - ele falou passando no rosto nervoso, dando alguns passos ficando de costas para que ninguém visse sua angustia, deu alguns passos para sair pelo corredor, mas parou quando a Magali o chamou.

- Luidi, vai mesmo deixá-la a Gi partir!

Luidi, estava de costas para todos, apenas ergueu a cabeça olhando para o teto respirava fundo como se estivesse tentando organizar seus pensamentos, todos estavam parados esperando alguma reação dele.

- Vai deixar que a morte a leve? - a Magali gritou fazendo ele virar.
 - Não! - ele gritou olhando em volta como se me procurasse. - Você ouviu ruivinha, eu não te libero, ninguém vai morrer hoje! Não pode me deixar!
 - Meu nome é Gisely! – falei brava, ficando na frente dele. - Será que não consegue me chamar pelo nome nem quando eu estou morrendo! - em seguida ele sorriu lindamente, fechando os olhos e passando as mãos nos braços arrepiados como se tivesse me ouvido dizer isso.
 - Aposto que está irritada agora, por eu tê-la chamado de ruivinha... - ele disse abrindo os olhos saindo em direção a porta de vai e vem e eu fui atrás.
- Quando entramos, o Dr. Dionísio estava no corredor conversando com o pai do Luidi.
- O que aconteceu com ela, doutor? Saiu para fazer um exame e agora está entre a vida e a morte?
 - Eu lamento, o rompimento no cérebro foi controlado, mas sem explicação ela não estabiliza! Fizemos tudo que podíamos e mesmo assim ela só tem piorado, infelizmente, está muito mal, se continuar assim, talvez não passe da próxima hora.
 - Ela está ali naquela sala filho... Se quiser ir vê-la.
 - Está aqui à 4h, não fez nada para salvar a vida dela pai?
 - Fiz tudo que eu podia, filho!

O Luidi parecia desnorreado passou por eles e eu o segui quando me aproximei da porta reparei num homem elegante do lado de fora e ele me indicou a entrada, agindo cordialmente como um metri de um restaurante fino, talvez minha imaginação estivesse me pregando mais uma peça.

Minha alma se aproximou da cama vendo meu corpo físico ali deitado, ligado em alguns aparelhos, eu não conseguia acreditar que aquela era eu com um esparadrapo grande na testa, onde provavelmente eles haviam aberto o corte novamente para fazer a cirurgia. Minha pele clara parecia agora sem vida, encostei-me na cama para não cair, quando ergui os olhos vi o mesmo homem elegante que estive na porta agora do outro lado da cama, olhei em volta, pensando, ele não podia ser da equipe médica porque suas roupas eram granfinas demais e quando o encarei vi em seu rosto um ar sombrio.

- É uma pena! - o homem elegante disse suspirando olhando para meu corpo ali deitado na cama quase sem vida, eu olhei para o Luidi e ele parecia não ter notado a presença daquele estranho no quarto.

- Ruivinha, eu não sei o que dizer, eu apenas preciso que volte, preciso te conhecer... - Luidi disse passando os dedos de leve em meu rosto ali deitada na cama.

- Tanta coisa para falar e ele fica sem palavras numa hora como está! - o homem elegante disse usando ironia e por um momento eu tive medo dele.

- Ou, desculpe, eu te assustei?

- Você está me vendo?

- Sim estou, não deveria? – o homem elegante me questionou e sorria de leve me assustando ainda mais, em seguida olhou para meu corpo sobre a cama. - Essa aqui e você? - ele disse apontando para meu corpo na cama e olhando para mim. - Então, essa é a garota! – parecia examinar detalhadamente meu corpo ali deitada na cama, o Luidi começou a dizer algo e eu olhei para ele.

- Gisely, quem sabe se você se deitasse, conseguiria acordar! Juro que não ficaria bravo se você me assustasse. Eu preciso de você aqui... fica comigo! - o Luidi disse e eu vi em seu rosto o desespero, como se buscasse as palavras certas para me fazer despertar.

- Ninguém pode negar que ele tem sentimentos! - o homem elegante disse estufando o peito, tirando um lenço do bolso e passando nos olhos como se estivesse secando algumas lágrimas também, cada vez mais eu tinha medo dele.

- Quem é você afinal?

- Quem sou eu? - ele disse recobrando a postura sorrindo. - Olha para mim! Terno fino, sapatos da última moda, gravata caríssima, cabelo impecável, sorriso travesso, olhos penetrantes, fala suave e envolvente, linguajar perfeito... Quem você acha que eu sou? - ele perguntou se divertindo ajeitando o terno para que ficasse perfeitamente alinhado e eu franzi a testa pensando.

- Um espírito!

- Não.

- Um fantasma!

- Não.

- Um... um... - comecei a gaguejar pensando quem ele seria afinal...

- Há vamos lá... - ele disse me encarando e se divertindo. - Você sabe quem eu sou... - ele sorriu como se fossemos amigos... - Só está fazendo tipo para prolongar nossa conversa.

- Você é um anjo? – falei devagar.

- Anjo! - ele repetiu rindo alto. - Desculpe, desculpe, não, não, não minha querida, aceitaria qualquer definição, mas anjo realmente é demais. - ele disse controlando o riso, eu fiquei um tempo pensando se realmente aquilo tudo era possível, agora eu

estava tendo uma experiência fora do corpo, enquanto estava quase morta e conversava com um homem que não era um anjo, um espírito ou um fantasma...

- Vou te dar uma pista...

Ele se inclinou na cama para ficar bem perto de mim, acho que daquela maneira nenhum ser humano teria conseguido se aproximar tanto, quando falou eu pude sentir o bafo gelado e soube que era ele quem esteve me perseguindo o tempo todo...

Arregalei os olhos petrificada.

- Então você é o d... - comecei a falar, mas parei. - Você é ele? - perguntei apavorada.

- Porque não disse o nome... Eu adoraria ter ouvido isso da sua boca. - ele disse rindo mais, como me viu assustada ele parou de rir e ficou sério. - Ei, não me olhe com essa cara! - ele parecia irritado. - Tudo bem, eu não sou ele, mas sou um de seus servos... um bem próximo a ele! - ele disse querendo frisar sua posição.

- Um bem próximo? Ai meu Deus!

- Qual o seu problema? Poderia ao menos poupar-me de ouvi-la dizer o nome dele. - ele disse apontando o dedo para o céu se referindo a Deus.

- P- Porque está vestido dessa m-maneira...

- Gostou? – fiquei em silêncio. – Ah! Qual é? Ficava apavorada quando eu vinha de outra forma, agora vai dizer que não gostou de me ver assim!

- Você veio me buscar? - perguntei preocupada e ele sorriu assustadoramente.

- Não! Ele disse ficando sério, deixando claro que estava gostando da brincadeira de me assustar.

- O que veio fazer aqui? – antes que o homem respondesse o Luidi voltou a falar.

- Gisely, há quase um ano minha mãe morreu e eu não disse o quanto eu a ama e o quanto era grato por tudo que ela fez e me arrependo diariamente por isso.

Quando olhei para o homem ele apontava em direção ao Luidi e meu coração acelerou, pensando que talvez ele estivesse aqui pelo Luidi.

- Veio buscá-lo?

- Ainda não! - ele respondeu parecendo se divertir.

- Rivinha... eu am...

- Ele ia dizer que me ama? – perguntei pra mim mesma, mas escutei o homem elegante rindo de maneira sinistra.

- Ia, mas ele não é do tipo que demonstra seus sentimentos, está assustado e com medo de admitir isso, então perca as esperanças, nunca vai ouvir isso dele, não dá maneira correta, dito pelo coração... É por isso que eu estou aqui. - o homem disse continuando a rir sem parar.

- Pára! - gritei ficando brava por ele estar rindo tanto, me deixando confusa.

- Ops! Desculpe.

- Está aqui porque ele me ama?

- Mais ou menos, eu já te falei isso tantas vezes, em outras vidas sabe, sinceramente não sei porque eles apagam as memórias... tenho que ficar repetindo e repetindo... – o homem elegante ia dizendo como se estivesse descontente. – Ah! deixa pra lá, o que interessa é que o fato dele te amar e o que a relação de vocês vai trazer para esse mundo, me fez mais uma vez pensar em como isso vai atrapalhar meu trabalho no futuro e já que vocês vão atrapalhar minha vida eu me senti no direito de atrapalhar a de vocês e evitar o resto... Então tive uma idéia e conversando com as pessoas certas enganando um aqui e outro ali... Ualá, aqui estou eu! Pronto para fazer um acordo. - ele disse fazendo gestos com a mão como se fosse uma grande apresentação.

- Acordo? Quer que eu venda minha alma? - perguntei sendo direta.

- Faria as coisas ficarem mais fáceis, você aceita?

- Claro que não!

- Foi o que pensei. - ele respondeu desapontado, olhando seu reflexo no vidro do quarto ajeitando alguns fios de cabelo que estava desalinhado.

- Fiquei bem, nessa roupa né! – olhei incrédula. – Já disse para não me olhar assim! Ah! Quer saber, ele vai morrer!

- O quê?

- Ele vai sair daqui no máximo em uma semana e vai enfrentar mais 2 incêndios de porte médio, mas no terceiro ele entra e eu não vou deixá-lo sair. - ele terminou de dizer deixando sua voz mais forte e olhando para mim assustadoramente.

- Por quê?

- Vocês nunca estão contentes, não podem apenas aceitar? - ele disse fechando os olhos e colocando a mão neles como se estivesse cansado, depois me olhou, como percebeu que eu ainda aguardava uma resposta suspirou dizendo.

- Não entendeu ainda? Tem a ver com o que acontece na relação de vocês, por isso um dos dois tem que ir e no terceiro incêndio ele vai estar tão envolvido emocionalmente que será descuidado essa é a oportunidade perfeita para levá-lo.

Enquanto explicava ele gesticulava com as mãos imitando um cantor de rap.

- Tudo bem, então eu morro agora e aqui 3 incêndios ele morre e nos encontramos.

- Tudo seria perfeito não é... - ele começou a dizer com aquele largo sorriso no rosto. - Só esqueceu de um detalhe queridinha, se deu conta que ele vai morrer num incêndio... Queimando, isso não te dá pena? Coitado, vai morrer com muito sofrimento e muita dor. - o homem disse sendo sarcástico, isso me assustou brutalmente e nesse momento o Luidi voltou a falar.

- Antes de te conhecer eu nunca quis pertencer a uma única garota ou pensei em ter uma família, mas quanto te vejo as únicas coisas que passam por minha cabeça são, quando eu vou ter um filho com você e como será maravilhoso quando isso acontecer...

- Ele é uma boa pessoa, se sacrifica por pessoas que nem conhece, salva vidas diariamente, como um cara como este pode morrer sofrendo?

- Digamos que ele não se ache digno de ter uma morte tranqüila, vamos atribuir isso a seus problemas sentimentais... Toda vez que ele não consegue chegar a tempo de salvar alguém das chamas ele pensa que um dia vai morrer dessa maneira... Bem, já ouviu a expressão, cuidado com o que deseja, pode ser que consiga! É o caso dele queridinha, fica tão deprimido por não conseguir salvar todo mundo que acaba se condenando e sem nem perceber deseja que sua morte aconteça quando estiver em serviço entre as chamas... Não me olha assim... Eu sou um cara legal, só vou fazer o que ele quer... - o homem elegante disse rindo de mim.

- Ele vai para o céu?

- Céu! - ele disse parecendo se divertir. - Quem disse que alguém vai para o céu?

- Quem disse que o céu existe? Vocês são tão básicos! - ele disse com superioridade me deixando irritada.

- Eu acredito que existe céu, paraíso, vida eterna e todas essas coisas, o que muda é a maneira que cada pessoa vê isso. – respondi sendo convicta. - Para algumas pessoas o céu pode ser um lugar bonito com árvores, enquanto para outras pode ser um lugar na praia e para outras um lugar entre as nuvens com roupas esvoaçantes com um grande portão dourado na entrada, o mesmo acontece sobre a vida eterna que para uns pode ser continuar vivo estando em um desses lugares e para outros pode ser eterno porque elas escolham voltar para cá e chamam isso de reencarnação... o que muda é a interpretação de cada pessoa, só isso, mas que existe, pode ter certeza que alguma coisa existe! Ou vai dizer que não? - perguntei o desafiando e ele demorou a admitir.

- Existe! - ele disse baixo olhando para o outro lado puxando o paletó como se tivesse sido pego desprevenido, depois me olhou de volta.

- Não sei por que insisto eu nunca consigo te pegar nessa! Você continua igual, ou seja, espertinha e irritante!

- Deixa-me ver se entendi, ele me ama. – falei apontando para o Luidi. - Nós vamos morrer eu agora e ele depois. - eu dizia tentando entender. - O céu e a vida

eterna existem e são de acordo com a interpretação individual... ele salvou minha vida e eu gosto dele, qual o motivo disso tudo afinal? - perguntei olhando para o homem.

- Não sou eu que faço as regras... Apenas as sigo... Eu só aproveito as oportunidades e a minha está no terceiro incêndio, por isso venho buscá-lo! - ele disse erguendo os braços de maneira despreocupada. - Olha, vamos acabar logo com isso, eu tenho outras pessoas para infernizar. - ele disse sorrindo e eu me assustei com o que estava acontecendo e comecei a pensar em Deus.

- Não vai adiantar pedir ajuda a ele agora, se eu estou aqui é com o consentimento dele pode ter certeza, livre arbítrio você só aceita o acordo se quiser. - ele disse zombando de mim.

- Então você veio para ficar soprando coisas negativas em meu ouvido, como a Magali disse?

- Soprar no seu ouvido? - ele disse fazendo cara de impaciente. - Você é uma sonsa mesmo, será que não está me vendo aqui na sua frente garota!

- Ei, não fala assim comigo! Será que nem na hora da morrer eu consigo ter paz? Mas que droga! - falei gritando irritada e vi o homem elegante ampliar seu sorriso.

- Está com raiva, que ótimo! - ele disse parecendo feliz e eu me dei conta que transformei em palavras os sentimentos negativos que pairavam no ar.

- Esqueça o que eu disse!

- Lamento, mas quando as palavras saem da boca elas ficam ETERNIZADAS. - ele disse ainda sorrindo. - Se eu fosse você faria o acordo, só assim pode ter certeza que não virei buscá-lo. - ele disse sério, sentando na beira da cama deslizando seus dedos sobre o esparadrapo na minha testa.

- Porque um de nós precisa morrer?

- Já deveriam estar mortos... Mas acho que dessa maneira também serve. - ele disse olhando as unhas para se certificar que elas estavam bem feitas.

- Deveríamos? - parei para perguntar e ele ergueu os olhos para responder.

- Sim, há cinco semanas e dois dias, sete horas e... - ele disse esticando o braço para conferir em seu relógio de pulso. - Trinta e sete minutos e quarenta e quatro segundos. Ele finalizou sorrindo para mim.

- Você está tentando me assustar?

- Não. - ele disse continuando a me olhar, como eu fiquei muda ele se levantou e eu dei um passo para trás.

- Calma! Só me levantei queridinha, infelizmente não posso fazer nada com você.

- Não pode?

- Não! Sua alma precisa estar em seu corpo para que eu possa atormentá-la... Mas com ele eu posso e isso vai atingir você. - ele disse se aproximando do Luidi.

Olhou para mim e sorriu de maneira sinistra e começou a falar.

- Deve estar com dor... - ele dizia baixo para o Luidi quase como um sussurro em seu ouvido.

O Luidi se mexeu desconfortável e o homem elegante ergueu a sobrancelha satisfeito antes de continuar.

- Pense, você não acha que deveria estar repousando, teve um dia muito agitado para quem levou um tiro no peito, talvez esteja sentindo dor por estar a tanto tempo em pé se movimentando desse jeito. - o homem continuava a sussurrar para o Luidi que colocou a mão sobre o ferimento e fez uma careta como se realmente estivesse com dor.

- Porque está fazendo isso? - perguntei me aproximando, colocando minha mão sobre a do Luidi no ferimento vendo ele fechar os olhos como se estivesse aliviado.

- Eu não fiz nada, só estou sugerindo, quem está fazendo acontecer é ele que aceitou minha sugestão e permitiu que a dor aparecesse quando ela nem existia, mas vamos lá, foi divertido...

- Isso é divertido? Ver as pessoas sofrendo é divertido?

- Para mim é... Vocês são tão fáceis, tão manipuláveis basta apenas um sussurro e vocês acreditam e começam a dizer não posso, não consigo, não tem jeito, não vale à

pena tentar, é impossível... Simplesmente desistem mesmo antes de começar... Isso é tão legal! - ele disse dando um soco no ar mostrando o quanto isso o deixava animado.

- Então sua função é ficar soprando coisas negativas no ouvido das pessoas?

- Não, mas já fiz muito isso... Vamos dizer que eu fui promovido.

- Existem outros que fazem isso?

- SIM! - ele disse pulando num gesto radiante. - Muitos, muitos, o tempo todo e com todos... O que foi? Como acha que as pessoas desistem antes de nem começar, ou porque acha que elas têm dúvidas sobre sua capacidade... e porque elas deixam de demonstrar seus sentimentos... - ele ia falando parecendo se divertir com o meu jeito apavorado.

- Sabia que algumas pessoas têm problemas em demonstrar seus sentimentos?

- Acreditar nisso facilita muito meu trabalho. – arregalei os olhos. - Mas que cara é essa? O que esperava? Quer que eu explique mais uma vez? - ele disse voltando a sentar na ponta da cama, mexendo em alguns cachos dos meus cabelos ruivos.

- As maiores armas das pessoas são seus sentimentos verdadeiros, mas com o tempo elas simplesmente deixam de usar essas armas. Entende? - ele disse dando uma olhadinha em minha direção, como eu não disse nada ele continuou.

- Por exemplo, com a família, os pais, irmãos e amigos... - ele começou a dizer e eu continuei.

- O amor incondicional. – falei e ele fez uma careta descontente.

- Esse mesmo, quando esse sentimento aí aparece, nós sopramos incansavelmente no ouvido das pessoas que seus pais, irmãos e amigos já sabem o que sentem por eles, vocês são tão manipuláveis que acreditam e depois de um tempo se esquecem de dizer e de demonstrar isso a eles... Ele me olhou em seguida com ar triunfante continuando a falar. - A propósito há quanto tempo não abraça seu pai e lhe diz que o... aquela palavra... você sabe... - ele disse gesticulando andando no quarto chegando mais perto de mim me fazendo virar na direção dele.

- Ama... - terminei a frase, olhando para ele.

- Isso mesmo! E para sua irmã? E para seus amigos e conhecidos?

- Eu não posso abraçá-los todos os dias, mas ligo para os meus pais quase que diariamente para dizer que os amo e que sinto falta deles, sempre que tenho folga passo na casa da minha irmã para conversarmos sobre bobagens e faço o mesmo com meus amigos, sou sincera quando os abraço e verdadeira quando digo que senti saudade deles. – falei sendo sincera eu realmente me importo em demonstrar um carinho verdadeiro aqueles que me cercam, acho que isso é valioso, já que existe tantas coisas ruins acontecendo no mundo esses pequenos detalhes são fundamentais para as pessoas.

- Você é uma terrível exceção, mas e quanto às outras pessoas, inclusive aquelas que vivem sobre o mesmo teto, quantas delas você acha que usam essa palavra com aqueles por quem nutrem esse sentimento... - ele disse tentando explicar que as pessoas vivem juntas e se amam, mas com o tempo se esquecem de expressar seus sentimentos como se esquecessem o quando é maravilhoso sentir um abraço e um beijo verdadeiro e uma palavra de carinho, apenas por eles existirem e estarem ali, em seguida ele apontou para o Luidi.

- O que tem ele?

- Não é bom em lidar com seus sentimentos, graças a nós, claro! - ele disse querendo ficar com todo o mérito por isso.

Olhei para o Luidi me lembrando que a pouco ele havia falado que se arrepende diariamente por não ter dito a mãe o quanto a amava e o quanto ficava assustado e com medo por perceber o que sente por mim.

- Exato! - ele disse como se tivesse ouvido meus pensamentos. - E isso vira uma bola de neve...

- Bola de neve?

- É, é, é... uma coisa leva a outra e quando mais a pessoa acredita, mais ela vai deixando de abraçar com sinceridade, deixa de desejar um bom dia verdadeiro, deixa de dizer que sente saudade de seus irmãos e de seus amigos, deixa de dar beijos em seus pais quando os cumprimentam, deixa de usar palavras carinhosas com aqueles que precisam e deixa de fazer suas orações e cada vez mais vão deixando de lado seus sentimentos verdadeiros e isso faz com que elas fiquem desarmadas ficando vulneráveis e... - ele dizia como num júbilo de êxtase.

- As energias negativas vão tomando conta de tudo a sua volta. - finalizei.

- Mais um ponto para ela! - o Homem elegante disse apontando para mim. - Quando quer consegue ser esperta! - ele disse de maneira sarcástica me olhando.

- Qual o seu problema? - perguntei me esquecendo por um momento que aquele a minha frente não era exatamente uma pessoa.

- VOCÊ! - ele respondeu bravo e depois se acalmou imediatamente, como se não quisesse que eu me assustasse.

- Porque eu sou um problema?

- Blá, blá, blá... não sou eu que faço as regras, apenas as sigo, um de vocês tem que ir porque em algum momento vocês... - ele começou a dizer e eu acreditei que ele ia explicar, mas simplesmente parou e começou a rir com gosto me deixando boba vendo a cena.

- Achou mesmo que eu ia te falar qual o motivo disso tudo estar acontecendo? - ele dizia continuando a rir sem parar. - Você sempre cai nessa! É tão engraçado... - por algum tempo ele ainda deu risada, mas depois simplesmente parou. - Não importa! Faça o acordo e eu não venho buscá-lo.

Fiquei alguns segundos tentando entender, algo não se encaixava naquela história. Comecei a considerar os pontos, primeiro ponto o homem elegante disse várias vezes que Luidi e eu não poderíamos ficar juntos de maneira nenhuma, segundo ponto o Luidi irá morrer daqui algum tempo no terceiro incêndio, terceiro ponto apesar de eu morrer hoje obviamente ficando longe do Luidi o homem elegante queria fazer um acordo... Isso é estranho, porque se eu morrer hoje não ficarei com o Luidi, a menos que... Claro, só podia ser isso!

- Eu sei... eu sei por que quer que eu faça um acordo.

- Sabe?

- Não chegou minha hora de morrer, o que ele sente por mim é verdadeiro e ele vai conseguir me levar de volta e vamos ficar juntos, é por isso que está aqui... - falei isso devagar entendendo agora.

- Tudo bem engraçadinha isso não me impressionou, essa parte era fácil mesmo, toda vez você acerta, mas... - ele começou a dizer me olhando com superioridade. - No terceiro incêndio ele morre! - ele disse forte e depois sentou na ponta da cama despreocupado.

- Se tem tanta certeza disso, o que está te incomodando? - eu perguntei e ele não respondeu e por alguns minutos eu fiquei pensando me dando conta de todo o resto e falei.

- Vai acontecer... - eu disse olhando para ele sorrindo. - É como aquela senhora morta disse... Vai acontecer alguma coisa entre a gente nesse meio tempo e vai ser bom para muitas pessoas. - eu disse imaginando o que ficaríamos juntos. - É por isso que estivemos várias vezes tão perto da morte e nenhum dos dois morreu...

- Quando você diz "vai" no presente, significa que irá realmente acontecer o que não é exatamente o caso. - ele disse tentando se impor e manter a confiança.

- Então... - comecei a falar pensando. - Quando as pessoas dizem que seu destino está traçado nada pode ser alterado é errado?

- Essa é outra bobagem, o destino muda cada vez que você toma uma decisão "livre arbítrio" é uma reação em cadeia.

- Reação em cadeia... - repeti pensando como seria isso, comecei a dizer para confirmar se era o que eu estava pensando. - Como quando eu agradeço de coração a uma pessoa por algo que ela me fez e essa pessoa se sente feliz e com mais vontade

de continuar a fazendo as coisas da maneira correta para outras que em cadeia vão se motivando e fazendo coisas boas uma para as outras...

- Eu prefiro a versão que você percebe a meia fina rasgada na hora de vesti-la pela manhã e sem opção precisa trocar a roupa toda, conseqüentemente saindo atrasada para trabalhar, xinga por que o elevador demora, passa pelo porteiro resmungando porque ele quis que você pegasse as correspondências naquele momento, sai com o carro como louca e aproveita o segundos enquanto dirige para fazer a maquiagem, uma coisa leva a outra e quando chega o final do dia você foi mal educada, brigou e até gritou com as pessoas, que se sentiram mal e injustiçadas e fizeram isso com outras e assim por diante... reação em cadeia. - ele finalizou sorrindo.

- Olha a única coisa que importa é que eu vou ficar com o Luidi!

- Tem certeza? - o homem elegante disse irritado, deixando claro que pretendia se vingar por eu ter descoberto que não morreria hoje, ele se aproximou do Luidi e começou a sussurrar algumas coisas para ele. - Talvez você tenha sido muito enérgico com a mulata, pode ser que ela precise de seu ombro amigo, quem sabe até algo mais... Talvez queira se lembrar de como o corpo dela é bonito e você ainda nem aproveitou... - vi o Luidi balançar a cabeça como se não quisesse pensar em algo assim nesse momento.

- Porque está fazendo isso?

- Queridinha eu apenas estou usando as armas que tenho em mãos, ele tem medo de admitir que gosta de você, é orgulhoso e tem o ego inchado de tantas mulheres correr atrás dele, ou seja, não usa seus sentimentos verdadeiros e isso deixa aberta a porta para que eu me aproxime dele e o confunda, isso me dá uma grande vantagem, talvez nada aconteça entre vocês... - o homem foi falando sem parar. - é como eu disse antes... Fica fácil nos aproximarmos quando as pessoas não usam seus sentimentos verdadeiros.

- Pára de fazer isso com ele!

- Eu só faço porque ele deixou que eu me aproximasse, esse é meu trabalho... E posso garantir, sou bom nisso! - ele disse com sarcasmo.

- Eu vou viver e fazê-lo entender que precisa usar seus sentimentos verdadeiros! Vai acontecer algo importante entre a gente que influenciará na vida de muitas pessoas. - eu disse com convicção olhando para ele.

- Ruivinha, precisa ficar, preciso de tempo para poder entender o que sinto e dizer a você! Meu Deus a deixe comigo. - eu o vi implorar a Deus e olhei na direção do homem elegante que entendeu meu recado, talvez um pouco mais de tempo e ele conseguiria deixar seu medo de lado e compartilhar comigo seus sentimentos, reação em cadeia, eu pensei, mas o homem sorriu se divertindo por ter lido meus pensamentos ingênuos.

- Queridinha, está se esquecendo de um detalhe muito importante... - ele disse continuando a rir seguro do que falava. - O TEMPO, quando tempo acha que vai ter para convencer um cabeça dura como ele a dizer que te ama de maneira verdadeira? - ele disse seguro continuando a rir. - Não quero te desanimar, mas preciso ser sincero, enquanto você estiver tentando convencê-lo eu estarei ao lado dele sussurrando o medo e o assustando, dizendo que esse sentimento nobre só trás sofrimento as pessoas, ficarei lembrando o quanto ele já fez outras garotas que o amava sofrerem e que você poderá fazer isso com ele... Vai ser bem divertido, uma guerrinha particular entre você e eu, e o campo de batalha será a mente dele. - o homem elegante disse me assustando.

Ouvi um som contínuo em um dos equipamentos e percebi, nesse momento começava uma nova experiência quase morte... Meu coração parou enquanto meu cérebro buscava uma maneira de me fazer voltar a viver, entraram correndo o Dr. Dionísio, o pai do Luidi e alguns enfermeiros, eles diziam apressados que o Luidi deveria sair, o desfibrilador foi usado por várias vezes, a corrente elétrica percorria meu corpo que era jogado para cima em um esforço desesperado para reanimá-lo.

- Ups! Acho que estava errada, vai morrer... - o homem dizia e repetia isso como se estivesse cantando para mim. - Tadinha tão linda, tão pura, tão... virgem... Ei, ainda é virgem? - ele disse olhando meu corpo novamente como se não acreditasse e começou a rir com deboche olhando para minha alma encostada na parede.

- Poxa vida! - ele dizia continuando a rir assustadoramente. - Estou me divertindo mais do que pensei! - eu continuava olhando para ele assustada sem saber o que fazer, os médicos tentavam me reanimar e algumas vezes eu pensei que talvez fosse morrer, procurei pelo Luidi que estava na porta encostado também assustado, vendo a correria de todos que tentavam salvar minha vida.

- Pára de rir! - falei olhando para o homem elegante que fez cara de descontente, mas parou de rir no mesmo instante.

- Olha para cara dele! - o homem elegante disse apontando para o Luidi. - Desde que soube o que aconteceria entre vocês eu sussurro coisas para ele, tantas que deixei o coração dele repleto de sentimentos controversos, e por isso ele perde muitas oportunidades na vida, coitado tem medo de se expor, fiz com que ele acreditasse o quanto vai sofrer se abrir seu coração e que é mais fácil não amar, assim não corre esse risco... Estou orgulhoso de mim! - o homem elegante disse fechando os olhos imitando alguém que havia feito algo nobre. - Sabe, eu não posso decidir o rumo que a vida de vocês vai tomar, mas posso sugerir que tomem as decisões erradas e ignore os sinais, e vocês são tão fracos e manipuláveis, permitem que seres como nós façamos isso, assim as boas oportunidades da vida, escorrem por seus dedos como um punhado de areia... Chega a ser filosófico! - o homem disse respirando fundo, de maneira despreocupada

Infelizmente ele tinha certa razão, algumas pessoas amedrontadas por não saber o que as mudanças podem fazer em sua vida, preferem continuar da mesma maneira sem se arriscar em novas oportunidades e perdem muitas coisas boas da vida.

Olhei vendo tudo que acontecia e o cansaço havia tomado conta de mim, eu enxergava o Luidi com dificuldade, percebi quando o médico dispensou o desfibrilador e entendi que aquele era o fim e tudo foi ficando longe.

- Hora da morte 16h44. O Dr. Dionísio declarou minha morte.

- Ualá! - o homem disse num triunfo. - Estava enganada, parece que não ficaram juntos. - o homem falava e repetia feliz dando pulos e pequenas piruetas no ar.

- Ela não está morta! Gisely reaja! - escutei o Luidi falando e o vi entrando desesperado balançando meu corpo sem vida, podia ouvi-lo ao longe, havia movimentação de outras pessoas dentro do quarto, mas eu não conseguia saber o que era, até que ouvi o próprio Luidi dizer. - Me solta pai, eu não vou sair, ela não está morta! Gisely acorda! Precisa voltar, preciso que fique aqui.

- Filho, acabou. - o pai dele disse, segurando o braço do Luidi. - Deixe que ela descanse.

- Olha que lindo ele está sofrendo com a sua morte... Pena que a morte dele não será tão tranquila assim... - o homem disse e eu me lembrei disso, ele iria sofrer. - Ah! Eu estava quase esquecendo, se quiser ainda faremos o acordo! Eu não venho buscá-lo no terceiro incêndio. - o homem elegante disse ficando na minha frente me olhando intensamente.

- Você não virá buscá-lo? - perguntei não querendo imaginar o Luidi sofrendo e vi o homem elegante sorrir.

- Não, eu não virei... Se eu fosse você ao menos ouviria qual é o acordo, afinal o que tem a perder.

- Gisely acorda! Não morre! Diz como eu faço para ir te buscar, eu vou... - o Luidi disse e eu olhei vendo ele pegar minha mão em desespero, aos poucos o pai dele o puxou pelo braço e ele foi soltando a minha mão.

Eu não queria que ele se afastasse, minha alma estava ali encostada na parede vendo tudo e eu estiquei os braços tentando alcançá-lo, eu queria dizer que eu odeio ficar sozinha, que precisava dele ao meu lado.

- Ele vai morrer sofrendo, só você pode evitar isso, quer ouvir meu acordo? - o homem disse ainda ali parado na minha frente de maneira sinistra.

Fechei os olhos tentando buscar na memória, aquele homem lindo com cabelos pretos, pele bronzeada e olhos negros como a noite, alguém especial que no pouco tempo que esteve ao meu lado me ensinou tantas coisas importantes, mas aos poucos a imagem dele também desaparecia talvez essa fosse à verdadeira face da morte, apenas o vazio, a única coisa boa era não havia dor e tudo é tão suave como adormecer...

- As memórias são legais, né... - ouvi o homem elegante dizer sabendo que ele estava ali perto lendo meus pensamentos. - Sinta-se privilegiada por ter sido uma boa pessoa, agora imagina aquelas pessoas que perturbamos incansavelmente em vida, como os drogados, alcoólatras, estupradores, ladrões, corruptos, pedófilos, exploradores de menores e tantos outros, no momento de sua morte nos temos um bônus, podemos soprar em seus ouvidos seus piores pesadelos...

- Gisely... - escutei alguém me chamando ao longe e eu queria escutar, era uma linda voz, era a voz do Luidi, talvez eu ainda conseguisse guardá-la em minha mente.

- Ele me ama... não chegou minha hora de morrer...

- Você realmente me irrita garota! – senti seu bafo gelado bem perto do meu rosto, apertei mais os olhos com medo de ver no que aquilo havia se transformado. - Calma queridinha! Sei que não gosta de ver como realmente sou... pra você serei sempre esse homem elegante... – percebi que ele se afastara, seu bafo ficou mais ameno e sua voz foi voltando ao normal, quando me senti segura abri os olhos e ele sorria de maneira sinistra me encarando bem perto de mim.

- Apenas escute... apesar deles terem dito que você morreu, já descobriu que daqui a pouco você volta a viver! Odeio essa parte! – o homem elegante resmungou irritado. - Aquele imbecil ali quer que você volte! Ele sempre quer, isso nunca muda!! - ele disse apontando para o Luidi. - Mas queridinha tenha certeza de uma coisa eu venho buscá-lo no terceiro incêndio... Terei muito prazer em fazer isso, é a oportunidade perfeita, ficarei lá ao lado dele o verei ser queimado lentamente... - o homem disse bem perto de mim. - Ouça o acordo Gisely! - ele disse entre os dentes, parecia estar se segurando para não me agredir.

- Ruivinha... - o Luidi falava devagar. - Se me ama, me diga como eu faço para ir te buscar, lute de alguma maneira, não aceite, eu preciso de uma chance para dizer que eu amo você...

- Esse cara é um fofo, conseguiu dizer de maneira verdadeira que te ama... Tudo bem a maioria das pessoas fazem isso quando vêem alguém morrendo, mas... o importante é que ele vai morrer em breve, você não vai estar lá e... eu o farei sofrer! - o homem dizia colocando mais força nas palavras enquanto as pronunciava. – Pense você pode evitar isso, faça o acordo comigo!!! - o homem disse se fazendo de simpático, como se fosse simples assim.

- Deixe ele morrer em paz! – gritei.

- E perder a oportunidade? Nem pensar! - ele vai morrer... sofrendo, queimando, ardendo, seu caixão vai cheirar a carne queimada, vai ter muita dor, suas unhas vão derreter e seus órgãos vão estourar, antes dele queimar lentamente... - o homem ia acrescentando detalhes e mais detalhes e eu não agüentava imaginar aquilo acontecendo com o Luidi.

- Pára! - gritei, colocando as mãos nos ouvidos.

- Queridinha, estou sendo sincero, isso irá acontecer, e quando for no velório dele saberá que poderia ter evitado... ouça o acordo Gisely!

- Ela não vai voltar filho... Vamos sair daqui!

- Luidi, fica comigo! – supliquei.

- Pai, ela odeia ficar sozinha... ela vai voltar para mim! – Luidi disse com raiva enquanto se soltava do pai dele, voltou apressando erguendo meu corpo em seus braços para que eu não escapasse.

- É sua última chance de salvar a vida dele... É agora que ele te leva de volta, se não fizer o acordo comigo ele vai morrer... queimado... lentamente... - o homem disse bem perto de mim me aterrorizando.

- Ruivinha, ache o caminho e volte para mim! - o Luidi gritava dentro do quarto, me segurando em seus braços, fazendo com que os enfermeiros tentassem tirá-lo dali começando a arrastá-lo contra vontade, enquanto o homem dançava pelo quarto repetindo em parar que o Luidi ia morrer queimado sofrendo lentamente.

- Eu quero ouvir qual é o acordo! - gritei em meio aquele desespero.

Tudo no quarto parou, todas as pessoas pareciam paralisadas não havia som ou qualquer pensamento pairando no ar, era apenas o homem elegante e eu a respirar.

- Ótimo, já que insiste tanto que eu não venha buscá-lo eu digo qual é o acordo. - o homem disse se sentando na cama, ele olhava para meu corpo na cama e para minha alma encostada na parede.

- Precisa ficar longe dele.

- Esse é o acordo? - perguntei indignada olhando para ele.

- Sim.

- Eu fico viva, você não vem buscá-lo no terceiro incêndio, mas não ficamos juntos, é isso? - voltei a perguntar.

- Sim, prometo que não venho buscá-lo. - ele respondeu continuando a me olhar com cara de simpático.

- Qual o motivo tão grandioso para não ficarmos juntos?

- Blá, blá, blá... não sou eu que faço as regras, apenas as sigo... blá, blá, blá... - ele disse mexendo a mão como se fizesse um bico de pato que fala sem parar em seguida consultou o relógio. - Olha querida, eu adoraria ficar aqui, mas tenho mesmo uma lista imensa de pessoas para infernizar ainda hoje, então se não se importa, pode decidir se eu venho buscá-lo ou não? - ele perguntou sorrindo sem graça.

- O acordo diz que devo ficar longe dele, assim você não vem buscá-lo no terceiro incêndio e como não chegou minha hora de morrer eu vou voltar. - eu falei querendo me certificar que era só disso que se tratava o acordo.

- Nós não passamos por essa parte agora a pouco? - ele perguntou parecendo impaciente me olhando. - Ah! Já sei, está tentando se certificar que eu não estou te enganando! Sabidona!!!

- Só quero ter certeza que entendi perfeitamente.

- Fique tranqüila eu não virei buscá-lo no terceiro incêndio, palavra do servo do di... - ele foi falando, mas eu não o deixei terminar.

- Tudo bem, já entendi que não virá buscá-lo.

- Então temos um acordo?

- Só se me responder duas perguntas. - falei com calma.

- Duas perguntas? - ele repetiu sorrindo rápido sem acreditar. - Quer me fazer duas perguntas? - ele voltou a sorrir rápido como se realmente não acreditasse no meu atrevimento.

- Quero! - disse, fazendo a primeira pergunta. - Ele me ama de verdade?

- Tinha que ser uma garota para querer saber isso. - ele disse rindo sem responder me olhando. - Sim, ele a ama, tem medo e está demasiadamente assustado para admitir isso, mas a ama!

- O que acontece se ele descobrir isso e me disser?

- Ele vai dizer que gosta de você que é apaixonado por você, mas as coisas só mudam quando ele disser com o coração que te ama, isso faz com que nosso acordo seja anulado e muda todo o resto... reação em cadeia. - ele disse se levantando como se fosse embora. - Não tenha esperanças, pode não se lembrar, mas já passamos por isso outras vezes, ele nunca te diz e a cada reencarnação a coisa piora... - o homem elegante disse com segurança.

- Cancela o acordo, muda todo o resto... O que vai mudar?

- Péééééé! - ele disse imitando uma campainha. - Duas perguntas, nenhuma palavra a mais. - eu olhei em volta e tudo continuava igual às pessoas paradas e sem qualquer barulho.

- Eu vou me lembrar disso?

- Afinal, quantas perguntas quer fazer? - o homem disse impaciente olhando para o relógio novamente e eu fiquei esperando e ele pareceu ceder e suspirando irritado prosseguiu.

- Vai se lembrar de algumas coisas e a resposta da próxima pergunta é sim eu vou ficar soprando no ouvido dele sobre outras mulheres e a resposta para a pergunta seguinte é que ele vai chegar a conclusão que você não vale a pena, não passa de uma garota esnobe, então mesmo te amando ele vai desistir, porque eu vou soprar no ouvido dele que ele não consegue ter você e que não vale a pena ficar sendo tão humilhado já que existe tantas mulheres em seu pé... reação em cadeira, ou seja, como das outras vezes ele não dirá com o coração que te ama, porque é orgulhoso e medroso demais para admitir isso e nosso acordo continuara... eu viverei feliz para sempre porque essa é a última chance de vocês... depois dessa vida, zefeni! Já era, nunca mais, separados para sempre, eternamente... - o homem elegante disse como se fosse um vitorioso estufando o peito e olhando para o teto.

- Ah! - ele disse soltando os braços me olhando. - Pensei que já tivesse entendido essa parte, para essa pergunta a resposta é... Com certeza ele vai te beijar, mas você não pode beijá-lo nem sequer tocá-lo. - ele disse e ficou me olhando. - O que foi? Preciso explicar em detalhes? - o homem disse parecendo cansado com aquelas explicações.

- Um beijo ou um toque verdadeiro, entende? - ele ia falando me olhando. - Um beijo sincero, entende? - ele continuava me olhando. - Não entendeu ainda? - ele disse olhando para os lados pensando em outras opções de como me explicar.

- Não pode deixar sua alma o beijar ou tocá-lo, se encostar nele precisa ser uma coisa carnal, entendeu? - eu continuei muda tentando entender o que ele queria dizer.

- É, pela sua cara não entendeu ainda, já vi que a cada reencarnação você fica mais sonsa! - o homem disse me olhando impaciente. - Deixa eu ver... Ah! Já sei... Quando você vai a uma festa e bebe um pouco e sai beijando e tocando vários homens que mal conhece, esse é o tipo de beijo e contato carnal, foi apenas um beijo e alguns carinhos sem qualquer sentimento verdadeiro... Diferente de quando você conhece o homem da sua vida e o beija ou o toca com sua alma... - ele disse apontando para o Luidi e para mim.

- Entendeu agora queridinha?

- Entendi...

- Sexo então nem pensar, por que... - ele disse rindo com deboche. - Você é virgem e o cara vai ficar louco com isso... ele te ama... você o ama... então, não rola esse lance de apenas carnal... acho que você me entende, não é?

- Entendo...

- Agora uma curiosidade. - o homem disse e eu olhei em sua direção.

- Até entendo das outras vezes, mas hoje em dia, como conseguiu chegar aos 23 anos virgem? - ele perguntou rindo, mas eu não respondi, não sabia como explicar para ele.

É realmente complicado, porque na minha família não existe uma religião definida, apenas acreditamos em DEUS, e o que diz respeito a virgindade é como qualquer outra família, ou seja, confusa, para o casamento não é necessário uma cerimônia religiosa e isso complica ainda mais as coisas.

A história que sei é que meus antepassados vieram para o Brasil em um navio de imigrantes russos e na longa viagem uma doença matou muitas pessoas e com medo da morte minha tatatatavó decidiu que sua filha se casaria com o namorado ali mesmo no navio. Não havia qualquer sacerdote presente, por isso os familiares dos noivos se reuniram e fizeram um casamento de almas, que é feito através dos votos de casamento. Desde então de geração a geração os noivos da minha família se

casam através das almas, ou seja, penas fazem seus votos com palavras ditas pelo coração, nesse momento a união de suas almas acontece e é para sempre, quem quiser pode fazer a cerimônia religiosa ou até ir a um cartório assinar um papel, sem qualquer problema, mas a maioria de nós não faz, porque as almas só ficam unidas quando realmente se amam isso é a coisa mais sagrada na minha família.

Minha virgindade não era um tabu, eu apenas achava linda a união de almas e queria que ela fosse completa e eu pudesse me entregar ao homem que eu realmente amasse e não simplesmente porque o desejei. Mesmo sem admitir às vezes eu penso nos mandamento de Deus, então seja lá por idealismo, romantismo, convicção, bobagem, é assim que eu quero que aconteça.

- Ah! – ele disse me olhando com curiosidade. - Você é daquelas que acredita nos mandamentos dele... - ele disse apontando para o céu, provavelmente havia lido meus pensamentos em seguida fez um bico olhando para os lados pensando. - Acredita na união das almas... Interessante, aposto que é daquelas que faz uma oração todos as noites e quando se levanta agradece por ter mais um dia de vida. - ele continuava fazendo pequenas caretas de reprovação.

- Imagino que não costuma julgar ou discriminar as pessoas levando em consideração a sua amiga lá fora, respeita pai e mãe, mesmo quando não concorda com eles, não bebe, não fuma, aposto que nunca roubou o namorado de uma amiga mesmo quando o cara deu em cima de você, e naturalmente fica feliz com as conquistas materiais das pessoas a sua volta, sem nunca desejar para si mais do que consegue com seu esforço... - ele continuava a pensar e depois olhou para mim com reprovação.

- Agora eu entendi porque você sempre é a escolhida.

- Espera! – falei e ele olhou com satisfação começando a sorrir.

- Está pedindo para eu ficar?

- Não! – falei apressada. - Eu vou continuar vendo você?

- Naaaãuuuuu! – ele pensou por alguns segundos e sorriu feliz. – Que tal se dessa vez dermos um toque especial. - ele disse de maneira perversa olhando para minha alma encostada na parede e para o Luidi que segurava meu corpo em seus braços. – Ah! Deixa de ser patética não vou fazê-la assinar nada com sangue, estou pensando em algo mais legal. - ele disse puxando meu braço com força encostando o dedo no meu pulso fazendo e eu senti a dor de uma queimadura, olhei quando ele soltou e apareceu cicatriz horrível em formato de cobra, juro que pude ver a cobra se mexendo como se passeasse em meu braço.

- Olha que original, o amor da sua vida é bombeiro, então, você será queimada quando estiver infringindo o acordo . - ele disse rindo de maneira exagerada.

- Queimada!

- Não fique tão assustada, é só uma queimadura no pulso, imagine a cara dele quanto se der conta que quando encosta em você sua pele queima! – ele continuou a rir como se aquilo fosse mesmo engraçado. – AH! Qual é, as pessoas fazem acordos assim a todo o momento, tudo bem que a maioria delas está atrás de conquistas materiais, e nem se dão conta que estão falando com seres como nós, mas ainda assim elas fazem nossos acordos e nem se importam com as conseqüências, então para de me olhar desse jeito!

- Agora tchauzinho, divirta-se ficando mais uma vez longe do amor da sua vida... - ele disse sorrindo acenando em seguida sumiu.

Eu olhei em volta e as coisas começaram a voltar ao normal, todos se mexiam e a agitação voltou ao quarto, eu não conseguia ter certeza se tudo aquilo havia mesmo acontecido ou se eu estava ficando louca, olhei para o pulso e vi a cicatriz, deslizei o dedo sobre ela para ter certeza que estava mesmo ali.

Então olhei pelo quarto e vi o Luidi sendo retirado a força ele parecia assustado e eu fiquei assustada também sem ter certeza se conseguiria seguir o acordo vendo o quanto ele gostava de mim.

- Espera! - o Luidi gritou se soltando dos enfermeiros, chegando até onde meu corpo estava deitado na cama, se aproximou bem perto do meu rosto.
- Ruivinha, fica comigo! - ele pediu e me beijou desesperado.
- Deus que seja feita sua vontade, mas eu não quero morrer! - pensei como num grito, sentindo o sopro da vida, percorrer o meu corpo, meu peito pareceu encher e o ar voltar aos pulmões, eu me senti engasgar e comecei a tossir e me sentei rapidamente percebendo que minha alma voltará para meu corpo, quando abri os olhos todos estavam me olhando de maneira assustada eu pisquei algumas vezes e comecei a desfalecer nos braços do Luidi que me segurou e voltou a pedir.
- Ruivinha, fica comigo! - abri os olhos e sorri.
- Eu vou tentar... - respondi e desmaiei.

Sentimentos verdadeiros

Eu pisquei tentando reconhecer onde estava, meus olhos pareciam pesados, quase não conseguia mantê-los abertos, olhei dos lados, mas a iluminação era fraca e pela janela eu vi que era noite, imediatamente reconheci o lugar, aquele era o quarto do hospital onde eu estava internada, aos poucos as coisas foram voltando a minha mente e a cada minuto eu me lembrava de algo que deixava claro que tudo aquilo só poderia ter sido uma grande loucura.

Assim que mexi minha mão, tentando me sentar, percebi que alguém a segurava, olhei e vi o Luidi, ele estava dormindo com a cabeça apoiada na cama sentado de maneira largada na poltrona, bem devagar eu soltei minha mão da dele e me sentei na cama, por alguns segundos eu fiquei a admirá-lo e sem resistir eu deixei meus dedos deslizarem em seus cabelos e acariciarem em seu rosto, como se assim eu pudesse captar todos os detalhes e sorri feliz, ele havia me trazido de volta.

Ele parecia dormir profundamente e eu me ajeitei de modo que conseguisse ficar com meu rosto bem próximo do dele eu podia sentir sua respiração quente e sossegada. Sorrindo pensei em como é tranquilo ficar ao lado dele, continuei a deslizar meus dedos sentindo o contorno da sua boca, era como se pudesse sentir seu gosto e sem resistir eu o beijei.

Era para ser apenas um encostar de lábios, como um agradecimento por ele ter desejando tanto que eu voltasse a viver, mas eu quis desfrutar um pouco mais desse beijo e isso o fez despertar.

- Oi ruivinha!

- Olá!

- Por onde esteve ruivinha?

- Procurando o caminho de volta...

- Fico feliz por você ter encontrado e voltado para mim.

Apenas sorri sem jeito.

- Eu estava sonhando ou você me beijou?

- Você estava sonhando!

- Então eu vou voltar a dormir, quero continuar a sonhar.

O vi fechar os olhos sem deixar de sorrir me fazendo sorrir também, por alguns segundos ele ficou com os olhos fechados e eu fiquei tentada a beijá-lo de novo, mas envergonhada não fiz nada.

- Fico louco quando a vejo envergonhada...

Devagar ele foi se aproximando e me beijou algumas vezes.

Aquilo era tudo que eu queria, estar de volta ao mundo dos vivos, nos braços do Luidi, o beijou começou singelo, lento e suave e ele ia roçando repetidamente seus lábios nos meus e a todo momento eu ouvia dizer o quanto estava feliz por eu ter voltado fui me entregando mais e mais aquele beijo, de repente eu comecei a sentir que algo queimava muito em meu pulso, eu não queria me afastar do Luidi, mas a dor foi aumentando até que eu não agüentei e me afastei enterrando o rosto no travesseiro dando um sufocado um grito de dor.

Ele levantou correndo apertou a campainha chamando a enfermeira e acendeu a luz do quarto, voltando em seguida me olhando assustado, eu gemia porque algo queimava insuportavelmente em meu pulso.

- Ruivinha! O que foi?

- O que aconteceu com ela? - a enfermeira perguntou, tentando me segurar, enquanto eu rolava de um lado para o outro apertando meu pulso tentando fazer com que aquela queimação parasse.

- Está queimando! Está queimando! Faça parar! - implorei sentindo muita dor.

- Onde está queimando? - a enfermeira perguntou assustada. - Sua cabeça está doendo? - ela continuava a perguntar tentando descobrir o que acontecia.

- Meu pulso! Está queimando.

- Meu Deus! Onde fez isso? - a enfermeira perguntou olhando para queimadura horrível em formato de cobra que parecia incandescente em meu pulso. - Eu vou chamar o médico! Já volto...

- Onde fez isso? Ou melhor, quando fez isso? - o Luidi perguntou olhando para a queimadura como se não acreditasse que ela estava ali.

- Está queimando... – choraminguei, assoprando e balançando o pulso sem parar.

- Deixa eu ver... – enquanto Luidi examinava meu pulso eu ia me lembrando do homem elegante e dos detalhes sobre o acordo.

- Ai meu Deus! – gritei puxando a mão assustada. - Não posso ficar perto de você!

- Não pode o quê?

- Fica ai! - gritei quando o vi se aproximar.

Fechei os olhos e fiquei segurando meu pulso, pensando no que o homem elegante havia dito, alguma coisa sobre eu ser queimada, me lembro que tinha a ver com meus sentimentos verdadeiros pelo Luidi e não deixar que minha alma o tocasse...

- Ruivinha... - abri os olhos vendo que ele quis me tocar.

- Por favor! – fiz sinal para que ele não tentasse e me encolhi num canto da cama.

Voltei a fechar os olhos tentando me concentrar e diminuir meu desejo de estar nos braços dele, demorou um pouco, mas a queimação foi diminuindo, conforme eu me controlava, abri os olhos e voltei a examinar a queimadura, agora ela era apenas uma cicatriz sinistra em formato de cobra.

- O que aconteceu? Aquela queimadura virou essa cicatriz? Onde conseguiu isso?

Assustada eu não respondi porque ouvir na minha cabeça o homem elegante rir dizendo que eu seria queimada cada vez que infringisse o acordo.

- Luidi, há quanto tempo estou desacordada?

- Gisely... De onde veio isso? - ele insistiu apontando para meu pulso.

- Há quanto tempo estou desacordada? - perguntei mais forte, olhando para ele acuada num canto da cama.

- Dez dias... - ele disse sério e eu o examinei melhor, ele parecia mais forte e saudável não usava roupas como alguém que ainda estava internado e em seu pescoço estava a corrente com as plaquinhas de identificação, aquelas utilizadas pelos homens do corpo de bombeiro quando estão em serviço.

- Não está mais internado?

- Não, estou ótimo, posso ver seu pulso agora?

- E seu ferimento?

- Estou perfeito ruivinha! – apesar de sua animação, não consegui esconder a rosto de preocupação. - Verdade, estou novo! - ele disse abrindo alguns botões da camisa mostrando o ferimento completamente cicatrizado.

Olhei por alguns segundos e sem resistir fiquei de joelhos na cama, estiquei a mão deslizando meus dedos sobre o ferimento em seu peito; provavelmente fiquei fazendo carinho mais tempo do que pretendia porque ele repousou a sua mão sobre a minha fazendo meu coração disparar, meus olhos encontraram com os dele, e eu tentei puxar minha mão e me afastar, mas ele a segurou e passou seu braço pela minha cintura me mantendo bem perto.

- Continue... - ele disse fazendo minha respiração acelerar, alguns segundos depois meu pulso voltou a queimar mais intensamente e eu tirei a mão apressada olhando para cicatriz que de novo que estava vermelha como se eu tivesse sido marcada a ferro.

- Está marcada? - ele perguntou preocupado. – Gisely, por favor, me diz que isso é loucura, essa marca é coisa de filme de terror daqueles fracos que passam de madrugada! – seu olhar era perplexo e eu sem saber o que dizer permaneci em silêncio. – Deus, está mesmo marcada Gisely...?

- Há quanto tempo você teve alta Luidi?

- Alta? Está marcada e quer saber quando tive alta?

- Por favor!

- Uma semana... talvez menos... - ele respondeu impaciente como se não entendesse nada do que eu dizia. - Deixa eu ver se entendi, essa marca... seu pulso queima quando eu chego perto de você?

- Está trabalhando?

- Sim. - agora ele estava mesmo sem paciência. – Pode responder qualquer uma das minhas perguntas?

- Quantos incêndios enfrentou?

- Cinco, seis, não sei? Agora responde um das minhas!

- Quantos de porte médio Luidi?

- Porque quer saber isso? - ele perguntou pegando minha mão sem que eu pudesse evitar e nesse momento a queimadura ficou mais vermelha e a dor aumentou.

- Solta! – gritei puxando a mão descendo assustada do outro lado da cama para ficar bem afastada dele.

- Era uma cicatriz, mas eu encosto em você e isso queima sua pele... Onde conseguiu está marca? – ele parecia aterrorizado, provavelmente imaginando o que aconteceu em minha última *experiência quase morte*.

- Quantos incêndios relativamente grandes você enfrentou desde que voltou a trabalhar?

- Dois. - ele respondeu alto sem pensar.

- Falta um... – falei baixinho com o olhar perdido em meus pensamentos.

Nesse momento entraram a enfermeira e o Dr. Dionísio, ele se aproximou e me viu em pé do outro lado da cama com cara de assustada, olhou para o Luidi que parecia preocupado com o meu comportamento esquisito.

- Gisely! - O dr. Dionísio me chamou e eu olhei na direção dele. - Parece que está com um machucado, posso ver seu pulso? - ele disse esticando a mão com cuidado e eu entreguei meu braço a ele que examinou a queimadura por alguns instantes e em seguida deu algumas orientações para enfermeira.

- Pode voltar a se deitar? Isso Gisely, deixe-me examiná-la... Está com dor em mais algum lugar?

- Apenas no pulso doutor...

- Lembra-se de alguma coisa que aconteceu?

- Provavelmente mais do que eu gostaria de lembrar...

- Ouve algum ruído?

- Ruído? - repeti sem entender do que exatamente ele falava.

- Ouve mais algum som além da minha voz.

- Não doutor, não ouço mais nada... – graças a Deus, nenhum pensamento.

- Porque está aqui? - perguntei olhando para o Luidi e todos dentro do quarto nós olharam, a enfermeira foi terminando de fazer um curativo e aplicou medicamento no meu soro.

- Gisely, agora a deixaremos descansar, se precisar me chame... É uma dádiva olhar para você, está acordada menina!

- Obrigada! – falei vendo o Dr. Dionísio e a enfermeira saírem.

- Qual é a história maluca que envolve essa cicatriz esquisita que vira uma queimadura horrível quando eu encosto em você? - o Luidi foi falando e num minuto de distração ele pegou minha mão sem que eu conseguisse evitar.

Não consegui responder, simplesmente não sabia o que dizer.

Ele olhou para o curativo e pareceu se compadecer, carinhosamente deu alguns beijos sobre o curativo, eu apertei os olhos reprimindo meus sentimentos e a queimação não veio. Sorri e relaxei um pouco, ele subiu beijando meu braço até perto do meu pescoço enquanto ainda fazia carinho na minha mão, devagar comecei a me entregar aqueles carinhos deliciosos, mas alguns segundos depois a queimação retornou e eu entendi.

Cada vez que eu me entregava de coração ao seu toque, minha alma o desejava e a punição era a queimadura, para que eu me lembrasse do acordo, apertei os lábios e devagar tentei me afastar.

- Luidi, obrigada... Digo obrigada por salvar minha vida, tantas vezes.

- Como eu poderia deixá-la partir, temos um jantar... e você me deve um filho!

Quando percebi que ele iria me beijar eu o impedi. - Por favor, não faça isso Luidi!

- Porquê não?

- Luidi, eu não sei como explicar, mas fiz uma escolha, então não faça essas coisas, senão vai me machucar...

- Você escolheu ficar longe de mim? - ele perguntou como quem fazia uma piada, mas como não dei risada e ele franziu a testa tentando entender.

- Luidi, porque está aqui?

- Eu queria estar aqui quando acordasse...

- Sente alguma coisa por mim?

Assim que me ouviu ele pareceu se assustar, como se não esperasse que eu fosse tão direta.

- Quer saber o que eu sinto por você?

- Quero!

- O que eu sinto?

- Isso!

- Porque quer saber isso?

- Pode me dizer, por favor?

- E-Eu... eu... eu... gosto de você!

- É só isso que sente por mim?

- Isso é um teste?

Revirei os olhos, tinha que ser homem perguntar isso!

- Apenas defina o que sente por mim...

- É confuso, como posso definir algo que ainda nem sei o que é... um sentimento diferente e para ser sincero assustador me sinto acuado.

- Esse sentimento diferente que te assusta tanto, não tem um nome?

- Tem... quer dizer não... Porque está me pressionando? Acaba de acordar e eu já disse que gosto de você e isso é especial! O que quer mais?

Por alguns minutos tive dúvida, mas me decidi que o melhor a fazer era tomar a iniciativa.

- Luidi, com tantas coisas estranhas acontecendo, pode ser que eu não tenha outra oportunidade pra te dizer isso, mas precisa saber. Eu amo você!

- O quê? – seu rosto agora estava mais assustado do que quando viu a meu pulso queimado.

- Amei você, no instante em que te vi no bar, quando ainda me salvava pedindo Deus para que ele me deixasse viver para eu poder te conhecer... E se nada acontece por acaso, talvez esse seja o motivo para eu ter voltado, precisava te falar isso.

- Ruivinha, como pode falar isso? Está se expondo, ficando vulnerável a mim, deixando meu ego nas alturas, isso é tolice... Sabendo disso eu posso ficar convencido... - ele disse dando risada. - Tudo bem admito, estou convencido, lisonjeado, encantado, mas sabendo disso posso em algum momento, mesmo sem querer, posso magoá-la, não quero que sofra por minha causa.

- Porque me faria sofrer se sente algo especial por mim? E porque eu deveria esconder o que sinto se já sei o que é...

- Não tem medo?

- Não! – respondi.

- Eu tenho que admitir, você é mesmo corajosa!

- É simples, eu descobri que amo você e quero que saiba disso!

Ele ficou procurando as palavras, para dizer algo e nada saía parecia que acontecia uma guerra dentro dele.

- Ruivinha, para mim não é fácil expor os sentimentos, não dá, eu gosto muito de você, tem algo muito especial em você que me atrai tão fortemente que eu nem sei explicar, você não tem idéia de quanto isso me assusta, talvez eu não seja uma daquelas pessoas que conseguem falar o que sentem.

Eu abaixei a cabeça sorrindo triste, lembrando quando o homem elegante disse que quando as pessoas acreditam nisso, facilita o trabalho dele em infernizá-las.

- Luidi, é importante usar seus sentimentos verdadeiros, apenas diga...

- Tenho medo...

- Medo? Tem medo de mim?

- Olha, vamos deixar como está... Ficamos no apenas gostar ok! E se não acredita posso contar o que tenho feito por você... – ele falou dando risada. - saiu do batalhão e venho para cá todos os dias, meus amigos dizem que fiquei louco por dispensar outras mulheres só porque estou encantado por uma ruivinha que passa a maior parte do tempo dormindo... - ele disse ainda rindo. – Só que eu não consigo fugir de você, apenas me de um tempo para entender o que sinto e ter coragem de te dizer de maneira verdadeira se isso e amor como o que sente por mim.

- Eu lamento, fiz uma escolha Luidi, não posso mudar isso, mas acredite em mim não temos tempo, por isso apenas seja verdadeiro e diga o que sente... – falei de certa forma desanimada percebendo que a cada palavra a queimação aumentava, provavelmente minha alma estava lutando por ele.

- Mas o que vivemos juntos? Toda aquela loucura que ninguém nunca vai acreditar!!

- É um dos motivos pelo qual não posso ficar com você.

- Mas eu disse que gosto de você e isso é verdadeiro!

- Apenas gostar não basta!

- Que tal se eu disser que estou apaixonado por você... é burrice, mas eu estou apaixonado de verdade... - ele disse de maneira engraçada como se isso facilitasse as coisas.

- Lamento, mas apenas apaixonado, não basta!

- Isso é mais do que eu já dei a qualquer mulher... Não me peça mais...

- Nem tudo sou eu quem controla Luidi, apenas diga!

Desejei do fundo do coração que ele dissesse, afinal como eu podia confiar num acordo foi feito com um demônio?

- Gysely, porque ouvir isso é tão importante?

- Porque é um sentimento verdadeiro! Isso pode mudar tudo...

- Se faz tanta questão, então eu digo! Eu amo você... - ele disse dando um beijo no meu pulso e eu olhei seu gesto sentindo a cicatriz voltar a queimar.

- Precisa dizer do fundo do seu coração, precisa ser sem medo...

- Ruivinha, algumas pessoas não são tão corajosas como você, precisa me dar um tempo, não consigo abrir meu coração desse jeito.

- Eu amo você Luidi, vi o quanto lutou para que eu voltasse a viver o quanto foi sincero em pedir que Deus me deixasse ao seu lado, eu estava lá e vi tudo, naquele momento seus sentimentos eram verdadeiros e você não teve medo.

- Mas você estava morrendo!

- E te assusta eu estar viva agora, por isso é tão difícil se expor?

- É... - ele disse como se isso fosse natural, talvez agora eu conseguisse entender porque algumas pessoas só conseguem dizer a seus entes queridos que os amam em seu leito de morte, mas não se dão conta que eles precisam saber disso quando estão vivos.

- Luidi ouça, eu amo você! Por ter ficado ao meu lado, por ter lutado por mim, por ter salvo minha vida diversas vezes, por me ensinar muito em tão pouco tempo, por querer ter um filho comigo... Entenda, quando existe amor as pessoas não precisam sofrer, elas simplesmente podem falar verdadeiramente o que sentem!

- Não é tão fácil assim...

- Então não podemos ficar juntos, droga!

- Está me dispensando?

Quis rir, eu aqui falando com a minha enquanto ele respondia com seu orgulho ferido. Assim nunca nos entenderíamos!

- Acaba de dizer que me ama e está me dispensando ruivinha?

- Porque é tão orgulhoso?

- Só estou pedindo uma chance ruivinha... um tempo?

- Que chance? Se nem consegue admitir que me ama!

Ele me olhou e ficou claro que eu atingira em cheio seu ego.

- Não acredito que esteja fazendo isso comigo? – ele parecia irritado. - Está sendo cruel, estou aqui me humilhando pedindo uma chance dizendo que gosto de você e que estou apaixonado, mas... mas isso pra você não basta?

Fiquei quieta, como eu poderia dizer que estava presa a um acordo por amá-lo demais.

- Sempre tive todas mulheres que quis... sempre Gisely! – ele afirmava deixando claro que eu havia pisoteado em seu orgulho.

- Não fui eu quem impôs essa regra! Preciso que diga!

- Está sendo patética!

- Está sendo cabeça dura! – respondi o vendo andar pelo quarto. – Olha para você Luidi, enfrenta a morte todos os dias e está com medo de dizer que me ama!!

- Eu cabeça dura? Você quer mandar em nossa relação... - ele disse confuso balançando os braços. - Quer dizer... isso ainda nem é uma relação e já estamos brigando!

- Luidi, para de se comportar como um tolo ofendido e apenas diga o que sente com palavras de seu coração que eu estarei livre para ficar com você.

- Quer que eu me humilhe?

- Não! - respondi alto. - Seu idiota! Deixe seu orgulho e esse ego inflado de lado e diga que me ama de verdade!

Ele riu sarcástico.

- Vocês mulheres são engraçadas, parecem lindas e desprotegidas, mas basta demonstrarmos um pouco de carinho que querem acabar com nosso sossego... olha, quer saber... Acho que não é a mulher da minha vida, tenha certeza Gisely, posso ter qualquer mulher que quiser na hora que quiser, você é complicada demais, exigente demais, quer tudo a sua maneira e na sua hora...

- Tudo bem... – falei desistindo. - Por favor, tome cuidado com os incêndios que enfrentar, principalmente com o próximo, não se envolva emocionalmente e mantenha a concentração para sair de lá vivo... - continuei a falar devagar, respirando fundo para ter coragem. - Você está certo, não devo ser a mulher da sua vida, então vá embora!

Ele ficou alguns minutos me olhando, depois sem dizer nada apanhou a jaqueta sobre a poltrona e foi saindo do quarto, eu abracei meus joelhos abaixando a cabeça, não quis vê-lo sair e me deixar. Era tão forte essa sensação de abandono como se eu a tivesse vivido várias e várias vezes.

- Não acredito nisso... - ele disse segurando a porta aberta. - Como pode achar que eu estou certo e me mandar embora assim tão fácil? Acaba de dizer que me ama e que isso é verdadeiro, não vai lutar por mim?

- Não tenho como lutar Luidi, todas as armas estão com você...

Ele ficou parado com a porta aberta pensando, era como se uma discussão acontecesse dentro dele, eu o vi fechar a porta e voltar lentamente até a cama jogando a jaqueta sobre a poltrona, ele não me olhava parecia que ainda havia uma briga acontecendo dentro dele.

- Não consigo te deixar! – ele disse como se isso fosse há pior das derrotas. - Não sei, mais alguma coisa dentro de mim grita, como se quisesse me avisar para não ir, é uma dor tão forte como se eu a tivesse sentido muitas e muitas vezes... como se eu já tivesse te abandonado muitas e muitas vezes... – só então ele me olhou e se aproximou mais.

- Vai doer se fizer isso! – falei sabendo que ele iria me beijar.

- Porque vai doer? - ele continuou chegando mais perto.

- Porque quando nos beijamos meus sentimentos são verdadeiros e minha alma toma conta de mim e eu de me entrego a você...

- Gostaria de ser como você, deixar minha alma tomar conta de mim e te dizer o quando gosto de você, mas isso me assusta! Pode achar que sou machista, orgulhoso, presunçoso, seguro demais ou até completamente inseguro... Mas nunca aprendi como entregar meu coração alguém... Não sei como fazer isso!

- Apenas o entregue a mim... Sem medo, eu nunca vou te machucar! – falei e o vi se apoiar na cama bem perto e começar a mexer em meu cabelo.

- Ruivinha... Estou aqui, sem conseguir sair desse quarto, porque estou perdidamente apaixonado por você, estou me humilhando, pedindo uma chance e algum tempo, pode ter certeza que nunca na vida hesitei em deixar uma mulher...

- Por favor, deixe sua alma falar... - implorei olhando para ele que ainda mexia em meu cabelo, ele apenas sorriu devagar.

- O que está pedindo é arriscado e sem qualquer garantia, não estou pronto para correr esse risco!

- Por favor...

Ele fechou os olhos como se pensasse e quando os abriu parecia mais perdido ainda.

- O que vai querer depois? Reorganizar a minha vida? Tomar conta dos meus horários? E quando começaremos a brigar? E se você me deixar...

Como o demônio disse a guerra tinha começado e o campo de batalha era a mente dele, cheia de insegurança e confusa.

- Luidi, você usou tantas mulheres e as manipulou que agora está com medo que eu faça o mesmo com você.

- Você é muito segura de si, não sabe nada da vida e pelo que percebi nada sobre relacionamentos, ainda têm muito que aprender...

- Eu gostaria de aprender com você...

- Droga! Gisely, não me confunda!

- Luidi, podemos ser felizes juntos, só depende de você!! – falei e ele me beijou de maneira inesperada, fazendo com que eu me entregasse de corpo e alma a seu beijo, em seguida meu pulso começou a queimar e eu soube que o beijava com minha alma.

- Está queimando... - gemi baixinho entre um beijo e outro ele me soltou e pegou minha mão olhando para o curativo que saia fumaça, quando o retirou viu que a cicatriz era novamente uma queimadura horrível.

- Onde esteve nesses dez dias que ficou desacordada? - ele perguntou entendendo que aquilo não poderia ser algo feito nesse mundo, mas eu não tinha como explicar.

- Está marcada, porque vendeu sua alma?

- Não eu não vendi minha alma!

- Encosto em você e essa droga te queima, porque? - ele voltou a perguntar bravo me fazendo ficar brava também.

- Porque foi isso que eu consegui por te amar tanto! – gritei.

- Viu o que eu disse, quando se ama sempre existe sofrimento! - ele respondeu pegando a jaqueta partindo, mas dessa vez não olhou para trás.

Eu o vi sumir pelo corredor enquanto a porta lentamente se fechava, olhei novamente para a queimadura que aos poucos foi ficando normal, deixando claro que se o Luidi ficasse longe de mim eu não seria mais queimada.

Fui ficando cansada e adormeci sonhei com ele, era um sonho tão real que eu pude seu carinho e seu cheiro bem pertinho de mim, ao menos os sonhos me restavam...

Quando acordei pela manhã o sol já brilhava lá fora.

- Até que fim acordou! Não acreditei quando o Luidi ligou. - era a voz da Magali que dessa vez não estava segurando nenhum cristal, ao seu lado estavam minha mãe, meu pai e a Irene, todos sorriam felizes, esperei alguns segundos e só então

sorri eu realmente não conseguia mais ouvir os pensamentos das pessoas.- Filha, está de volta! - meu pai disse vindo me dar um beijo demorado na testa, secando as lágrimas que escorriam em seu rosto e eu aspirei todo aquele amor que ele exalou ao me beijar.

Em seguida veio minha mãe, ela chorava e ficava passando a mão no meu cabelo segurando minha mão, quase não conseguia dizer nada e eu tentava acalmá-la dizendo que tudo estava bem que eu estava de volta.

- E para mim, não sobra nada? - a Irene perguntou também emocionada na ponta da cama se aproximando em seguida me dando um beijo e um abraço apertando dizendo que sua princesa está morrendo de saudade.

- Agora eu estou bem, pretendo ficar com vocês. – respondi me ajeitando na cama.

Olhei do lado vi a Magali olhando com olhos brilhantes como se não acreditasse que eu estivesse mesmo viva, ela sorriu verdadeiramente e se aproximou me abraçando com carinho.

- Seja bem vinda! - ela disse me dando muitos beijos no rosto e continuou a repetir sem parar. - Seja bem vinda! Seja bem vinda! Seja bem vinda! Seja bem vinda Gi!

- O Luidi explicou porque o resolveu ir quando nos chegamos? – minha mãe perguntou esperando que alguém soubesse, como ninguém disse nada ela olhou para mim. – Gisely, você o mandou embora filha?

- Tecnicamente ele decidiu sozinho mãe!... – falei sem graça.

- Gisely, como pode fazer isso? Ele salvou a sua vida!

Suspirei, o que mais eu podia dizer.

Durante o dia meu pai ou minha mãe me faziam companhia, mas a noite era a Magali que ficava ao meu lado. Eu tentava, mas eu não conseguia ficar acordada até muito tarde por causa da medicação forte, quando reclamei o Dr. Dionísio disse que esses medicamentos eram justamente para que descansasse corretamente e meu corpo pudesse se re-estabelecer completamente.

A Magali me contou que estava saindo com o Nestor e eles estavam se dando muito bem, ela achava que ele a pediria em namoro logo e eu tinha certeza disso, lembrando de quando os vi fascinados um pelo outro conversando no corredor.

Os dias iam passando e eu reparando que ela estava mudada, não usava mais roupas fora de moda ou qualquer adereços que pudesse ser relacionada há sua herança de bruxa cigana, uma noite sem resistir eu perguntei.

- Porque está usando roupas normais? Onde estão suas pulseiras e seus cristais ciganos Magali?

- Gosto de verdade do Nestor, sinto que com ele posso ser eu mesma.

- Não acredita mais nas energias positivas?

- Claro que eu acredito! - ela disse com convicção. - Mas... Virei uma página na minha vida, vejo algumas coisas diferentes depois do que aconteceu com você...

- Coisas diferentes? – perguntei curiosa sentando ao lado dela no sofá.

- É... – eu a vi arrumar seus cabelos lisinhos atrás da orelha, num gesto nervoso que eu conhecia perfeitamente. - Minha mãe me abandonou quando eu era uma criança, meu pai bebia muito até que morreu por isso e meu irmão é um drogado que vive nas ruas, eu sei quem eles são e sei que se deixaram influenciar pelas energias negativas. - Mas me diga quem sou eu? A coitadinha que foi abandonada pela mãe, perdeu o pai e vive as sombras de um irmão drogado? - ela disse como num desabafo.

- Não é verdade Magali...

- Gi, nunca quis ser a coitadinha da Magali, por isso virei a Magali a bruxa cigana.

- Magali você é especial, uma pessoa maravilhosa eu sempre soube disso e sabe que é como uma irmã para mim....

- Eu sei Gi... Sua família me adotou e sua mãe me repreende como se eu fosse mesmo filha dela, sua sobrinha também me chama de tia, sua irmã vive querendo me arrumar um namorado como uma irmã mais velha faria e seu pai é uma graça me dá carinho e atenção me chama de filha também e quando precisa é enérgico e se acha

necessário não se acanha em me dar bronca como faria por sua filha, adoro ouvir os conselhos dele porque percebo que ele zela por mim... E você... - ela disse apontando para mim. - Você quase morreu e me fez perceber que não devo ficar me lamentando por ter nascido naquela família cheia de problemas, mas sim agradecer todos os dias pela família maravilhosa que eu tenho hoje, que são vocês.

Sorri a ouvindo falar.

- Gi... mudei! Continuo acreditando em coisas boas e pensamentos positivos, ninguém deve deixar a porta aberta para que as energias negativas se instalem a nossa volta, sei que as palavras precisam ser ditas quando temos realmente certeza e precisamos demonstrar nossos sentimentos verdadeiros com todos a nossa volta sempre! Seus pais me ensinaram isso, e sinceramente não quero mais ser bruxa, no momento estou mais para requerer o título de fada!

Demos risada juntas.

- Tudo bem, nem de fada eu quero, agora quero apenas ser a Magali.

- Não vai mais ser cartomante ou ler as mãos das pessoas?

- Eu nunca li cartas ou as mãos das pessoas, apenas fazia a leitura de seu rosto e conseguia identificar suas aflições, fazia algumas perguntas que ela mesma poderia se ter feito e torcia para que elas entendessem que a solução estava bem a sua frente, não posso dizer que não farei mais isso, porque analisar as pessoas é fácil e natural para mim, mas não farei usando cartas ou leitura de mão.

- Fico feliz por você Magali. – falei percebendo que realmente ela tinha virado uma página de sua vida.

Os dias e noites passavam e eu ficava cada vez mais apreensiva sem saber notícias do Luidi, numa dessas noites a Magali puxou conversa.

- Porque não pergunta logo? – ela me questionou quando me viu aflita olhando pela janela.

- Perguntar o quê?

- Perguntar por ele!

- Como está o Leonel? - perguntei sabendo que isso a irritaria.

- Gisely! – sua resposta irritada me fez dar risada.

- Tudo bem, como está o Luidi...?

- Furioso! - ela respondeu rindo e eu olhei para trás.

- Furioso?

- O Nestor disse que ele não admite, mas está furioso porque não se entendeu com você e não quer admitir isso a ninguém... Todos no batalhão comentam que ele está terrivelmente irritado e zangado, não quer brincadeira com ninguém e tem evitado todas as garotas que aparecem, age como se estivesse inconformado com alguma coisa, mas não conta a ninguém o que é... Sente saudades dele?

- Quase nada... - eu disse me virando para olhá-la. - só um pouquinho no café da manhã, um pouco mais na hora do almoço, aumenta mais no jantar e à noite... Bem, à noite é terrível porque sonho com ele e é tão real que eu sinto seu cheiro e o toque da sua pele como se ele me fizesse carinho e me beijasse... e no dia seguinte tudo começa novamente. – falei suspirando me fazendo de engraçada.

- Gi, eu já deveria ter te contado, mas ele pediu...

- Contar o quê?

- É que o Luidi passa quase todas as noites aqui, sentado naquela poltrona a seu lado, segura sua mão, te faz carinho, bagunça seu cabelo... e te beija... quase a noite toda ele te beija... ele disse que faz isso porque assim você não sentiria dor, e quando quis que ele explicasse melhor, ele respondeu que não saiba o motivo, mas que você sentia uma dor horrível quando sua alma o via e que assim dormindo seria mais fácil...

Abaixei os olhos sem dizer nada.

- Não vai dizer nada? Não vai brigar? Não acha que ele está sendo egoísta? Se quiser não deixo mais ele entrar... - ela foi dizendo tentando argumentar.

- Deixe que ele entre sempre que quiser, deixe que ele segure minha mão e me faça carinho, deixe que ele me beije e que fique ao meu lado...

- Não entendi? Aliás não entendi nem porque sente dor? Pra que tanto exagero?

- Não é exagero, a dor é real. – falei olhando pela vidraça novamente.

- Como assim real?

- Antes de voltar a viver eu fiz um acordo no mundo dos mortos para proteger a vida dele... – falei com cuidado sabendo que isso a assustaria.

- Vendeu sua alma Gisely?

- Não.

- Então, o que fez?

- Sabe com quem eu fiz o acordo? - perguntei olhando para ela que parecia mais assustada agora.

- Imagino... – seus olhos estavam tão arregalados e eu não resisti em sorrir.

- Não foi com ele, mas com um servo dele. – falei.

- Ou! Isso muda alguma coisa? - ela disse ainda assustada.

- Está certa, isso não muda nada... – falei concordando. - Esse servo do di... bem, você sabe... ele disse que buscaria o Luidi num incêndio que vai acontecer em breve, acho que pode imaginar a maneira terrível de alguém morrer num incêndio...

- Meu Deus!

- E eu fiz um acordo para evitar isso... Preciso manter minha alma longe dele, sem sentimentos verdadeiros...

- E onde entra a dor?

- Cada vez que minha alma o vê meus sentimentos verdadeiros se afloram e eu sou queimada para me lembrar que devo ficar longe dele. – falei mostrando meu pulso onde havia uma cicatriz fina rosada em formato de cobra, ela passou o dedo na cicatriz e me olhou.

- Isso queima?

- Queima, fica horrível como se eu estivesse sendo marcada a ferro...

- Meu Deus Gisely...

- E antes que pergunte, nós já conversamos sobre isso e eu tentei explicar o quanto pude, sem mencionar a morte dele, claro, mas parece que o orgulho e o ego falaram mais alto e ele não consegue expor seus sentimentos verdadeiros.

- Seja direta, explique o que você fez por ele!

- Faria isso se fosse com o Nestor? - eu perguntei olhando para ela. - Diria a ele que fez um acordo no mundo dos mortos para salvar a vida dele e só ficará livre desse acordo se ele disser com sua alma que a ama?

Nem esperei a resposta, simplesmente voltei a olhar pela janela a procura de algum carro de bombeiro que passasse por ali.

- Mesmo assim, não se importa que ele fique ao seu lado enquanto dorme? Quer dizer, isso é confortável para ele, assim nunca sentirá saudade o suficiente para que tenha coragem de dizer que a ama Gisely!

- A dor da queimadura é insuportável, mas ainda é menor do que a que sinto ficando longe dele... eu o amo, porque gostaria que ele também sofresse?

- Está se sacrificando e se sacrificando por ele, mas que amor é esse que vem apenas de um dos lados?

- Magali, as pessoas gastam muita energia em pensamentos negativos, se ao menos elas soubessem quantas coisas boas podem acontecer quando se analisa um problema procurando os ângulos positivos, tudo seria mais simples... Veja o Luidi, ele está tão absorvido por seu ego machista e seu orgulho bobo que não consegue enxergar o quão maravilhoso seria se ele simplesmente dissesse de maneira verdadeira que me ama... mas ao invés disso ele gasta suas energias vendo o lado negativo da situação, imaginando quando eu o farei sofrer e quando o deixarei, quantas vezes tentarei manipulá-lo mudando seus horários ou proibindo que faça as coisas que gosta...

Suspirei.

- Magali, não farei a mesma coisa que ele... Quero me concentrar nas coisas positivas e saber que ele trabalha horas seguidas, mas à noite fica aqui ao meu lado

quando poderia estar em qualquer lugar com qualquer uma, só me mostra o quanto eu estou certa em manter meus pensamentos em energias positivas.

- Algumas pessoas diriam que você está sendo boba! – ela disse erguendo as sobrancelhas deixando claro que esse era um pensamento dela.

- Se todas as pessoas olhassem para o lado positivo de seus problemas o mundo seria diferente e ser verdadeira não seria motivo para ser chamada de boba...

- Se um dia quiser largar a profissão de fotografa poderá começar algo relacionado a auto ajuda, estou impressionada Gisely!

Naquela noite eu dormi feliz, imaginando que logo ele estaria ali ao meu lado...

Milagre da vida

Na manhã seguinte completava mais de dez dias que eu havia acordado de minha última experiência quase morte, logo pela manhã o Dr. Dionísio entrou animado no quarto.

- Bom dia, milagre da Vida! - ele havia começado a me chamar assim depois que eu fui dada como morta e acordei tossindo deixando toda equipe assustada.

- Bom dia Dr. Dionísio!

- Está de alta minha querida!

- Obrigada, meu Deus! – falei olhando para o céu e pulei da cama.

- E eu? - Dr. Dionísio falou rindo do meu gesto. - Obrigada! Obrigada! - falei o abraçando com carinho.

- Sabia que ficaria feliz, faça bom proveito da nova chance que Deus te deu hein!

- Farei, pode ter certeza que farei a diferença nesse mundo. Obrigada doutor!

- Bem, agora preciso ir, qualquer novidade me procure, estarei à disposição, mesmo que seja apenas para conversar, gostaria de ter sua amizade, parece uma garota especial... Digo... Vista pelos olhos do pai. - ele disse apontando para o céu.

- Obrigada doutor, mantereí contato e o visitarei com freqüência, também tenho muito carinho pelo senhor, salvou minha vida! – falei dando um abraço demorado e verdadeiro nele.

Arrumei minhas coisas não via a hora de sair do hospital. Quando terminei de organizar tudo, sai pelo corredor e fui me despedir de tantas pessoas com quem eu havia feito amizade, alguns pacientes e muitos profissionais que me visitavam impressionados e até assombrados achando que eu havia mesmo ressuscitado.

- Zeca! - gritei quando o vi passar.

- E ai garota!

- Estou de alta, obrigada por ter cuidado de mim...

- Que maravilha, se cuida agora hein! Fique longe de assaltos e principalmente das armas de fogo...

- Com certeza!

Nos despedimos e fui buscar minhas coisas para ir embora.

Encontrei com a Magali que aguardava para sairmos, no elevador conversávamos distraídas, me senti radiante por enfim pode ir embora e retomar minha vida.

- Como vai o Nestor? - perguntei tentando me distrair quando me dei conta que agora o Luidi não visitaria mais enquanto eu estivesse dormindo.

- O Luidi está bem, não têm acontecido grandes incêndios. - ela respondeu sorrindo sem me olhar, só ela mesmo para me entender tão bem.

Pela janela do carro fui observando tudo, era como se minha vida se iniciasse agora!

- Parece radiante Gi, sua energia positiva está fantástica!

- Estou tão feliz Magali que poderia ir a uma festa hoje!

- Mas que ótimo, que seja feita sua vontade!

- Como assim?

- Quando liguei para avisar sua mãe ela teve a brilhante idéia de fazer uma pequena reunião de boas vindas a você na casa da Irene.

- Hoje? – perguntei sentindo um frio na barriga.

- Há que isso Gi? Levou três tiros, fez diversas cirurgias, ficou oito semanas no hospital entre a vida e a morte, precisamos comemorar!!

- Verdade, precisamos comemorar! – falei pensando que a celebração da vida deve ser feita a cada instante, adoraria encontrar meus amigos.

- O Nestor vai estar lá?

- Sua mãe convidou o Luidi, mas não sei se ele vai aparecer... Quem sabe ele já está pronto para enfrentar seus sentimentos...

- É quem sabe...

Não demorou muito para chegarmos ao condomínio onde Irene mora, Magali parou o carro na frente da casa fazendo a maior algazarra a primeira a aparecer foi a Isabely minha sobrinha, correu e pulou no meu colo, depois todos saíram e tudo foi uma festa, muitos beijos e abraços verdadeiros me encheram de carinho.

Passei o resto do dia sendo paparicada com direito a almoço especial e minha sobremesa preferida a princesinha não desgrudou de mim, fizemos desenhos, pintamos e ela quis pentear meus cachos só adormeceu no começo da noite em meu colo.

Tomei banho e ganhei uma roupa nova de presente da minha irmã, era linda! Uma blusa azul de pano leve que ficava caindo nos ombros, o pequeno sinal onde o tiro pegou de raspão ainda estava lá, mas não me importei que ele aparecesse, na verdade todos iam querer ver mesmo, uma calça jeans cheia de detalhes e sapatos adoráveis... Caprichei na maquiagem evitando exageros. Olhei no espelho e pronto, lá estava a ruiva fatal! Dei risada sozinha.

- Rindo sozinha? Por isso está a um tempão na frente do espelho! - ouvi a Irene dizendo encostada na porta do quarto.

- Acha que eu estou bem? Essa calça parece folgada!

- Você está linda! Com certeza perdeu peso no hospital, mas a calça está boa...

- Olhei de um lado e depois do outro, não sei pra mim parecia folgada.

- Gisley, por favor, você está maravilhosa, olha seu rosto, seus olhos, seu cabelo, tudo combina, nem a cicatriz na sua testa podemos ver, acaba de sair do hospital e está perfeita andando e falando normalmente, viva, radiante e sorridente, ele vai ficar maravilhado quando te ver hoje!

- Quem? Não estou esperando ninguém...

- O Luidi, claro! Vai dizer que não quer vê-lo?

- É eu quero... Quero agradecer por ele ter salvo minha vida! – falei sem graça.

- Só por isso? Achei que ele fosse especial... Achei que existia algo entre vocês.

- Não é tão simples assim Irene...

- Gi, precisa ser mais desinibida, alguns homens têm dificuldade de lidar com mulheres acanhadas como você...

Ouvindo isso eu dei risada, nunca fui tão espontânea com um homem como eu era com o Luidi, eu o beijei quando desejei e o abracei sem medo quando tive vontade e expus minhas idéias, inclusive até briguei por elas, eu ia rindo me lembrando de tantas coisas que fiz ao lado dele.

- Irene, não é exatamente esse o problema...

- Então qual é?

Por alguns instantes fiquei olhando para ela. Irene é cética demais para acreditar nessas coisas, talvez me ache louca.

- Continuo esperando, diga? Acreditarei em qualquer bobagem...

- Fiz um acordo no mundo dos mortos que só pode ser desfeito se ele disser com o coração que me ama, caso contrário eu tenho que ficar longe dele.

- Porque você faria isso? - ela perguntou parecendo assustada com o que ouvira.

- Para salvar a vida dele.

Fiquei esperando que ela gritasse agora por minha mãe e dissesse que eu estava realmente louca.

- O ama tanto assim?

- Sim.

- Mas nem o conhece, como pode amá-lo tanto?

- Não sei Irene, mas tem algo especial que acontece quando estou ao lado dele...

- Olha, você estava morrendo no hospital ele dizia que você estava ali ao nosso lado, eu não conseguia acreditar, mas ele falou coisas que só nos saberíamos e eu já ouvi histórias sobre coisas estranhas que acontecem em momentos como este, mas sinceramente hoje com tudo voltando ao normal não sei se realmente tudo aquilo aconteceu...

- Cada pessoa acredite no que quer Irene, você perguntou por que eu não fico com ele e eu apenas respondi qual o motivo.

- Não importa no que eu acredito, vou orar para que fiquem juntos, porque seja qual for o motivo... Parece algo muito grandioso.

Minha mãe gritou da escada dizendo que alguns amigos haviam chegado.

Meus amigos estavam felizes e me abraçavam demoradamente, cada novo abraço vinha repleto de carinho.

Aos poucos nos fomos nos acomodando na sala de estar, estávamos minha família, três casais de amigos, o enfermeiro Zeca e a esposa que foram convidados pela Magali só faltava a equipe de salvamento, ou seja, o Luidi, o Nestor e o Nunez, meu estômago revirava de ansiedade.

Nós conversávamos animadamente, todos estavam curiosos com os acontecimentos estranhos em minhas experiências quase morte, provavelmente a Magali havia feito bastante propaganda.

Minha mãe parecia eufórica contava todos os detalhes sobre quando eu estive morrendo, e milagrosamente sai do hospital sem qualquer seqüela.

- Precisam conhecer os rapazes que salvaram a vida dela! - minha mãe dizia orgulhosa, contou a todos como eles eram fisicamente e como eram educados e maravilhosos, ia falando e falando deixando todas as garotas empolgadas, mesmo elas estando ao lado de seus namorados.

O Zeca frisava a ligação incrível que existia entre o Luidi e eu, que ficávamos nos olhando como bobos sem que nem percebêssemos isso e a esposa dele colocava mais fogo ainda, dizendo que eu acordei chamando pelo Luidi na sala da UTI.

Conclusão eu quase não falei, apenas escutei eles se divertindo com tantas histórias engraçadas sobre Luidi e eu.

- Quando esses heróis chegam? Tem algum disponível? – uma das meninas perguntou fazendo todos rirem.

- Nada de empolgação garotas! Um deles é namorado da Magali.

- Tudo bem, vamos apreciar os outros então! - uma amiga disse querendo fazer ciúmes ao namorado.

Depois a conversa mudou e todos queriam saber como foi estar em coma, se eu podia ouvir coisas ou via pessoas mortas, perguntaram se o desfibrilador havia deixado marcas e muitas outras curiosidades...

- Aconteceu tantas coisas, vivi coisas que se eu contasse a maioria de vocês mandaria me internar como louca, senti dor e tive muito medo de morrer isso eu garanto, mas já acabou e o importante é que estou aqui! – falei ficando em pé erguendo meu copo com água como numa celebração e todos fizeram o mesmo com seus copos, dando pequenos gritos de alegria.

- Posso brindar também? - ouvi alguém dizer e olhei para trás sem acreditar.

- Leonel... o que faz aqui? - perguntei pasma com a cara de pau dele, já que alguns dos meus amigos a pouco haviam comentado que o encontraram enquanto estive internada e ele não demonstrava qualquer interesse em meu estado de saúde.

- Alguém me disse que estaria aqui comemorando... Eu ainda sou seu namorado vim vê-la! - ele foi se explicando e deu alguns passos me abraçando e me beijando sem que eu o conseguisse impedir, depois simplesmente me largou e foi cumprimentar a todos. - Eu sei que deve estar chateada comigo Gisely, por isso esqueceu de ligar avisando da comemoração, mas eu não vou ficar bravo.

Fiquei pasma com a ousadia dele em invadir minha festa, que cara arrogante! Será que eu nunca tinha percebido isso?

- Leonel!

- Ah! Gi, eu não fui te ver porque não consigo entrar em hospitais, é verdade! Não agüento aquele cheiro, passo mal quando vejo pessoas doentes, deve ser um trauma de criança ou algo assim. - ele tentava se justificar sem conseguir, enquanto todos tiravam sarro da cara dele por seu descaramento.

- E acontece o mesmo quando usa o telefone?

- Mas eu liguei várias vezes.
- Ligou, pra quem?
- Liguei no seu apartamento e falei com a Magali, inclusive pedi diversas vezes que ela me deixasse falar com você quando estivesse te visitando no hospital.
Tive que rir, tamanho era o descaramento dele! Que dissimulado!
- Gi, é normal que esteja brava... Eu compreendo. - ele disse parado na minha frente, como se compreender isso, estivesse me fazendo um favor, sorria alegre passando a mão no meu cabelo. Sinceramente não acreditei que deixei um cara como esse se aproximar de mim, eu deveria estar cega ou muito carente!
- Vamos gracinha... por favor me perdoa vai... - ele disse dando mais uma risadinha se achando vitorioso. – Você está tão linda, maquiada, arrumada, perfumada, nem parece que acaba de sair do hospital!
- Leonel, não devia ter vindo aqui! – falei brava enquanto todos faziam gracinhas comentando que dessa vez ele estava enrolado, eu não o desculparia.
- Vamos lá, sua família está toda reunida e você não gosta de discutir por bobagens, não vamos fazer uma cena agora... - ele disse me puxando pela cintura, tentando me beijar.
- Ei, chega tá! – falei me soltando dele.
- Chega?? – ele olhou em volta percebendo que sua situação não era boa. – Dá pra gente conversar sozinho?
- Com certeza Leonel, que tal lá fora? Onde já fica meio caminho andado para você sumir da minha vida! – falei passando por ele apressada e fui abrindo a porta de supetão.
Fiquei constrangida quando dei de cara com o Nestor, Nunez a mulata e mais atrás o Luidi que se aproximava conversando com uma loirinha.
Caramba, mulata, loira, ruiva, ele gosta mesmo de variar, pensei!
- Oi! - o Nestor disse sem graça parecia que ele estava prestes a apertar a campainha, quando eu abri a porta.
- Desculpe, entrem! – falei sem graça dando passagem a eles, percebendo que o Leonel se postou ao meu lado como se também fosse recebê-los.
- Quem são seus amigos Gisely? – Leonel perguntou olhando a todos, mas antes que eu abrisse a boca meu pai se aproximou os cumprimentando também.
- Leonel, eles são da equipe de salvamento, todos bombeiros! - meu pai disse alegre enquanto os convidava dizendo que todos eram bem vindos e deveriam entrar.
- Esse é o Leonel, provavelmente daqui uns minutos será o ex-namorado da Gi...
- Está viva! Ela está mesmo viva! – a mulata parecia tão empolgada que teve vontade de rir do jeito dela. Ela olhou para a loirinha ao lado do Luidi antes de comentar. - Aquela é a Vera, o Luidi disse que é só uma amiga, mas eu acho que há pouco tempo eles eram mais que isso, você sabia da existência dela?
- Sabia...
- Que cachorro! Espero que dê uma lição nele! – a mulata disse baixo sorrindo para mim e continuou a falar um pouco mais alto. - Alguma coisa me diz que essa noite vai ser fantástica. - ela passou por nós e foi lá para dentro acompanhada do Nunez e do Nestor que agora abraçava a Magali alegremente.
- Essa é a Vera... - o Luidi disse querendo apresentá-la, ela nos cumprimentou e entrou indo até onde os outros eram recebidos como heróis por meus amigos eu vi a cena e sorri feliz por estar em um ambiente tão alegre.
Virei e dei de cara com o Luidi que ainda estava ali na minha frente, ele também sorria me olhando, estava lindo, cabelos molhados, barba feita, vestia calça preta, camisa creme com alguns botões abertos, seu perfume era suave e me fazia desejar estar em seus braços e que braços...
- Está linda ruivinha! - ele disse tocando de leve meu rosto.
- Esqueceu meu nome de novo?

- Nem se eu quisesse Gisely... nem assim me esqueceria de você! – ele parecia tão feliz como eu. – Olha, enfim arrumou uma tatuagem? - ele apontou a cicatriz que o tiro de raspão deixou no meu ombro.

- É agora tenho três.

Demos risada juntos como se não existisse mais ninguém ali.

Nós ficamos nos olhando, provavelmente por tempo demais, porque não ouvimos quando alguém chamou.

- Gisely! - o Leonel falou mais alto e eu olhei para ele. - Estão chamando! - ele disse bravo por nos ver daquela maneira, eu olhei para ver quem era e todos nos olhavam, pareciam ansiosos por conhecer o Luidi.

- Ei, não vai entrar tenente? Todos querem conhecer o herói que levou um tiro no peito por causa da Gisely. – ouvindo o Nestor dizer, Leonel pareceu entender agora o que acontecia entre Luidi e eu.

- Salvou a vida dela? – nem de longe ele usou tom de agradecimento, a pergunta estava carregada de ciúmes.

- Quem é você?

- Ainda sou o namorado dela!

- Ah! O idiota que a fez ir ao bar contra a vontade. - algumas pessoas deram risada do comentário e parecia que agora todos queriam assistir a cena. – Tem idéia de quantas vezes aquele bar foi assaltado esse ano?

- Como eu vou saber!

- Deveria pensar nisso antes de mandar sua namorada para aquela espelunca!

Antes que tudo piorasse olhei para o Nestor pedindo ajuda.

- Tenente! Vem conhecer o resto do pessoal...

- Tô indo... Vai sair ruivinha?

- Não, só vou acompanhá-lo... Ele já está de saída! – falei mostrando o Leonel, que irritado passou por mim de maneira estúpida.

- Seu namorado é um idiota!

- Às vezes ele é...

- Vou precisar salvá-la ruivinha?

- Acho que dessa vez me viro sozinha.

Coloquei uma das mãos nos bolsos de trás da calça, enquanto tentava arrumar desnecessariamente a blusa no ombro, me senti uma idiota atrapalhada então quis sair logo dali.

- Eu já volto... fique a vontade Luidi...

Assim que cheguei perto da rua vi o Leonel encostado em um dos carros com os braços cruzados.

- Pode me dizer o que aconteceu entre você e o cara lá dentro?

- Nada.

- Como nada? Estava se derretendo por ele!

- Leonel, chega!

- Tudo bem, eu desculpo você!

- Não quero suas desculpas, só quero que vá embora, não é bem vindo aqui!

- Está mudada, afinal o que aconteceu com você?

- Eu quase morri! Isso aconteceu!!

- Tem certeza que não sou bem vindo?

- Tenho!

- Está mesmo me mandando embora?

- Ainda não entendeu? Estou terminando nosso namoro. - respondi furiosa com tanta arrogância e ele pareceu ficar alterado.

- Ótimo! Assim posso transar com outras garotas sem tentar esconder de você, esses meses ao seu lado foram os piores da minha vida!

Fiquei em dúvida se ele estava sendo cruel ou sarcástico, porque boa “desses meses” eu passei no hospital!

- Faça bom proveito delas Leonel, nunca devíamos ter saído, menos ainda começado um namoro, sinceramente nem explicar porque estávamos juntos!

Ele começou a sair pela rua, mas parou olhando para trás, provavelmente insatisfeito pelo estrago que tinha feito em mim.

- Quer saber, não me importo com você... A propósito olha para você, combina perfeitamente com sua vidinha sem graça! Você é uma fotografazinha medíocre...

- Uma fotografazinha medíocre que ganhou alguns prêmios, inclusive um para revista onde você trabalha! Não foi com ele que conseguiu sua última promoção?

- Voc...

- Tchau Leonel! – falei acenando esperando que ele fosse embora de uma vez.

- Tenho pena de você Gisely, tão boazinha, tão bobinha, acreditava quando eu dizia que gostava de você, sabe por que eu te aguentava?

- Mesmo que eu não queira saber, tenho certeza que você vai querer dizer!

- Porque você é virgem Gisely, era apenas pelo prazer de ser o primeiro! - ele disse rindo se gabando. - Mas não foi difícil descobrir porque ainda é virgem, você é tão fria e sem graça, quem vai querer transar com você?

- E levou todos esses meses para você perceber isso, Leonel?

- Na verdade eu estava te dando uma chance, mas preciso dizer, eu deixava seu apartamento e ia transar com outras garotas que sabem o que significa transar.

Talvez sua intenção fosse mesmo me magoar e menos não gostando dele fiquei magoada por ouvir isso, respirei fundo e abri a boca pronta para responder, mas não tive tempo.

- E isso te fazia se sentir mais homem? - ouvi o Luidi falando atrás de mim e virei para ter certeza que era mesmo ele.

- Ei, a discussão é entre ela e eu!

- Desculpe, mas eu vim pegar o vinho que esqueci no carro e quando passava escutei sua performance... - o Luidi respondeu despreocupado mostrando a garrafa de vinho. - Sabe, posso jurar que ela não é fria, talvez o problema seja você, olha bem pra ela, uma ruiva linda dessa, tem homem que se assusta e não funciona!

Leonel tentou rir de maneira sarcástica, mas estava claro que ia perder a linha.

- Eu transei com ela, então posso afirmar que ela é fria!

- Leonel cresça! Tenho certeza da minha virgindade porque há alguns dias um demônio zombou de mim por isso!

- Tadinha da Gisely, quase morreu! Se estava mesmo morrendo quando encontrou tempo para se divertir com ele?

- Primeiro quer parecer machão e a humilha, agora quer ser o namorado ofendido porque ela esteve em meus braços?

Cruzei os braços e olhei brava para o Luidi, quis entender porque os homens gostam tanto de se aparecer.

- Esteve nos braços dele Gisely?

- Mais ou menos... - respondi sem querer entrar em detalhes, mundo dos vivos e mundo dos mortos. – E-Ele salvou a minha vida Leonel, então tecnicamente estive!

- É tecnicamente... – Luidi assobiou cheio de insinuação.

- Escuta aqui Gisely, quem não quer mais nada com você sou eu e não adianta correr atrás de mim, porque não volto para você. - o Leonel disse apontando o dedo na minha direção se aprumou e virou indo embora, mas parou e voltou para dizer mais alguma coisa.

- A propósito não trabalha mais para mim! - ele disse me despedindo do trabalho de fotografia free lance da revista onde ele é editor.

- Você quem manda patrão, mas isso só vai deixar evidente que não transou comigo e ainda por cima foi chutadooooo! – gritei com raiva.

- Essa é minha garota!

Revirei os olhos, às vezes o Luidi é mesmo idiota!

- Pode esperar Gisely, vai se arrepender e você também, seu bombeiro de uma figa!

Fiquei preocupada com a raiva que vi no Leonel quando disse isso, mas acabei me esquecendo quando o vi abrindo a porta do carro completamente desconcertado derrubando as coisas, eu olhei para o Luidi e ele também ria do jeito atrapalhado do Leonel que agora tentava manobrar o carro para sair da vaga sem conseguir.

- Acho que por essa o Leonel não esperava...
- Posso dizer o mesmo ruivinha, por essa eu não esperava...
- Do que esta falando?
- Você é virgem? - ele perguntou parando de rir no mesmo instante.
- Sou!

Fiquei grata por estarmos lá fora onde a iluminação era mais fraca, assim ele não poderia ver que fiquei vermelha de vergonha.

Percebi que ia cair, mas foi rápido eu tentei segurar e ele também, mas antes que um dos dois conseguisse a garrafa espatifou no chão e nós nos olhamos.

- Desculpe. - ele disse apontando para a garrafa. - Desculpe, eu sinceramente não esperava que você... - ele disse soltando o ar colocando as mãos no bolso olhando para os lados, balançando a cabeça como se não pudesse acreditar.

- Qual o problema?
- Tem certeza disso? - ele parecia não ter se dado conta do que perguntava.
- Quer saber se eu tenho certeza que sou virgem?
- Quero!
- Tenho certeza! – respondi e sem aguentar comecei a rir.
- O que foi? Está rindo do quê? De mim?

- Desculpe Luidi, mas você se deu conta que tipo de conversa estranha é essa?
- Nem me fale... - ele disse parecendo sem graça agora. - Desculpe Gisely, é que eu não esperava por isso...

- Qual o problema, pensei que os homens gostassem disso!
- Se não bastasse estar apaixonado, agora descobro que você é virgem!! Pode ter certeza que eu gostei disso... Esse é o problema! - ele disse entre os dentes.

Fui indo em direção a casa enquanto ainda ria do jeitão dele.

- Viu só o que eu disse? – abri a porta, mas parei no hall.

- Afinal, porque está tão ofendido com isso?

- Por quê?? Você quer saber por quê?? – ele parecia impaciente. - Tantas mulheres para eu gostar e fico enfeitado por você e você é virgem, droga!

- Está irritado comigo, porque sou virgem?

Fiquei esperando que se desse conta do que dizia, ele me puxou pela cintura e fazendo ficar bem perto.

- Estou irritado porque gosto de você e não consigo uma chance e agora descobro que é virgem, vou ficar mais louco ainda por você e essa é a última coisa que eu quis na vida, estar nas mãos de uma mulher e você não sai da minha cabeça, que diz que me ama, mas me esnoba e provavelmente vai me fazer de gato e sapato...

- Annhann! Eu disse para você Verinha, era só achar a ruiva que ele estaria ao lado dela... Desculpe, deveria ter sido sincera, eu sabia que ele estaria agarrando ela.
- a mulata disse nos mostrando.

- Porque está agarrando ela? - a Verinha perguntou e a mulata sorriu satisfeita.

- Eu não estava agarrando ela!

- Então estava fazendo o quê, com as mãos nela? Onde está o vinho que foi buscar? – A Verinha perguntou enquanto as pessoas começaram a se aproximar interessadas.

- Fiquei surpreso com uma coisa que descobri e quebrei a garrafa...

O Nunez se aproximou e abraçou a mulata que continuava sorrindo satisfeita, ela cochichou algo no ouvido dele que começou a rir.

- Precisa de reforços, SENHOR! - o Nunez começou a dizer se divertindo um pouco.

- Não se atreva! - o Luidi disse fazendo a Magali e o Nestor rirem alegres.

- Eu vou embora! - a tal Verinha apanhou a bolsa e passou apressada por mim.

- Não vai atrás dela, senhor não agarra ninguém!!

- Claro que não, eu vim te ver, esqueceu? - ele respondeu fazendo com que todos fizeram barulhos entusiasmados “hummm” eu olhei para eles rindo.

- Podem parar? – falei me divertindo com eles, mas quando virei o Luidi ele estava sério então fiquei séria também e me encostei na parede.

- Pela sua cara, imagino que já saiba o que sente por mim Luidi!

- Eu não acredito que está me perguntando isso na frente de sua família e de todos seus amigos...

As pessoas assobiaram e fizeram gracinha me fazendo rir novamente.

- São meus amigos... Talvez você não entenda, mas todos que estão aqui dentro são amigos verdadeiros aqueles por quem tenho sentimentos puros, então qual o problema em falar na frente deles?

Ouvindo isso todos se sentiram ainda mais a vontade de acompanhar nossa conversa, alguns até se sentaram para ouvir.

O Luidi abaixou a cabeça depois olhou para fora, deixando claro que não estava acostumado a passar por situações assim, parecia completamente desconfortável.

- Adorei essa garota! Posso ser sua amiga também? - a mulata perguntou adorando ver o jeito desconcertado do Luidi.

- Só se for de maneira verdadeira! – falei com graça, mas fiquei séria quando cruzei com os olhos zangados do Luidi.

- Está se divertindo Gisely?

- Não, mas acho que você estava pensando nisso quando trouxe sua namorada, a tal Verinha para me conhecer!!

- Ela não é minha namorada, apenas uma amiga!

- Luidi por favor, esqueceu que me contou sobre ela, também?

- Caramba, contei toda a minha vida a você? - ele resmungou como se estivesse falando sozinho.

- É você contou tudinho pra mim...

Ele olhou em volta e pareceu ficar feliz vendo todos ainda parados nos escutando.

- Se é tão fácil assim, então me diga o que sente por mim Gisely?

- Sabe que eu gosto de você! – falei sem graça, por não esperar aquilo.

- Gosta? - ele perguntou rindo - Só isso? – ele parecia se divertir. - Qual o problema? Não são seus amigos verdadeiros? - ele disse zombando, apontando para as pessoas que riam me vendo agora envergonhada.

- Não sou medrosa como você...

- Então... - ele disse se divertindo um pouco mais.

- Então, o quê?

- Então diga o que sente por mim... simples assim!

- Eu amo você, seu idiota! – falei batendo com o dedo no peito dele o fazendo se afastar um pouco, ouvindo os gritos e assobios de todos ali perto.

- É você realmente tem coragem garota! - ouvi o Nunez dizer e vi a mulata dar um tapa no ombro dele que se encolheu. - Ai!

- Tudo bem, já chega... – assobieei fazendo todos pararem. - Se importam se eu conversar com ele sozinho! – falei escutando em seguida um grande coro de “aaahh!”

Esperei que todos saíssem e voltei a olhar para o Luidi.

- O que veio fazer aqui Luidi?

- Sua mãe nos convidou, disse que estava de alta, então eu quis vê-la.

- E teve o descaramento de trazer sua namorada!

- Você me dispensou, o que esperava?

- Se estava certo disso, porque ia ficar comigo a noite no hospital?

- Você sabia?

- Sabia!

- E me deixava ir mesmo assim?

- Ao menos um de nós não morria de saudade... - respondi brava e ele pareceu ficar envergonhado.

- Ruivinha eu sei o que sinto por você! - ele foi falando baixo e olhou para ter certeza que ninguém estava mesmo ali. - Eu sei e já te disse isso no hospital...

- Mas precisa dizer com o coração, precisa ser verdadeiro!

Esperei que ele continuasse a conversa ou talvez criasse coragem e dissesse de uma vez, mas ele ficou calado, então o ignorei e fui indo na direção da varanda onde todos estavam reunidos num bate papo alegre, parei na porta da varanda quando escutei ele ao meu lado dizendo.

- Você é presunçosa ruivinha!

- Você é covarde Luidi!

- Você só está me esnobando porque sabe que eu te acho bonita!

- E você está com medo de descobrir o que sente por mim!

- Sua arrogante!

- Seu insensível!

- Odeio ser eu a dizer, mas ruivinha, não está com toda essa bola não!

- Odeio ser eu a dizer, mas está inseguro porque descobriu que me ama e isso te assusta muito!

- Está completamente enganada você é irritante, tagarela, insuportável, entra em pânico com facilidade, é cheia de convicções e nunca aceita minhas teorias... - ele dizia gesticulando, mas parou um pouco de falar me olhando parecia estar confuso com seus argumentos. - Droga! É ruiva, têm olhos verdes, um corpo maravilha e algumas sardas escondidas que me deixa louco. - ele disse apontando para meus ombros onde havia sinal delas, fechou os olhos com as mãos no bolso da calça tentando não admitir, mas acabou se rendendo. - Completamente linda!!!

Ele disse mais baixo me olhando e suspirou.

- Desisto ruivinha! Se eu disser, você fica comigo?

- Como? - perguntei inclinando a cabeça como se não tivesse escutado direito.

- Se eu disser, fica comigo? - ele repetiu falando zangado.

- Preciso que diga para eu possa ficar... ficar com você!

Mal terminei a frase e meu coração disparou no instante seguinte meu pulso começou a arder.

- Precisa mesmo ouvir?

- Diga de uma vez LUIDI!!!

- Estou apaixonado por você! - olhei minha cicatriz e ela ficara vermelha, talvez porque minha alma estava querendo pular de meu corpo para beijar o Luidi.

- Precisa ser de verdade Luidi! - insisti.

- Droga Gisely! - ele respondeu no mesmo tom me olhando diretamente, ficou um tempo pensando no que dizer e depois suspirou, começando a falar sem parar.

- Soube que estava apaixonado por você quando acordei no mundo dos mortos e a vi ao meu lado sentada naquele banco de hospital, depois quando estava sendo operado foi por você que meu coração voltou a bater na mesa de cirurgia quando os médicos haviam desistido de me ressuscitar...

- Eu ia morrer naquela UTI, mas você voltou para o mundo dos mortos só para me fazer acordar, quando a vi na minha frente me senti tão feliz que soube que eu era mais um desses idiotas que se apaixonam e odiei descobrir isso!

- Já perdi as contas de quantas vezes você chegou perto da morte e naquele dia quando senti sua alma me pedindo ajuda eu fiquei assustado por pensar que a perderia, implorei, supliquei a Deus que a deixasse voltar para que eu tivesse uma chance de te dizer que estou completamente apaixonado você... - eu continuei a olhar para ele sentindo meu pulso queimar ainda mais.

Abaixei os olhos pensando que apesar de maravilhoso ouvir tudo isso, talvez o sentimento dele não fosse nada além de uma paixão e isso não era suficiente para me liberar do acordo.

- Não basta? - ele dizia inconformado. - Droga! Gisely, me apaixonei por você quando visitou meus sonhos e pediu para que eu a protegesse, eu nem a conhecia! - ele frisou cada palavra como se me acusasse.

- Foi por essa paixão que eu acordei naquele dia e fui trabalhar mesmo estando de folga e foi por esse sentimento que para mim é completamente novo que eu levei um tiro no peito tentando proteger você.

Meu pulso agora queimava muito, minha alma e meus sentimentos por ele estavam mesmo tomando conta de mim e eu nem tinha encostado nele ainda, isso deixava claro que o acordo continuava e eu não tinha qualquer controle sobre meus sentimentos quando estava perto dele.

- Tudo bem, não é suficiente... Era como eu imaginava estou nas mãos de uma garota que não quer nada comigo. - ele disse olhando em direção a sala parecendo inconformado.

Sem pensar olhei para o meu pulso e vi que a cicatriz antes vermelha, agora era uma terrível queimadura e a dor era insuportável. Tentei disfarçar quando o vi procurando meu pulso, mas antes que pudesse ele colocar o braço para trás ele agarrou minha mão.

- Esse é o problema? - ele parecia pensar enquanto examinava aquela queimadura horrível. Foi como se um relâmpago tivesse iluminado seus pensamentos e agora ele estivesse montando o quebra-cabeça.

- O acordo... Aquela coisa queria fazer um acordo com você! - ele olhou novamente para a queimadura. - Ele marcou você... marcou você por minha causa... para me proteger... proteger a minha vida! - seus olhos buscaram os meus. - Fez um acordo no mundo dos mortos para proteger minha vida!!! - ele disse mais alto e agora bravo comigo. - Entende o que fez, Gisely?

- Bom tenente... Se ela não entendeu, acho que todos entendemos. - o Nunez disse alto chamando nossa atenção, quando eu virei me dei conta que havíamos parado na porta da varanda e discutíamos alto na frente de todos sem que nos déssemos conta disso.

- Filha fez um acordo no mundo dos mortos para proteger a vida dele?

Fiquei em silêncio.

- Filha...

- Fiz pai...

- Mas por quê?

- Não posso deixá-lo morrer pai!

- Gisely... isso é amor incondicional...

Conheço meu pai agora ele estava atravessado com o Luidi, certamente iria culpá-lo se mais alguma coisa acontecesse comigo.

- Pai! Todas as vezes que eu agia estranho no hospital e você e a mamãe achavam que eu via algum tipo de fantasma, bem... - eu disse rindo um pouco. - O fantasma era a alma do Luidi que estava em coma. Não sei explicar, mas todas as vezes que estive em coma era ao lado dele que minha alma ficava, nós conversávamos e brigávamos, por isso sabemos tantas coisas um do outro.

- Filha isso é loucura! - meu pai disse deixando claro sua reprovação com essa história maluca de mundo dos mortos e mundo dos vivos.

- Loucura pai, eu gosto dele e ele salvou minha vida inúmeras vezes, eu morri da última vez, fui declarada morta e tudo mais, pergunte a quem quiser! Mas ele não desistiu, ele não aceitou e lutou tanto que me fez voltar a viver! Pergunte aos médicos ou a quem quiser, se me tem aqui hoje é porque o Luidi ficou naquela sala implorando para que u voltasse!

- É verdade eu estava lá, para quem não me conhece eu sou o enfermeiro Zeca, trabalho no hospital onde eles estavam internados, ela foi operada e não reagiu, algumas horas depois o coração dela parou, ela foi reanimada, mas o médico não conseguiu e a morte dela chegou a ser declarada. Só que o garotão ali, ficou desesperado nos o tiramos da sala diversas vezes a maioria arrastando ele, mas ele continuava a voltar e a chamar por ela, a chacoalhava e dizia que ela não estava morta, foi uma cena de dar pena... - o Zeca disse como se visse tudo novamente. - Mas não final nós estávamos errados, ela voltou para ele. - ele disse sorrindo um

pouco, como se ainda não acreditasse nisso e abraçou apertado sua esposa que estava ao lado.

- Gisely, como posso acreditar em algo tão irreal? Tão distante de tudo que conhecemos? Como isso pode ser filha?

- Ninguém é obrigado a acreditar em nada, às vezes nem nós acreditamos.

- Passamos por muitas coisas seu Jonas... A maioria delas é tão esquisita como essas que vocês ouviram agora.

- Só uma dúvida? - o Nunez disse sorrindo um pouco. - Então aquela história assustadora que vivemos no quarto do Luidi aquele dia era verdade, a morte estava atrás mesmo atrás de vocês?

Olhei para meus amigos e minha família e vi algumas pessoas estavam assustadas enquanto outras pareciam encantadas.

- Não Nunez, era algo pior que a morte, era um demônio! - o Luidi respondeu e eu olhei para ele com censura. - O que foi? Você mesma disse que são seus amigos verdadeiros e sua família, contou a pouco boa parte da loucura que vivemos, qual o problema se eu confirmar mais uma delas? Admita é uma linda história de amor, completamente irreal, mas linda!

- Porque não ficam juntos de uma vez? - uma amiga perguntou emocionada.

- Por causa disso! - o Luidi mostrou meu pulso onde agora voltara a aparecer apenas a cicatriz rosa, provavelmente porque meus sentimentos estavam controlados.

- Mas o que têm isso? - essa mesma amiga quis saber.

- Ela fez a droga de um acordo para proteger minha vida!

- Ai que romântico!

Luidi ficou mais zangado quando a ouvi falar.

- Não tem nada de romântico nisso! - ele disse sério. - Ela fez um acordo no mundo dos mortos, advinha com quem? - ele disse esperando alguns segundos para continuar, vendo o rosto de espanto dela. - Ele mesmo! Só para salvar minha vida. - ele ia explicando enquanto olhava bravo para mim. - Com certeza ficarei vivo, mas não posso encostar nela, não podemos ficar juntos.

- Se ficarem juntos você morre? - essa amiga perguntou e vendo os rostos curiosos a nossa frente, todos queriam saber a mesma coisa.

- Não, eu não morro... - ele disse devagar pegando minha mão dando alguns beijos na cicatriz, eu fechei os olhos tentando não deixar meus sentimentos me dominarem sem conseguir, comecei a sentir o pulso queimar e queimar até que ficasse insuportável a dor.

- Está queimando... - gemi baixinho mordendo os lábios.

Assim que percebeu minha agonia ele virou meu pulso onde antes havia a cicatriz e agora era uma horrível queimadura.

- Ela é queimada quando me aproximo dela!

- Ai meu Deus! - algumas pessoas disseram, horrorizadas com o que viram.

Todos começaram a falar dando sugestões do que deveria ser feito e eu ouvi um choro de criança que vinha do andar de cima, provavelmente toda aquela confusão havia acordado a princesinha, Irene se levantou para entrar, mas eu vi a oportunidade para sair dali.

- Pode deixar que eu vou dar uma olhada nela.

- Leve a mamadeira dela, está na cozinha...

Eu fui para cozinha buscar a mamadeira, mas ainda ouvia a sugestão de todos e meu pai zangado dizendo ao Luidi que ele tinha que me livrar desse acordo. Desanimada pensei que se eu não conseguia convencê-lo a dizer o que sente, expondo seus sentimentos verdadeiros, quem dirá sendo pressionado dessa maneira, comecei a subir para o quarto, mas o Luidi me alcançou quando eu ainda estava na escada.

- Conseguiu escapar?
- Consegui... Esse pessoal não é moleza!

Assim que abri a porta do quarto vi a princesinha de braços esticados esperando a mamadeira, fiquei encantada a observá-la mamar.

- Gisely, como pode fazer um acordo para proteger minha vida?
- Foi simples eu disse quero ouvir o acordo e tudo aconteceu.
- Por quê? - ele perguntou ficando ao meu lado.
- Porque eu amo você! - eu disse olhando diretamente em seus olhos.
- S-sabe tem alguma coisa dentro de mim que diz que devo confiar em você, que você seria incapaz de me magoar ou me machucar, enquanto outra parte de mim fica falando e falando que amar você só vai me fazer sofrer... É como uma guerra que me divide e me deixa muito assustado.

Suspirei imaginando quem fazia isso com ele.

- Aquele dia no hospital quando sai do seu quarto eu estava furioso e quis sumir e nunca mais te ver, mas não consegui, nem no elevador eu cheguei, fiquei ali encostado no corredor por horas esperando que você dormisse para que eu pudesse voltar pra te ver.

Sorri tentando encorajá-lo.

- Cada vez que eu pensava em ir embora, algo dentro de mim gritava que eu estava desperdiçando minha última chance de tê-la pra mim e que dessa vez seria eterno... - ele tentou rir meio sem jeito levando em consideração as coisas esquisitas que falava e eu sorri também.

- É assustador e apavorante... eu levanto todas os dias pronto para me sacrificar por pessoas que não conheço e faria o mesmo por você quantas vezes fosse necessário, mas sinceramente me sinto pequeno e egoísta sabendo que você não teve medo e aceitou esse acordo para proteger a minha vida...

Olhei confusa sem entender direito o que ele queria dizer.

- D-Desculpa... está confuso eu sei... Quero que saiba que quando eu a vi machucada na cama, sem falar ou se mexer, eu descobri que meu sentimento por você era mais forte do que eu imaginava... e quando eu a vi na cadeira de roda conversando, depois a vi andando, fiquei extraordinariamente feliz, como nunca fiquei antes e depois quando morreu pela última vez. - ele disse isso e riu continuando. - Eu implorei incansavelmente a Deus para que deixasse você voltar do mundo dos mortos e quando a vi acordar tossindo. - ele disse rindo novamente. - Eu não acreditei o quando é possível amar uma pessoa como eu amo você.

- Está dizendo que me ama?

- Estou deixando minha alma dizer e acho que ela só sabe dizer, que ama você!

Ele me deu um beijo e eu fui me entregando em seus braços esquecendo completamente que eu estava no quarto da princesinha.

- Amo você! Ouça meu coração ruivinha... Amo você! - ele dizia em meu ouvido.
- Isso não te assusta mais?
- Fez um acordo com um demônio para salvar minha vida, como posso ter medo de dizer que a amo!
- Titia, titiiiiia! - ouvi a princesinha chamando.
- O que foi meu anjo?

- Olha que bonituuuuuu... - ela dizia apontando para as paredes do quarto.
- O que é bonito princesinha?
- As luzinhas... Viu elas tia?
- Acho que só você pode vê-las, meu anjo.

Sorri imaginando que bonitas deviam ser as luzinhas que ela viu, talvez no momento eu esteja propícia a acreditar em qualquer coisa estranha, ainda mais se for dita por uma criança de 5 anos como ela.

- Que pena tia, você num viu!
 - Como elas eram? - o Luidi perguntou agachando ao meu lado e ela sorriu para ele.

- Branquinhas e pequinininhas, como a sininho do Peter Pan, será que são fadas tia?

- Pode ser, ou talvez sejam anjinhos que o papai do céu manda para dormir com você!

- Comigo não tia, deve ser anjinhos de vocês, porque eles apareceram quando você beijou ele. - ela disse dando uma gargalhada gostosa.

Olhei para o Luidi e nesse momento entendemos que o acordo havia sido desfeito.

- Volte a dormir princesa, caso contrário sua mãe vai ficar brava, durma com os anjos, meu amor.

Ficamos ali alguns minutos e a vimos bocejar e fechar os olhinhos, só então saímos do quarto e descemos para levar a mamadeira para cozinha, quando virei para irmos até a varanda Luidi segurou minha mão.

- Prometa-me uma coisa Gisely...
- Sim...
- Aconteça o que acontecer nunca mais fará um acordo, nunca!
- Só se fizer a mesma promessa...
- Ótimo, sem acordos...

Ele sorriu e começou a me beijar.

Nós ficamos ali mesmo na cozinha nos beijando por muito tempo, nenhum dos dois queria voltar para festa ou qualquer outra coisa, apenas queríamos ficar juntos, seus beijos eram maravilhosos, ele me ergueu pela cintura com facilidade e me colocou sentada na mesa da cozinha e nos continuávamos a nos beijar.

Abri alguns botões da camisa dele e deixei minhas mãos deslizarem a vontade, percebendo que ele gostava disso.

- Pensei que fosse envergonhada, está me deixando louco dessa maneira!
 - Eu sou envergonhada, mas quando estou com você me esqueço disso, além do mais você me defendeu e disse que não sou fria, quero que saiba que realmente não sou...

- Eu já sabia disso, estive em meus braços antes, lembra?
 - Mas não dessa maneira... - falei em seu ouvido beijando cada centímetro até seu pescoço, aproveitei a camisa um pouco aberta e dei pequenos beijos em seu peito.
 - É... Não foi dessa maneira.... - ele disse devagar. - Quer que eu perca o juízo?
 - Gostaria de continuar até que perca completamente o juízo, mas posso parar se quiser. - falei dengosa.

- Não pare... por favor, não pare...

Eu peguei a mão dele e coloquei em minha cintura por baixo da blusa, eu queria que ele sentisse o quão quente estava minha pele.

- Está quente!
 - Estou... - respondi ainda o beijando e quando me soltou ele gemeu bem pertinho me deixando louca como eu não imaginava poder ficar.

- Eu desejo tanto você, não faz idéia de quanto, desejei poder estar com você assim no momento que a vi sentada ao meu lado naquele banco de hospital.

- É, eu me lembro de você dizendo alguma coisa a respeito... - falei sorrindo me lembrando que ele havia me cantado quando acordei ao lado dele.

- Amo você... Vou parecer um idiota se ficar repetindo isso? - ele me perguntou com voz rouco em meu ouvido.

- Não, pode repetir quantas vezes quiser, eu vou adorar...

Esbarrei de leve meu corpo nele e o vi ficar louco e me puxar com força para mais perto.

- Nada acontece por acaso Luidi...

- É... Nada acontece por acaso ruivinha...

- Agora eu sei qual é o motivo para isso... - falei sentindo ele beijar meu pescoço e aspirar o cheiro de pêssego do meu cabelo.

- Qual é o motivo? - ele perguntou dando algumas mordidas na minha boca.

- Eu quero amar você! - sussurrei em seu ouvido.

Ele soltou o ar assustado como se tivesse engasgado.

- Preciso amar você! - sussurrei novamente e o olhei diretamente, o vendo fechar os olhos e se apoiar na mesa.

- Ruivinha, porque está fazendo isso comigo?

Sua respiração estava acelerada e ele parecia estar perdendo o controle.

- Porque eu quero amar você...

- Gisely, não sou de ferro, quer me enlouquecer? - ele disse voltando a beijar minha boca e meu pescoço, deslizando suas mãos em meu corpo de maneira afobada, como se eu pudesse sumir.

- Por favor... Eu nunca quis estar com alguém como eu quero estar com você! - voltei a dizer, sentindo meu coração batendo rápido e tendo certeza disso.

- Imagino o que fará comigo, quando tiver experiência...

- Farei loucuras... Espero que me ensine tudo que goste e faça muitas coisas para que eu descubra de como gosto de ser tocada...

- Mas eu amo você...

- E esse não é mais um motivo para me levar daqui agora mesmo?

- Amar você é o principal motivo para que eu não a trate como trataria qualquer mulher, você é especial para mim, não posso simplesmente te levar assim eu preciso mais que uma noite, preciso de você para sempre.

- Então o que faremos? - perguntei um pouco decepcionada.

Ele ficou me olhando por alguns segundos depois abaixou a cabeça e a encostou na minha barriga respirando com dificuldade, tirou as mãos de dentro da minha blusa e ficou assim de cabeça baixa por alguns minutos, que pareceram horas.

- Eu fiz alguma coisa errada? - perguntei, com cuidado o vendo daquela maneira.

- Não!

Tentei descer da mesa.

- Por favor... Espera! Deixa apenas eu pensar um pouco...

Fiquei quieta esperando sem saber o que aconteceria, provavelmente eu o havia ofendido de alguma maneira. Alguns minutos depois ele ergueu a cabeça e parecia mais seguro, como se tivesse tomado uma decisão.

- Quer mesmo me amar ruivinha?

- Quero! - respondi sem graça, vendo a maneira séria dele me olhar.

- Então eu vou amar você... - sorri, me inclinando para beijá-lo, querendo dizer que eu sairia agora mesmo dali para estar nos braços dele, quando me aproximei de seus lábios ele se afastou e eu parei olhando para ele sem entender.

- Com uma condição!

Vendo meu rosto de dúvida ele sorriu mais ainda, como se isso lhe desse certeza do que iria dizer.

- Condição?

- Sim, uma condição!

- É uma condição engraçada? - perguntei tentando entender do que ele estava achando graça.

- É uma condição que me deixa feliz, como eu não imaginei que ficaria.

- Já sei, você tem uma fantasia e quer que eu me vista de palhaça? Com nariz vermelho e tudo...

Nós dois começamos a rir juntos.

- Não.

- Qual é a condição?

Desci da mesa e fui até a pia peguei um copo com água começando a tomar.

- Eu vou amar você, mas antes vai ter que casar comigo!

Assim que ouvi engasguei, foi tão forte que perdi completamente o ar, comecei a tossir enquanto ele tentava me acalmar, assustada bati a mão no escorredor e derrubei algumas louças e talheres fazendo a maior confusão, algumas pessoas apareceram na porta da cozinha.

- O que aconteceu? - meu pai entrou na cozinha chegando perto de mim. - Gisely está bem? Engasgou?

Eu não conseguia falar nada, e meu pai olhou para mim, para o Luidi e viu louças quebradas por todo o chão, pareceu ficar mais furioso ainda.

- O que fez com ela? - meu pai perguntou bravo dando um passo na direção do Luidi.

- Ei, calma seu Jonas... Eu só a pedi em casamento!

Todos que estava ali se olharam e algumas deram risada enquanto outras faziam gracinhas e assobiavam, com certeza aquela noite seria inesquecível.

- Não tinha um problema em ficarem juntos?

- O senhor mesmo disse para eu resolver isso... – Luidi foi explicando erguendo os ombros de maneira despreocupada. – Eu resolvi!

- E depois pediu minha filha em casamento?

- É pedi, seu Jonas... quero casar com ela!

- Talvez não saiba rapaz, mas o casamento na minha família acontece de uma maneira diferente.

- Acho que nada mais me assusta!

Era até engraçado vê-los se enfrentar, realmente ali estavam dois turrões.

- Espero que saiba em que está se metendo!

- Minha filha vai se casar! - minha mãe disse alegre vindo me abraçar e todos faziam festa.

- Isso merece um brinde! - alguém disse e todos foram saindo da cozinha e nos voltamos a ficar sozinhos, quando passei senti ele me segurar.

- Vai casar comigo ruivinha?

- Você é louco, nem me conhece, como pode querer casar comigo?

- Ei, eu conheço sua alma, passei os piores e os melhores momentos da minha vida ao seu lado nesses dois meses, tenho certeza que a conheço melhor do que muitos de seus amigos lá fora... amo você, casa comigo vai! - ele dizia baixinho perto do meu ouvido enquanto dava vários beijinhos me fazendo rir.

- Ei, vocês não vem? - meu pai gritou aparecendo na porta da cozinha.

Saímos para a varanda e assim que atravessamos a porta, as pessoas gritaram em saudação erguendo suas taças, alguém nos entregou duas taças e disse que na minha tinha água por causa dos remédios que eu ainda estava tomando.

- A felicidade de vocês! - alguém gritou, todos repetiram alegres nos fazendo sorrir, eu olhei para o Luidi e distraída esbarrei a mão na coluna deixando a taça se espatifar no chão.

- Não se preocupe com a taça, apenas case comigo? Ele disse baixinho no meu ouvido enquanto me dava um beijo de celebração, sorri sem saber o que responder.

- Tenente! - ouvimos alguém dizer e olhamos para trás, vendo que era o Nestor.

- O que foi? – Luidi perguntou percebendo o celular na mão dele, parecia ser sério.

- Ligaram do batalhão, estão loucos tentando te achar...

- Para quê?

- Mandaram chamar alguém da família... Incêndio na R. Pablo Noirus, 527 e estão com dificuldade para tirar o proprietário... Mandaram uma viatura vir buscá-lo.

- Tem certeza que é esse o endereço? – Luidi perguntou me soltando e foi saindo da varanda em direção a sala, deixou a taça sobre a mesinha, saindo para fora da casa parecendo preocupado, fui atrás dele tentando entender o que acontecia.

- Tenho que ir ruivinha! - ele disse quando percebeu que eu ainda o seguia, foi indo para o meio da rua como se fosse correr até onde o incêndio acontecia. Agarrei na camisa dele o fazendo parar.

- Onde é esse incêndio Luidi?

- Na casa do meu pai, fica nesse mesmo condômino a duas ruas daqui.

Ele olhou as pessoas que começavam a sair da casa e gritou para o Nestor.

- Vou a pé, quando a viatura chegar vocês me pegam no caminho...

- Eu vou com você! – falei indo atrás dele.

- Não! Você fica aqui! - ele disse parando no meio da rua me fazendo parar.

- Luidi e se o cancelamento do acordo te deixou vulnerável? Eu quero ir...

- Ninguém vai morrer hoje ruivinha, acredita em mim? Ninguém vai morrer hoje! Amo você, saiba que é minha alma dizendo isso. - ele disse me beijando.

Ouvi o barulho de pneus arrastando como se um carro tentasse frear, em seguida tudo ficou confuso era como se meu corpo voasse pelo ar e uma pancada forte em seguida fez meus sentidos quase desaparecerem.

- Gisely! - alguém gritava ao longe. - Meu Deus! - outra pessoa dizia sem parar, os sons iam se confundindo e sirenes se misturaram eu ouvia o Luidi dizendo que me amava e não sabia distinguir se era realidade ou se tudo acontecia em minha cabeça, todo meu corpo doía, até que tudo ficou escuro.

Otos de casamento

Aaaah! Aspirei o ar olhando tudo a minha volta, era a rua da casa da minha irmã, o mesmo condomínio de casas tranqüilo, com grama, um lindo jardim e um banco na entrada, mais a frente no asfalto nossos corpos estavam estirados no chão, olhei em volta procurando pela alma do Luidi e o vi sentado na grama olhando tudo que acontecia. Fui até ele e sentei ao seu lado.

- Você esta bem? - perguntei sem qualquer noção do que dizia.

- Estamos morrendo de novo Gisely! - ele disse me abraçando. - Estamos morrendo mais uma vez! - ele voltou a dizer comigo em seus braços.

- Vamos ficar bem! - respondi me encolhendo em seus braços.

- Como podemos ficar bem se estamos sempre morrendo?

- Nada acontece por acaso...

Tudo era a maior correria, pessoas saíam assustadas da casa da Irene para verem o que havia acontecido, o Nestor e o Nunez faziam algumas manobras de socorro, tentando nos manter vivos, um deles pediu para que uma ambulância fosse chamada. Os minutos pareciam horas e as pessoas estavam chocadas com o que viam, diziam sem parar que há alguns minutos estávamos felizes comemorando por estarmos enfim juntos, diziam sobre o casamento e agora havíamos sido atropelados e estávamos novamente entre a vida e a morte.

Uma ambulância chegou apressada e os paramédicos, continuavam tentando nos manter vivos, tudo pareceu acontecer muito rápido, eles lutavam para salvar nossas vidas, essa era mais uma experiência *quase morte*.

Em algum momento uma viatura policial chegou e pouco depois alguém estava sendo algemado do outro lado da rua. Levantei e comecei a andar o Luidi me seguiu, achei que conhecia aquela pessoa algemada, assim que me aproximei eu vi com tristeza, a pessoa que eles estavam colocando na viatura era o Leonel e um dos policiais dizia irritado.

- Você os atropelou, porque ela terminou o namoro com você, que espécie de marginal é você? Pode ter certeza que vai passar muitos anos na cadeia. - o policial dizia empurrando o Leonel com força, me lembrei quando ele disse que iria nos dar o troco e olhando nossos corpos no chão tive certeza que ele havia conseguido.

- Eu não pretendia atropelar, era apenas para assustá-los, o cara disse que saiu com a minha namorada, o que queria que eu fizesse? – Leonel tentava se justificar.

Olhei com mais atenção e pude ver que em volta dele havia uma quantidade enorme de energia negativa, deduzi que elas haviam aproveitado seu momento de raiva e soprado em seu ouvido para que fizesse isso.

Voltei atravessar a rua, mas o Luidi ficou parado no meio da rua vendo o que acontecia com nossos corpos, eu ia me aproximando das pessoas e o desespero era total, ninguém sentia a presença da minha alma, com tristeza eu vi quando alguém arrastou meus pais dali e os levou para dentro, minha mãe passava mal e a Irene estava inconsolável e meu pai só ficava perguntando porquê eu parecia predestinada a morrer, a porta da casa da Irene era um perfeito caos.

- O que está fazendo? - alguém perguntou sem que eu me desse conta. - O que está fazendo? - novamente perguntaram e eu olhei de lado, vi o homem elegante que me propôs o acordo em meu leito de morte ao meu lado de novo.

- Estou morrendo!

Meu corpo jogado no chão, era uma visão estarrecedora, havia uma quantidade grande de sangue no asfalto e meu rosto estava machucado, provavelmente havia ossos quebrados uma cena horrível!

- Não vai me dizer que esse ao seu lado é o bombeiro? Ele perguntou olhando para o corpo do Luidi no chão e depois para a rua onde a alma do Luidi se aproximava.

- Quem é você?
- Engraçado não me reconhecer bombeiro... Passo tanto tempo ao seu lado... Sou o servo do d...

- Tá, tá, eu já sei quem você é!
- Ah! Vocês são mesmo estraga prazeres, nem deixam eu usar meu nome. - ele disse arrumando o terno como se estivesse ofendido.

- A propósito, o que está fazendo aqui, não deveria estar no incêndio?
- Agradeça a seus amigos! - o Luidi disse apontando na direção da viatura onde o Leonel estava e dava para vermos a quantidade de energia negativa que o cercava.
- Reação em cadeia... – falei olhando para o homem elegante que compreendeu e pareceu ficar ainda mais furioso, o Luidi se aproximou de mim e em abraçou fazendo eu me sentir segura.

O homem olhou para nossos corpos estirados no chão e olhou para nossas almas ali em pé unidas, ficou claro que estarmos abraçados o enfureceu.

- Estão juntos... Não podem ficar juntos! - ele disse baixo estreitando os olhos, talvez esperava que não escutássemos. - Tenho um acordo. - ele disse usando todo seu charme se aproximando. - Posso salvar os dois dessa vez...

- Dessa vez? - perguntei.
- É, é, é, ele deveria morrer hoje, lembra? -ele disse impaciente e depois sorriu malicioso.

- Ele quebrou o acordo, ninguém deveria morrer hoje! – falei olhando para o homem elegante tentando entender. - Você disse que não viria buscá-lo!

- É eu disse mesmo... - ele respondeu fazendo cara de sínico. – Fiz como disse, eu não viria buscá-lo, mas nunca disse que não mandaria outro para fazer o trabalho!

Por um tempo olhou para nossos corpos e começou a dizer algumas palavras em uma língua estranha. - Mas que inferno! Vocês só me arrumam confusão! Estão juntos de novo! - ele disse se abaixando, soprando para os paramédicos que deveria fazer o melhor para salvar a minha vida e não se preocupar com a do Luidi.

- Está soprando para que salvem minha vida. O que pretende afinal? – falei sem entender o que acontecia.

- Não podem ficar juntos! Não podem morrer juntos! - o homem elegante deu um grito tão alto que nos precisamos tampar os ouvidos que doíam intensamente, outros sons foram se formando e esses eram horríveis, como se pessoas fossem chicoteadas, outras choravam, crianças chorando em desespero e tudo mais.

Era como se o mundo das trevas estivesse abrindo suas portas, percebi o tempo mudar fazendo as nuvens correrem rapidamente, línguas esquisitas eram pronunciadas por seres que nem conseguíamos enxergar, sombras pareciam se esgueirar por todos os cantos e o ar ficou gelado como se uma geada caísse repentinamente.

Eu me encolhi no chão tentando não ouvir nem ver nada, o Luidi se ajoelhou ao meu lado e me protegeu com seu corpo, durou algum tempo como se aquela fosse uma explosão de ódio repentino vindo daquele demônio e da mesma maneira que surgiu simplesmente desapareceu.

- Desculpe, eu não quis assustá-los. - ouvi o homem dizendo com sua voz tentadora novamente e devagar o Luidi foi soltando meu corpo e segurou meu rosto me fazendo olhar para ele sem dizer qualquer palavra deixou clara nossa promessa que não faríamos qualquer acordo com aquele homem.

- Vamos lá gente, o que é isso? Eu não quis realmente assustá-los...
O homem elegante dizia descontraído como se tudo aquilo não passasse mesmo de uma grande brincadeira.

- Qual o problema de vocês? Não sabem brincar... - ele continuava tentando ser engraçado. - Tenho certeza que podemos ser amigos. - ele disse sorrindo agora eu olhei na direção dele e seu rosto de sarcasmo passou a ter uma fisionomia confiável, como quando olhamos para os olhos brilhantes de um gatinho desamparado que deseja entrar dentro de casa.

- Ouçam meu acordo, é tudo que eu peço... - o homem disse manso com semblante cansado aquele tipo que você sente pena quando vê.

- Gisely, concentre-se não caia na conversa dele, esqueceu quem ele é? - o Luidi disse me chacoalhando e foi como se eu saísse de um transe.

- Não ouviremos nada! – gritei dando alguns passos para me aproximar do meu corpo estirado no chão, Luidi se aproximou segurou minha mão forte me passando confiança.

Os paramédicos continuavam tentando salvar nossas vidas, mas eu sentia que ela estava se esvaindo meus dedos foram ficando frouxos e eu quase não tinha força para segurar na mão dele, imaginei que logo tudo se acabaria.

- Vão morrer! - o homem disse apontando para nossos corpos no chão. Ele parecia desesperado demais, tinha perdido completamente a pose parecia que estarmos ali a beira da morte o assustava mais do que a nós mesmos.

Cada movimento que eu fazia era assistido pelo homem e quanto mais eu me aproximava do Luidi era como dar uma alfinetada nele que ficava mais enfurecido ainda. Seus olhos estavam estreitos e ele continuava a dizer coisas em uma língua desconhecida, o vento começou a soprar mais forte, eu me sentia extremamente cansada e com frio, só precisava arrumar um lugar para sentar e descansar um pouco.

- Acho que vou cair. – falei me apoiando no Luidi que me pegou no colo e foi se sentar em um banco que ficava na frente da casa, me encostei em seu peito e olhei para ele e sentia seu carinho ao dizer que ia acabar tudo bem, coloquei a mão por dentro da camisa dele e fiquei deslizando o dedo sobre a cicatriz onde ele havia levado um tiro para me salvar.

- Acho que nunca vou te agradecer o suficiente pelo que fez por mim, Luidi.

- Nada acontece por acaso...

Sem muito mais o que fazer os paramédicos deram por encerradas as tentativas de nos reanimar e nossa morte foi declarada exatamente na mesma hora. Eu vi o desespero tomar conta de todos, mesmo sem dizer nada eu pedia a Deus que salvasse o Luidi de alguma maneira, vi quando os paramédicos trouxeram algo parecido com lençóis para cobrir nossos corpos.

- NÃO! - o homem gritou como um uivo. - Juntos não! - ele voltou a uivar.

Nesse instante tudo parou, o paramédico ficou com os braços suspensos no ar e o lençol também como se fosse uma cena de cinema, as pessoas pararam de chorar, o vento parou e os sons simplesmente sumiram, era apenas o homem, Luidi e eu.

- Não precisa acabar assim. – o homem elegante insistia ficando a nossa frente no banco.

- Imagino que seu acordo só nos trará vantagens?

- Com certeza bombeiro. - ele respondeu sério, parecia não estar com o mesmo humor negro de quando nos encontramos da última vez.

- Não quero ouvir!

- Olha para ela, tão jovem, quer deixá-la morrer? Posso trazê-la de volta... E você também pode voltar.

- Nesse acordo certamente existe uma cláusula que nos mantêm separados. - o Luidi disse firme.

- É um preço justo!

- Não estamos interessados!

Assim que ouviu o homem elegante ficou terrivelmente zangado, eu apenas fechei os olhos não querendo ver sua face de ódio e senti quando o Luidi me encostou em seu peito e deu um beijo suave.

- Vão morrer!

Nada importava, independente do que eu fizesse, sempre estaria longe do Luidi.

- Eu posso trazê-los de volta, ainda existe vida no corpo de vocês, mas daqui alguns minutos as coisas vão mudar completamente.

- Veja por outro lado cumprimos nossa missão, eu disse ao Luidi o quanto o amo e já ouvi de seu coração o quanto ele me ama, vou morrer feliz...

Quis pensar em coisas boas que pudessem encher de luz e paz um momento como este.

- Também vou morrer feliz, fiz as pazes com meu pai, tive a oportunidade de abrir meu coração a você e agradeço por ter sido tão feliz nessas últimas horas.

- Mas que droga! Estão juntos, ouçam meu acordo! - o homem voltou a dizer ali a nossa frente parecendo desesperado. - Daqui a pouco tudo vai mudar!! -ele parecia determinado a nos amedrontar.

- Se quer tanto nos fazer viver, então faça isso sozinho!

- Não sou eu quem decide quem deve morrer ou viver, bombeiro, apenas faço acordos!

- Não faremos qualquer acordo com você! – gritei vendo o quão feio alguém furioso pode ficar.

- Não olhe para ele ruivinha... Apenas olhe para mim.

Sorri vendo seus olhos negros como a noite, lindos que me enfeitiçavam, deslizei meus dedos por entre seus cabelos fiz carinho eu seu rosto, passei minha mão por seu ombro e a repousei sobre a cicatriz em seu peito, seus braços fortes me seguravam com carinho, era como se as coisas fossem ficando mais nítidas e eu conseguisse entender.

- Luidi é isso... – falei começando a sorrir.

- Isso o quê?

- Nada acontece por acaso Luidi...

- Não entendi!

- Ele está aqui dizendo sem parar que não podemos ficar juntos, que não podemos morrer juntos, mas continua insistindo sem para que façamos um acordo...

- Mas que inferno! – o homem gritou ali na nossa frente, me fazendo ter certeza.

- Não chegou nossa hora de morrer, porque nosso destino não é morreremos juntos, cada vez que isso acontece voltamos a vida... como quando levamos tiros ou quando ficamos em coma e como agora... por isso ele quer que façamos o acordo, porque sabe que não morreremos e só conseguirá nos manter separados se fizermos o acordo. Ninguém vai morrer hoje!

- Têm certeza disso?

- Basta olhar para ele! – falei começando a me virar para ver o rosto do homem elegante, mas o Luidi não deixou.

- Não olhe para ele, vai se assustar ruivinha! - o Luidi disse fazendo meu rosto encostar em seu peito.

Eu fui ficando arrepiada sentindo o bafo gelado do demônio bem perto da minha nuca, comecei a tremer de frio, e algumas vezes senti suas unhas arranhando meu braço como se quisesse desesperadamente me arrancar dali. Era o mundo das trevas e a morte bailava de um lado para o outro tentando a todo custo levar um de nós.

- Fique assim e pense em coisas boas ruivinha...

Ouvimos gritos, uivos e muitos sons assustadores de pessoas angustiadas no momento de sua morte, como se cada uma delas estivesse ali a nossa volta, senti muito medo e continuei encostada no Luidi procurando nele a paz que eu precisava para enfrentar essa tormenta.

- Por favor, Deus, nós de uma chance para cumprirmos nossa missão, prometo que quando a cumprir aceitarei com o coração puro seja lá qual for nosso destino... Por favor, por favor, por favor... – como numa prece eu repetia sem parar implorando a Deus que nos tirasse do mundo das trevas e afastasse a morte de nós.

O bafo gelado do demônio se aproximou ainda mais os grunhidos eram intensos até que aos poucos se transformaram em palavras aterrorizantes ditas no meu ouvido.

- Continuarei soprando a dúvida no ouvido dele e pode ter certeza que ficarei empenhado nessa tarefa, nada será fácil para vocês e em todos os incêndios eu entrarei na porta esperando ele entrar e quando a oportunidade chegar eu não deixarei ele sair Gisely.

Nesse momento eu abracei mais forte o Luidi, procurando paz. Novamente meus braços foram arranhados como se aquela besta cravasse suas unhas. Tentei chorar sem conseguir, então procurei ficar em paz, pensando em coisas boas entregando aos céus o que tivesse que acontecer, minutos passaram e pude ouvir a voz do Luidi que tentava me tranquilizar.

- Pode abrir os olhos... Ele já foi embora ruivinha!

Lentamente abri os olhos com medo do que veria a nossa volta, tudo parecia estar voltando ao normal as pessoas voltaram a se mexer desesperadas com o que havia acontecido e vimos quando o paramédico recobriu os corpos com os lençóis.

- Gostaria de poder evitar o sofrimento delas. – falei apontando para todos vendo tanto desespero.

- Também gostaria de evitar que todos sofressem, ruivinha.

Ficamos abraçados por alguns minutos, mas nada acontecia, então achando que talvez eu estivesse enganada e nossa hora de morrer havia mesmo chegado quis que ele soubesse.

- Luidi, aceito casar com você... – falei um tanto encabulada.

- Aceita! – ele parecia feliz por ter ouvido isso.

- Sim eu aceito!

- Seu pai disse que o casamento na sua família é diferente, como é?

- É uma cerimônia simples e verdadeira... A união das almas, os noivos fazem seus votos com palavras do coração, se suas almas aceitarem eles se unem para sempre nada consegue separá-los.

- Como sabem que as almas se uniram? Quero dizer... Todos que se casam acham que será para sempre, mas depois alguns descobrem que estavam errados.

- Não seguimos uma religião, apenas acreditamos em Deus. Não somos obrigados a assinar um documento no cartório, ou pedir a benção perante a um sacerdote, ninguém acusa ninguém no que diz respeito a sexo e a virgindade é uma escolha e não uma necessidade hipócrita imposta pela sociedade; somos educados acreditando e expondo os sentimentos verdadeiros, os usamos diariamente e verdadeiramente, por isso nossos abraços são mais demorados e nossos beijos mais carinhosos, porque são nossas almas que os fazem.

- O que eu quero dizer é que não existe qualquer obrigação para que o casal faça a união das almas, por isso quando eles decidem unir suas almas é verdadeiro e para sempre... Através de seus votos.

- Então os casais ficam juntos porque realmente querem ficar... O Luidi disse procurando entender.

- Isso, e a única obrigação é usar os sentimentos verdadeiros sempre! Eu disse sorrindo imaginando que agora ele entenderia porque para mim era tão fácil ser verdadeira em meus sentimentos.

- E a festa e todo o resto, não existe?

- A grande festa, o noivo de smoking e o vestido glamoroso, não fazem parte da união das almas, eu sei que parece estranho, principalmente se pensar que aconteceu dessa maneira para minha mãe a mais de 40 anos, mas é uma tradição de família e a seguimos, porque entendemos que é verdadeira e incrivelmente forte.

- Mas seu pai é bravo!

- É... meu pai é muito bravo, eu sou a garotinha dele, no fundo ele só quer me defender, tem suas próprias crenças a respeito de nossa tradição, acha que nem todas as pessoas tem condições de entender que em nossa tradição existe liberdade e não libertinagem, e como todo pai ele acha que sua filha é ingênua e não quer que eu sofra nas mãos de um conquistador barato com uma reputação duvidosa quanto a sua. - eu disse piscando para ele que também sorriu. - Ele não te conhece como eu...

Ficamos um tempo em silêncio até que eu fiquei curiosa em saber.

- Como acha que seria o seu casamento?

- Casamento...? - ele disse com um pouco de deboche. - Lembro de ter ouvido algo como respeitar, honrar, proteger na saúde ou na doença... e também a parte que

diz até que a morte nos separe, mas acho que essa ficaria estranha se consideramos que estamos aqui... - ele disse dando risada me fazendo rir também, definitivamente nem a morte tiraria seu humor eu pensei feliz por ser apaixonada por ele.

- Essas partes estão mesmo incluídas na cerimônia tradicional de casamento... – falei.

- Fico feliz com a tradição da sua família porque nunca quis uma cerimônia religiosa no meu casamento, já vi coisa suficiente para saber que nem um pastor ou um padre, consegue fazer com que duas pessoas permaneçam unidas se elas não quiserem.

- Isso é verdade!

- Acredito que a união só acontece quando existe amor verdadeiro, é triste ver uma bela cerimônia e saber alguns meses depois o mesmo casal está em pé de guerra correndo atrás de advogados ou brigando para ver quem fica com o carro, a casa ou as dívidas, depende do caso...

Voltamos a rir, mas aos poucos a nostalgia tomou conta do ambiente.

- Acho que no final das contas nunca saberemos... – falei triste.

- Minha alma quer se unir a sua, se importaria se eu dissesse meus votos de casamento?

Meu rosto de espanto provavelmente o assustou.

- O que foi? Porque essa cara? Saberíamos como é estar casados, mesmo se seja pelo restinho de tempo que temos. - ele disse erguendo os ombros, sem me olhar como se estivesse acanhado.

- Está ficando louco?

- Não, é sério Gisely, ouça... – parecia agora mais acanhado ainda e isso me encantou. - Se sua alma não gostar ou não aceitar meus votos de casamento, então me deixe e case-se com outro... - ele disse balançando a mão como se eu tivesse todos os homens aos meus pés e isso me fez rir novamente.

- Luidi, olha para você... É lindo e quer se casar comigo? – falei o apontando dos pés a cabeça. - Só pode estar achando mesmo que vai morrer! – falei dando risada.

- Olha para você... É linda, só não me casaria se fosse um idiota! - ele disse me olhando detalhadamente. - É ruiva, tem os olhos verdes, cabelos cacheados, um corpo esculpido pelos deuses... sardas, lindas sardas... Acredite... Você é incrível! - ele disse sorrindo, parecia um lobo pronto a me devorar.

- Luidi, por favor, isso é loucura! Quer se casar comigo aqui? - perguntei olhando em volta vendo todos na maior confusão e ele ficou sério, como se lamentasse.

- Eu não posso mudar o que está acontecendo e nem amenizar o desespero das pessoas aqui a nossa volta, mas preciso que ouça o que tenho a dizer, pode ser que não voltemos a viver, esse é a mais pura união, minha alma quer se unir a sua... Vamos ruivinha, que diferença fará uma loucura a mais ou a menos em meio a tudo que estamos vivendo, apenas ouça meus votos de casamento.

- Tudo bem, diga... – falei achando que agora ele desistiria.

- Huum, Huum... - ele fez como se limpasse a garganta para dizer algo importante deu um passo para trás e segurou as minhas mãos me fazendo gelar.

Meu Deus, ele realmente fará isso!

- Ruivinha, eu não sabia o significado da palavra respeitar, até desejar estar comprometido com você pelo o resto da vida e para só depois te amar, nunca desejei honrar e proteger alguém como desejo protegê-la... o que posso dizer sobre amar?

Ele disse erguendo os olhos.

- Bem, meu coração sempre esteve escondido, nunca permiti que ninguém se aproximasse porque não acreditava em amor, mas você fez tudo isso mudar e de alguma maneira encontrou o caminho secreto e ultrapassou todas as barreiras sem que eu pudesse resistir, tão graciosa, singela e verdadeira que me fez amar você... Gostaria que soubesse que tudo isso que vivemos é apenas algumas das muitas provas de que estarei ao seu lado na saúde e na doença... Até que a morte nos separe. - ele disse rindo um pouco, aspirando ar para continuar. - Mas se ela não nos

separar será melhor ainda... - ele disse sorrindo para mim e eu sorri também. - Espero que aceite essas palavras como meus votos de casamento porque são sinceras e ditas pelo coração através da minha alma.

Ele disse sorrindo e me fez derreter.

- Droga! Não tenho uma aliança! – bateu as mãos nos bolsos da camisa e da calça, me fazendo rir novamente. - Prometo que se sairmos daqui eu providencio uma imediatamente. - ele continuava me fazendo rir.

- Isso é para dar um toque especial. - ele apanhou algumas flores ali perto e me entregando como um buquê. - Está chorando ruivinha? - ele disse passando o dedo em uma lágrima que escorria em meu rosto. - Fui tão mal assim?

- Melhor do que eu poderia desejar, foi lindo!

- Eu ia te beijar agora, mas se me lembro bem antes do beijo vem a sua parte. Ele disse tentando ficar sério.

- Tudo bem, então é a minha vez... – tentei pensar em algo que o fizesse sorrir.

- Capriche, seus votos precisam ser melhores que o meu, precisa me fazer feliz!

- Melhor que os seus... vai ser difícil.

- Verdade, acho que sou imbatível... – ele falou estufando o peito convencido.

- Então lá vai... Eu sou virgem! – falei dengosa olhando para ele, vendo seu sorriso se ampliar e ele olhar para o céu soltando o ar.

- Inacreditável!

- Desculpe, eu só estava tentando te fazer feliz!

Demos risada juntos.

- Feliz? Não tem idéia do que isso faz em mim, desejo intensamente que a morte nos dê mais algum tempo de vida, vou ser o homem mais feliz do mundo por tê-la só para mim.

- Minha mãe vai ficar brava com você!

Olhei de lado e vi a princesinha ali de pijama com sua boneca preferida nos braços nos olhando.

- Está me vendo princesa?

- Estou tia, mas minha mãe vai ficar brava porque ele tirou as flores dela do jardim.

Ela disse apontando para as flores que eu segurava e o Luidi se abaixou para dizer.

- Pode me ver também?

- Posso... - ela pareceu envergonhada quando o Luidi também se abaixou perto dela.

- Porque ela pode nos ver?

- Deve ser porque ela é criança Gisely, de onde você acha que vem os amiguinhos imaginários? - ele disse erguendo as sobrancelhas e eu fiquei pensando talvez isso fizesse sentido.

- Tia, ele vai ficar de castigo, porque minha mãe disse que se eu tirasse uma florzinha sequer do jardim dela, eu ia ficar de castigo o dia todo. - ela dizia com carinho de pena, como se já imaginasse o que a mãe dela diria ao Luidi.

- É por um motivo especial, estamos nos casando! – ele quis explicar.

- A Cinderela se casou com o príncipe...

- Bem... No casamento dela tinha flores? Um buquê? - ele perguntou.

- Claro! Muuuuitas flores...

- O que seria do nosso casamento se não tivéssemos flores como no casamento da Cinderela!

- Vão viver felizes para sempre? - ela perguntou e ele me olhou e sorriu antes de responder.

- Sim, viveremos felizes para sempre... Quer ficar para assistir? Sua tia vai me falar coisas bonitas, chama-se votos de casamento. – Luidi me olhou se divertindo. - Quero ver mencionar sua virgindade agora! Capriche!

- Então tá... Luidi eu sou uma garota romântica, mas nunca imaginei que encontraria um príncipe encantado...

- Ótimo, assim é mais fácil corresponder as suas expectativas, eu sou mesmo um príncipe!

- Deixa eu falar!

- Tudo bem, continue o príncipe aqui fica quieto!

- Obrigada, onde eu estava mesmo?

- Na parte que eu sou um príncipe lindo e maravilhoso!

- Pára engraçadinho... Então como eu dizia, mais que um príncipe eu esperava que fosse alguém que me fizesse ser uma garota especial, que me deixasse no céu quando me beijasse, que me fizesse sentir saudade quando ficasse longe de mim, uma pessoa que eu pudesse ter uma conversa agradável, mas também que pudesse ter uma conversa divertida, que me fizesse sorrir de verdade, que me protegesse e lutasse por mim, alguém que fosse só meu e que me que me quisesse só para ele... e você é bem mais que isso... é um ser humano incrível e terrivelmente bonito, seu sorriso é lindo, seu cheiro me deixa embriagada e eu me perco em seus olhos... - a cada palavra eu o via fascinado e isso me incentivava a continuava. - Sua alma é verdadeira como poucas...

- Eu sou atrapalhada, às vezes irritante e tremendamente envergonhada, mas prometo te respeitar, honrar, proteger... - eu ia dizendo olhando para ele que me interrompeu.

- Pode me proteger, mas nunca mais fará acordos!

- Isso, protegerei sem fazer acordo, mas arrumarei uma maneira para protegê-lo... Vou te amar na saúde e na doença e peço a Deus que nos de a oportunidade de completarmos nossa missão, porque se nada acontece por acaso, tem um motivo grandioso para ficarmos juntos, espero que aceite essas palavras como meus votos de casamento porque são sinceras e ditas pelo coração através da minha alma. - falei sorrindo usando as palavras que ele havia dito antes.

- Eu aceito e também acredito que exista bom motivo para ficarmos juntos... Bem, então agora é a parte que alguém diz... - ele parou de falar e ficou pensativo, parecia assustado e foi soltando as palavras devagar. - Eu os declaro marido... e-e mulher, pode... beijar... a n-noiva.... - ele ia dizendo se dando conta do que havia feito, parecendo mais assustado.

Soltou o ar de uma vez olhando para o chão parecendo apavorado e depois me olhou.

- Estamos casados! Meu Deus, estou casado! - precisei escorá-lo porque parecia que ia cair de tão assustado que estava.

- Luidi, calma, vem comigo, senta aqui... - eu o ajudei a se sentar no banco ali perto.

- Segura as flores para a tia Isabely... Luidi você está tudo bem? - dei risada sem agüentar.

- Está rindo de mim?

- O que esperava, você enfrenta a morte todos os dias, acaba de desafiar um demônio, estamos lutando para sair do mundo dos mortos e você passa mal porque se deu conta que se casou! Que tipo de homem é você afinal?

- Do tipo normal, nunca ouviu falar que homens não estão preparados para o casamento, enfrentamos qualquer coisa, mas o casamento... - ele ia dizendo como se tentasse organizar seus pensamentos. - Eu nunca pensei que faria uma coisa como está. - ele dizia ainda tentando se controlar. - Eu me casei, estou casado!

- Tudo bem, esqueça vamos cancelar o casamento. - falei tentando levantar do banco, mas ele segurou minha mão impedindo.

- Gisely... - olhei para ele brava, pensando que homens nem quando estão morrendo conseguem enfrentar o casamento com dignidade.

- Eu só estou assustado, mas não disse que não estava feliz e menos ainda que gostaria de cancelar, ouviu quando eu disse, *eu me casei, estou casado*, então... fica comigo tenho certeza que esse medo vai passar... logo! - ele disse as últimas palavras

devagar. - Talvez em alguns anos... - ele voltou a dizer rindo e eu soltei da mão dele brava e sai andando.

- Estou brincando, estou brincando! - ele me alcançou e me abraçou. - Brincadeira ruivinha, é assustador, precisa admitir, mas estamos casados! Eu quero estar casado com você e a parte do querer é a que mais me assusta.

- Tia!

- O que foi, meu anjo?

- Não vai mais casar como a Cinderela?

- Vou, mas o príncipe aqui. - eu disse apontando para o Luidi. - Ficou com medo e passou mal. - ela também deu risada colocando a mão na boca.

- Muito engraçado, rá,rá,rá! Fiquem sabendo que eu não fiquei com medo... só preciso me acostumar... porque já estamos casados!

- Meu anjo, pode fazer um favor pra tia?

- Faça tia! O que é?

- Pode entregar essas flores para sua avó e dizer a ela que são as flores do meu casamento e que eu estou muito feliz e que ela também deve ficar feliz. - falei imaginando que se nada havia acontecido até agora era porque não iríamos mais voltar a viver.

- Entendeu o recado?

- Entendi tia, as flores são da vovó e eu devo dizer a ela que são do seu casamento com ele.

- Isso mesmo!

- E que você está feliz e ela também deve ficar...

- Perfeito, meu anjo!

- Posso dizer que ele passou mal, tia?

- Pode! Mas diga também que ele enfrentou o medo pra ficar comigo.

Fui falando, mas fiquei triste por me dar conta que não a veria crescer.

- Meu anjo, quero que saiba que você é uma linda princesa e que a eu te amo muito, se por acaso não te ver mais não fique triste, lembre sempre, que eu estava feliz na última vez que e viu. - dei um longo beijo no rosto dela.

- Ai que frio, tia!

- É aqui fora está frio mesmo. - falei disfarçando as lágrimas. - Tchau meu amor, não esquece de entregar as flores pra vovó. - falei a vendo correr para entrar, quando chegou perto da porta ela virou e acenou mandando beijos.

- Tchau tia! Tchau tio!

- Ela me chamou de tio?

- É ela chamou.

- Tenho uma sobrinha! - ele disse encantado. - Amo você ruivinha...

- Amo você Bombeiro...

- Assim que voltarmos a viver, vou colocar uma linda aliança em seu dedo... Não quero que mude de idéia, agora é minha para sempre... Estamos casados!

- É bombeiro, estamos casados...

Ele voltou a me beijar ternamente, foi um beijo entre duas almas que se amam de verdade e agora mais que antes eu adoraria sair do mundo dos mortos e ter uma chance de ficar ao lado dele.

Abri os olhos era como se eu estivesse fazendo uma oração e ele também fazia...

Nós estávamos na cozinha da casa da Irene no exato momento em que ele havia me pedido em casamento na primeira vez, um pouco antes de eu ter engasgado. O copo com água ainda estava na minha mão.

Olhei em volta e tudo ali era real, coloquei o copo na pia e dei um grito feliz correndo para abraçá-lo, pulei em seu colo, ele me segurou pela cintura e eu passei minhas pernas em volta dele me apertando fortemente sem acreditar que estávamos mesmo vivos!

- Está vivo bombeiro!

- Está viva ruivinha!

O próximo beijo foi desenfreado, cheio de amor e desejo, não havia dor, nem medo era apenas alegria por estarmos de volta, ele me girou e me escorou na geladeira pressionando seu corpo contra o meu.

Ouvi barulho de vidro quebrando, provavelmente tinha caído algum enfeite que estava sobre a geladeira, mas não me importei continuei com as pernas enlaçadas no corpo do Luidi enquanto sentia seus beijos cada vez mais intensos, estávamos celebrando a vida era só isso que importava.

- O que está acontecendo aqui?

Atrapalhada empurrei o Luidi, tentando me recompor, quando mais eu tentava arrumar minha blusa ou ajeitar meu cabelo que deveria estar um desastre mais as pessoas riam e se não bastasse meu pai furioso estava logo a frente me olhando.

- Desculpe pai!

- O que estava acontecendo aqui? - meu pai soltou as palavras irritado.

- Nós só estávamos celebrando a vida... só isso seu Jonas!

- Mudou de nome tenente! – pude ouvi a voz do Nunez e todos deram risada, enquanto meu pai estreitava os olhos de raiva.

- Celebrando a vida com a minha filha!

- É... Desculpe acho que nos empolgamos...

- Acha? - meu pai perguntou ainda bravo e depois olhou na minha direção. - Pensei que havia um problema com ficarem juntos!

- Ah! Eu consegui resolver isso de uma maneira bem especial. - o Luidi disse sorrindo feliz, me olhando de cima a baixo como se me devorasse, mas quando olhou para o meu pai ficou sério no mesmo instante. - Eu não fiz nada com ela... Foi especial, mas não tão especial assim... Eu nem tive tempo de fazer mais nada, você chegaram... Quer dizer, não que eu fosse fazer, eu até gostaria, mas não ia... não com todos vocês aqui... quer dizer... O senhor me desculpe eu nem sei o que estou dizendo! - ele disse fechando os olhos pensando no que dizer. – Juro que não fiz nada com sua filha!

- Está mudado hein tenente! - o Nunez gracejou e algumas pessoas riram.

Os olhos do Luidi voltaram a pousar em mim e sem perceber ele começou a falar, como se estivesse pensando alto.

- Vontade não faltou, olha para ela é linda, pura e será só minha!

- Ei, respeito com a minha filha!

Luidi fechou os olhos, percebendo a besteira que fizera.

- Desculpe, eu... - o Luidi tentava se explicar, mas ficou atrapalhado e algumas pessoas começaram a rir daquela situação embaraçosa.

- Se pensa que eu vou deixar você ficar colocando suas mãos nela desse jeito, está enganado, só encosta nela depois de casado!

Agora quem deu risada foi o Luidi.

- Só depois de casado, que ótimo! Então tá, o senhor quem manda!

O Nestor e o Nunez gargalharam, mas bastou meu pai olhar para ele que pararam de rir. Claro, meu pai é um ruivo corpulento de quase 1,90, quem vai querer meter as caras com ele?

- Vocês dois estão rindo do quê?

- Nada senhor!

- Fique sabendo que a Magali é minha filha também. Encosta nela para ver o que te acontece!

- Eu tenho o maior respeito por ela senhor! - o Nestor disse sem jeito com todos olhando para ele a mulata saiu do meio das pessoas e chegou mais perto.

- Desculpe... - ela disse. - Parece ótimo contar com alguém que consegue colocar esses brutamontes nos seus devidos lugares... e como eu não tenho pai, o senhor se importa de ser meu pai também? Quem sabe consegue dar um jeito no meu namorado.

Talvez ela estivesse falando na brincadeira, mas seu jeito acanhado dizia mesmo que ela ficou impressionada com a maneira de meu pai cuidar da Magali e de mim, acho que ela sentia mesmo falta de alguém que a protegesse.

Meu pai pego desprevenido olhou em volta procurando apoio da minha mãe que se aproximou e abraçou a mulata de maneira afetuosa.

- É bem vinda a nossa família, minha querida. - minha mãe disse e ela sorriu feliz. Talvez não esperasse ser aceita ou até pensasse que tudo se tornaria uma brincadeira, mas a Lucia pareceu encantada como se nunca tivesse recebido um abraço verdadeiro.

Para muitas pessoas minha família é esquisita, porque não escondemos o que sentimos e somos verdadeiros em nossos sentimentos, meu amigos ali presentes eram poucos, mas seletos, cada um deles sabia como nos comportávamos e com o tempo eles também passaram a ser assim, por isso eu podia afirmar que todos ali eram uma única família.

- Bem... - meu pai começou a dizer procurando pelo Nunez. - Imagino que pela sua cara assustado você é o namorado da minha nova filha.

Assim que meu pai deu um passo na direção dele, todos riram, inclusive o Luidi que se acabou vendo o jeitão do Nunez.

- Eu já entendi senhor! Nada de encostar nela ou pisar na bola! Entendi perfeitamente senhor... - o Nunez disse erguendo as mãos dando alguns passos para trás.

- Ótimo, estamos todos entendidos!

- Isso merece um brinde! - alguém disse e todos foram saindo da cozinha e nos voltamos a ficar sozinhos.

- Déjà-vú – falei saindo da sozinha para ir atrás deles.

- Onde pensa que vai ruivinha?

- Estão nos esperando lá fora!

- Volta aqui... Agora entendo a aflição do noivo na festa de casamento... por que eu não vejo a hora de tudo isso acabar para que possa ficar... sozinho... com minha esposa. - ele disse sendo malicioso mordendo a ponta minha orelha e foi descendo beijando meu pescoço enquanto me encostava no armário para beijar minha boca.

- Ei, vocês não vem? - meu pai apareceu na porta e o Luidi me soltou imediatamente.

- Só estava fazendo o que o senhor mandou!

- Acha que eu sou idiota, estava agarrando ela de novo! Anda logo, vem...

Assim que atravessamos a porta da varanda as pessoas gritaram em saudação erguendo suas taças, alguém nos entregou duas taças e disse que na minha tinha água por causa dos remédios que eu ainda estava tomando.

- Déjà-vú. – Luidi e eu falamos juntos fazendo graça.

- A felicidade de vocês! - alguém gritou e todos repetiram alegres nos fazendo sorrir, olhei para o Luidi e distraída esbarrei a mão na coluna deixando a taça se espatifar no chão.

- Déjá-vú! - o Luidi disse olhando para a taça espatifada e ficou sério, pegou seu celular discando alguns números apressados demorou alguns instantes até que alguém atendesse.

As pessoas se olhavam, tentando entender porque o brinde não havia acontecido e perceberam que o Luidi estava ao telefone e ficaram prestando atenção no que acontecia.

- Pai! - ele disse apressado. - Não, não, não espere... pai, se estiver no laboratório, cuidado porque existe perigo de incêndio.

Todos fizeram silêncio vendo o desespero dele, que ficou ouvindo por alguns instantes e sorriu em seguida parecendo aliviado, as pessoas se olhavam e continuavam a ouvir ligação sem entender o que acontecia.

- Tudo bem, então se conseguiu evitar o incêndio eu fico tranqüilo... – ele pareceu respirar aliviado. - Liguei porque quero que compartilhe uma data importante comigo e também preciso de uma coisa... Pode me dar a aliança da mamãe?

Dei risada ele realmente pretendia enfiar uma aliança no meu dedo o quanto antes.

- Eu sei que não vai acreditar, considerando que sou eu, mas... Trata-se de um casamento... Pretendo dar aliança a minha esposa.

Ouvindo isso todos deram risada e as garotas se derreteram encantadas, sem nem imaginar que já estávamos casados.

- Como sabia que era ela? Estamos na casa da irmã dela que mora a duas ruas da sua casa, eu adoraria que viesse agora a família dela está toda aqui só falta você... Tudo bem, vou ficar esperando. - o Luidi disse dando um beijo suave na minha boca, escutando o pai dele que falava alguma coisa. - Pai, não esquece a aliança!

Todos deram risada novamente da ansiedade dele, assim que ele desligou meu pai começou a fazer gracinha.

- Rapaz, o casamento na minha família é diferente, mas a aliança é apenas para o dia do casamento... tem tempo para você pegar...

Todos riam e faziam comentários engraçados, mas aos poucos as risadas foram cessando quando perceberam que o Luidi continuava sério.

- É... bem... Preciso da aliança porque nos casamos a pouco e prometi a sua filha que lhe daria uma aliança a ela assim que voltássemos!

- Como é que é?

- Nos casamos...

- Mas que baboseira é essa?

- Gisely fez o acordo para que eu não morresse num incêndio que aconteceria hoje... na casa do meu pai. - o Luidi disse mostrando o celular, fazendo todos se lembrarem que o pai dele havia dito algo sobre ter controlado um incêndio.

- Quando se casaram?

- Há pouco...

- Onde?

- Para resumir, o idiota do ex-namorado dela está lá fora esperando que a gente saia para nos atropelar e quando isso acontecer iremos direto para o mundo dos mortos.

A cara de descrente do meu pai foi fantástica.

- Tá me achando um perfeito idiota, né rapaz!

- Não! Se quiser pode conferir que ele está lá fora nos esperando, vai passar com o carro em cima da gente!

- Está dizendo que isso tudo já aconteceu e vocês estão vivendo de novo?

- Esquisito eu sei... mas resumindo é isso, pedi a Gisely em casamento antes de toda essa confusão, mas ela só aceitou quando estávamos no mundo dos mortos.

- Olha rapaz, os dois estiveram em coma por muito tempo, os médicos disseram que coisas estranhas podiam acontecer por um tempo, acho que você ou a minha filha desmaiaram, ficaram em transe ou qualquer coisa do tipo, enquanto estavam lá dentro, mas garanto que ninguém morreu!

- Pai, cada coisa que aconteceu até agora nós já vimos e garanto que o Leonel está lá fora pronto para nos atropelar...

- Vocês se casaram lá... digo nesse lugar que chamam de mundo dos mortos? - minha amiga romântica perguntou.

- Sim... - respondi.

- Isso é mesmo verdade? - a mulata perguntou olhando para o Luidi.

- É Lucia, minha alma se uniu a dela.

- Olha aqui rapaz... O namorado da Gisely, saiu daqui irritadíssimo com você, não me espanta ele ter querido passar por cima de você! Porque para ser sincero eu mesmo estou com vontade de torcer seu pescoço, porque me acha idiota o suficiente para acreditar nessa mentira maluca!

- Não é mentira seu Jonas, casei com sua filha, num lugar louco e irreal, mas juro que foi de verdade!

- Conheço bem tipos como você, talvez tenha dito isso a ela de alguma maneira a feito acreditar nessa maluquice que estavam mortos, só para levar minha filha para um lugar mais tranqüilo.

- Pai!

- Gisely, esse cara não é bom para você! Definitivamente esse cara não é bom pra você!

- Há quanto tempo o senhor é casado?

- 42 anos com muito orgulho!

- Desculpe a falta de respeito, mas consegue se lembrar como se sentiu quando descobriu que amava sua mulher? E quantas vezes pensou em morrer para protegê-la? Ou quantas quis buscá-la no mundo dos mortos? E pode ter certeza que eu sou normal, por isso pergunto ao senhor, quantas vezes antes da união de suas almas teve que se concentrar para que não perdesse a cabeça e se portasse como um canalha? Desculpe, não tenho como fazer nenhum de vocês acreditarem, mas eu amo sua filha e me casei com ela...

- Pai, é loucura tudo isso, mas acredite você e a mamãe me ensinaram que a coisa mais importante num casamento é a união das almas através dos votos feitos pelos noivos, nossas almas fizeram seus votos, nossas almas se uniram...

- Fizem seus votos de casamento? - minha mãe repetiu assustada, agora se levantando de onde estava.

- Fizemos... - Luidi respondeu e me abraçou. – Segundo a tradição da sua família, agora a Gisely é minha esposa!

- Estão casados! – minha mãe disse estarrecida olhando para o meu pai.

A campainha tocou e a Irene foi abrir a porta, chamando o Luidi em seguida eu olhei para todos percebendo que eles comentavam sobre acreditar em tantas loucuras ou não e resolvi sair atrás do Luidi.

- Gisely se lembra do meu pai?

- Sim, seja bem vindo!

- Fiquei feliz em saber do casamento, seja bem vinda a minha família!

- Obrigada... Vem conhecer todo mundo.

Entramos na varanda e todos continuavam conversando sobre o suposto casamento.

- Essa é minha família. – falei alto mostrando a todos que estavam ali.

O pai do Luidi foi cumprimentando as pessoas que o receberam com alegria eu me afastei indo abraçar o Luidi.

- Seu pai está furioso comigo ruivinha, olha a cara dele, acho que vai me matar...

- Ele precisa de tempo para assimilar que deixei de ser a garotinha dele e agora sou sua esposa.

- Adoro ouvi-la dizer isso, pode repetir?

- Sou sua esposa... – falei passando a língua em meus lábios para que eles ficassem úmidos. - Sua mulher... Serei só sua... – repeti o vendo respirar fundo e sorrir maliciosamente.

- Essa festa precisa acabar logo!
O pai dele disse alguma coisa alto que nos chamou atenção.
- Esses dois aqui também são da sua família Gisely? - ele apontava o Nunez e o Nestor.
- Sim... Agora são oficialmente meus cunhados! – falei e todos começaram a rir.
- Esses são meu pai e minha mãe... Esse é o pai do Luidi... Esteve no centro cirúrgico quando fui operada...
- É um prazer conhecê-los... Têm uma linda família Gisely...
- Se quiser pode ser sua família também... – falei e ele pareceu emocionado por não esperar aquilo.
- Seria uma honra!
- Fiquei sabendo que quase ocorre um incêndio na sua casa há pouco. - meu pai pareceu não resistir em perguntar.
- Bem, às vezes estou tão concentrado nas pesquisas que acabo esquecendo que tem material inflamável por todos os lugares... Agora a pouco só não aconteceu algo pior porque o celular tocou e estava no armário perto do fogareiro, quando eu fui atender vi a tempo e resolvi o problema, pode ter certeza que se o Luidi não ligasse provavelmente os garotos aqui já estariam correndo para minha casa. - o pai do Luidi disse normalmente apontando para o Nestor, Nunez e o Luidi, todos ouviram a história e faziam comentários a respeito.
- Sei... Que bom que ele ligou então... - meu pai disse olhando para o Luidi.
- Pai, você trouxe? - o Luidi perguntou parecendo ansioso.
- Ou! Desculpe, quase me esqueci. - ele colocou a mão no bolso e retirou uma caixinha de veludo e a entregou ao Luidi que me olhou nervoso erguendo as sobrancelhas.
- Imagino que agora vai se casar de novo com a minha filha?
- Se o senhor me permitir.
- Primeiro faz seus votos e agora vem com essa ladainha “*se o senhor me permitir...*”, os votos de casamento é o que se tem de mais sagrado e quando feitos de coração, é um casamento entre almas e é para sempre, tem idéia no que está se metendo?
- Tenho, e o senhor pode ter certeza, que foi minha alma que fez os votos a ela.
A discussão dos dois parecia irreduzível, talvez nunca se entendessem.
- Se já fez isso uma vez rapaz, não vai se importar em fazer de novo na minha frente.
Ficou claro que meu pai ainda estava atravessado com essa história toda.
- D-De novo?
- É de novo, qual o problema? Sua alma foi dar uma volta e te deixou sozinho aqui para me enfrentar? - meu pai disse se divertindo e todos riram.
- Está se casando Luidi? - o pai dele perguntou se sentando perto de meus pais.
- É um pouco complicado, mas já nos casamos, agora estou apenas tentando colocar a aliança no dedo dela. - o Luidi respondeu deixando claro que não tinha intenção de repetir seus votos.
- Sem votos não tem aliança!
- Eu já os fiz!
- Luidi, um casamento é uma coisa séria, tem certeza do que está fazendo? Vocês não tinham um problema para ficarem juntos, você só a via dormindo. - o pai dele disse tentando ajudar.
- Quando via minha filha dormindo?
- Luidi!! O pai da moça não sabia?
- Obrigado pai, agora ele sabe! Se ele não ia com a minha cara, agora então... Olha, não importa, Gisely é grandinha e ela sabia e permitiu que eu ficasse lá... - Luidi foi tentando se defender e todas as pessoas prestavam atenção na discussão.
- Ficava no hospital enquanto ela dormia? - meu pai disse se levantando completamente irritado, minha mãe segurou seu braço tentando contê-lo.

- Ela apenas dormia, qual o mal podia haver isso? Era a única maneira de vê-la sem que ela fosse queimada ou o senhor preferia que ela sentisse dor quando me visse?

Meu pai deu mais um passo parecia enfurecido.

- Você é abusado rapaz! Pode estar acostumado com outras namoradas as quais provavelmente não dava qualquer satisfação a família delas, mas pode ter certeza que na minha família a coisa é bem diferente. - meu pai disse deixando claro a posição dele.

Em seguida olhou na mesa achando o Nestor e o Nunez.

- Isso serve para vocês também, podem achar engraçado e que tudo não passa de uma brincadeira quando disse que a Magali e a Lucia são minhas filhas, mas um dia vocês vão entender o significado de ser pai e saberão que pais não são necessariamente aqueles que colocam no mundo, mas sim aqueles que zelam protegem seus filhos e podem ter certeza que eu faço isso muito bem!

Ninguém abria a boca, todo mundo só ficava atendo ao que meu pai dizia.

- Quando alguém aceita fazer parte da minha família é de uma maneira verdadeira, aqui ninguém costuma magoar ninguém, respeitamos uns aos outros e principalmente pai e mãe, no que diz respeito a relacionamentos amorosos só existe uma condição, que seja um sentimento verdadeiro... Os amigos já Gisely já nos conhecem e sabe, mas vocês não queiram fazer parte de minha família se não pretenderem respeitar esses princípios, isso vale principalmente para você rapaz que está me enfrentando desse jeito! Gisely é minha filha e ninguém fará mal a ela enquanto eu viver!

Talvez no começo o Nunez e o Nestor tenham achando engraçado a encrenca do Luidi, mas agora pareciam sérios pensando no que meu pai havia dito.

Como meu pai disse meus amigos nos conheciam bem e há tempos seguiam as palavras do meu pai, por isso éramos todos tão unidos como uma grande família.

O Luidi me olhou e acho que nesse momento ele entendeu o que significava sentimentos verdadeiros, amor incondicional e proteção.

- Seu Jonas, o senhor me desculpe, não quis desrespeitar sua família, apenas entenda eu amo a Gisely... Está certo em dizer que eu nunca dei satisfação a família de minhas namoradas, porque a maioria delas eu nem cheguei a conhecer... Talvez só agora eu entenda o sentimento que une sua família e gostaria mesmo que me deixasse fazer parte dela. - o Luidi disse com humildade pegando meu pai desprevenido.

- Está se desculpando? - o pai do Luidi perguntou espantado. - Está se desculpando com o pai da garota? - o pai dele repetiu agora assombrado. - Você a ama de verdade Luidi?

- Claro que eu a amo! Estou repetindo isso a mais de 1h. pai... e pode ter certeza seu Jonas se as coisas tivessem acontecido de outra maneira eu não teria me casado com ela sem sua permissão.

Meu pai assobiou impaciente como se não acreditasse.

- O senhor não faz idéia de quantas vezes eu a vi morrer sem poder fazer nada para impedir... Quantas vezes eu achei que tudo estava certo e que poderíamos nos entender como qualquer casal normal, mas sempre e sempre e sempre acontece algo e ela morre em meus braços, pode não acreditar, mas eu a pedi em casamento e foi como eu contei antes, acabamos atropelados e fomos declarados mortos, era apenas nossas almas ali e ela disse que aceitava se casar comigo... Eu fiquei tão feliz que fiz meus votos sem me importar se morreríamos ou se conseguiríamos voltar... Só quero que me aceite na sua família já que agora estou casado com ela... Apenas isso, por favor. - o Luidi disse olhando para o meu pai que pareceu aceitar aquilo como um pedido sincero de desculpas.

- Espera! - o pai do Luidi disse se levantando agora e eu olhei para ele imaginando que tudo começaria de novo.

- Está dizendo que aconteceu como antes, quando ela foi declarada morta e depois ressuscitou? Está dizendo que histórias confusas e irreais aconteceram com vocês novamente?

- Isso pai...

- Aconteceu aqui e você também morreu?

- Sim pai...

- Por isso estão querendo se casar?

- Pai, eu já estou casado! – Luidi respondeu irritado e depois olhou para meu pai. - A tradição da sua família diz que estamos casados, vocês não podem mudar isso, fizemos os votos! É a sua tradição!

- Eu falei que essa noite seria fantástica! - a mulata disse batendo palminhas animadas e todos olharam para ela que se sentiu acuada e foi falando. - Deviam tê-lo conhecido antes, definitivamente não estaria aqui afirmando que se casou com ela... Eu acredito nisso cegamente.

- Luidi, vocês estiveram em coma, às pessoas ficam confusas e fazem coisas confusas quando passam pelo coma, filho pense bem, a história de vocês é linda, digna de um livro, mas acredite é difícil de aceitar! Talvez se fizessem um casamento normal...

- De que lado você está afinal pai? Estou casado e pronto! Precisam acreditar... É verdade! - ele disse parecendo mesmo cansado disso. - Não posso ficar longe dela nem mais um minuto se quer e se ela morrer de novo e se algo acontecer... - o Luidi disse como se implorasse para que meu pai aceitasse.

- Está pedindo demais rapaz, não posso acreditar em nada do que disseram, numa outra oportunidade quem sabe poderá fazer parte de minha família.

- Eu concordo com o pai dela filho em outra oportunidade vocês se casam, seja numa cerimônia comum ou em uma tradicional como a da família dela... mas não agora! Vocês não estão falando coisa com coisa... Dê um tempo para as coisas se ajeitarem, sofreram um trauma muito grande, demora um pouco para tudo voltar ao normal!

- O que eu faço? Não vou deixar você de novo! - o Luidi disse me abraçando encostando sua testa na minha, eu pensava em como conseguiria resolver aquela situação, não pretendia brigar com meu pai e não pretendia ficar longe do Luidi, de repente senti que alguém tentava passar entre a gente.

- Licença tia, licença tio. - olhei para baixo e vi a princesinha tentando passar por entre a gente para chegar até a mãe dela.

- Pensei que não fosse mais ver você e o tio... - ela disse afetuosa abraçando nossas pernas e nos abaixamos, enquanto todos ouviam interessados o jeito carinho dela.

- Parece que ficaremos juntas mais algum tempo meu anjo.

- O tio também vai ficar?

- Sim, ele vai... – falei e a vi dar um abraço apertado nele, todos vieram a cena sem entender, ela o soltou e foi até o colo da mãe dela.

- Sua filha costuma mentir? - o Luidi perguntou a minha irmã, enquanto segurava firme a minha mão.

- Não. - minha irmã respondeu enquanto arrumava os cachinhos ruivos da Isabely.

- Minha princesinha sabe que mentir é muito feeeeeio! - Irene respondeu olhando para a princesinha que riu da careta que a mãe dela fez.

- Então porque o senhor não pergunta a sua neta para quê são as flores que ela está segurando? - o Luidi disse ao meu pai e só agora eu reparei que apertada junto à boneca ela segurava às flores do meu casamento, meu pai suspirou nos olhando intrigado.

- Ela chegou agora, não ouviu qualquer palavra sobre nossa união, quem sabe se todos ouvirem o que ela tem a contar possam acreditar... - o Luidi insistiu.

- Pergunta de uma vez! - minha mãe irritada cutucou meu pai.

- Mas que flores lindas meu anjinho... O que faz com elas aqui? - a princesinha olhou para as flores apertadas na boneca e pareceu se lembrar.

- São da vovó. - ela disse saindo correndo do colo da Irene indo até onde minha mãe estava.

- Parece que ela pegou as flores no jardim para dar a avó. - meu pai disse zangado olhando para o Luidi.

- Não vovô, foi ele que pegou! - ela disse rápido apontando para o Luidi, olhando para meu pai e para a mãe dela. - Foi ele eu juro! - ela insistia. - Mamãe! Num fui eu não! Foi ele que pegou as flores para a tia Gi... - ela parecia querer se isentar do castigo.

Ela pareceu pensar um pouco e depois foi continuando a história enquanto todos ouviam interessados.

- Mas não fique brava porque era uma ocasião especial! - ela ia dizendo sorrindo e olhou em nossa direção feliz. - ele casou com a tia Gi, igual à Cinderela casou com o príncipe, foi bonito eu vi, tinha muitas luzinhas brilhantes quando ele beijou ela... Eles falaram coisas bonitas, fotos... quer dizer, votos o tio disse que eram votos... - ela se corrigiu e algumas pessoas riram da maneira linda dela falar. - Daí mamãe, ele passou mal, ficou com medo de estar casado, mas eu ajudei ele... - ela disse estufando o peito parecendo corajosa e todos riram do Luidi e ela continuou a contar. - Depois a tia Gi, pediu para eu te entregar as flores para a vovó por que... - ela me olhou triste. - Ela não ia voltar, estava morrida...

- Morta! - meu pai a corrigiu sem se dar conta.

- Isso vovô, o tio e a tia estavam mortos... - ela disse nos apontando. - Quando morrer vai sempre voltar tia? - ela perguntou sem entender e meu pai nos olhou e minha mãe começou a chorar.

- Quantas vezes eu puder, meu anjo!

- Vovó, não fica triste a tia Gi disse que era para você ficar contente porque ela tinha casado e estava feliz e você também ia ficar... são suas vovó... as flores... - ela disse entregando as flores a minha mãe que as pegou e continuava a chorar.

Algumas pessoas estavam emocionadas e todos pareciam encantados com as palavras sinceras da princesinha, ela dizia que vira muitas coisas bonitas a nossa volta quando fazíamos nossos votos de casamento, meu pai e o pai do Luidi pareciam pasmo ouvindo a princesinha, poderiam até não acreditar, mas definitivamente não tinham argumentos para contestar.

- Se casou com a minha filha? Sem a minha permissão? - meu pai disse mais afirmando do que perguntando.

- Ela estava morrendo... - o Luidi respondeu comigo em seus braços. - Mas apesar de já estarmos casados, gostaria que me deixasse fazer parte de sua família, posso fazer os votos de novo se faz tanta questão.

- Inacreditável, eu convido o rapaz para uma festinha e ele sai daqui casado com a minha filha! - meu pai disse parecendo emocionado deixando claro que não daria o braço a torcer, mas já aceitava o Luidi em nossa família.

- Os deixe em paz! - era minha mãe lhe dando um cutucão.

- Parece que ganhou a sogra rapaz! Está mesmo disposto a isso?

- Estou!

- Gisely é minha garotinha... Então se realmente está disposto a fazer parte dessa família vá em frente, tente me convencer.

- Luidi o pai da garota é exigente, então boa sorte e capriche em seus votos...

- Obrigado pelo apoio pai!

O Nestor e o Nunez sem resistir faziam gracinhas deixando o Luidi mais nervoso ainda, ele havia pego a caixinha de veludo e a rodava na mão sem saber o que fazer.

- Tenente... - o Nunez começou a falar, mas o Luidi interrompeu.

- Eu vou rebaixar os dois, se não calarem a boca agora! Vão lavar o caminhão durante 3 meses depois de cada chamada!

Dei risada, vendo que ele tentava parecer estar nervoso com o Nestor e com o Nunez quando estava evidente que seu nervoso era por ter que convencer meu pai.

- Luidi, não precisa fazer isso. – falei.

- Mas eu quero... - ele disse abrindo a caixa e retirando um lindo anel de prata com um diamante na ponta. - Era da minha mãe, espero que não se importe em usá-lo.

- Ficarei honrada.

- Bem, agora deve ser mais fácil que da primeira vez...

- Estou esperando rapaz! - meu pai disse cruzando os braços encostado na coluna ao lado da minha mãe.

- Tá eu entendi! – Luidi tentou sorrir nervoso e segurou minhas mãos. – Gisely, nos últimos dois meses eu passei por minhas maiores aflições, muitas vezes tive medo, mas sempre que precisei você esteve ao meu lado e lutou por mim, talvez ninguém nunca acredite que estamos vivendo uma louca história de amor, mas não importa, porque nós acreditamos.

Sorri feliz sem nem acreditar.

- Eu sei que é terrível mencionar isso, principalmente porque quase morri há pouco. - ele disse sorrindo nervoso, enquanto todos ouviam atentos. - Mas se morresse hoje estaria em paz, me reconciliei com meu pai. - ele disse olhando para o pai dele que pareceu ficar emocionado. – Tenho grandes palhaços... que dizer amigos... – um sonoro coro de risadas se fez presente e o Luidi só continuou quando todos ficaram quietos novamente. – Como eu dizia... tinha quase tudo... não sei quantas vezes estive nesse mundo nem lembro quanto tempo vaguei por aí, a única certeza que tenho é que posso ter passado por mil vidas mas cada uma delas só teve sentido depois que encontrei você! Depois de tantas nossa união só começa agora, não importa! Dessa vez ela será eterna!

- Nossa! – uma das garotas disse se encostando no namorado.

- Eu gostaria que usasse esse anel... Isso se eu convencer seu pai, claro! - ele disse fazendo todos rirem alto e eu vi meu pai se ajeitar encostado na coluna, parecia que não ia mesmo dar o braço a torcer.

- Desculpe, eu estou nervoso seu Jonas, nunca fiz isso antes.

- Pensei que essa fosse à segunda vez... - meu pai disse sério e o Luidi encheu o peito para continuar.

- O senhor não é moleza! - ele disse olhando para o meu pai e todos voltaram a rir, mas meu pai continuou sério. - Tudo bem eu já entendi... – Luidi deu uma olhadinha para mim e depois voltou a olhar para o meu pai.

- Não sei mais o que dizer seu Jonas. Precisa saber que eu gosto dela de verdade, vou honrá-la e respeitá-la, cuidarei dela por toda a vida e se algo lhe acontecer e se eu puder ir buscá-la novamente no mundo dos mortos, farei isso sem pensar duas vezes, porque ela é especial para mim eu a amo e a quero ao meu lado.

Ninguém disse nada o silêncio se prolongou até que minha mãe deu um cutucão no meu pai.

- Tudo bem, me convenceu, bem vindo a família! - meu pai disse estendendo a mão para o Luidi e todos fizeram festa. - Mas... - meu pai disse e todos pararam para olhá-lo. - Essa é a união de almas, significa que a partir do momento que colocar essa aliança no dedo dela estará casado, isso quer dizer que só terá a ela, sem outras mulheres ou vida de gandaia e Deus te ajude se a fizer sofrer... Terei prazer em acabar com você!

- Entendi seu Jonas eu entendi! – o Luidi respondeu ainda apertando a mão do meu pai. – Bem, agora a aliança! - ele disse deslizando a aliança em meu dedo. - Amo você ruivinha!

- Amo você bombeiro!

- Faça seus votos Gisely. - alguém disse e todos se empolgaram cobrando isso.

- Meu pai é exigente ruivinha, então melhor caprichar!

- F-Fazer? E-Eu... eu... – tentei formar palavras elas não saiam.

- Vamos ruivinha só não vale dizer o que me disse quando nos casamos na primeira vez, porque isso é imbatível. - ele disse sorrindo lembrando sobre a minha virgindade.

- T-Tudo bem, então lá vai... – respirei fundo e todos deram risada, então fechei os olhos pensando no que dizer. – B-Bem... Como todos sabem sou fotógrafa e sempre procurei a imagem perfeita onde nela eu pudesse ver o bom humor, a sinceridade, a proteção, a amizade, companheirismo, a paz e o amor... Todos presentes em uma única imagem...

Respirei fundo tentando me concentrar vendo o sorriso lindo do Luidi na minha frente.

- Mesmo nos momentos difíceis que passamos juntos você nos fez rir de verdade, você quis me proteger quando tirou minha alma do centro cirúrgico porque não queria que eu ouvisse o médico dizer que talvez eu não voltasse a andar, foi companheiro quando disse que eu poderia abraçá-lo quando estávamos no berçário, o detalhe nesse gesto simples é que você não podia me ver, apenas sentia a presença da minha alma enquanto meu corpo era operado no andar de cima...

Percebi as pessoas me ouviam e pareciam se sensibilizar, algumas até se abraçaram.

- Eu vi a paz em você quando segurou minha mão em meu leito de morte, pedindo para que eu voltasse, e quando a 1h atrás foi idiota o suficiente para dizer que só me tornaria sua mulher depois que estivesse casado comigo e se não bastasse se casou duas vezes no mesmo dia só para me agradar... Luidi, você é a imagem perfeita onde eu encontrei o que sempre procurei... eu amo você!

- É acho que ela foi melhor que você! - o pai dele disse rindo e todos também riram.

Luidi me beijou, uma, duas, três vezes sem me soltar.

- Lamento interromper. - meu pai disse dando um tapa forte no ombro do Luidi.

- Estamos casados! Foi o senhor que disse que eu podia encostar nela depois de casado! Então estamos casados!

- Eu sei... Tenho certeza que vai cuidar bem da minha ursinha... Porque senão eu vou cuidar de você! - meu pai disse querendo assustar o Luidi e minha mãe deu um tapa no ombro dele por isso.

- Não liga para ele... Está brincando, queremos que sejam felizes. - minha mãe falou me dando um beijo e outro no Luidi.

- Obrigada!

- Então nós já vamos... - o Luidi disse pegando minha mão para sairmos.

- Nem pensar... Vocês ainda têm uma festa... – meu pai disse mostrando todos ali se divertindo.

- Seu sogro era tão perverso como o meu? Quer dizer... O senhor passou por isso, quando se casou? - o Luidi perguntou chegando mais perto do meu pai acho que tentava usar a cumplicidade masculina.

- Quando descobri que na família dela o casamento era diferente, achei que ia ser fácil, mas meu sogro era um grande filho da mãe, andava armado o desgraçado, aí de mim se ficasse agarrado com ela dessa maneira... - meu pai disse nos apontando e o Luidi me soltou um pouco. - Uma cerimônia simples, o desgraçado disse, apenas união de almas, mas foram 5h de festa... Mas 1h para desabotoar o raio do vestido que nem era de noiva, eram 85 botões de pérolas e a droga de uma camisola que era cheia de fitas e não saía nem a pau.

- Tudo bem, o senhor ganhou, ela não tem vestido e nem camisola e isso aqui não vai durar 5h.

Pelo resto da noite as pessoas comentavam o quanto tudo aquilo havia sido uma loucura, algumas emocionadas nos cumprimentavam por enfim estarmos juntos outros mais céticos diziam que tínhamos enrolado meu pai.

Meu pai e o pai do Luidi se entendeu muito bem, eles tinham algumas coisas em comum, gostavam e implicar com o Luidi e adoravam pescaria.

Luidi e eu estávamos a todo tempo cercado de pessoas, que não cansavam de perguntar os detalhes de como aquela loucura toda havia acontecido, por toda a noite trocamos olhares cumprisses... Porque não apareceu nenhuma chance de ficarmos sozinhos nem por alguns minutos, nem para alguns beijos...

- Gisely, pode vir até aqui, um instante. - Irene disse me afastando do Luidi.

Fiquei um tempo parada em meio a conversa casual que acontecia entre a Magali, minha mãe a Irene e a Lucia que agora também era da família e parecia radiante com isso.

- O que foi? – perguntei imaginando que não haviam me chamado ali para manter uma conversa casual, a Lucia foi a primeira a falar.

- Quero que saiba que nunca dormi com o Luidi, somos amigos há muito tempo e por um motivo idiota saímos por algumas semanas.

- Eu já sabia, mas foi legal você me dizer, ia mesmo ficar estranho se eu acreditasse que minha irmã dormiu com meu marido. – falei rindo e acho que ela não esperava me ouvir disser que a considerava como irmã.

- Ai, obrigada vocês são mesmo especiais... - ela disse e seu abraço foi demorado e verdadeiro, como todos deveriam ser.

- Quem é a próxima? – perguntei fazendo graça.

- Eu fui até o apartamento e peguei algumas roupas e outras coisas para você, espero ter escolhido bem... O Nestor e o Nunez ficaram no lugar do Luidi amanhã, assim podem ter algo parecido com uma lua de mel.

- Obrigada Magali, estou me sentindo uma princesa, obrigada! Quem vem agora? - dei uma olhadinha para o Luidi e quando ele me viu sorriu lindamente.

- Ainda é virgem filha?

- MÃE!?

- Deixa de ser boba Gisely, estou perguntando por que você sempre foi tão sonhadora que eu imaginei que pudesse ter ficado esperando o príncipe encantado... Sabe filha, eu era virgem quando me casei e n... – dei risada e a interrompi.

- Mãe está tudo bem, vou saber o que fazer, hoje em dia ensinam essas coisas até nas novelas, tenho certeza que tudo ficará bem!

- Filha, melhor dizer a ele que é virgem, assim ele vai com mais cuidado... Sua vida vai mudar... Vai ter necessidades, sentir vontade...

- Assim espero mãe! - respondi ainda achando engraçado o jeito dela, me balancei de um lado e do outro tentando ter uma visão melhor do Luidi.

Que corpo lindo ele tem, eu pensava olhando detalhadamente cada parte do corpo dele, escutando ao longe o que elas falavam.

- Gisely! Pára de devorar o rapaz com os olhos!

- Mãe, eu sou doida por ele, acabo de me casar e o papai não nos deixa sair daqui para que possamos... - eu ia gesticulando procurando uma palavra. - Vocês sabem!

- Como pode não estar nervosa se é virgem? - a Lucia perguntou. - Desculpe não quero ser pessimista ou estraga prazeres ou uma irmã muito chata. - ela disse rindo.

- Mas concordo com sua mãe, para mim também não foi bom da primeira vez.

- Fiquem tranquilas, tenho certeza que será bom para mim, eu acredito nisso e confio nele. – falei sorrindo para o Luidi que também parecia enfeitiçado me olhando.

- Consegue se concentrar em outra coisa que não seja ele por alguns minutos. - a Magali disse me fazendo virar um pouco.

- Alguns minutos... – falei rindo, dando mais uma olhada na direção dele que sorriu vendo a cena.

- Gisely! - a Magali disse me repreendendo novamente e eu suspirei.

- Sei que estão tentando me proteger ou me preparar... Mas, entendam... Nesses dois meses eu tive medo de não voltar a viver, senti muita dor física, e passei por uma pressão emocional fora do comum, fiquei angustiada como nunca estive na vida... Acabo de me casar com o cara mais lindo do mundo e de quebra ele é bombeiro... Diz para mim qual de vocês nunca teve uma fantasia com um bombeiro...

As vi suspirar, até minha mãe ficou sem graça e eu dei risada delas antes de continuar.

- Por favor, precisam ver o lado positivo da noite de hoje, esqueçam a virgindade e a dor ou o desconforto, ou seja lá o que cada uma de vocês sentiu quando aconteceu, porque isso não vai acontecer comigo, essa noite é especial, vou ser amada... pelo homem que amo... Essa não é a coisa mais incrível que podia me acontecer? Eu confio nele... – falei olhando apaixonada para o Luidi que sorriu, provavelmente imaginando o que elas estavam fazendo comigo.

- Será muito feliz, filha!

- Eu já estou sendo feliz mãe, sobrevivi a três tiros, enfrentei demônios, tenho uma família incrível, minha alma se uniu a alma do Luidi... Pode ter certeza que já sou muito feliz mãe... – virei procurando pelo Luidi, que apareceu na minha frente de repente.

- Posso roubá-la? - ele disse olhando para elas.

- Claro! Vá com Deus minha querida... Cuide bem da minha menina rapaz!

- Vou cuidar, pode ter certeza que eu vou cuidar. - ele respondeu e deu um beijo no rosto da minha mãe que foi pega desprevenida.

- Ganhou um beijo do bombeiro hein mãe! – falei e todas deram risada.

- Gisely!!!

Continuamos a rir agora mais ainda vendo o jeito sem graça dela.

Nós saímos e eles no acompanharam, antes de pisarmos na rua todos olharam pela rua e faziam algumas gracinhas, mas no fundo estavam querendo ter certeza que o carro do Leonel não estava mesmo ali, entramos no carro do Luidi e saímos do condomínio.

- Então agora eu sou casado com uma fotógrafa!

- Sim, uma fotógrafa excelente e premiada!

- Nossa! Preciso ter cuidado, seu olhar crítico deve ver coisas em mim que outras pessoas não vêem!

- Isso é verdade! Vejo muitas coisas em você... Agora quero ver cada uma delas de outros ângulos.

Ele deu risada me olhando cheio de insinuações.

- Que tal de farda... sem farda...

Dei risada.

- Falando em farda, pode me fazer um favor?

- Sim...

- No começo do ano a turma da Isabely...

- Isabely, minha sobrinha linda, salvou meu casamento! – ele disse rindo e parecia todo orgulhoso.

- Isso, sua sobrinha linda! Então, no começo do ano a turma dela da escola recebeu a visita de um bombeiro... e no dia eu fiquei de ir até lá para fazer uma foto da turma toda com ele, mas fiquei presa numa reunião e não cheguei a tempo!

- O bombeiro malvado foi embora e nunca mais voltou...

- Quase, na verdade ele nem sabia, fiquei sem graça de ligar e pedir para ele voltar! As crianças ficaram decepcionadas...

- Onde é a escola dela?

- Uma escolinha na R: Santos, fica algumas quadras do condomínio.

- Na R: Santos? – ele deu risada me olhando enquanto guiava.

- Sim...

- Foi no começo do ano? – ele continuou a rir sem eu entender.

- Sim...

- O bombeiro era eu!

- Sério?

- Sério! Quem deveria ter ido era um colega, mas como eu precisava pegar o resto das minhas coisas na casa do meu pai, acabei me oferecendo...

- Então, era para a gente ter se conhecido naquele dia...

- Provavelmente ruivinha!

- Onde fica seu batalhão? – perguntei curiosa.

- Na zona oeste, atrás do parque Coleirinha...

- Aquele em frente ao canil Lucas Silvério? – falei devagar quase rindo.

- É, conhece o Lucas?

- Fiz alguns trabalhos para ele... – tentei esconder o riso.

- Porque está rindo?

- Fui fotografar o canil para um folder e ele acabou pedindo para eu tirar foto de um cachorrinho, desculpe não lembro a raça, mas era pequeno e o danado acabou escapando e eu corri atrás dele... bem, conclusão pisei de mal jeito em uma canaleta e meu pé ficou preso... adivinha o que o exagerado do Lucas fez? – dei risada lembrando.

- Chamou os bombeiros!!

- Isso!

- Esse dia foi engraçado... – Luidi falou rindo. – O Lucas todo afeminado chegou soltando a franga dizendo que tinha uma mulher presa no canil, o pelotão todo quis ir ver!

- E eu não sei! Num minuto eu estava tentando desenroscar o pé no minuto seguinte tinha uns 9 bombeiros olhando para minha cara!

- E eu perdi essa?

- Onde estava?

- Quando o Lucas chegou eu estava saindo para fazer uma inspeção, na verdade eu fui o primeiro que ele encontrou e como eu sei que o Lucas é mesmo exagerado eu pedi para ele chamar o pessoal... sabe aquele dia estava entediante e eu pensei que isso animaria a turma.

- Com certeza eles ficaram animados! Eu estava de vestido, ventava pra caramba e o raio do cachorrinho ficava latindo pra mim...

Demos risada.

- Ai se eu soubesse que era você! Tinha ido correndo...

- Perdeu outra oportunidade de me conhecer!

Voltamos a rir.

- Onde vamos? - perguntei ansiosa vendo o caminho.

Ele voltou a rir com gosto.

- Fiz a pergunta errada? Porque está rindo?

- Nem eu meus melhores sonhos eu imaginei que me casaria hoje com você.

- Bem, quando recebi alta pela manhã eu sabia que seria um dia especial, mas preciso ser sincera, não imaginei que na final da noite seria sua esposa.

- Adoro ouvi-la dizer isso. - ele disse me dando uma olhadinha. – Bem, minha esposa, vou te mostrar seu novo apartamento... - ele disse e voltou a rir.

- O que foi agora?

- Espero que goste, porque vou precisar da sua ajuda.

- Ajuda? Você é um bagunceiro incorrigível?

- Não sou organizado, bagunceiros são o Nestor e o Nunez. – fiquei sem entender e ele percebeu.

- Ah! Desculpe, deixa eu explicar direito... Quando briguei com meu pai, sai de casa, sem ter onde ficar e fui dividir um apartamento com o Nestor e o Nunez que já faziam isso, bem, deve imaginar a bagunça, três homens juntos...

- Por isso eles não respeitam você!

- É minha patente não funciona muito bem quando estou perto deles, o que me consola é que no batalhão a coisa é diferente.

- Quer dizer que morava no condomínio... a duas ruas da casa da Irene?

- Sim, até um ano atrás, por 15 anos morei ali, passei minha adolescência aprontando dentro daquele condomínio...

- Irene mora ali a mais de 10 anos Luidi, provavelmente nos esbarramos muitas vezes e nunca nos vimos de verdade.

- Nossa verdade! O destino é engraçado...

- Mas de uma maneira ou de outra ele conseguiu nos aproximar...

- É, estamos casados ruivinha!

- Verdade e agora vou conhecer o apartamento que você divide com o Nestor e com o Nunez...

- Não, eu nunca te levaria lá... Vamos para outro lugar!

- Para onde?

- Talvez pela briga ou por me ver enfiado num apartamento pequeno junto com o Nestor e o Nunez, meu pai passou dois apartamentos para o meu nome, disse que fazia parte da herança da minha mãe.

- E você foi morar em um deles?

- Nunca tive vontade, estava bravo e me irritava pensar nos apartamentos, porque me lembrava da minha mãe, eram lugares especiais para ela... Eu os deixei alugados.

- ele disse com tristeza, demonstrando que ainda sentia falta dela. - Mas depois que

eu sai do hospital e me reconciliei com meu pai, eu quis ter um lugar só meu e então decidi me mudar, um deles estava vago e faz três dias que me mudei.

- Fala a verdade, pretendia mesmo se casar comigo quando eu saísse do hospital, por isso já havia se mudado.

- Pode ser... - ele disse rindo também. - É um prédio antigo, meus pais compraram quando se casaram, eu morei lá quando criança. - ele continuava sorrindo como se estivesse se lembrando de coisas felizes de sua infância.

- A arquitetura do lugar é incrível, acho que vai gostar, principalmente por que é fotografa, fiquei sabendo que esse prédio até saiu em uma revista... Sem querer me gabar, mas na época o fotógrafo escolheu meu apartamento e algumas fotos dele também apareceram na revista...

- Legal, eu também fotografei prédios antigos para uma revista de arquitetura... Eles faziam uma comparação entre as maravilhas dos prédios antigos que sem muito esforço são encantadores com os projetos arrojados e futuristas que deixam a cidade cada vez mais marmorizada e fria, fiz todo o editorial, não resisti e fiz algumas fotos extras, das pessoas, da rua, invadi um apartamento também... - falei rindo lembrando do zelador pegando no meu pé. - Ganhei um prêmio por isso! - falei olhando em volta vendo o caminho que ele fazia. - Estamos perto da R. Maxilian?

- Bem perto, conhece essa rua?

- Um dos prédios que eu fotografei para a revista fica nessa rua, qualquer dia podemos ir até lá... - comecei a dizer me lembrando quão belo era o prédio e me sentindo empolgada em poder compartilhar isso com ele. - Simplesmente lindo Luidi, a arquitetura é única, rica em detalhes, deve ter mais de 40 anos e é muito bem cuidado os moradores fazem questão de manter a originalidade, fica numa rua sem saída, e quando se entra nessa rua a sensação é que o tempo parou...

Eu ia dizendo vendo o rosto dele se iluminar e percebi que estávamos a uma quadra do prédio, então sorri olhando para o Luidi.

- Vamos morar nesse prédio? - perguntei sem acreditar vendo ele entrar na graciosa rua sem saída e parar na frente do portão esperando que o porteiro abrisse para passarmos. - Fotografei seu apartamento? E ganhei um prêmio com a foto! - falei pasma olhando para ele.

- Nada acontece por acaso, morei a duas ruas da casa da sua irmã por tanto tempo, devíamos nos ter encontrado na escola, depois no canil do Lucas e foi você quem fotografou meu apartamento... realmente nada acontece por acaso, há quanto tempo será que estamos nos esbarrando?

Dei risada sem acreditar!

Nós subimos para o apartamento que ficava no quarto andar e ele ia contando mais alguns detalhes sobre sua infância naquela rua sem saída, quando chegou na porta do apartamento ele colocou a chave e sorriu.

- Bem, espero que possa me ajudar... - ele disse abrindo a porta para que eu entrasse. - Vamos precisar fazer toda a decoração. - ele disse receoso acendendo as luzes, eu entrei devagar, olhei em volta era incrível o lugar, exatamente como eu me lembrava, amplo e arejado como só os prédios antigos são, logo depois do hall, havia uma sala com uma imensa porta de vidro a frente dando passagem a uma graciosa varanda.

- Ele tem três quartos e um deles você pode transformar em seu studio, revelar fotos ou qualquer coisa que queira... - ele dizia encostado na parede logo atrás de mim. - Estão equipados com armários, para minha sorte o último morador mandou fazer...

Parecia que ele estava se desculpando pelo apartamento não estar mobiliado.

- Acha que o Garfield vai gostar? Tem bastante espaço para ele correr. - ele disse e me fez rir, porque o Garfield era preguiçoso demais para isso.

Continuei andando pelo apartamento maravilhada, todo o piso era de madeira e a iluminação era projetada, dando destaque a algumas áreas ornamentais do apartamento, lembro de tê-lo visto mobiliado e na época não gostei dos móveis ou da

disposição, antes de dormir sempre pensava naquele apartamento como se imaginasse onde cada móvel ficaria melhor...

Parei de boca aberta sem conseguir falar nada com tanta beleza a minha volta, mas ele pareceu preocupado e se aproximou.

- Ruivinha... Não pretende cancelar o casamento porque nosso apartamento ainda não está decorado, pretende? - ele disse nervoso me olhando e eu não agüentei e comecei a rir.

- E perder um lugar incrível como este? Luidi, sonhei em decorar esse lugar por meses depois que estive aqui. - falei e corri pulando em seu colo. - É lindo! - eu disse feliz... - É perfeito...

- Hoje é apenas um apartamento vazio, mas tenho certeza que você vai deixar esse lugar fantástico. Ele disse sorrindo, me colocando no chão. - Eu vou pegar algumas coisas e já saímos... Ele disse me dando um beijo começando a se afastar. - Pelo menos temos um quarto completo ele disse rindo se afastando.

- Vamos sair? - falei indo atrás dele até o quarto.

Realmente o quarto estava completo, com uma linda cama, armários projetados, iluminação ambiente, fiquei perto da porta vendo ele pegar algumas coisas e colocar em uma valise.

- Pensei que ficaríamos aqui...

- Hoje não... É nossa lua de mel... Vamos a outro lugar, um mais romântico!

Quando voltamos para o carro eu ainda estava imaginando como tudo ficaria lindo naquele apartamento gracioso e como minha vida estava perfeita, a noite estava clara e o céu estrelado, uma linda noite para se casar eu pensei sorrindo feliz!

Ele pegou estrada e preguiçosamente eu adormeci, quando acordei percebi que a noite estava mais abafada e sentia o cheiro do mar.

- Estamos perto do mar?

- Estamos... Vou te mostrar nosso outro apartamento fica naquele prédio. - ele disse apontando um prédio alto e luxuoso que ficava frente mar e eu sorri.

- Você tem um apartamento ali?

- Nós temos... - ele disse me fazendo mais feliz ainda. - Herança da minha mãe!

- Adoraria ter conhecido sua mãe! Sou a maior fã dela! - falei sem pensar e ele deu risada.

- Ela ia adorar você também, é espontânea...

- Adoro ver o mar, ouvir as ondas, sentir o cheiro da maresia... Essa noite será mesmo especial. - falei olhando para ele encantada, na portaria ele se identificou e alguém lhe entregou uma chave extra, nós subimos e ele abriu a porta do apartamento e quando eu fui entrar ele me brecou.

- Espera! - falei esperando o que aconteceria, ele colocou as valises para dentro e voltou até onde eu estava na porta.

- O que foi?

- Para dar sorte...

Fui pega no colo e o vi fechar a porta com o pé, depois me levou até o quarto e me colocou na cama e se deitou ao meu lado.

Eu me virei e fiquei olhando para ele esperando que algo acontecesse.

- O que eu faço agora? - ele perguntou me fazendo rir por alguns segundos.

- Que tal se rasgasse minha roupa e tirasse meu lingerie com os dentes. - falei usando um tom de voz sensual, ficando de joelhos imitando uma gata.

- Você deixaria? - ele disse completamente perplexo, mais alguns segundos e eu juraria que ele era capaz de babar.

- Não... - respondi e comecei a rir, ele virou e ficou olhando para o teto.

- Brincadeira sem graça ruivinha!

- Brincadeira engraçada bombeiro, deveria ter visto sua cara! - falei subindo sobre ele dando alguns beijos de leve e ele começou a rir.

- Tudo bem, foi engraçado... - ele disse rindo concordando comigo. - Que tal se eu a mordesse como um vampiro, está na moda! - ele disse me virando rápido me

fazendo gritar me deixando por baixo agora, como se fosse mesmo morder meu pescoço, ergueu as sobrelanceias e sorriu.

- Não, muito sangrento! – respondi rindo, tendo outra idéia.

Comecei a abrir os botões da camisa dele enquanto falava sedutoramente. - Que tal se eu vestisse seu capacete e suas botas de bombeiro e ficasse só de lingerie? É vermelha acho que combinaria... – falei mordendo os lábios puxando minha blusa como se estivesse me certificando à cor do lingerie em seguida olhei para ele e comecei a rir.

- Luidi está de boca aberta...

- Faria isso? - ele disse bobo como se nem tivesse me escutado.

- Acho que hoje não, sua farda nem está aqui! Mas prometo que quando estivermos em nosso apartamento eu faço...

- Está me fazendo de bobo... - ele disse saindo de cima de mim deitando de lado parecendo sem jeito.

- Não bombeiro, estou apenas tentando te deixar mais relaxado, parece tenso!

- Pensei que havia dito que era envergonhada...

- Consigo ser eu mesma quando estou com você.

- Não está nervosa? - ele perguntou se virando para fazer carinho no meu rosto.

- Não!

- Pensei que as mulheres ficassem nervosas na lua de mel, ainda mais quando são inexperientes.

- Confio em você!

- Agora quem está nervoso sou eu!

- Qual o problema? Está arrependido?

- Não, claro que não... - ele foi rápido em dizer. - Eu só não sei o que fazer com você! Ele disse sério me olhando.

- Está com medo porque sou virgem?

- Não... Estou com medo porque nunca estive com uma garota que amasse.

- Ótimo, assim fico mais segura, sabendo que nos dois temos algo a aprender.

Fui subindo em cima dele e lhe dando o primeiro beijo para começarmos a noite.

Foi uma noite maravilhosa, parecia não ter fim, o Luidi foi extremamente carinhoso fazia coisas que me agradavam e outras mais ousadas que me levaram a loucura em seus braços, foi uma longa noite de amor eu sentia seus beijos e meu corpo correspondia a suas carícias, nos encaixávamos perfeitamente, aos poucos eu fui me soltando e tudo foi plena magia e antes de amanhecer eu adormeci em seus braços, ouvindo ele dizer que me amava e o quanto eu o havia feito feliz, minha primeira noite de amor foi exatamente como imaginei... simplesmente incrível!

Acordei na manhã seguinte e ele ainda dormia, me levantei da cama tomei um banho e depois enrolada em um lençol fui para varanda onde se podia ver o mar, sentei em uma poltrona que havia ali fiquei fascinada admirando as ondas batendo, imaginando por quantas coisas passamos até que chegássemos ali, não ouvi quando ele se aproximou, provavelmente eu estava perdida em meus pensamentos ele se sentou ao meu lado e eu me ajeitei em seu colo.

- Bom dia ruivinha!

- Bom dia bombeiro!

- Está só de lençol?

- Só de lençol... - eu disse lentamente olhando para ele e o vi fechar os olhos por alguns segundos sorrindo, ele me carregou no colo e me colocou na cama novamente, quem disse que só as noites são boas para amar.

- Bombeiro, quero que noites e dias como esses se repitam por muitos anos em nossas vidas. - pedi dengosa entre um beijo e outro.

- Seu desejo é uma ordem, ruivinha. - ele disse começando a me amar novamente.

Passamos dois dias sem sair daquela cama, mal comíamos ou dormíamos parece que estarmos juntos era a única coisa que importava. Antes de voltarmos à capital

paramos em meu restaurante preferido pedimos o prato mais caro e eu nunca fiz uma refeição tão gostosa e com tanta fome na vida...

As coisas nem sempre foram fáceis para nos, mas a cada dificuldade lutamos juntos e ao poucos fomos arrumando tudo em nosso apartamento que vivia sempre cheio de amigos e parentes e eu agradecia todos os dias por estar cercada de tantas coisas boas.

Se antes o Nestor e o Nunez eram amigos, agora junto com a Magali e a Lucia éramos inseparáveis, nossa amizade e união era plena, fazíamos muitas coisas juntos, saíamos, viajavamos, dividíamos pizza durante a semana, só para podermos jogar conversa fora e rir verdadeiramente.

A vida voltou ao normal, nunca mais trabalhei para o Leonel, mas fui convidada a fotografar para outras revistas, um dos quartos do apartamento ficou mesmo para meu studio.

Adorava revelar fotos ali, era uma surpresa cada vez que eu fazia isso, porque o Luidi sempre pegava a máquina sem que eu soubesse e tirava fotos de qualquer outra coisa que chamasse atenção dele, geralmente ficavam lindas porque eram espontâneas e cada vez que eu ia revelar um filme esperava ansiosa pela surpresa de uma foto inesperada.

Eu não me cansava de tirar fotos dele, procurava sempre tirá-las quando ele menos esperava. Entre as minhas preferidas estavam uma que ele dormia tranquilamente no sofá com o Garfield ao seu lado, outra quando ele terminava de vestir a farda e estava amarrando as botas eu o chamei e ele olhou sorrindo, uma quando ele tentava cozinhar e havia farinha na cozinha toda e naquela noite pedimos pizza, outra quando ele estava na varanda em uma noite de luar lendo despreocupado, uma quando ele tomava banho e pelo box só dava para ver o contorno de seu corpo, uma que eu coloquei o temporizador na máquina e corri para seus braços e ele me rodava e nos ríamos como duas crianças, várias quando ele pintava o apartamento e o Garfield pisou no balde de tinta e saiu correndo quando percebeu que o Luidi iria alcançá-lo, as patinhas do Garfield ficaram marcadas por todos os cômodos até que o Luidi conseguiu pegá-lo, acho que esse foi o único dia que eu vi o Garfield correr... Todas lindas que contavam como éramos felizes de verdade.

A cada dia estávamos mais apaixonados, nos entediávamos perfeitamente e em qualquer festa ou reunião, as pessoas queriam saber sobre nossa história de amor completamente irreal, com certeza algumas delas não acreditavam, mas todas ficavam fascinadas com o que contávamos e por ver que linda energia nos cercava.

Eu procurava ajustar meus horários para que conseguisse ficar a maior parte do tempo ao lado dele, oficialmente ele deveria trabalhar 24h seguidas e ficaria ao meu lado por 48h ininterruptas, mas infelizmente nem sempre era assim, muitas e muitas vezes era chamado e precisava voltar ao batalhão, nunca me queixei, apenas aproveitava cada momento ao lado dele.

Sempre que o via de farda meu coração apertava, me lembrava do que homem elegante dizer que o esperaria em todos os incêndios e quando a oportunidade chegasse ele o levaria de mim.

Quando isso acontecia, eu mantinha meus pensamentos em coisas boas e não deixava que nada ruim fosse soprado em meu ouvido.

Eu evitava ouvir notícias de grandes acidentes, incêndios ou deslizamentos, mas eles sempre me perseguiram, onde quer que eu estivesse, era como se o homem elegante quisesse deixar um recado que não havia desistido de nos separar, nesses momentos de angústia e aflição eu pedia incansavelmente a Deus que o Luidi pudesse voltar para casa e corria pulando em seus braços quando escutava a porta se abrindo e o em segurança, tenho certeza que ele sentia o mesmo porque me segurava

firme prolongando o abraço antes de me beijar me carregando para dentro sem me soltar, só nesse momento meu coração podia se acalmar.

Muitas vezes eu ainda estava dormindo quando ele chegava, ele fazia tudo devagar evitando fazer barulho para não me acordar, mas eu sempre ouvia o chuveiro ligado e sorratamente entrava no box para estar ao lado dele e o amar... Depois dormia preguiçosamente em seus braços.

Cinco maravilhosos anos se passaram e nosso amor só aumentava, naquele dia eu acordei sabendo que algo iria mudar, havia algo diferente no ar, me levantei cedo e comecei a preparar o café da manhã, sabendo que não demoraria para ele chegar, quando ouvi a porta abrindo eu corri e como sempre pulei em seus braços feliz por ele estar bem e ter voltado para mim.

- Bom dia ruivinha... - ele dizia enquanto me beijava me carregando para dentro.

- Bom dia bombeiro! Estou preparando o café da manhã...

- Usando minha camiseta de novo? - ele perguntou me examinando enquanto encostava no armário.

- Gosto de dormir sentindo seu cheiro.

- Eu também, mas acho que eu ficaria esquisito dentro de uma camiseta minúscula sua.

Nos demos risada alegres.

- Enquanto termina vou tomar banho... – ganhei um beijo rápido e o vi indo para o quarto.

Terminei tudo e coloquei sobre a mesa, arrumei cada detalhe como se fosse um dia mesmo especial, quando acabei o chuveiro ainda estava ligado, então sem resistir fui até lá, abri o box e escorreguei para dentro.

- Estava com saudade bombeiro...

- Eu também ruivinha...

Nem chegamos a sair do chuveiro, tudo era sempre mágico, não importa onde fosse.

Tomamos café da manhã juntos e conversávamos despreocupados, eu não tinha a menor intenção de sair hoje, mas o telefone tocou e eu fui atender na sala.

Era a secretária do meu ginecologista, dizendo que meu exame havia chegado e que o médico queria me ver com urgência, esse era mais um dos exames que diria se eu estava grávida, nosso casamento foi repentino eu nunca havia tomado anticoncepcional e quando nos demos conta disso decidimos que queríamos um filho o quanto antes, então nunca tomei.

Infelizmente essa era uma parte difícil para nós, porque nunca engravidei mesmo sem usar qualquer contraceptivo e os médicos diziam que nenhum dos dois tinha qualquer problema e até nos deram medicamentos que ajudassem a fertilização, mas inexplicavelmente nada acontecia.

Muitas vezes nos entusiasmávamos e íamos juntos ao médico na esperança que eu estivesse grávida, e todas as vezes saíamos decepcionados com o resultado negativo. Nesses momentos nosso amor nos unia mais, fazia com que um não deixasse o outro desanimar e no primeiro desentendimento que tínhamos sobre esse assunto um dos dois dizia “...*nada acontece por acaso...sempre existe um motivo...*” e todas as esperanças se renovavam.

Eu voltei para a mesa do café pensando que talvez seria melhor não dizer a ele, parecia cansado e ficaria ansioso como eu estava.

- Quem era? - ele perguntou me vendo com o pensamento longe.

- Nada de mais, um trabalho de última hora. - respondi me sentando no colo dele.

- Pensei que ficaria comigo hoje... - ele disse parecendo decepcionado.

- É algo rápido, apenas um ajuste, devo ficar fora por no máximo 3h. – fui tentando convencê-lo, imaginando que se fosse uma boa notícia ele ficaria feliz.

- Bem eu preciso dormir, estou exausto acho que consigo ficar longe de você por 3h.

- Volto mais rápido que conseguir. – sai de seu colo e fui para o quarto me trocar, quanto antes eu fosse antes eu voltaria e talvez com boas notícias.

- Ainda tem um tempinho? - o ouvi perguntar me admirando da porta.

- Sempre tenho tempo para você bombeiro... – respondi manhosa enquanto tirava a camiseta de maneira sensual e a deixava escorregar para o chão.

- Ótimo... - ele disse me levando para a cama.

Ficamos ali até depois do almoço nos amando, cada vez que eu pensava em sair, algo me fazia ficar mais alguns minutos, na verdade eu nem queria mais ir...

- Melhor ir trabalhar... - ele disse no meu ouvido, quando eu começava a cochilar.

- Primeiro me usa e depois me manda embora...

- Se ficar aqui eu não vou conseguir dormir... - ele disse me olhando. - Estou exausto, mas tem algo especial em você hoje que está me deixando empolgado, empolgado, empolgado... Ele ia dizendo devagar e se aproximando para me beijar.

- Quando eu voltar vai estar empolgado ainda...?

- Empolgado e descansado...

- Bombeiro, vejo que está empolgado agora... – falei me esfregando de leve nele.

- Ruivinha... pode ficar mais um pouco comigo?

- O tempo que quiser...

Quando sai do banho ele dormia largado na cama, fiquei com pena de acordá-lo para me despedir, então me troquei silenciosamente imaginando que provavelmente quando eu voltasse ele ainda estaria dormindo.

Apanhei uma folha de papel e deixei um bilhete na geladeira.

**“... Bombeiro, agora são 14h44, antes das 18h estarei em casa,
pense no que quer para o jantar. Eu amo você! Vou amar sempre...**

Gisely.

Desci para a garagem e peguei o carro, no caminho eu pensava o quanto seria completa nossa vida se eu estivesse grávida dessa vez, mas tentei controlar minha ansiedade lembrando de quantas outras eu havia feito esse mesmo percurso, mas no final o exame indicava que não havia gravidez.

Cheguei nervosa ao consultório e tive que esperar que o médico pudesse me atender, mas assim que entrei ele foi direto em dizer que eu estava grávida provavelmente de 6 semanas, ele sabia o quando eu queria ter esse filho e sempre nos ajudou, por isso estava feliz também, com o resultado na mão eu voltei para o apartamento o mais rápido que pude, não via a hora de encontrar o Luidi e lhe contar, eu estava radiante, me sentia radiante, porque estava grávida, teria um filho do Luidi, nosso sonho seria realizado!

Quando entrei no apartamento não ouvi qualquer barulho, olhei na sala e apenas o Garfield dormia no sofá, fui até o quarto e a cama estava vazia, olhei pelos cômodos e nada do Luidi, achei estranho, fui para a cozinha onde sempre deixávamos bilhetes e encontrei um dele pendurado na geladeira.

“...Ruivinha, agora são 14h54,

Nossa! Acho que você fechou a porta e o telefone tocou...

Bem, eu recebi um chamado e preciso voltar para o batalhão,

vou ficar no lugar de um colega, a esposa dele foi

para o hospital o 1. filho deles está chegando, se puder atrasar o jantar

devo estar de volta por volta das 22h, porque a noite outro colega

assume no meu lugar e eu volto correndo para você...

Poderia fazer meu prato preferido?

Mas não se preocupe com a sobremesa, porque ela será você...

Amo você, vou amar para sempre... sempre,

sempre, sempre e sempre...”

Luidi.

Eu li o bilhete e sorri, estava feliz, irradiando alegria tomei um banho demorado acariciando minha barriga onde um ser pequenininho ali estava, dançava pelo apartamento feliz.

Parecia uma boba e sorria sozinha fazendo o jantar preferido do Luidi, no caminho eu havia comprado um sapatinho de bebê e embrulhei em papel de presente, seria legal ver seu rosto de felicidade quando descobrisse o que era, por volta das 21h30 tudo estava pronto eu me arrumei e me perfumei esperando que ele chegasse, o tempo passava e nada dele aparecer, eu andava pelo apartamento ansiosa e olhei para o relógio da cozinha que indicava quase 23h.

Fui para a sala e peguei o controle da TV, mas assim que me sentei tive medo de ligar e descobrir que algo terrível estivesse acontecendo na cidade e esse fosse o motivo de seu atraso.

Levantei e fui para o quarto, fiquei algum tempo arrumando algumas gavetas, provavelmente, mas que o necessário, quando voltei para a cozinha olhei para o relógio que marcava 23h45 meu coração dizia que havia algo errado, peguei o celular e liguei várias vezes, só caía na caixa postal, liguei no celular do Nestor e do Nunez, mas ninguém atendia.

Sem saber o que fazer eu me deitei no sofá, abraçada aos travesseiros, mesmo com medo liguei a TV o noticiário informava que desde aquela tarde um grande galpão ardia em chamas, chorei pedindo a Deus que o trouxesse de volta em segurança e ali adormeci.

- Ruivinha. – pude ouvir a voz do Luidi e tentei despertar. - Ruivinha. - ele insistia e eu abri os olhos procurando por ele.

- Luidi! – respondi andando pelo apartamento procurando por ele, talvez ele tivesse chegado sem que eu o visse entrar, procurei em todos os lugares, mas não o encontrei.

- Ruivinha. - a voz dele insistia.

Então percebi que ele me chamava em um dos quartos onde juntos havíamos criado uma imenso mural de fotos, desde fotos de viagens, aniversários, passeios e até fotos sobre nosso cotidiano, eu entrei devagar sentindo que o quarto estava frio, e vendo meus braços se arrepiar, meu coração apertou e eu quis sair dali.

- Não vai... Eu ouvi ele dizer assim que dei o primeiro passo para sair do quarto, então voltei devagar e fui para perto do mural.

- Ruivinha! Ele me chamou de novo e eu virei olhando para a porta atrás de mim, mas não havia ninguém lá, meu coração batia rápido e eu estava assustada tentando não pensar em coisas ruins olhei para o mural onde tantas fotos registravam nossa vida, talvez eu esteja sonhando, pensei.

- Essas são as que eu mais gosto! Eu o ouvi dizer e vi duas fotos caíram do mural, eu as apanhei e sorri, me lembrando do dia em que elas foram tiradas. Estávamos caminhando na praia perto do apartamento onde passamos nossa lua de mel, eu usava um vestido que já estava com a barra completamente molhada por eu apanhar conchas e as jogar de volta ao mar, em algum momento ele me chamou e tirou a foto, sem fazer qualquer ajuste na máquina, o sol se punha ao fundo e o mar parecia dourado, era uma linda foto, ele tinha o dom para tirar fotos lindas quando as pessoas não estavam esperando.

A outra foto nós estávamos sentados na marina em um banco qualquer, eu havia ajustado o temporizador da máquina para que ele fizesse um disparo automático, estávamos com os rostos juntos e ele fazia piadas para que sorrissemos ao mesmo tempo, eu contava os segundos que faltava para o disparo e no momento exato ele se virou e disse bem pertinho do meu rosto, eu amo você! A foto ficou linda e eu pude ouvi-lo dizer novamente agora.

- Eu amo você! Ele disse e eu olhei para os lados sem poder vê-lo, algo frio encostou em meu rosto e eu entendi, que ele estava ali, tentando se despedir de mim.

- Luidi... Eu disse ficando aflita.

- Lembra quando nos mudamos e todos vieram nos visitar ao mesmo tempo... Eu o ouvi dizer como se sorrisse lembrando da cena. - Lembra ruivinha? Ele insistiu, talvez tentando ter certeza que eu sabia o que estava acontecendo.

- Meus pais, seu pai, Irene, a princesinha, Magali, Nestor, Nunez e a Lucia, todos no mesmo dia e nos nem tínhamos móveis ainda... Eu disse sorrindo sentindo uma lágrima escorrer.

- Alguém pediu pizza, achando que assim resolveria o problema, quando as pizzas chegaram, nós percebemos que não tínhamos talheres, pratos ou copos. Ele disse voltando a rir e eu também agora de maneira espontânea porque todos comeram sem se importar com a ausência de conforto.

- Na semana seguinte seu pai apareceu aqui com metade da prataria da sua mãe e meus pais nos deu a mesa do jantar e o Nestor a Magali o Nunez e a Lucia nos deram um sofá, e a Irene providenciou um fogão e uma geladeira nova... Eu disse rindo triste por saber que ele estava fazendo.

- Verdade, eles nos ajudaram bastante... Ele disse e voltou a se lembrar de algo.

- Lembra quando ficamos sem mantimentos, porque nenhum dos dois tinha paciência para fazer compras no supermercado... Ele disse e voltou a rir me fazendo rir também.

- Ninguém pode dizer que não tentamos, foram ao menos três vezes, mas você não tem paciência eu disse rindo dele, sabendo que aquele friozinho no braço indicava que ele estava ali encostadinho em mim segurando minha mão.

- Você também não tem... Ele disse querendo se defender. - Eu dizia que não agüentava aquela confusão e você concordava e nos voltávamos para casa e comíamos lanche...

- Foi uma semana inteira assim... Eu disse me lembrando que realmente largamos o carrinho de compras dentro do mercado várias vezes.

- É... Mais um dia percebemos que não teria jeito essa era uma das coisas chatas que faz parte do casamento e teríamos que fazer juntos eu o ouvi dizer...

- É daí nos fomos ao mercado de madrugada e tudo foi mais fácil... Eu disse me lembrando como havíamos resolvido esse e tantos outros problemas domésticos que enfrentamos juntos nesses cinco anos.

- Luidi... O que está fazendo? Eu perguntei não querendo aceitar.

- Não sei, mas tenho tantas lembranças boas como se minha vida passasse na minha frente em segundos e a maioria delas você está presente, não importa se são momentos simples ou do cotidiano eu as vejo porque estamos juntos e sorrimos felizes de todas as coisas que vivemos... Lembro de cada vez que nos amamos, de cada presente que eu te dei e você mesmo sem gostar dizia que havia adorado, lembro de cada festa em que passávamos horas contando sobre nossa história louca e como a pessoas ficavam fascinadas ouvindo, lembro de cada vez que dancei com você, incluindo aquelas que não havia música, lembro do seu jeito hoje pela manhã ao meu lado na cama, lembro de quando você torceu o pé e eu te carreguei para todos os lugares e quando tirou o gesso eu continuei a te carregar e você adorava isso, lembro como você me deixava convencido quando sente ciúmes de mim porque alguma desavisada ficava me olhando, lembro que todas as vezes cheguei em casa arrasado e algumas até chorei porque nem sempre consigo chegar a tempo de salvar a todos e você ficava ao meu lado e me ajudava a entender que eu fiz o melhor que pude e não deveria me punir por isso e nem desejar uma morte trágica, lembro de todas as noites antes de dormir eu dizer “...boa noite, dorme com os anjos...” e você responder “...sonha comigo...” e eu realmente sonhava... eu me lembro de cada segundo ao seu lado, vou me lembrar para sempre... Ele disse e depois ficou quieto por alguns minutos.

- Luidi... Eu comecei a dizer, mas ele me interrompeu.

- Gosto dessa também. Eu ouvi ele falando e outra foto caiu em meus pés, eu a peguei e sorri.

- Baile de carnaval... Ele disse bem pertinho. - Estava linda de pirata. Ele disse como se me abraçasse e todo meu corpo se arrepiou. - Eu amo você! Ele disse e eu ainda podia senti-lo me abraçando.

- Essa é maravilhosa! Ele disse e outra caiu em meus pés. Eu a peguei, era realmente especial.

- O casamento da Magali e do Nestor... Nos fomos padrinhos de casamento, junto com a Lucia e o Nunez, eles com fardas de cerimônia e a Magali linda vestida de noiva.

- Seu pai foi durão com ele também... Eu o ouvi dizer rindo e eu quis guardar aquele som para sempre por isso fechei os olhos abaixando um pouco a cabeça.

- Eu amo você! Ele disse e eu fiquei como estava não queria ouvir, eu o queria aqui ao meu lado vivo!

- Eu amo você! Ele insistiu e um vento frio tocou meu rosto me fazendo erguer o rosto.

- Se pensa que vai embora, está enganado! Eu disse ficando brava com ele.

- Eu amo você! Ele repetiu mais uma vez.

- Eu odeio ficar sozinha! Eu disse olhando sem vê-lo tentando conter as lágrimas que caíam sem permissão.

- Não vai ficar... Já tem alguém com você. Eu o ouvi dizer e senti quanto um vento frio acariciou minha barriga me fazendo fechar os olhos.

- Mas eu quero você aqui comigo. Eu disse pedindo para que ele ficasse, imaginando que ele estava ali na minha frente.

- Nada acontece por acaso... Sempre existe um motivo... E você carrega esse motivo! Ouvindo isso eu não conseguia me controlar.

- Agora que sabemos o motivo precisa ficar ao meu lado. Eu disse sentindo que ele continuava a acariciar minha barriga.

- Não chore! Vai ficar tudo bem, eu estou bem... Ele dizia e eu sentia uma rajada fria me abraçar e todo meu corpo arripiar.

- Não pode me deixar! Eu gritei brava com ele.

- Eu sempre estarei com você, até que um dia ficaremos juntos novamente... E ai ruivinha será para sempre. Eu o ouvia dizendo e o procurava pelo quarto.

- Apareça! Eu pedi olhando para os lados.

- Eu gosto dessa também. Eu o ouvi dizer e outra foto caiu do mural eu a peguei.

- Sete ondas e um porre! Ele disse e voltou a rir e eu não resisti e deu um sorriso também.

- Me deixou ficar de porre naquele réveillon... Eu disse vendo a foto onde eu dormia tranquilamente no colo dele em um quiosque na praia, me lembrando que fiquei de ressaca no dia seguinte sem nem saber como cheguei ao apartamento.

- Mas eu te avisei que era horrível... Ele disse e voltou a rir feliz. - O mais engraçado foi ver você tentando pular ondas... Ele disse e nos rimos juntos por um tempo, mas depois eu me dei conta e voltei a ficar triste, nunca mais riríamos assim... Ele estava se despedindo de mim.

- Eu quero você aqui comigo! Eu disse sabendo que ele estava ali na minha frente porque o frio era mais intenso.

- Essa também é linda...

Era uma foto de uma festa de natal no batalhão, todos os bombeiros e seus familiares estavam lá, foi uma tarde animada sem muitos chamados e todos se divertiam na foto estávamos Magali abraçada ao Nestor, o Nunez com a mulata pendurada em seu cangote e o Luidi comigo em seu colo, eles diziam a todos que nos éramos seus troféus e todos riam felizes.

- Nos tornamos grande amigos... Ele disse como se olhasse a foto ali ao meu lado.

- O que eu farei sem você agora, como vou ter esse bebê? Eu perguntei o procurando ali ao meu lado.

- Vai ser uma mãe fantástica sempre que precisar eles irão te ajudar. Eu pude ouvi-lo dizer.

- Não aceito que vá, não pode me deixar! Eu disse ficando com raiva por estar passando por isso. - Pensei que isso tivesse acabado que não morreria... Nunca me deixaria, preciso de você aqui comigo, não aceito! Eu disse furiosa.

- Ruivinha, nada acontece por acaso... Estão soprando em seu ouvido coisas ruins, acalme-se e aceite, continue a viver eu sempre, sempre, sempre, sempre estarei ao seu lado, sempre vou amar você. Ele disse sem que eu o visse sentindo um carinho gelado em meu rosto.

- Vai falar comigo? Eu perguntei tentando conter as lágrimas.

- Vai se lembrar de nossas conversas e nos falaremos através de suas lembranças. Ele disse e meu coração apertou mais.

- Não vou mais sentir sua presença? Eu perguntei me encostando em um móvel qualquer ali dentro do quarto.

- Apenas em seu coração. Ele respondeu.

- Não vou agüentar... Eu disse me abaixando no chão me encolhendo tentando conter aquela dor insuportável em meu peito.

- Precisa agüentar... Essa criança é especial... Precisa cuidar dela, porque ela fará muita diferença nesse mundo. Ele disse e eu o senti o ar gelado como se ele estivesse abaixado na minha frente e me segurasse em seus braços.

- Por favor... Eu pedi sem agüentar. - Por favor... Não vá! Eu implorei.
- Não posso ficar! Ele disse e eu percebi que ele também chorava.
- Está chorando? Eu perguntei, mas ele não respondeu e isso me fez chorar mais.
- Precisa ser forte, precisa continuar. Ele disse tentando manter a voz firme sem que eu notasse que ele chorava também.
- Está chorando porque não quer me deixar? Fique! Eu pedi.
- Minha missão foi cumprida não posso ficar, mas vou te esperar quanto tempo for necessário... Estarei te esperando e daí poderemos ficar juntos para sempre. Ele disse tentando manter a voz firme.
- Me leve também. Eu pedi desesperada com medo dele partir.
- Não! Ainda tem muito o que fazer, cuide da nossa filha... vai ser uma grande mulher. Ele disse com orgulho e eu senti um beijo demorado em minha boca.
- Fica comigo! Eu disse me encolhendo mais, apertando meus joelhos, fechei os olhos sentindo o quarto ficando mais frio e todo meu corpo se arrepiar, o quarto gelou ainda mais e eu comecei a tremer, eu sabia que ele estava ali me abraçando, o frio era tão intenso quanto o amor que ele sentia por mim e isso envolveu todo o meu corpo.
- Não vou conseguir, preciso que fique aqui... Eu implorava.
- Não posso, não consigo, não vale à pena tentar, é impossível são coisas que as energias negativas sopram em seu ouvido, você tem mais força do que imagina, essa força está dentro de você, basta acreditar... Viva e seja feliz eu vou te esperar o tempo que precisar eu vou te esperar. Ele dizia agora parecendo mais conformado.
- Luidi... Eu o chamei não querendo que ele se fosse.
- Gisely, precisa me deixar ir a vendo sofrer eu não consigo partir.
- Está partindo como posso não sofrer? Eu perguntei indignada chorando.
- Gisely, estou sofrendo porque não consigo partir. Ele disse e eu sentia como se ele acariciasse meu rosto, comecei a entender enquanto eu não o liberasse ele não partiria, ficaria preso entre os mundos e sofreria por não ter paz.
- Fique tranqüila em suas aflições, Deus não permitiu que um demônio viesse me buscar, apenas lembre-se que minha missão foi cumprida e meu tempo se esgotou nesse mundo, estou partindo em paz me deixaram vir até aqui te dizer adeus... porque eu amo muito você, vou amar sempre e vou te esperar o tempo que precisar e um dia ruivinha... ficaremos juntos para sempre... Lembre-se disso... Ele disse tentando manter a voz firme e segura, enquanto eu já não conseguia me controlar.

Eu fechei os olhos e coloquei a mão no rosto tentando libertá-lo, tudo em mim doía e meu coração estava rasgando, eu apertei meus lábios com os dentes e cravei minhas unhas nas minhas mãos tentando não sentir essa dor insuportável no meu coração por tê-lo que deixá-lo partir.

- Luidi, eu libero você, siga seu caminho, nunca se esqueça que eu amo você! Eu disse sentindo tudo em mim doer.

- Siga sua vida feliz, encontre outra pessoa que a mereça e continue a viver, seja feliz todos os dias, estarei esperando você... eu sempre vou amar você, mesmo que a morte nos separe. Eu o ouvi dizer e a rajada de vento dentro do quarto foi tão forte que a cortina balançou como se alguém a jogasse para fora, algumas fotos caíram no chão e eu as peguei.

Fui passando uma a uma e todas eram de momentos felizes e engraçados que passamos juntos nesses cinco anos, era como se ele as tivesse escolhido para ilustrar nossa linda história de amor que era completamente irreal.

Eu chorei por muito tempo sem conseguir sair dali, sabia que ele havia partido e que nada mais poderia ser feito, provavelmente chorando adormeci ali no chão segurando as fotos na mão.

Acordei com alguém me balançando de leve e quando abri os olhos eu dei de cara com o Nestor, a Magali, o Nunez e a Lucia, os dois estavam fardados e sujos de fuligem, eles me olhavam apreensivos talvez pensando em qual deles me daria a notícia, mas assim que me viram ali no chão com as fotos na mãos, e com o rosto de choro, eles apenas se olharam com se entendessem.

- Ele veio te avisar? O Nestor perguntou.
- Veio. Eu disse voltando a chorar e senti quando um a um todos fomos nós abraçamos e juntos choramos pela ausência dele.

Seu enterro foi digno de um herói todos seus amigos estavam presentes e muitos fardados, houve tiros de honra por ele ter salvo tantas pessoas na noite anterior, eu me sentia anestesiada, quase não conseguia chorar, ao meu lado estava minha família e o pai dele que parecia inconsolável.

Depois do enterro todos foram embora, mas eu fiquei ali sentada, queria mais um tempo para me despedir, quando não havia mais ninguém eu comecei a falar com ele.

- Luidi, farei o melhor que puder para que nossa filha seja feliz acima de tudo, se nada acontece por acaso e ela é o motivo para o nosso amor, então continuaremos juntos através dela e no futuro o encontrarei novamente.

- Eu amo você! Eu disse depositando uma rosa em seu túmulo, quando me virei e comecei a sair, senti o vento forte do outono soprar fazendo meu cabelo balançar e as folhas das árvores em volta voar, então sorri sabendo que ele estava ali ao meu lado e seria assim por toda a vida.

Minha filha nasceu, linda e forte, tem os olhos verdes como os meus e os cabelos pretos como os do Luidi, sua personalidade me lembra ele a cada minuto e sua alegria de viver é contagiante.

O Nunez também enfrentou meu pai e se casou com a Lucia um ano depois da morte o Luidi, hoje eles têm um lindo filho, a Magali e o Nestor estão esperando o terceiro filho, foi como o Luidi disse nunca deixamos de ser amigos verdadeiros, eles sempre estiveram ao meu lado e me ajudaram a criar nossa filha Gabriela.

Sou agraciada por ter ao meu lado tantas pessoas que me amam cada uma delas me ajudou a mostrar os passos valiosos da vida para a Gabriela, estiveram ao nosso lado sempre e juntos dividimos as alegrias e as tristezas. Eu só me sentia sozinha quando ia dormir e a saudade do Luidi apertava, por muito tempo eu chorei escondido embaixo do chuveiro ou com o rosto no travesseiro para que a Gabriela não ouvisse, mas ela sempre soube que eu amava muito o pai dela e que sentia uma falta insuportável dele e ela sempre me dizia que o amava também eu nunca consegui estar com outra pessoa meu sentimento pelo Luidi era único e verdadeiro.

Ela cresceu e se dava muito bem com o pai do Luidi, ele ficou encantado quando soube que ela nasceria, ela sempre saía da escola e ia ajudá-lo em suas pesquisas em um grande laboratório financiado por uma empresa privada, isso quando nem mesmo sabia o que tudo aquilo significava, ela me contava como era orgulhosa porque seu avô era cientista e ele fazia descobertas de algumas doenças, enquanto sigilosamente continuava pesquisas incansáveis procurando a cura para a doença que levou a mãe do Luidi, ela dizia orgulhosa que também seria cientista, sua felicidade me deixava feliz e orgulhosa e tenho certeza que o Luidi também, principalmente quando a ouvi falar assim, com tanta certeza e ela tinha apenas 11 anos.

E cada vez mais Gabriela entendia o universo dos cientistas e não se separava do avô, se interessou desde muito cedo por medicina e biomedicina, já na adolescência ela voltava para casa fascinada cheia de idéias com tantas descobertas que poderiam ser feitas e de quantas pessoas poderiam ser curadas e quando entrou na faculdade já era vista como uma aluna brilhante que carregava os conhecimentos aprendidos pelo avô um cientista famoso.

Ela foi educada acreditando nas energias positivas que nos cercam e sempre que se deixava envolver pela dificuldade de algum problema eu a orientava para que ele analisasse apenas o lado positivo da situação e fortaleci o quanto pude suas crenças positivas para que sua vida fosse plena e cheia de alegrias mesmo nas pequenas conquistas.

O pai do Luidi morreu aos 81 anos, e para a classe científica a perda não foi maior porque Gabriela era sua substituta, ele havia passado todos seus conhecimentos a ela desde muito cedo, minha filha nasceu e cresceu forte desbravando o mundo e com 28 anos ela encontrou entre as pesquisas de seu avô algo incrível, bastou acrescentar o

avanço da biomedicina para que a resposta que faltava aparecesse... Foi como completar um dos maiores quebra cabeça da humanidade era como se o pai do Luidi tivesse deixado tudo pronto para que uma mente jovem e com novos avanços tecnológicos descobrisse... Ela entregou aos cientistas a peça chave que faltava para a cura do *câncer*... Esse era o motivo grandioso!

A cura do câncer foi encontrada.

A partir desse dia o mundo mudou, as pessoas voltaram a ter fé e esperança que mesmo nesse mundo cheio de violência e tantas coisas insanas, uma força maior olha por nós, a vida das pessoas atingidas por essa doença ingrata mudou, por todo o mundo era como se todos tivessem uma nova oportunidade, um novo recomeço, e a mais terrível das doenças foi derrotada, o câncer já não existia mais.

As pessoas passaram a acreditar mais na vida e em seu semelhante, resgataram seus sentimentos verdadeiros e o mundo ficou melhor, Gabriela era a chave para que isso acontecesse para que todos despertassem e acreditassem que podemos, que somos mais fortes do que pensamos e frases como não posso, não consigo ou não vale a pena tentar, é impossível, foram deixadas de lado... Foi devolvida a esperança em tantos corações revoltados e a humanidade agora com mais força continua lutando para que todos vivam em paz.

Muitos anos se passaram, mas eu me sinto completa e realizada por ter mantido minhas convicções e acreditado que só me entregaria a um homem quando realmente o amasse. Fui privilegiada pela tradição de meus antepassados e constatei na pele que a união de duas pessoas não está na cerimônia religiosa que a sociedade nos impõe, mas sim no amor de suas almas e quando isso acontece é mágico, único e para sempre...

Agradeço, incansavelmente por isso e hoje compreendo, por um motivo divino nos fomos escolhidos pelo PAI para gerar uma criança tão especial como a Gabriela, que trouxe esperança ao mundo tão descrente em que vivíamos e a fé e o amor voltaram aos corações dos seres humanos que ainda lutam para que toda a maldade do mundo se acabe.

Agora Gabriela, é adulta e têm sua própria vida continua junto com outros cientistas a procurar a cura para outras tantas doenças...

E numa noite tranqüila, eu estava sozinha admirando o mar da sacada do apartamento onde Luidi e eu havíamos passado nossa primeira noite de amor, eu podia ouvir a força das ondas quebrando na beira da praia e sentia a brisa suave no rosto, as fotos escolhidas por ele quando partiu estavam em minha mão, já gastas por terem sido manuseadas tantas vezes.

Um cansaço foi tomando conta de mim e eu me encolhi na poltrona tentando me ajeitar, provavelmente acabaria dormindo logo como tantas outras vezes, o cansaço foi me fazendo acomodar a cabeça ao lado e apertei as fotos em meu coração, sempre fazia isso antes de dormir, limpei algumas lágrimas da saudade que me acompanhava há anos e adormeci feliz, pensando em tudo que vivemos juntos...

Não subestime ou ignore os sinais, lembre-se que quando disser não posso, não quero, não consigo, não vale à pena tentar, é impossível esta repetindo o que as energias negativas estão soprando em seu ouvido, veja sempre o lado positivo dos problemas, pense antes de falar porque as palavras quando ditas ficam eternizadas e sempre, sempre, sempre, use suas maiores armas... os sentimentos verdadeiros, diga que ama seus pais, parentes e amigos, quando abraçar que seja um abraço verdadeiro e diga que é feliz de verdade mesmo nas pequenas conquistas, encha seu mundo de energia positiva... viva feliz!

Para sempre

- Aaaaah! Eu aspirei desesperada sentindo o ar voltando aos pulmões.
 - Você chegou... Meu Deus, está tão linda como quando eu a vi pela última vez... Sem acreditar fiquei maravilhada ouvindo ele falar.
 - Porque o espanto? Eu disse que ia te esperar... Sem pensar sai correndo me jogando em seus braços.
 - Seu cabelo ainda cheira a pêssego! - ele disse sentindo o cheiro do meu cabelo.
 - Estou sonhando? - perguntei com medo de acordar como tantas outras vezes.
 - Não ruivinha... Estamos juntos novamente...
 - Verdade?
 - Verdade ruivinha... E agora começa o nosso para sempre... sempre, sempre, sempre, sempre, sempre, sempre juntos...
- O Luidi disse me rodando em seu colo me beijando verdadeiramente.

Fim.

Nada acontece por acaso,
Nunca ignore os sinais...
Margareth

A escritora...

Nasci em São Paulo e devoro livros desde que aprendi a ler. Publicitária com alma e coração de escritora.

Tudo começou quando um dia me deparei com um livro repleto de páginas confusas e sem muito sentido e no caminhar da leitura percebi que minha imaginação poderia tornar aquela mesma história sobrenatural, terrivelmente fascinante.

Como um desafio me propus a escrever algo emocionante, cheio de suspense, terror e com uma pitada de romance.

Confesso que foi muito estranho e terrivelmente prazeroso, porque costumo virar madrugadas escrevendo e às vezes tinha impressão que cada personagem estava ali sentado ao meu lado, dando suas opiniões e fazendo sugestões. Muitas vezes fiquei arrepiada e tive calafrios, que contribuíram para que cada palavra se transformasse numa escrita envolvente, assustadora e estranhamente apaixonante.

Desejo a todos boa leitura.

Abraços,

Margareth Brusarosco

Contato: margarethbrusarosco@hotmail.com

Skoob: <http://www.skoob.com.br/usuario/169885>